



COMUNICAÇÃO
E SOCIEDADE

35

TEMPO E MÉDIA
TIME AND MEDIA

Editores | *Editors*
Emília Araújo e Patrícia Matos

Diretor | *Journal Editor*
Moisés de Lemos Martins







**COMUNICAÇÃO
E SOCIEDADE**

35

TEMPO E MÉDIA
TIME AND MEDIA

Editores | *Editors*
Emília Araújo e Patrícia Matos

Diretor | *Journal Editor*
Moisés de Lemos Martins

Título | Title: Tempo e média | *Time and media*

Diretor | Journal Editor: Moisés de Lemos Martins

Diretor Adjunto | Associate Editor: Manuel Pinto

Editores Temáticos | Volume Editors n.º 35 – junho 2019 | June 2019: Emília Araújo & Patrícia Matos

Conselho Editorial | Editorial Board

Alain Kiyindou (Un. de Bordéus 3, França), Ana Cláudia Mei Oliveira (PUC-SP, Brasil), Anabela Carvalho (CECS-UM, Portugal), Annabelle Sreberny (Un. de Londres, Inglaterra), Barbie Zelizer (Un. da Pensilvânia, EUA), Cláudia Álvares (Un. Lusófona de Lisboa, Portugal), Cláudia Padovani (Un. de Pádua, Itália), David Buckingham (Un. de Loughborough, Inglaterra), Divina Frau-Meigs (Un. Paris III, França), Fabio La Rocca (CEAQ, França), Felisbela Lopes (CECS-UM, Portugal), Fernanda Ribeiro (UP, Portugal), Filipa Subtil (ESCS do IPL, Portugal), Gustavo Cardoso (ISCTE-IUL, Portugal), Hannu Nieminen (Un. de Helsínquia, Finlândia), Helena Sousa (CECS-UM, Portugal), Immacolita Lopes (USP, Brasil), Isabel Ferin (UC, Portugal), Ismar Oliveira Soares (USP, Brasil), Janet Wasco (Un. de Oregon, EUA), José Manuel Pérez Tornero (UAB, Espanha), Lídia Oliveira (UA, Portugal), Madalena Oliveira (CECS-UM, Portugal), Maria Michalis (Un. de Westminster, Inglaterra), Maria Teresa Cruz (NOVA de Lisboa, Portugal), Muniz Sodré (UFRJ, Brasil), Nélia del Bianco (UnB, Brasil), Paulo Serra (UBI, Portugal), Raúl Fuentes Navarro (ITESO, México), Rosa Cabecinhas (CECS-UM, Portugal), Sara Pereira (CECS-UM, Portugal), Sonia Livingstone (LSE, Inglaterra), Teresa Ruão (CECS-UM, Portugal), Tristan Mattelart (Un. de Paris II, França), Vera França (UFMG, Brasil), Vincenzo Susca (Un. Paul Valéry, França), Xosé López García (USC, Espanha), Zara Pinto-Coelho (CECS-UM, Portugal).

Conselho Consultivo | Advisory Board

Aníbal Alves (CECS-UM, Portugal), António Fidalgo (UBI, Portugal), José Bragança de Miranda (NOVA de Lisboa, Portugal), Margarita Ledo (USC, Espanha), Michel Maffesoli (Un. Paris Descartes, França), Miquel de Moragas (UAB, Espanha), Murilo César Ramos (UnB, Brasil).

Diretor Gráfico e Edição Digital | Graphic Director and Digital Editing: Alberto Sá, Pedro Portela

Assistente Editorial | Editorial Assistant: Zara Pinto-Coelho

Assistente de Formatação Gráfica | Graphic Assistant: Ricardina Magalhães

Indexação e avaliação | Indexations and evaluation: SCOPUS | SciELO | ERIH PLUS | Qualis Capes (B1) | MIAR (ICDS 9.7) | Latindex | Google Scholar | Academia Search Premier | BASE | CEDAL | DOAJ | Journal TOCs | MLA | RevisCOM | Open Access in Media Studies | OAIster | COPAC | ZDB | SUDOC | RepositoriUM | EZB | RCAAP

URL: www.revistacomsoct.pt | **Email:** comunicacaoesociedade@ics.uminho.pt // **imagem da capa | cover image:** Kyndall Ramirez | Unsplash

Edição: *Comunicação e Sociedade* é editada semestralmente (2 números/ano) pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, em formato bilingue (português e inglês). Os autores que desejem publicar artigos ou resenhas devem consultar o URL da página indicado acima.
The journal *Comunicação e Sociedade* is published twice a year and is bilingual (Portuguese and English). Authors who wish to submit articles for publication should go to URL above.

Redação e Administração | Address:

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Universidade do Minho, Campus de Gualtar
4710-057 Braga – Portugal

Email: cecs@ics.uminho.pt // **Web:** www.cecs.uminho.pt
Telefone | Phone: (+351) 253 601751 // **Fax:** (+351) 253 604697

ISSN: 1645-2089 // e-ISSN: 2183-3575
Depósito legal | *Legal deposit:* 166740/01

SUMÁRIO | CONTENTS

Tempo e média: nota introdutória	7
Emília Araújo & Patrícia Matos	
Time and media: introductory note	17
Emília Araújo & Patrícia Matos	
<hr/>	
ARTIGOS TEMÁTICOS ARTICLES	27
Tempo e caos: a “imaginação dos possíveis” e os média	29
Gustavo Castro & Florence Dravet	
Time and chaos: the “imagination of possibilities” and the media	45
Gustavo Castro & Florence Dravet	
O feitiço do tempo da comédia	61
Nuno Amaral Jerónimo & José Carlos Alexandre	
Comedy’s time spell	77
Nuno Amaral Jerónimo & José Carlos Alexandre	
O tempo do medo <i>versus</i> o tempo da ciência: disputas discursivas sobre a epidemia de vírus Zika e microcefalia no Brasil	93
Simone Evangelista Cunha & Marcelo Garcia	
Fear time <i>versus</i> science time: discursive disputes over the epidemic of the Zika virus and microcephaly in Brazil	113
Simone Evangelista Cunha & Marcelo Garcia	
As cadeiras do cancro hereditário: compreender o tempo e a doença com desenho etnográfico criativo	133
Susana de Noronha	
The chairs of hereditary cancer: understanding time and illness using creative ethnographic drawing	153
Susana de Noronha	
A corrupção e os média – um olhar dos jornalistas sobre a relevância do tempo	173
Ana Moreira, Emília Araújo & Helena Sousa	
Corruption and the media – a journalists’ look about the relevance of time	193
Ana Moreira, Emília Araújo & Helena Sousa	
Temporalidades inscritas no corpo intensivo durante a experiência do projeto artístico Soundsystem	211
Priscilla Porto Nascimento Fasani	
Temporalities embedded on the intensive body during the experience of the artistic project SoundSystem	225
Priscilla Porto Nascimento Fasani	
Compressão do espaço-tempo e hiperlocalização: os novos <i>flâneurs</i>	239
Ivone Neiva Santos & José Azevedo	
Space-time compression and hyperlocalisation: the new <i>flâneurs</i>	259
Ivone Neiva Santos & José Azevedo	

LEITURAS | BOOK REVIEWS

279

Han, B.-C. (2016). *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio d'Água. 281
Vitor de Sousa

Han, B.-C. (2016). *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio d'Água. 287
Vitor de Sousa



TEMPO E MÉDIA: NOTA INTRODUTÓRIA TIME AND MEDIA: INTRODUCTORY NOTE

Emília Araújo & Patrícia Matos

Qual é hoje o tempo dos média? Existe um tempo dos média e para os média? Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1934/1994), Walter Benjamin pensava de forma seminal o impacto das técnicas de reprodução sobre a percepção moderna. Para o autor, a massificação do consumo da fotografia e do cinema contribuía, desde então, para uma “reorganização espaço-temporal” (Hansen, 2012, p. 210).

Se estamos mergulhados num contexto no qual produtos da cultura dos média são propagados massivamente através de imagens e sons, torna-se urgente entender de que forma tais inovações podem trazer transformações profundas não só nos modos de lidar e perceber o tempo, mas nas dinâmicas políticas, sociais e emocionais que se entrecruzam com o desenvolvimento de objetos tecnológicos e digitais. Antes mesmo do advento dos smartphones e do império online do Instagram, YouTube e Facebook, Vilém Flusser pressentia: “não é mais a posse, mas a informação (não mais o hardware, mas o software) que proporciona poder; e não é mais a economia, mas a comunicação que constitui a infraestrutura da comunidade e da sociedade” (Flusser, 1999, p. 155). Essa verdadeira revolução epistemológica levaria o autor a questionar “o quanto critérios históricos do tipo ‘verdadeiro e falso’, ‘dado e feito’, ‘autentico e artificial’, ‘real e aparente’ não se aplicam mais ao nosso mundo” (Flusser, 2008, p. 45).

Novas preocupações emergem, então: que recursos teóricos podemos mobilizar para entender hoje a atividade mediática? Que novas reconceptualizações se impõem face ao modo como os média lidam com o tempo social, histórico e cultural e o (trans) figuram? Em que condições e com que implicações para os grupos, as organizações e os sujeitos? Com efeito, os fenómenos comunicacionais são também processos temporais e implicam várias dimensões de tempo, da duração e da temporalidade. O advento da fotografia, paradigma da imagem técnica, marca então a inauguração de uma nova era dos média, que se estabelece e aprofunda com o surgimento dos novos média digitais e das imagens sintéticas. Ao longo do século XX, as implicações destas transformações para as dimensões socio-antropológicas, culturais e políticas foram investigadas por diversos autores. No que diz respeito à temporalidade das imagens técnicas, Flusser descreve o paradoxo diante do qual nos colocam: “as imagens aparecem como relâmpago e como relâmpago desaparecem”. No entanto, são “eternas” porque guardadas em memórias e também recuperáveis “imediatamente”. Logo, não há mais o “espaço: todos estamos aqui juntos, não importa onde estejamos”. Logo, não há mais o “tempo”: tudo está comigo agora, não importa quando tenha acontecido” (Flusser, 2008, p. 149).

Para articular o tempo, a comunicação e os média é importante partirmos de dois modos até certo ponto complementares de conceber o tempo. Por um lado, o tempo cronológico, medível através de relógio, antecipável e sujeito a projeção e, por outro, o tempo subjetivo, vivido e objeto da memória e da experiência dos sujeitos, dos sistemas e das comunidades e grupos.

Na primeira perspetiva, a relação entre tempo e média sugere alguma problematização acerca do modo como aqueles vieram a estabelecer-se como agentes da aceleração do tempo, por via, igualmente, da aceleração técnica de que se beneficiaram nas últimas décadas. Esta é uma das teses mais difundidas na área da sociologia do tempo e da sociologia da comunicação e dos média. Há vários pontos e dimensões de análise a considerar nestas assunções. Com efeito, novas galáxias se abriram depois da de Guttemberg, por influência da expansão das teorias comunicacionais e do desenho e implementação de uma ampla variedade de meios tecnológicos que contribuiram para a realização efetiva da compressão espaço-tempo, concetualizada por David Harvey (2002). Na prática, os meios de comunicação tornaram mais fácil e mais rápida a circulação de informação, conduzindo também ao acesso generalizado a todos os tipos de conteúdos, por parte da população. Mencionem-se tanto os meios tecnológicos propriamente ditos e que estão intimamente relacionados com a expansão da digitalização, como os processos de circulação de informação e contacto.

No seguimento da abordagem de Hartmut Rosa (2015), pode argumentar-se que a aceleração técnica é um processo intrínseco à intensificação da aceleração social, por sua vez intimamente correlacionada com a expansão da comunicação e dos média. A sociedade é, como o explicara Ijrun Appadurai, constituída de paisagens mediáticas que operam em vários sentidos – uns no reforço da globalização e da experiência da “aldeia global”, com os desafios e riscos inerentes; outros no sentido da emergência de novas atividades e modalidades de trabalho, estilos de vida e cultura. Refere Appadurai:

as mediapaisagens, sejam elas produzidas por interesses privados ou, públicos, tendem a ser explicações centradas na imagem, com base narrativa, de pedaços da realidade, e o que oferecem aos que as vivem e as transformam é uma série de elementos (como personagens, enredos e formas textuais) a partir dos quais podem formar vidas imaginadas, as deles próprios e as daqueles que vivem noutros lugares. (Appadurai, 1996, p. 53)

A sociologia do tempo tem dado conta das relações entre processos de aceleração, velocidade informacional e comunicacional e transformações socioculturais. Não é apenas a linha de fronteira entre tempo ocupado e tempo livre que se desvanece, à medida que a digitalização transforma os espaços e os tempos de trabalho e alarga os leques de possibilidades relativas aos tempos do lazer. Emergem também novas empresas que respondem às necessidades da aceleração social dedicadas a providenciar serviços e bens marcados pela instantaneidade, o tempo parcial e, como referia Richard Sennet em 2006, o “sequenciamento não linear” (p. 53). A oferta providenciada pelos diversos meios comunicacionais é cada vez mais vasta, por vezes desconhecida, mas múltipla

e complexa, constituindo o que Mike Featherstone (2009) denomina a ubiquidade do tempo: estar em toda a parte e em parte alguma, ao mesmo tempo. Neste sentido, os estudos indicam como está a ser a experiência de vida de quem trabalha diretamente com e nos meios de informação e de comunicação, em resposta a esse crescendo de aceleração que se verifica como resposta, igualmente, à competição e à consequente necessidade de controlo e acesso a recursos, por parte das organizações que operam dentro do sistema mediático e informacional. Estamos no domínio do novo capitalismo (Sennet, 2006).

Mas não se trata apenas de diagnosticar as variações nos horários de trabalho, ou sequer a ausência destes mas, principalmente, da necessidade constante de se estar ligado(a) como característica essencial de conformação e integração. Noutra vertente, o tempo da e para a comunicação ou informação desaparece enquanto entidade única do universo dos gostos e dos estilos de vida das populações, uma vez que, da mesma forma, a experiência quotidiana é amplamente constituída pelo tempo da mediação comunicacional. Os estudos acerca dos usos e implicações das tecnologias de informação e de comunicação são muito vastos. Inserem-se neste debate acerca das implicações socioculturais das diversas formas de tecnociência, salientando os efeitos na cultura.

Na segunda perspetiva é objeto de análise o tempo da experiência individual e coletiva, sendo de destacar os fenómenos relacionados com a construção dos horizontes temporais – passado-presente-futuro e com a (ir)reversibilidade. Uma das características da sociedade tecnocientífica digital está na capacidade sem precedentes históricos, de os meios tecnológicos de armazenamento e uso (disseminação) da informação permitirem, de forma (quase) instantânea, a manipulação dos horizontes temporais, desencadeando efeitos sobre o conhecimento, a avaliação e o julgamento acerca quer da experiência, quer da expectativa históricas. Dois dos pressupostos implícitos que marcaram a história até à expansão da digitalização – nomeado como processo que – consistia em propor que o tempo não seria armazenável e que os acontecimentos passados (e irreversíveis) ficariam acedíveis através da memória ou de objetos de registo.

O presente realiza de forma cada vez mais digital, o que disse Appadurai:

o passado deixou de ser uma pátria a que regressar numa simples operação de memória. Tornou-se um armazém sincrónico de enredos culturais, uma espécie de central de *casting* temporal a que recorrer apropriadamente, conforme o filme a realizar, a a peça a encenar, os reféns a salvar. Tudo isto está em forma para a corrida, se seguirmos Jean Baudrillard ou Jean-François Lyotard ao interior de um mundo de signos totalmente desatracados do seu significado social (todo o mundo é uma Disneylândia). Mas gostaria de sugerir que a possibilidade aparentemente crescente de o substituir todo um período ou postura por outros nos estilos culturais do capitalismo avançado está ligada a forças globais mais vastas que muito fizeram para mostrar aos Americanos que o passado é normalmente outro país. Se o teu presente for o futuro deles (como em tanta teoria de modernização ‘e em muitas fantasias turísticas gratificantes), se o futuro deles for o teu passado

(como no caso dos virtuosi filipinos da música popular americana), então o teu passado pode apresentar-se como uma simples modalidade normalizada do teu presente. Assim, embora alguns antropólogos continuem a relegar os seus Outros para espaços temporais que eles próprios não ocupem (Fabian, 1983), as produções culturais pós-industriais entraram numa fase pós-nostálgica. (Appadurai, 1996, pp. 47-48)

A digitalização oferece, no entanto, contextos bastante distintos desses pressupostos. Isto porque, não só permite armazenar o tempo (séries de acontecimentos e eventos que ficam registados no momento em que ocorrem), como transforma profundamente a natureza da memória, individual e coletiva. Uma criança pode ver-se a si mesma quando era bebé ou em fases anteriores da sua vida e observar como eram as interações com os seus familiares, como era o seu espaço de vida e, inclusivamente, tirar conclusões sobre a sua aceitação e integração familiar e social. Este ato de “ver-se” a si própria é com certeza complexo, porque a criança acede ao que, numa certa altura da vida, lhe era inconsciente. Uma sociedade, ou um grupo pode rever-se no passado, revisitando acontecimentos dos quais não tiveram conhecimento, devido a controlo político, ou outro.

Além disso, os média propiciam conteúdos acerca dos acontecimentos históricos passados (e irreversíveis), sob registos que os tornam reversíveis porque os trazem ao presente, sob a forma de imagens, discursos e outros, tornando-os objeto de novas experiências, mais do que recordação ou rememoração, com potencial implicação sobre as identidades individuais e coletivas. Movimentos como MeToo, ou revelações como as que atingem hoje a Igreja ou celebridades por acusações de pedofilia e assédio são exemplares na forma como os média recuperam o tempo passado e o transformam em objeto e matéria de emergência constantes, conduzindo a revisões legais também focadas sobre o tempo-objeto de crime ou sanção. Neste sentido, o tempo não é só um instrumento de mediação e de criação de objetos (conteúdos e ou eventos). É também ele próprio objeto de troca (sob a forma do que pode acontecer e do que poderia acontecer).

Adicionalmente, os média facilitam a experiência constante de emergência, quando fenómenos e acontecimentos permanecem de forma persistente e partilhada online, abrindo-se a diversas interpretações ao longo do tempo. Sabemos pouco sobre as consequências desta possibilidade de criar emergência constante nos média e através dos média sobre a sociedade e as pessoas, em concreto. Por agora, sabemos que qualquer acontecimento, no mesmo momento em que ocorre e se solta nas redes mediáticas, torna-se imediatamente acessível, mas também armazenável e reversível (não o acontecimento em si, mas a sua forma temporal e mediática). Vários dos conteúdos objetos de circulação e consumo são puramente demonstrações dos contrastes entre o que foi dito ao longo do tempo e o que foi dito “agora”. Neste aspeto, os média e as suas lógicas de interpretação prestam-se eximamente a demonstrar o que se considera serem contradições, incoerências ou “posturas vira casacas”, justamente porque os meios tecnológicos permitem eficazmente o confronto de tempos. Fazem-no com interesses e motivações diversas, mas o que importa são os seus efeitos.

Como se observa, existem vários modos de entender a relação entre tempo e mídia. Os enquadramentos teóricos que permitem a sua análise incluem autores com perspectivas diferentes acerca das implicações das tecnologias de informação e de comunicação. Manuel Castells (2011) assinalou, por exemplo, que no contexto da sociedade digital, as redes sociais constituem o espaço-tempo das relações de poder que afetam a posição dos atores no espaço de oportunidades. Típico das redes é, no entanto, o facto de contribuírem para a redução dos compassos de espera entre relações, podendo afetar a capacidade de os atores planificarem e colocarem em prática as suas ações, ao mesmo tempo que as podem potenciar e catapultar para planos de concretização irreversíveis. Num alinhamento crítico, Zygmunt Bauman considerava na análise à globalização e às suas consequências humanas (1999) que a capacidade de comprimir o tempo e o espaço conferida pelas tecnologias era uma fonte de poder e de desigualdade social em crescimento, paralela à globalização. O autor chamara “nova velocidade” a esse tipo de aceleração técnica e social que cria “novas polarizações”, porque:

trocando em miúdos: em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade – ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar. Com “as distâncias não significando mais nada”, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para alguns a liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado. Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés. (Bauman, 1999, p. 24)

Um modelo teórico que nos parece bastante útil na problematização da relação entre tempo e mídia pertence a Niklas Luhmann (2005). Este autor desenvolve a teoria dos sistemas aplicada a várias esferas da sociedade, em particular aos meios de comunicação. Recusando a tendência para a unidade, o autor explica que os sistemas são realidades *processuais*, caracterizadas pela capacidade de autorreferência e autopoiese. Com efeito, o tempo é entendível enquanto elemento central do sistema comunicacional mediático, uma vez que o sistema precisa de tempo para se auto reproduzir e gerir a mudança.

No livro *A realidade dos meios de comunicação*, Luhmann (2005) argumenta sobre a particularidade do tempo nos sistemas comunicacionais, ressaltando que:

os meios de comunicação de massa, contudo, espalham a informação de forma tão ampla que as pessoas, no momento seguinte, já supõem que ela seja de conhecimento geral (ou que não a conhecendo significaria “ficar mal” e, por isso, não se reconhece que não sabia (...)) Nesse sentido, os meios de comunicação produzem redundância social em ampla escala na sociedade, quer dizer, a necessidade diretamente vinculada a essa redundância de se ter informação nova. Da mesma forma que a economia, diferenciando-se de forma autofortificada com base nos pagamentos em dinheiro, produz incessantemente a necessidade de substituir o dinheiro gasto pelo novo, de forma semelhante os meios de comunicação produzem a necessidade de substituir a informação redundante por nova informação: *fresh money* e *new information* são os motivos centrais da dinâmica social. (Luhmann, 2005, p. 45)

No entender do autor, a aceleração do tempo na informação integra uma neurose global de produção sempre diferenciada de bens e de serviços e, nessa medida, os meios de comunicação são não só utilizadores de tempo. São também produtores de tempo, no que respeita à forma como são rececionados e às rotinas que instituem (por exemplo, os horários de certos programas estruturam o tempo quotidiano) e que se alteram.

A exploração das relações entre tempo e mídia não se fica, assim, pela análise de fenómenos sociológicos que marcam as grandes tendências da sociedade na atualidade e às quais já nos referimos: i) surgimento de novos padrões de usos e valorizações do tempo e ii) novos modos de relação entre grupos e sujeitos sociais que incluem dispositivos mediáticos com influência na administração e usos sociais do tempo. Tem também muito a dizer sobre a forma como os sujeitos acedem a tais dispositivos de observação e de manipulação do tempo e sobre os seus interesses e estratégias, uma vez que o controlo do tempo é um modo de poder e de dominação. Desta maneira, a temática das relações entre tempo e mídia conduz-nos aos fenómenos de poder e de guerra, assim como de risco, segurança e vigilância.

Um apontamento necessário diz respeito à relação entre tempo, mídia e arte. Tal acontece não apenas porque o tempo se refere aos contextos de circulação da arte nos e através dos mídia, mas porque tanto os mídia, como as artes (analiticamente consideradas na sua individualidade), são temporalmente constituídos, isto é, o tempo faz diferença na sua estruturação e conceção, podendo mesmo funcionar como característica distintiva dos conteúdos e das obras.

De novo, não nos referimos só à dimensão cronológica e medível do tempo, mas à forma como constitui a identidade dos conteúdos e das obras, podendo ser objeto de análise e de disposição estética deliberada. Retomando o conceito de sistema proposto por Luhmann (2005), observemos que o tempo tem também uma presença discursiva nos mídia porque faz parte dos conteúdos, das mensagens manifestas que circulam nos vários espaços, compondo a arquitetura das mensagens e dos conteúdos, de modos que se tornam inquestionáveis aos sujeitos. A publicidade produz uma linguagem e uma semântica específicas do tempo e o mesmo acontece no mundo dos mídia sociais.

A teoria social preenche-se de autores que apelam insistentemente à centralidade das questões do tempo – de vida, usado, pedido, manipulado, cedido, controlado – nas sociedades atuais, sendo de questionar inclusivamente a necessidade de ser estruturada uma pedagogia apropriada ao uso do tempo, em contexto de ação digitais.

Este número não esgota o tema tão vasto, como acabámos de referir. Reúne alguns temas que vieram a ser sugeridos pelos próprios autores, seguindo alinhamentos teóricos diversos, nomeadamente atravessando os conceitos de duração, espera, sincronização e aceleração em contexto informativo.

Iniciamos o número temático com uma reflexão sobre a noção de tempo e sua relação com os média, a partir de uma perspetiva transdisciplinar que dialoga com a física moderna. No texto “Tempo e caos: a ‘imaginação dos possíveis’”, Gustavo Castro e Florence Dravet procuram perceber como a noção de tempo medeia a percepções e estéticas de espaço/tempo e ordem/caos. Para isso, analisam nas narrativas “As cosmicômicas” e “Novas cosmicômicas”, de Italo Calvino, no filme *Melancholia*, de Lars Von Trier e, também, nas interpretações do físico e prémio Nobel de Química, Ilya Prigogine, através de um método crítico.

Um outro tipo de espaço-tempo é abordado em “O feitiço do tempo da comédia”. Nuno Jerónimo e Carlos Alexandre enfatizam a importância do tempo na construção da comédia, como forma de arte inegavelmente também sujeita hoje ao tempo veloz das tecnologias digitais. Neste texto, em vez de aceleração e compressão, analisa-se a interrupção como recurso discursivo e performativo da comédia que, para os autores, possui características singulares em relação à temporalidade, atuando, por exemplo, na suspensão da vida quotidiana.

No texto “O tempo do medo *versus* o tempo da ciência”, Simone Evangelista e Marcelo Garcia abordam o descompasso entre regimes de temporalidade distintos em um mesmo episódio: a epidemia do vírus Zika e microcefalia no Brasil, em 2015/2016. A partir de um estudo de caso sobre a difusão de informações acerca da epidemia, os autores analisam o tempo da procura por respostas por parte da população (cheia de dúvidas e incertezas) e, de outro lado, o tempo da divulgação de dados por parte das instituições científicas sobre o mesmo assunto. No cerne da discussão proposta pelos autores, está o papel dos média, notadamente das redes sociais como mediadora de tais disputas discursivas em torno da doença.

O texto de Susana de Noronha, “As cadeiras do cancro hereditário: compreender o tempo e a doença com desenho etnográfico criativo” debruça-se sobre a experiência da doença e a persistência da espera como categoria analítica da vida em suspensão. A pintura e o desenho etnográfico constituem meios privilegiados através dos quais a autora entra na duração da experiência do outro ser que se apaga pela doença temporalmente limitativa do cancro.

No artigo “Um olhar dos jornalistas sobre a relevância do tempo na cobertura de fenómenos de corrupção”, Ana Moreira, Helena Sousa e Emília Araújo discutem a relação do tempo com os média, numa perspetiva que considera as relações de poder entre o sistema judicial, mediático e político. As práticas de corrupção que envolvem

acusações a políticos constituem-se como foco de investigação, à luz dos padrões de controlo do tempo que permeiam aqueles sistemas.

Priscilla Porto Nascimento Fasani assina o texto “Temporalidades inscritas no corpo intensivo durante a experiência do projeto artístico Soundsystem” no qual expõe as diversas formas de expressão do tempo obtidas pela arte, argumentando que os “artistas resistem a cronopolítica e propõem um tempo do Acontecimento. A dança e a música permitem libertar o corpo de seus movimentos utilitários e orgânicos”.

Em seguida, partimos para outra discussão que aborda o papel dos média na relação com o tempo, agora do ponto de vista da percepção de aceleração, eliminação do tempo e velocidade. Ivone Neiva Santos e José Azevedo assinam um texto sobre os novos *flâneurs*, propondo uma revisão do estado de arte acerca da literatura que destaca a visão pós-estruturalista do tempo. Em “Compressão do espaço-tempo e hiperlocalização: os novos *flâneurs*”, os autores recorrem a uma extensa revisão bibliográfica e conceitual para discutir o tempo instituído pelos média, bem como seu caráter de ubiquidade e pervasidade que contribuiriam para percepções de desterritorialização e destemporalização.

A leitura de Vítor Sousa ao livro de Byung-Chul Han, *O aroma do tempo*, sobre a arte da demora e os seus paradoxos nas sociedades atuais evidencia o caráter atemporal do questionamento filosófico e antropológico sobre o tempo, demonstrando o interesse em discutir as temporalidades e os usos do tempo em paralelo com as dinâmicas sociais. ✍

REFERÊNCIAS

- Appadurai, I. (1996). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização e consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1934/1994). *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. S. Paulo: Brasiliense.
- Castells, M. (2011). A network theory of power. *International Journal of Communication*, 5, 773-787. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1136>
- Featherstone, M. (2009). Ubiquitous media: an introduction. *Theory, Culture & Society*, 26(2-3), 1-22. <https://doi.org/10.1177/0263276409103104>
- Flusser, V. (1999). *Ins universum der technischen bilder*. Göttingen: European Photography.
- Flusser, V. (2008). *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- Hansen, M. (2012). Benjamin, cinema e experiência: a flor azul na terra da tecnologia. In T. Capistrano (Ed.), *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção* (pp. 205-255). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Harvey, D. (2002). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. Paulus: S. Paulo.
- Rosa, H. (2015). *Social acceleration-a new theory of modernity*. Nova Iorque: Columbia University Press

Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Emília Rodrigues Araújo é Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Tem participado em diversos projetos de investigação nas temáticas do tempo, cultura e mobilidades na ciência e na investigação. Participa em várias associações científicas, tendo diversas publicações nacionais e internacionais sobre as temáticas mencionadas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: emiliararaujo@gmail.com

Morada: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Patrícia Matos é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. Possui mestrado pela mesma instituição. É investigadora visitante da Universidade Aberta da Catalunya. Trabalha principalmente com temas ligados a mobilidade, estilo de vida e Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas ao mundo do trabalho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5902-8417>

Email: pmatos@id.uff.br

Morada: Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis s/n Bloco A - UFASA São Domingos, Niterói - CEP 24210-201 - Rio de Janeiro, Brasil

TIME AND MEDIA: INTRODUCTORY NOTE TEMPO E MÉDIA: NOTA INTRODUTÓRIA

Emília Araújo & Patrícia Matos

What is the time of media today? Is there a time of and for the media? In *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* [The work of art in the age of mechanical reproduction] (1934/1994), Walter Benjamin thought, in a seminal way, about the impact of reproduction techniques on modern perception. According to the author, the massification of photography and cinema consumption contributed to a “spatial-temporal reorganisation” (Hansen, 2012, p. 210) capable of producing “new ways of experiencing society” (Schöttker, 2012, p. 43).

If we are immersed in a context in which media culture products are massively promoted through images and sounds, it is highly important to understand in what ways can said innovation bring profound changes, not only in dealing with and understanding time, but also in the political, social and emotional dynamics that converge with the development of technological and digital objects. Even before the advent of smartphones and the Instagram, YouTube and Facebook empires, Flusser had already predicted: “it is not about possession anymore, but the information (not the hardware, but the software) that gives power; and it is not about the economy anymore, but the communication, which constitutes the infrastructure of community and society” (Flusser, 1999, p. 155). This true epistemological revolution would lead the author to question “to what extent does the historical criteria of ‘true and false’, ‘said and done’, ‘authentic and artificial’, ‘real and apparent’ no longer applies to our world” (Flusser, 2008, p. 45).

New concerns arise: which theoretical resources can we mobilise to understand the media activity of today? Which new reconceptualisations are presented regarding the way media handles social, historical and cultural time and (trans)figures it? And, what are the conditions and consequences for groups, organisations and individuals? In fact, the communication phenomena are also time processes that encompass various time, duration and temporality dimensions. The rise of photography, a technical image paradigm, marks the beginning of a new era in the media, which is established and deepened by the emergence of new digital media and synthetic images. Throughout the 20th century, the implications of these transformations in the social-anthropological, cultural and political dimensions were investigated by many authors. Concerning the temporality of technical images, Vilém Flusser describes the paradox that is before us: “images come and go, like lightning”. However, they are “everlasting”, because they are kept in memories and are also “immediately” recoverable. Therefore, there is no longer “space: we are all here together, regardless of where we are”. Therefore, there is no longer “time: everything is with me now, regardless of when it happened” (Flusser, 2008, p. 149).

To articulate time, communication and media, it is important to understand two ways, complementary to some extent, of devising time. On the one hand, chronological time, measurable with a clock, predictable and under protection and, on the other hand, subjective time, which is lived and is object of the memory and experience of individuals, systems, communities and groups.

In the first perspective, the relation between time and media implies some problematisation regarding how different media has established themselves as time accelerator agents, in the same way they have benefited from a technical acceleration over the last decades. This is one of the most widespread theses in the areas of sociology of time and sociology of communication and media. There are several topics and dimensions of analysis to consider regarding these assumptions. In fact, new galaxies have been opened up after Gutenberg's, influenced by the expansion of communicational theories, and the design and implementation of a wide range of technological resources that contributed to the effective compression of space-time, conceptualised by David Harvey (2002). In practice, mass media have made the flow of information easier and faster, leading to a generalised access of all types of content, by the population. Referencing technological resources, closely related to the expansion of digitalisation, as well as the flow of information and contact processes.

Following the approach of Hartmut Rosa (2015), it can be argued that the technical acceleration is an inherent process of the intensification of social acceleration, which is closely related to the expansion of communication and media. As Irfun Appadurai explained, society is mediated, composed of mediascapes, that operate in various directions some operate in the intensification of globalisation and the "global village", with the associated risks and challenges; while others are directed to the emergence of new activities and work categories, lifestyles and culture. Appadurai mentions that:

mediascapes, whether produced by private or state interests, tend to be image-centred, narrative-based accounts of strips of reality, and what they offer to those who experience and transform them is a series of elements (such as characters, plots and textual forms) out of which scripts can be formed of imagined lives, their own as well those of others living in other places. (Appadurai, 1996, p. 53)

The sociology of time has been determining the relation between the processes of acceleration, information and communication speed and sociocultural transformations. It is not just the line between busy and free time that fades as digitalisation transforms work spaces and time and increases the possibilities regarding leisure time. New companies, capable of meeting the social acceleration needs, also emerge, dedicated to providing services and goods characterised by instantaneity, partial time and, as mentioned by Richard Sennet in 2006, "non-linear sequencing" (p. 53). The offer provided by different media is increasingly larger, sometimes inconsistent, however, most of the times diverse and complex, leading to what Mike Featherstone (2009) calls time ubiquity: be everywhere and nowhere at the same time. With this in mind, studies show the

life experience of someone who works directly with and in information and communication media, meeting this crescendo of acceleration which is also a response to the competition and inherent need to control and access resources, by organisations operating inside the media and information system. We are within the scope of the new capitalism (Sennet, 2006).

It is not just about determining the variations of work schedules, or their absence, but also, and most importantly, about the constant need of being connected, as an essential feature of conformation and integration. On another level, the time of and for communication or information disappears as a unique entity in the universe of the population's tastes and lifestyles, since, in the same way, the daily experience is broadly composed of communication mediation time. Studies regarding the uses and impacts of information and communication technologies are vast. Nowadays, they are included in this debate concerning the socio-cultural impact of the different forms of technoscience on daily life, highlighting its effects on culture.

From a second perspective, the individual and collective experience time is also object of analysis, with emphasis on the construction of time horizons phenomena – past-present-future and (ir)reversibility. One of the features of the digital technoscientific society is the unprecedented ability of these technological resources to store and use (disseminate) information, while allowing, (almost) instantaneously, the manipulation of time horizons, triggering effects on knowledge, evaluation and judgement, regarding both the historical experience and expectation. Two of the implicit assumptions that characterised history up to the digitalisation expansion – designated as the process that – consisted in suggesting that time could not be stored and that past events (therefore irreversible) would be accessed through a memory or registration objects.

The present time is executing, in an increasingly digital manner, what Appadurai said:

the past is now not a land to return to in a simple politics of memory. It has become a synchronic warehouse of cultural scenarios, a kind of temporal central casting, to which recourse can be taken as appropriate, depending on the movie to be made, the scene to be enacted, the hostages to be rescued. All this is par for the course, if you follow Jean Baudrillard or Jean-François Lyotard into a world of signs wholly unmoored from their social signifiers (all the world's a Disneyland). But I would like to suggest that the apparent increasing substitutability of whole periods and postures for one another, in the cultural styles of advanced capitalism, is tied to larger global forces, which have done much to show Americans that the past is usually another country. If your present is their future (as in much modernization theory and in many self-satisfied tourist fantasies), and their future is your past (as in the case of the Filipino virtuosos of American popular music), then your own past can be made to appear as simply a normalized modality of your present. Thus, although some anthropologists may continue

to relegate their Others to temporal spaces that they do not themselves occupy (Fabian, 1983), postindustrial cultural productions have entered a postnostalgic phase. (Appadurai, 1996, pp. 47-48)

Digitalisation, however, offers very different contexts from these assumptions. Not only because it allows one to store time (series of happenings and events that remain registered in the moment they occur), but also because it deeply transforms the nature of the memory, both individual and collective. A child can see herself/himself when she/ he was a baby, or in previous phases of her/his life, and observe the interactions with her/his family, how her/his life space was, and is even able to reach her/his own conclusions about her/his family and social acceptance and integration. This action of observing oneself is surely complex, because the child can see what was unconscious to him at a certain time in his life. A society, or a group, can see itself in the past, revisiting events they were not aware of, due to political control or other reason.

Additionally, media provides content regarding past (irreversible) historical events, registered in such a way that makes them reversible, bringing them to the present as images, speeches and others, and transforming them into an object of new experiences, more than a memory or a recall, with potential impact on individual and collective identities. Movements such as MeToo, or revelations about the Church and celebrities regarding paedophilia and harassment accusations are an example of how media can recover the past and transform it into an object or subject that is constantly urgent, leading to legal reviews, also focused on the time-object of a crime or sanction. In this sense, time is not just an instrument for mediation and creation of objects (content and/or events). It is also, in itself, an exchangeable object (in the form of what can happen and what could have happened).

In addition, media simplifies the constant experience of urgency, in cases in which phenomena and events persistently remain and are continuously shared online, giving rise to various interpretations over time. Little is known about the consequences of this possibility of creating constant urgency in and through media about society, and particularly, about people. For now, we only know that any event that occurs and that is shared on social media, becomes immediately available, but also storable and reversible (not the event itself, but its time and media form). Some of the content that is subject to flow and consumption, is purely a demonstration of the inconsistency of what has been said over time and what is being said “now”. In this regard, media and its logics of interpretation provide a clear demonstration of what it considers to be contradictions, incoherencies or “a turncoat stance”, precisely because technological resources easily allow a confrontation between times. This is done with different interests and reasons in mind, but what truly matters are the resulting effects.

As can be observed, there are several ways of understanding the relation between time and media. The theoretical frameworks that allow its analysis include authors with different perspectives regarding the impact of information and communication technology. Manuel Castells (2011) stated, for example, that in the context of digital society,

social networks represent space-time in the relationships of power that affect the position of the agents in the space of opportunities. However, social networks are also characterised by reducing the waiting time between relationships, a feature that can affect the ability for planification and execution of actions by the agents while, simultaneously promoting and catapulting them to irreversible levels of attainment. From a critical perspective, Zygmunt Bauman considered in the book about globalisation analysis and its human consequences (1999) that the ability to compress the time and space provided by technology was a source of growing power and social inequality, parallel to globalisation. The author referred to this sort of technical and social acceleration that creates “new polarisation” as “new speed”, because:

to put it in a nutshell: rather than homogenizing the human condition, the technological annulment of temporal/spatial distances tends to polarize it. It emancipates certain humans from territorial constraints and renders certain community-generating meanings exterritorial – while denuding the territory, to which other people go on being confined, of its meaning and its identity-endowing capacity. For some people it augurs an unprecedented freedom from physical obstacles and unheard-of ability to move and act from a distance. For others it portends the impossibility of appropriating and domesticating the locality from which they have little chance of cutting themselves free in order to move elsewhere. With “distances no longer meaning anything”, localities, separated by distances, also lose their meanings. This, however, augurs freedom of meaning-creation for some, but portends ascription to meaninglessness for others. Some can now move out of the locality – any locality – at will. Others watch helplessly the sole locality they inhabit moving away from under their feet. (Bauman, 1999, p. 24)

A theoretical model we consider very useful in the questioning of the relation between time and media, belongs to Niklas Luhmann (2005). This author develops the theory of systems applied to various areas of society, and in particular mass media. The author, refusing the propensity of the unit, explains that the systems are *procedural* realities, characterised by the ability of self-reference and autopoiesis. As a result, time is considered a central element in the media communication system, because the system needs time to reproduce and manage change, explained by the differentiation.

In the book *The reality of the mass media*, Luhmann (2005) argues about the particularity of the communication systems, emphasising that:

the mass media spread information far and wide so that instantaneously everybody will count on its being known to everyone else (or that not being aware of it “looks bad”, therefore one does not admit that one did not know (...)). In that sense, the mass media give rise to social redundancy, on a broader scale in society, in other words, a need directly connected to this redundancy of having new information. Just as our differentiated economy,

depending on the flow of money, creates a never-ending need to replace money as soon as it has been spent, so the mass media create the need to replace information that has become redundant, that is non-information, by new information: *fresh money* and *new information* are the central motives of modern social dynamics. (Luhmann, 2005, p. 45)

In the author's perspective, the acceleration of time, in information, comprises a global neurosis of a differentiated production of goods and services. Consequently, mass media are not only time users, but also time producers, regarding how they are received and the routines they establish (for example, the schedules of certain programmes structure daily time) and that are subject to change over time.

Therefore, the exploration of the relations between time and media does not end with the analysis of the sociological phenomena that characterise great trends in the today's society, and which we have already referred to, such as features associated to the birth of new patterns of the use and valuation of time, relationships between social groups and individuals through media devices that influence time management, control and discipline in the use of the time pertaining to isolated people, groups or families. There is also much to say about how individuals access such devices of observation and manipulation of time, interests and strategies, since the control of time is also a form of power and domination. Thus, the topic of relations between time and media lead us to phenomena of power and war, as well as risk, safety and surveillance.

A necessary note concerns the relation between time, media and art. This note is worth mentioning, not only because time applies to the context of art flowing in and through media, but also because media, as well as art (analytically considered in its individuality), are temporally assembled, meaning that time makes a difference in its structure and conception, even being able to function as a distinctive feature of the content and the pieces.

Again, we are not only referring to the chronological and measurable dimension of time, but also to how it represents the identity of the content and the pieces, being object of deliberated analysis and aesthetical disposition. Resuming the definition of system proposed by Luhmann (2005), it is possible to see that time also has a discursive presence in the media, given it is part of the content, of the clear messages that flow in various spaces, composing the architecture of such messages and content, in ways that are unquestionable to individuals. Advertising produces language and semantics that are time specific and the same happens in the world of social media.

Social theory is filled with authors persistently appealing to the core of the questions regarding time – life, used, requested, manipulated, provided, controlled – in current societies, which means it is also necessary to question the need for structuring an appropriate pedagogy concerning the use of time, in the context of digital actions.

This issue does not exhaust such a vast subject, as we just mentioned. It compiles some topics that have been suggested by the authors themselves, following various theoretical guidelines, namely through the definitions of duration, wait, synchronisation and acceleration in the information context.

We began this themed issue by reflecting on the definition of time and its relation to the media, from a transdisciplinary perspective, in connection with modern physics. In the text “Time and chaos: the ‘imagination of possibilities’ and the media”, Gustavo Castro and Florence Dravet seek to understand how the definition of time mediates the perception and aesthetics of space/time and order/chaos. In that sense, they analyse the narratives “Cosmicomics” and “T Zero”, by Italo Calvino, in the film *Melancholia*, from Lars Von Trier, and the interpretation of the physicist and Nobel Prize in Chemistry, Ilya Prigogine, using a descriptive, interpretative and critical method.

A different type of space-time is addressed in “Comedy’s time spell”. Nuno Jerónimo and Carlos Alexandre highlight the importance of time in the construction of comedy, as a form of art that is also undeniably subject to the fast pace of the digital technologies of today. In this text, instead of acceleration and compression, the analysis focuses on the discursive and performative resource of comedy, which, according to the authors, possesses unique features in relation to temporality and is an example of suspension in daily life.

In the text “The time of fear *versus* the time of science”, Simone Evangelista and Marcelo Garcia address the discrepancy between different temporality regimes regarding the same event: the Zika virus and microcephaly epidemic in Brazil, in 2015/2016. Starting with a case study about the dissemination of information regarding this epidemic, the authors analyse the time spent by the population (full of doubts and uncertainties) in search of answers, and, on the other hand, the time of data dissemination by the scientific institutions regarding the same matter. At the core of this debate, as suggested by the authors, lies the role of media, especially social media, as a mediator of the discursive disputes regarding the disease.

A text by Susana de Noronha, “The chairs of hereditary cancer: understanding time and illness using creative ethnographic drawing”, addresses the experience of the disease and the persistence of waiting, as an analytical category of a suspended life. Painting and ethnographic drawing are privileged ways through which the author enters the period of experience of another Being suffering from cancer.

In the article “Corruption and the media – a journalists’ look about the relevance of time”, the authors discuss the relationship of time with the media, in a perspective that considers the power relations between the Judicial, mediatic and political systems. The practices of corruption involving politicians are the focus of the research, in the light of the patterns of time control that permeate those systems.

Priscilla Porto Nascimento Fansani signs the text “Temporalities embedded in the intensive body during the experience of the artistic project SoundSystem”, where she explores the various forms of expression of the time achieved by the art, arguing that the artists resist Chronopolitics and propose a time of the event. Dance and music allow the body to be freed from its utilitarian and organic movements.

Next, we move on to another debate regarding the role of media in the relation with time, now from the perspective of perception of acceleration, time and speed elimination. Ivone Santos and José Azevedo write a text about the new *flâneurs*, suggesting a review of the state-of-the-art related to literature that emphasises the post-structuralist

vision of time. In “Compression of space-time and hyper-localisation: the new *flâneurs*”, the authors resort to an extensive bibliographical and concept review to discuss the time set by the media, as well as its ubiquitous and pervasive character, which contributed to the perceptions of the deterritorialisation and temporalisation.

Vitor Sousa’s reading of Byung-Chul Han’s book, *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* [The scent of time. A philosophical essay on the art of delay] and its paradoxes in current societies evidences the timeless character of philosophical and anthropological questioning over time, demonstrating the interest in discussing the temporalities and the uses of time in parallel with the social dynamics. ✍

Translation: Inovtrad - Tradução, Formação e Serviços, Lda.

REFERENCES

- Appadurai, I. (1996). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização e consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1934/1994). *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. S. Paulo: Brasiliense.
- Castells, M. (2011). A network theory of power. *International Journal of Communication*, 5, 773-787. Retrieved from <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1136>
- Featherstone, M. (2009). Ubiquitous media: an introduction. *Theory, Culture & Society*, 26(2-3), 1-22. <https://doi.org/10.1177/0263276409103104>
- Flusser, V. (1999). *Ins universum der technischen bilder*. Göttingen: European Photography.
- Flusser, V. (2008). *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- Hansen, M. (2012). Benjamin, cinema e experiência: a flor azul na terra da tecnologia. In T. Capistrano (Ed.), *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção* (pp. 205-255). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Harvey, D. (2002). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. Paulus: S. Paulo.
- Rosa, H. (2015). *Social acceleration-a new theory of modernity*. New York: Columbia University Press.
- Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

BIOGRAPHICAL NOTES

Emília Rodrigues Araújo is an Auxiliary Professor at the Institute of Social Sciences, Department of sociology and researcher at the Center for Communication and Society studies. He has participated in several research projects in the themes of time, culture and mobilities in science and research. He participates in several scientific associations,

having several national and international publications on the topics mentioned.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: emiliararaujo@gmail.com

Address: Universidade do Minho, Instituto de Ciências sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Patrícia Matos is doctoral student in the graduate program in communication at Federal University Fluminense, Niterói, Brazil. She holds a master's degree by the same institution. She is currently visiting researcher at the Open University, in Catalunya. She works mainly with themes related to mobility, lifestyle and information and communication technologies applied to the world of work.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5902-8417>

Email: pmatos@id.uff.br

Address: Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis s/n Bloco A - UFASA São Domingos, Niterói - CEP 24210-201 - Rio de Janeiro, Brasil

ARTIGOS TEMÁTICOS | ARTICLES 

TEMPO E CAOS: A “IMAGINAÇÃO DOS POSSÍVEIS” E OS MÉDIA

Gustavo Castro & Florence Dravet

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a noção de tempo e suas relações com os média, a partir dos estudos da complexidade e numa perspectiva transdisciplinar. Iniciando com reflexões sobre narrativas literárias e cinematográficas, o nosso objetivo é perceber como a noção de tempo é mediadora da compreensão da realidade espaço/tempo e da percepção estética do mundo entre ordem e caos. Recorremos ao diálogo entre ciência e narrativa e ao pensamento da física moderna sobre os conceitos de tempo, ordem e caos. As nossas conclusões apontam para três ideias: 1) a constante lembrança da catástrofe é um tema íntimo obsessivo que se apresenta através da narrativa artística e mediática; 2) a expressão da obsessão catastrófica vem suprir parcialmente o afeto pelo horror da humanidade atual e 3) o imaginário da catástrofe atravessa tempo e espaço e é transdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE

Catástrofe; comunicação; Ilya Prigogine; imaginário; Italo Calvino; tempo

TIME AND CHAOS: THE “IMAGINATION OF POSSIBILITIES” AND THE MEDIA

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the notion of time and its relation to the media based on the complex thinking paradigm and the transdisciplinary perspective. Departing from reflections about literary and cinematographic narratives, our objective is to examine how the notion of time mediates the concept of comprehension of space/time as well as of the aesthetic perception of the world between order and chaos. We relied on the dialogue between science and narrative and on modern physics for concepts of time, order and chaos. Our conclusions point to three ideas: 1) the constant remembrance of catastrophe is an obsessive intimate theme which presents itself through an artistic and mediatic narrative; 2) the expression of catastrophic obsession partially satisfies the current humanity's affection for horror and 3) the imaginary of catastrophe traverses time and space, being transdisciplinary.

KEYWORDS

Catastrophe; communication; Ilya Prigogine; imaginary; Italo Calvino; time

INTRODUÇÃO

A relação entre tempo, média e caos integrou um programa de pesquisa desenvolvido nos chamados “estudos da complexidade”. Deu-se a partir do desenvolvimento das ideias de “ordem a partir do ruído” (“ordre a partir du bruit”) defendida por Henri Atlan (1992) e de “complexidade a partir da desordem”, expressão utilizada pela primeira vez em 1948, por Warren Weaver, no célebre artigo “Science and complexity”. O conceito de média tornou-se importante nos estudos da complexidade devido à percepção da “extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades que desafiam as nossas possibilidades de cálculo” (Pessis-Pasternak, 1993, p. 14).

Norbert Wiener e Ross Ashby, fundadores da cibernética, trabalharam para promover a noção de complexidade. John von Neuman acabou por revelar os vínculos que uniam os fenómenos de auto-organização aos das interações. Foi da percepção desses vínculos que Edgar Morin (1987) propôs um tetragrama (ordem/desordem/interação/auto-organização) como articulação conceitual. Este permite conceber a comunicação como dialógica, regulada, primeiro, pela incerteza – tendência permanente ao caos e à desordem – próxima ao que Ilya Prigogine designou flutuação, isto é, um “mecanismo de irreversibilidade: uma vez estabelecida, ela difere do que era anteriormente” (Prigogine citado em Pessis-Pasternak, 1993, p. 43).

Neste artigo pretendemos pensar a noção de tempo, aproximando-a da de catástrofe. Pretendemos também pensar a noção de média, a partir de sua relação com a literatura.

A abordagem teórico-metodológica que seguimos no texto baseia-se na premissa segundo a qual narrativas, imaginários, poemas, romances e contos são discursos engendrados no nosso quotidiano e estão impregnados nos vários média. Referimo-nos, tal como proposto por Vicente Romano (1993), desde os primários (os de corpo e tempo presente), passando pelos secundários (aqueles em que o emissor se vale de um aparato técnico para enviar mensagens, alongando a percepção do tempo), aos terciários (em que emissor e recetor necessitam de aparatos técnicos e podem trocar mensagens sem estar simultaneamente presentes, encurtando o tempo e tornando a comunicação mais veloz).

O nosso método de apresentação e exploração do material é descritivo, interpretativo e crítico. Pretendemos privilegiar a análise do tempo, relacionando-o com o caos e a catástrofe presentes nas narrativas *As cosmicômicas* (1992) e *Novas cosmicômicas* (1995) de Italo Calvino, no filme *Melancholia*, de Lars Von Trier (2011) e, também, nas interpretações do físico e prémio Nobel de Química, Ilya Prigogine¹. O nosso objetivo é mostrar como o conceito de tempo da literatura pode mediar a compreensão de realidade espaço/tempo e de mundo, podendo colaborar com o programa de pesquisa transdisciplinar dos estudos da complexidade.

¹ (1917-2003). Físico-químico russo naturalizado belga, especialista em desequilíbrio termodinâmico. Prémio Nobel de Química (1977) pela sua contribuição ao estudo do desequilíbrio termodinâmico ou teoria das estruturas dissipativas. Foi fundador (1967) e primeiro diretor do Ilya Prigogine Center of Studies in Statistical Mechanics, Thermodynamics and Complex Systems, Universidade do Texas, Austin.

Tanto do ponto de vista epistêmico como metodológico, este artigo – que integra os estudos da complexidade – procura fazer dialogar com a ciência e arte, entendendo-as conjuntamente como campo de abertura e investimento na própria transdisciplinaridade. Sabemos que a literatura e o cinema contêm sempre modelos de sociedade, se não a que aspiramos, ao menos a que temos e construímos. Elas reúnem em si a multiplicidade dos saberes, a busca ética e a cosmovisão estética da vida. Ciência e arte são saberes intercomunicantes, dois modos de observação do mundo que podem chegar a formar uma complementaridade ou a mesma unidade de conhecimento. Elas não podem seguir artificialmente separadas. Devem, antes, reintroduzir o Homem na complexidade do mundo. Se o saber científico alimenta a dúvida e cria hierarquias, ao fazer perguntas fundamentais, o saber artístico ilumina e aclara a realidade, colocando ou devolvendo o Homem ao seu contexto vital. A necessidade de fazer intercomunicar ciência e arte é a de reconhecer que uma e outra são sistemas de conhecimento úteis à sociedade. Enquanto a ciência lida com esforços conjuntos e sistemáticos para aumentar a experiência e desenvolver conceitos apropriados para a sua compreensão, a arte apresenta-nos esforços individuais, mais intuitivos, para evocar sentimentos que lembrem a globalidade da situação humana.

A ORDEM DO TEMPO SEGUNDO ILYA PRIGOGINE E ITALO CALVINO

A capacidade humana para imaginar o pior não tem limites. Sabemos que o tema da catástrofe não é novo. É, aliás, tão antigo quanto o do medo. Encontramos o assunto em, pelo menos, dois diálogos de Platão, no *Timeu* e no *Crítias* (escritos por volta do ano 360 a.C.). Em *Crítias* encontramos o relato a seguir. Conta-se que um antepassado do seu avô, que visitara o Egito e conversara com anciões, mestres da memória dos antigos, dizia que a catástrofe era algo do cosmos e, por isso mesmo, estava também em meio ao humano. Era um fenómeno que advinha de tempos em tempos. Inicialmente, diz Platão, acreditou-se que a catástrofe era um “mito”, mas ela:

significa o declínio dos corpos que se movem em torno da Terra e nos céus; uma conflagração recorrente, que acontece em longos intervalos de tempo; quando isso acontece, aqueles que vivem nas montanhas e em outros lugares secos, estão mais sujeitos à destruição do que aqueles que vivem à margem dos rios, dos lagos ou do mar. Mas, por outro lado, quando os deuses purgam a terra pela água [e não pelo fogo, como Faetonte], então os pastores, os montanheses, são os sobreviventes e perecem os que vivem nas cidades, próximos aos rios e fontes, a beira-mar; são levados pelas enchentes, submergem no oceano. (...) Enquanto vocês [gregos] e outras nações mantêm escrituras e somente estes registros que interessam ao estado, no momento presente, ignoram que a pestilência [a catástrofe] pode estar vindo dos céus para dizimar todos e deixar apenas aqueles dentre vocês que são destituídos das letras e da educação e assim, deste modo, vocês têm de começar tudo novamente, como crianças, sem nada saber do

que aconteceu nos tempos mais antigos, entre nós [o Egito] e entre vocês mesmos [gregos]. (Platão, 2010, p. 88)

Nesta citação percebemos que a “catástrofe” não é tratada como invenção, mas como algo que “acontece em longos intervalos de tempo”. Aparece como realidade vivida pelos antigos. Que se revela, ora pela ação do fogo ora pela ação da água. Esses acontecimentos servem para que a Terra e a humanidade possam “começar tudo novamente como crianças”. Os acontecimentos descritos neste fragmento de Platão alimentam, no mínimo há mais de dois milênios – por vias filosóficas – a imagem-ideia da catástrofe. Alimentam o *pathos* do fim presente em todos os seres humanos, ou seja, o afeto da entropia, a sensação do revés e às vezes a paixão pela queda.

Segundo Ilya Prigogine (1996) a “imaginação dos possíveis” e a especulação sobre o porvir são traço fundante da inteligência humana. O mesmo considera Antonio Maza no seu artigo sobre “O poder expressivo da teoria dos mundos nos videogames” (2015) ao assumir que a teoria dos mundos possíveis está presente no contexto literário e narratológico em diversos autores e sob diversas formas: na realidade objetiva com textos de tipo histórico ou jornalístico, em textos de ficção verosímil, de mundos ficcionais não verosímeis e nas múltiplas interpretações de mundos atuais.

Enquanto egípcios e gregos imaginaram a destruição pelas águas e pelo fogo, o imaginário de Italo Calvino desenhou uma narrativa em que espaço e tempo se diluem e se esfacelam a todo instante em toda parte. O herói de *As cósmicas*² é Qfwfq, anamórfico, sua forma muda continuamente, ora avançando em complexidade, ora não. Este romance, escrito ao longo dos anos 1970, contém uma imagem-ideia de catástrofe, de ordem e de desordem que vale a pena analisar.

Nele, as coisas duram enquanto durar o sol, dá-nos a entender o herói-narrador. As pessoas são lisas e escovadas pelo vento das eras porque o tempo não passa de uma aposta: há o tempo de curta e de longa duração. Os acontecimentos fervilham com multiplicada densidade. O personagem anamórfico Qfwfq conhece a imortalidade. Está além do tempo sob a forma das metamorfoses: ele foi, no decurso de 50 milhões de anos, uma sequência de dinossauros diversos; experimentou também formas como a do girino, a do átomo, do cavalo, de um ancião; conheceu o império de Justiniano, viu o bicho-da-seda ser levado da China à Constantinopla, entre outras peripécias. Outro personagem, como seu irmão, Rwfzs, não quis experimentar as formas, permanecendo níquel por toda a vida. Sr. Hnw, por sua vez, passou a existência aspirando transformar-se em cavalo. Qfwfq considera o ornitorrinco, a girafa, o crocodilo e o dinossauro, sublimes. “A memória dos mundos”, título da primeira parte de *Novas cósmicas* [*Tempo zero* em outras traduções], descreve histórias entremeadas de reflexões cosmológicas, filosóficas e existenciais:

interrogávamos qual o destino do universo, e os oráculos da termodinâmica nos respondiam: toda a forma existente se desfará numa labareda de calor;

² Italo Calvino publicou também a continuidade das aventuras de Qfwfq no *Novas cósmicas* (1995) a que faremos referência aqui.

não há presença que se salve da desordem sem retorno dos corpúsculos; o tempo é uma catástrofe perpétua e irreversível. (Calvino, 1995, p. 127)

A catástrofe aparece como razão para a necessidade de apreço à ordem. Encontrar o equilíbrio no universo, a forma naquilo que parece sem forma, não é tarefa fácil. Qfwfq prefere arriscar-se na geometria dos cristais, das relações amorosas, números, jogos e espirais. A primazia da ordem deve ser dada ao modelo amoroso, aquele que possua Eros em sua estrutura. A ordem buscada deve ser aquela na qual regularidade e tensão contrapõem-se e justapõem-se para a manutenção do equilíbrio. Observemos cubos, octaedros, prismas e figuras diáfanos. A ordem assemelha-se aos cristais, que são esculpidos pelo tempo e lapidados por características de vigor, ímpeto e tensão.

A noção de uma ordem pela tensão aparece na declaração de amor que Qfwfq faz a Vug, personagem que é um cristal. O cristal, para Qfwfq, é a imagem da perfeição ou o sonho de perfeição da matéria; a ordem refletida (esculpida) numa imagem mineral. A contemplação da ordem faz Qfwfq admitir que, cedo ou tarde, o sonho de perfeição estorva e pode também se esfumegar no ar, desfazendo-se “num esfampado remendo da desagregação” (Calvino, 1995, p. 44). É quando surge a catástrofe. Tudo rui. Diante do cenário da catástrofe, Qfwfq escolhe, preferencialmente, a ordem, pois ela propicia a sensação de temor e felicidade. A felicidade advém da descoberta de que as substâncias são teleológicas. Buscam algo à perfeição, em especial, buscam uma forma eficaz, útil e bela. Temor por perceber na variedade das ordens as escalas crescentes de desordem. Escalas que, cedo ou tarde, comprometerão a felicidade da busca.

Vug, a mulher-cristal é a imagem-reflexo do mundo, contém bilhões de lados e ângulos, conta-nos Qfwfq. É um sólido destinado a ampliar-se em perspectivas, transparências, níveis e lados. Com a ordem não pode haver embustes, diz. Não se pode tentar fugir à dramaticidade do tempo ou ficar obcecado com a ideia de uma ordem perfeita. Qfwfq aprende, pouco a pouco, as lições do cristal. Vug é quem lhe ensina: “admitir que a verdadeira ordem é a que traz em si a impureza, a destruição” (Calvino, 1995, p. 49).

No conto “Os cristais”, Qfwfq narra os tempos remotos em que namorou Vug, Qfwfq comprou um relógio de pulso. Pretendia comparar o movimento dos ponteiros ao movimento das estações, das luas, dos ciclos da vida e da morte. Seguir o tempo orientando-se pelos ponteiros do relógio era importante para manter-se no jogo do mundo e dos homens, onde as coisas acontecem com hora marcada: pegar o trem, descer na estação correta, entrar pontualmente no trabalho, oficial regularmente o cotidiano, cumprir compromissos, são formas do tempo cronométrico. Mas aqueles ponteiros podem muito bem enganar-nos sobre o que é tempo. Os ponteiros indicam um erro, observa Qfwfq, o que significa fingir uma ordem na poeira, uma regularidade no sistema, porque toda ordem, seja ela qual for, logo se esboroa. O relógio de pulso ajuda-nos a simular uma ordem e uma regularidade onde não existe nem uma coisa nem outra. Com ou sem relógio, a ordem do tempo é desintegradora. Isto os ponteiros não mostram. É preciso fugir (confessa na história: “A implosão”) que “está a fugir à catástrofe do tempo”. Reconhece: “todo o percurso do tempo se dirige para o desastre num sentido ou no sentido

contrário e o seu intersecar-se não forma uma rede de linhas reguladas por trocas e por desvios, mas sim um enredo, num emaranhado” (Calvino, 1995, pp. 129-130).

O tempo conta uma história que só é possível de ser percebida e desvendada se a registarmos mediante a narração. Percebemos, ao longo da sua trajetória, que esta mesma narração se desgasta a ponto de ter que mudar constantemente, para manter suas correlações internas e prosseguir, ou dar-se por encerrada. Qfwfq dedica-se preferencialmente a entender a ordem através do caos. Ao associar ordem e Eros, consegue uma aproximação, à primeira vista, de termos contraditórios. Seguimos a concepção errónea, diz ele, na qual Eros se associa à desordem. O motivo desse erro estaria no facto de ser somente na dinâmica propiciada por Eros que a ordem pode ser amada. A associação entre Eros e ordem esconde a ambição pela perfeição e simetria entre elementos divergentes.

A ordem apresenta-se enredada, simultaneamente, de Eros e de desordem. Eros, por sua vez, é simultaneamente ordem e caos. A pureza (do cristal e da ordem) só é possível devido às falhas, ruturas e impurezas. Somente a dinâmica de Eros (ou o amor por Vug) que poderia ter-lhe revelado isto: o par ordem-caos é o que nos faz entender como funciona, se reorganiza e se lapida um sistema como o cristal. Mesmo a pureza do cristal não deixa de transparecer a mancha, a falha e a corrosão que o tempo inflige sobre ele. Para continuar a manter o ímpeto e o vigor, a matéria deve operar na catástrofe e na degradação, o que na ótica de Qfwfq é o mesmo que lapidação. Aparar arestas significa polir a forma. O relógio de pulso não consegue cronometrar, nem o enredo do tempo nem a lapidação do cristal. O tempo do relógio de pulso não se afiniza com o tempo do cristal. Até porque o relógio cai, quebra, enferruja ou, simplesmente, para de funcionar. Qfwfq convence-se de que as irregularidades fazem parte de:

uma estrutura regular muito mais vasta, em que a cada assimetria que julgávamos observar correspondia na realidade a uma rede de simetrias tão complicadas que nem dávamos por ela, tentava calcular quantos bilhões de lados e de ângulos diedros devia ter este cristal labiríntico. (Calvino, 1995, p. 49)

Esta noção de tempo de Italo Calvino chamou a atenção de Ilya Prigogine para quem o conjunto das narrativas de *As cósmicas* faz lembrar os contos árabes em que cada história se encaixa em outras histórias. “A história da matéria encaixa-se na história cosmológica, a história da vida na história da matéria. E, por fim, nossas próprias vidas estão mergulhadas na história da sociedade” (Prigogine, 1996, p. 192). O autor fez menção ao livro como resultado da “imaginação dos possíveis”:

Italo Calvino escreveu uma deliciosa coletânea de novelas *Cósmicas* nas quais imaginava seres que vivem num estágio muito precoce do universo. Eles se reúnem e se lembram ainda hoje da época difícil em que o universo era tão pequeno que seus corpos o preenchiam completamente. A imaginação dos possíveis, a especulação sobre o que poderia ter sido é um

dos traços fundamentais da inteligência humana. Que teria sido da história da física se Newton tivesse sido um membro dessa comunidade precoce? Ele teria observado o nascimento e a decomposição das partículas, a aniquilação mútua da matéria e antimatéria. O universo ter-se-ia mostrado a ele desde o começo como um sistema distante do equilíbrio, com suas instabilidade e bifurcações. (Prigogine, 1996, p. 194)

Ao ponderar aos “oráculos da termodinâmica”, Qfwfq apresenta um universo distante do equilíbrio. A visão da protagonista, como vimos, perspectivada a partir de Vug, é a de uma “ordem que traz em si a destruição”. Ao consultar os oráculos, interrogando-os sobre o universo, obtém a resposta de que “o tempo é uma catástrofe perpétua e irreversível”. Prigogine identificou nestas noções espaço-temporais presentes na comunidade de Qfwfq, as bifurcações e desequilíbrios do universo. As partículas elementares parecem ser insensíveis à ação do tempo, muito embora, ao adquirirem uma forma qualquer, passem pelo efeito temporal de degeneração.

Foi Prigogine quem primeiro duvidou, nos domínios da pesquisa científica, da hipótese segundo a qual tempo é uma ilusão. Segundo ele: “é Einstein que encarna com a maior força a ambição de eliminar o tempo” (Prigogine & Stengers, 1997, p. 210). A negação do tempo sempre foi uma tentação. “Tanto para Einstein, o físico, quanto para Borges, o poeta” (Prigogine, 1996, p. 197). Negar o tempo significa negar a própria realidade, considerando-a uma ilusão. “Tempo e realidade estão irreduzivelmente ligados. Negar o tempo pode parecer um consolo ou parecer com o triunfo da razão humana, é sempre uma negação da realidade” (Prigogine, 1996, p. 197). A concepção de que “o tempo é uma ilusão” foi incorporada nas leis fundamentais da física e passou a desautorizar, desde então, uma distinção entre passado e futuro que desempenham papéis diferentes, não simétricos. Coube ao observador, ao ter o seu papel destacado com o advento da teoria quântica, ser o responsável pela quebra da simetria temporal, conforme esclarece o físico: “hoje, a física não nega mais o tempo. Reconhece o tempo irreversível das evoluções para o equilíbrio, o tempo ritmado das estruturas cuja pulsão se alimenta do mundo que as atravessa” (Prigogine & Stengers 1997, p. 211).

Há mais do que uma aceitação do tempo. O que ocorre é uma redescoberta do tempo, um pensamento que trata o tempo como o elemento modificador e dialógico, por excelência, entre ciência, cultura e sociedade. Podemos dizer que a literatura de Marcel Proust, Jorge Luís Borges e Italo Calvino, só para nos atermos a esses três mestres, é perpassada pela ideia de tempo. Tal redescoberta trouxe consigo também a garantia de que noções, tais como a de flecha do tempo ou catástrofe, possuem papel construtivo fundamental que nos fornece a imagem de universo em constante realização, evolutivo e assimétrico. Revela-nos também o seu elemento narrativo, pois o tempo está constantemente a contar uma história. Esta redescoberta é também fundamental para Edgar Morin:

reabilitar unicamente o tempo não é suficiente; o novo universo, ao nascer, fez-nos descobrir a sua complexidade. O tempo é uno e múltiplo. É simultaneamente contínuo e descontínuo, eventual, agitado por rupturas e sobressaltos que rompem o seu fio e eventualmente recriam, noutros sítios,

outros fios. Este tempo é, no mesmo momento, o tempo das derivações e dispersões, o tempo das morfogêneses e dos desenvolvimentos. (Morin 1987, p. 85)

A história contada pelo universo e que a física reiteradamente busca decifrar, assemelha-se, na visão de Prigogine, a um romance como, o das “As mil e uma noites” (Prigogine & Morin, 1998, p. 232): uma intrincada cadeia de enredos e tempos internos a perpassar cada corpo, seja ele um grupo social ou um livro. Cada um deles “é constituído por uma pluralidade de tempos ramificados um nos outros segundo articulações sutis e múltiplas” (Prigogine & Stengers, 1997, p. 121).

As conclusões das pesquisas formais de Prigogine apresentadas, tanto no livro *A nova aliança*, com Isabelle Stengers (1997), como na obra *O fim das certezas* (1996), mostram-nos que persiste a irresolução do paradoxo do tempo: “o tempo em que vivemos é essencialmente irreversível, enquanto nos objetos físicos simples – um pêndulo ou o sistema planetário – não se vê essa flecha do tempo (Prigogine citado em Pessis-Pasternak, 1993, p. 45).

Segundo Prigogine, a tomada de consciência desse paradoxo aparece primeiro na teoria darwiniana, já que esta foi a primeira a tratar da evolução dos organismos, portanto, da irreversibilidade. Em seguida há o aparecimento do segundo princípio da termodinâmica, formulado por Rudolf Clausius³, em 1865, que trata da entropia no universo. Os dois princípios fundamentais da termodinâmica são: [1] “a energia do universo é constante” e [2] “a entropia do universo cresce na direção de um máximo”. A natureza apresenta-nos, diz o autor, processos reversíveis e irreversíveis:

Por um lado, há o tempo dos relógios, das trajetórias das dinâmicas clássicas, o tempo da comunicação. Esse tempo é de alguma forma exterior a nós, que emitimos e recebemos signos. É um tempo que medimos com nossos relógios, mas que não faz parte do nosso corpo vivido. Há por outro lado o tempo estrutural, que chamei de interno, marcado pelo irreversível e pelas flutuações, próximo ao “tempo-invenção” de Bergson. (Prigogine citado em Pessis-Pasternak, 1993, p. 42)

A tradicional cronologia da teoria do Big Bang pressupõe a existência de um tempo zero, a partir do qual os relógios cósmicos tenham começado a funcionar. Evento para o qual os físicos como Hubert Reeves e Ilya Prigogine recomendam cautela. Essa forma de contar o tempo não considera a possibilidade de um tempo anterior a este tempo zero. É justamente a ideia do tempo zero o que alimenta o enredo dos romances de Italo Calvino. No conto “Os cristais”, o relógio de pulso de Qfwfq não lhe assegura que a ordem do tempo pode ser fixada nas escalas dos três ponteiros, do mesmo modo que no conto “Ao nascer do dia”, o personagem narra a criação do universo como um evento emergindo num clarão de dentro de um tempo-espaço já preexistente. Neste aspeto, Calvino

³ Rudolf Clausius (1822-1888) físico e matemático alemão, considerado um dos fundadores da ciência da termodinâmica. Em seu artigo mais importante, *Sobre a teoria mecânica do calor*, publicado em 1850, expôs pela primeira vez as ideias básicas da segunda lei da termodinâmica. Em 1865 introduziu o conceito de entropia.

(ao lidar com o imaginário) e Prigogine (pesquisa científica), aproximam-se: “o tempo precede a existência. Acho mais natural supor que o nascimento do nosso universo é um evento na história do cosmo e que devemos, pois, atribuir a este um tempo que precede o próprio nascimento de nosso universo (Prigogine, 1996, p. 169).

A história, o ser vivo e a sociedade não podem mais ser reduzidos à noção de tempo único. Agora a multiplicidade de tempos constitui-se como fator criativo, perturbador do sistema; perturbação que pode tanto gerar como degradar as coisas. Prigogine encontra na ideia do *clinâmen* de Lucrecio⁴ uma inspiração. Ele é o elemento perturbador que anuncia a “guinada” dos átomos no mundo. Esse elemento é uma fonte de instabilidade que anuncia que o processo e o devir são constitutivos da existência física. Um mundo no qual os seres vivos e as coisas aparentemente inanimadas como a pedra, o plástico e o sabão interagem de modo dinâmico e podem nascer, morrer e evoluir. A irreversibilidade do tempo relaciona-se, assim, com os níveis de correlações e coerências do sistema e leva em conta a sua capacidade de resistir e se auto-organizar através desta tensão perturbadora. A perspectiva de que todas as coisas estão submetidas às pequenas e grandes catástrofes, ou seja, às instabilidades do tempo, aparecem nos personagens de Calvino como exortação a uma tomada de consciência e de decisões, requerida pelo exercício da liberdade. As escolhas da vida são também irreversíveis.

CATÁSTROFE, CAOS E IMAGINÁRIO

Assim como a literatura, o cinema também explora a “imaginação dos possíveis”. O cinema de catástrofe⁵ já mostrou nossa humanidade (e no nosso planeta) destruído por guerras (tribais, sazonais e interestelares), bombas, monstros, cataclismos diversos como invernos polares, vulcões, meteoros, desastres naturais e provocados. O cinema mostra espetacularmente multidões devastadas em segundos, cidades arrasadas num passe de mágica e continentes que se partem ao meio. O que significa essa constante retomada do tema pela ficção e pelos documentários especulativos do Discovery Channel? Os noticiários da TV tornam-se urubus que sobrevoam a miséria, atentados terroristas, bugs, mudanças climáticas, o 21.12.2012, enfim, onde está a catástrofe, ali estarão os média. Por que investimos tantos olhares nesta direção? Como continuar a encarar os neo-messianismos⁶ e os neo-sebastianismos⁷ da nossa época que não param de insistir e alertar que o fim está próximo ou que o Homem “irá voltar”?

⁴ Tito Lucrecio Caro (99 a. C.). Poeta e filósofo, viveu 44 anos. Em *De rerum natura* Lucrecio apresenta a teoria de que a luz visível seria composta de pequenas partículas.

⁵ Chamamos “cinema de catástrofe” ao conjunto de filmes produzidos com o tema do fim da humanidade (ou de parte dela) ou do planeta terra.

⁶ Crença do retorno de um enviado divino. Palavra que deriva de Messias (*mashiah* em hebraico, *christós* em grego). Termo utilizado para caracterizar movimentos ou atitudes movidas pelo afeto de “escolha” ou de “eleição”.

⁷ Movimento místico-secular ocorrido em Portugal na segunda metade do século XVI. Com o desaparecimento do rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578 e, por falta de herdeiros, o trono português terminou nas mãos do rei Filipe II da casa de Habsburgo. O sebastianismo é uma forma de messianismo adaptado às condições lusas e à cultura nordestina do Brasil. Significa inconformidade com a situação política vigente e expectativa de salvação, ainda que miraculosa.

A palavra “catástrofe” vem do grego e significa, literalmente, “virada para baixo” (kata + strophé). Outra tradução possível é “desabamento”, ou “desastre”; ou mesmo no hebraico *shoah*, especialmente apto no contexto. A catástrofe é por definição um evento que provoca um trauma, outra palavra grega que quer dizer “ferimento”. “Trauma” deriva de uma raiz indo-europeia com dois sentidos: “friccionar, triturar, perfurar”; mas também “suplantar”, “passar através”. Nesta contradição – uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas simples de narrativa. (Nestrovski & Seligman-Silva, 2000, p. 8)

Podemos, então, dizer que o imaginário dos atores sociais, assim como o cinema de catástrofe, comporta/guarda/realimenta a imagem arquetípica da ferida e do ferimento, guarda a “virada para baixo” e o “trauma”. A ferida trágica não pode ser definitivamente curada. Ela está em nossa memória arcaica e, de tempos em tempos, ressurgue. Filmes sobre o holocausto dominaram o imaginário cinematográfico de destruição do século XX para lembrar que um sangue ruim correu pelas veias do século. O cinema – agente de nossa memória arcaica – reviveu e encenou dores das quais não conseguimos livrar-nos enquanto sociedade.

O cinema e a literatura mostraram-nos também a vida psíquica: a subjetividade e os afetos. Inclusive, a história de muitos artistas é uma história de loucuras, tragédias, sofrimentos, tormentos e desesperos, portanto, temas da catástrofe íntima. O cinema e a literatura, neste sentido, são dois infinitos subjetivos. Não cessam de contar parábolas sobre o passado e o futuro. Trata-se de uma antiga pedagogia do presente: a narrativa como reatualização do essencial. A arte mostra-nos que a catástrofe transita da esfera cósmica para a da interioridade humana, como se o caos estivesse continuamente a renovar-se. A catástrofe “está em nosso meio”, diz Platão no *Crítias*. Queremos dizer com isso que o tema reaparece em toda parte, semelhante aos temas cosmológicos. É um tema singular, pessoal, concordando aqui com o que observou Morin:

nosso universo é catastrófico desde o início. Desde a deflagração formidável que o fez nascer, ele é dominado pelas forças de deslocamentos, de desintegrações, de colisões, de explosões e de destruição. É constituído no e pelo genocídio da antimatéria pela matéria, e sua aventura aterradora prossegue nas devastações, nos massacres e nas dilapidações singulares. A saída é impiedosa. Tudo morrerá. (Morin, 1997, p. 271)

Em 2011, Lars Von Trier lançou o filme *Melancholia* e vimos novamente o “fim dos tempos”. O filme retrata duas irmãs (uma noiva, Justine – Kirsten Dunst) e outra já mãe, Claire (Charlotte Gainsbourg), com o seu marido John (Kiefer Sutherland), nas suas relações familiares e interpessoais e na sua dimensão mental. Passa-se em dois momentos, o primeiro, antes de se saber que o Mundo vai acabar, no casamento falhado de Justine,

que é aí o centro das atenções; o segundo, quando o Apocalipse terrestre já é quase uma certeza e é dado destaque, acima de tudo, ao “desmoronar” do mundo pessoal de Claire. Von Trier opta por iniciar o filme precisamente com o momento em que a Terra embate, sendo destruída, com Melancolia, planeta imaginário. Explicou à imprensa que o fez precisamente porque queria deslocar a atenção do espectador do acontecimento em si para o cenário humano subjacente. Justine (o nome da noiva) é uma referência à “Justine”, do Marquês de Sade; a música do filme é essencialmente “Tristão e Isolda”, de Richard Wagner.

Vimos ali o planeta Terra a ser atingido por outro planeta, chamado Melancolia. No filme, o ceticismo da ciência e dos média são evidentes, visão não compartilhada pelas mulheres e os cavalos que, na sua intimidade com o cosmos, conseguem perceber o que está por vir. Ali, semelhante ao romance de Italo Calvino, a catástrofe acontece tanto na ordem cosmológica, como na ordem pessoal. No filme vemos Justine (Kirsten Dunsy) encarar a câmara com olhar de tristeza enquanto pássaros mortos caem a sua volta; Claire (Charlotte Gainsbourg) carrega o filho com dificuldade através de um campo de golfe. Kirsten, vestida de noiva, aparece amarrada a fios de lã e, depois, a ser levada pela correnteza; um cavalo cai em silêncio. Tudo rui.

O cinema está impregnado de *pathos* do fim. O tema do holocausto, por exemplo, é uma constante na cinematografia mundial. Alguns ditadores também ficaram fascinados por imagens cinematográficas. Adolf Hitler foi um deles. Hans Jurgen Syberberg conta-nos em *Hitler, um filme da Alemanha* (1978), que, até iniciar a guerra, o *Führer* assistia a vários filmes todos os dias. Depois o início da guerra, só atualidades filmadas na frente de batalha. Ficamos a saber que cada regimento do exército alemão tinha uma companhia de propaganda, cuja função era cinematográfica. Esta ação permitia que factos ocorridos no front se transformassem em documentários jornalísticos. Num discurso de Joseph Goebbels, no fim da guerra, ouvimo-lo dizer: “senhores, em cem anos mostrarão o filme que descreverá os espantosos dias que vivemos atualmente. Não querem representar um papel neste filme? Cada um tem a oportunidade de escolher o seu papel” (Nap, 1977, s.p.).

Hans Syberberg mostra-nos que a Alemanha perdeu a guerra, mas Hitler triunfou, ou seja, conseguiu impregnar ou imprimir a sua lógica diabólica ao século, fazendo da política arte para as massas. Ele viu na destruição uma obra de arte total: “Hitler o mais pretensioso dos cineastas. É preciso vê-lo como um cineasta”, diz Peter Pal Pelbart (2000, p. 178). Segundo Pelbart, *Hitler, um filme da Alemanha*, não é um documentário sobre uma catástrofe, mas sobre como a catástrofe se produziu como filme, a catástrofe como *mise-en-scène*, como megaprodução política cinematográfica do III Reich.

Os filmes *Melancolia* e *Hitler, um filme da Alemanha* retomam o fio temático da catástrofe no nosso tempo pela via cinematográfica, atualizando a memória arcaica sobre a catástrofe. Assim como a arte, a ciência e a filosofia também atualizam a nossa memória arcaica, como vemos em propostas como a Teoria do Caos ou a Teoria da Catástrofe, de René Thom (1983), a Teoria da Complexidade de Edgar Morin (1987), além da teoria dos média de Vilém Flusser. Cabe destacar que este último, em *Vampyroteuthis infernalis*

(2011), designou como “as três catástrofes” o processo de hominização, de civilização e o dos “furacões da mídia” (apesar de dizer que este terceiro momento está ainda sem nome), ele refere-se obviamente ao campo da informação, da imprensa, da publicidade, do cinema, enfim, das trocas “velozes e furiosas” dos sistemas mediático-culturais.

A primeira catástrofe foi a hominização, a descida das árvores, o tornar-se bípede e ereto, o deslocar-se nômade pela terra. A segunda catástrofe foi a civilizacional, a criação de aldeias e cidades, em torno das quais os homens foram domesticados e passaram a cultivar vegetais e criar galinhas. Em latim, os verbos *sedere* (sentar) e *possedere* (possuir) são irmãos e mostram claramente a proximidade semântica entre sentar e possuir. Dez mil anos depois dos primeiros assentamentos surge a escrita e os sistemas lógicos dela advindos. Vivemos agora o advento da terceira grande catástrofe, que nos obriga a navegar, surfar, perambular, viajar, enfim, dar o fora, pelas redes virtuais, pelas paisagens sintéticas, pelos cenários e ambientes retangulares, enfim, pelas imagens visuais e sonoras dos média.

O imaginário da catástrofe remete-nos para dois imaginários opostos e complementares: do finito e do infinito. Sobre o imaginário do finito encontramos algumas ideias-imagens agrupadas nas representações de entropia, de morte, de desaparecimento, de cemitério, de sepultura, de abismo, de crepúsculo e de imanência absoluta. No imaginário do infinito temos outras imagens: o ∞ (lemniscata⁸), que é o Ouroboros⁹ duplicado (O + O), a cobra que come o próprio rabo, representação do movimento contínuo e perpétuo, a imagem da liberdade, dos espaços abertos, a impossibilidade de registo como os grãos de areia, as folhas e das estrelas. Esses imaginários (finito e infinito) opõem-se e complementam-se revelando-nos, por sua vez, os dois sentidos da catástrofe: o negativo, de entropia, fim, término; e o positivo, de suplantação, criação e recriação indeterminadas.

Não queremos que o fim esteja próximo, padecemos da agonia das conclusões. Aquilo que os terapeutas chamam “síndrome da procrastinação”¹⁰. O que Netrovski e Seligman-Silva denominaram “paradoxo da catástrofe” anuncia a presença do trauma, o eco da dor e da ferida, mas também a ultrapassagem e sua transcendência. Este paradoxo revela a nossa imensa capacidade de recomeçar do zero. Observamos uma relação de proximidade entre as noções de caos e de catástrofe. A palavra Caos deriva de *Káos*, *Khraíen*, quer dizer abrir, entreabrir: “significa abismo insondável, conceito acompanhado por uma esfera sîgnica que o personifica como vazio primordial, anterior à criação, enfim, como *rudis indigestaques moles* – massa informe e confusa – capaz de conter a semente de todas as coisas (Naves citado em Castro, Galeno & Silva, 2003, p. 82).

⁸ Do latim *Lemniscus*: faixa suspensa. Curva que tem curva a forma similar ao numeral 8 e o símbolo de infinito. A razão dessa curva geométrica assumir tal significado é em função da sua linha contínua.

⁹ *Ouroboros* (ou *oroboro* ou ainda *uróboro*) é um símbolo representado por uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. O nome vem do grego antigo: οὐρά (*oura*) significa “cauda” e βόρος (*boros*), que significa “devora”. Assim, a palavra designa “aquele que devora a própria cauda”. Sua representação simboliza a eternidade. Está relacionado com a alquimia e é, por vezes, representado como dois animais míticos, mordendo o rabo um do outro. É possível que o símbolo matemático do infinito (∞) tenha tido sua origem a partir da imagem de dois ouroboros, lado a lado.

¹⁰ Refere-se à incapacidade de concluir. Atitude sistemática de “deixar para depois” mesmo que essas tarefas se tornem urgentes e inadiáveis.

O caos (assim como a catástrofe) tira o fundamento, substituindo-o. A catástrofe traz a incerteza e a “virada para baixo”. A nossa civilização parece sofrer do que Peter Sloterdijk (2012) chamou “complexo de catastrofília”. Significa um sintoma psicopolítico de sufocamento da atmosfera social que carrega o nosso tempo até o insuportável com tensões esquizoides e ambivalências. Passamos a encarar a realidade como paranoica, como perturbação coletiva do sentimento vital, pela qual as energias da vida se deslocam para a simpatia do que é catastrófico, apocalíptico e dotado de violência espetacular.

A literatura, o cinema, as artes e os média, como um todo, mostram-nos que estamos submetidos a tempestades afetivas, informacionais e de consciência que se apoderam do grande público, via explosões de alegria, de violência e, às vezes – como no Brasil em épocas de Copa do Mundo – de emoção nacional; em outros momentos, o grande público apodera-se do prazer e da angústia, da embriaguez de destino e da felicidade religiosa. As ideias de felicidade e sucesso são formas de fugir do fracasso. O “complexo de catastrofília” corrobora o *pathos* do fim, essa incapacidade de concluir ou atitude sistemática de “deixar para depois” mesmo que essas tarefas se tornem urgentes e inadiáveis.

O volume da informação dos média impõe-se como uma forma de consciência que aprende a escolher o escândalo como modo de vida e a catástrofe como ruído de fundo, diz Peter Sloterdijk (2012, p. 412). Um exemplo: quando pensamos a questão criminal da maneira como é posta na nossa sociedade, mas também da maneira como é posta no âmbito das artes – literatura, teatro e cinema – deparamo-nos com um excesso de esquemas criminais diversos que nos dá a impressão de esgotamento das fórmulas de imaginar torturas, assassinatos, esquartejamentos, violências várias. Criamos sempre e a cada dia novas formas de tensão; situações de tensão, que não querem mais ser comunicadas e dissolvidas, mas sim, lançadas pelos ares: “a tendência aponta para caminhos brutais de saída de tensão – para uma inclinação a arrebentar, ao massacre, à explosão, à catástrofe” (p. 410). O trágico deslocou-se para o mundo do jornalismo, não deixando totalmente o campo artístico, como observamos nas reencenações das tragédias gregas e no cinema de catástrofe.

O FIM QUE É RECOMEÇO: CONCLUSÃO

O nosso objetivo neste artigo consistiu em perceber como a noção de tempo na literatura e no cinema pode aproximar-se daquela da física e ambas subsidiarem um modo perceptivo/estético próprio de mediação com o mundo como caos e ordem. Vimos como a noção de tempo é mediadora da compreensão da realidade espaço/tempo, seja do ponto de vista científico (físico), seja do ponto de vista artístico (ficcional). A “imaginação dos possíveis” de Calvino descrita por Prigogine revela um traço fundante de abertura conceitual e de exercício da transdisciplinaridade. É, portanto, um traço da inteligência humana. A imaginação de Italo Calvino desenhou uma narrativa em que espaço e tempo se diluem de modo anamórfico, dinâmico, flutuante e auto-organizado.

A forma do tempo aproxima-se da própria forma de Qfwfq, muda continuamente, ora avançando em complexidade, ora não. Estas narrativas, escritas ao longo dos anos 1970, contêm uma imagem-ideia de comunicação e de média que acompanha essa flutuação, dinâmica, movimento e incerteza. Neste sentido, cabe aos média, qualquer que seja, abrigar em sua lógica o processo ruidoso (“bruit”), caótico ou catastrófico, não como ruído que produz apenas a desordem, mas também, necessariamente, como uma nova organização só possível de ser alcançada devido à capacidade de mediação (ou de “interação”) do sistema.

A título de conclusão, defendemos a ideia de que a rememoração da catástrofe é uma constante na arte, no cinema e na cultura porque é um tema íntimo obsessivo. Padecemos do medo do fim. O espírito da morte parece assombrar apenas os que não foram marcados definitivamente pela cicatriz da finitude. A finitude é, portanto, questão de transcendência. Guardamos a memória daquilo a que Edgar Morin chamou “Destino doloroso” (2013). A vida consciente é frágil e minoritária no imenso universo; ela guarda a informação e a lembrança remota dessa fragilidade.

Para Edgar Morin observamos catástrofes em cadeia, na economia, na degradação da biosfera, na multiplicação das armas de destruição, nas convulsões etno-religiosas. Não vivemos uma só catástrofe, mas um conjunto de movimentos com tendências para o desequilíbrio e a instabilidade. Entendemos que o imaginário da catástrofe, pensado a partir da literatura, do cinema, das artes e da comunicação, é um infinito emocional à parte. Italo Calvino mostrou-nos a resiliência, a capacidade de adaptabilidade e de resistência humana diante do tempo e do caos.

A nossa segunda conclusão é a de que o tema da catástrofe supre um pouco o afeto de horror da humanidade atual. É um imaginário que precisa de ser constantemente reatualizado, revisitado, reexplorado para nos comover em direção à necessidade de renascimentos.

A terceira conclusão é a de que o imaginário da catástrofe não é recente, não é individual, não é nacional. É coletivo, transcultural e, em certo sentido, afetivo-poético e mágico. A catástrofe produz uma cadeia de afetos que vai do terror à piedade. Existe nela uma instabilidade permanente e atuante. Dia e noite, atua um princípio de convulsão e harmonia entre as leis universais e os casos particulares, entre os deuses e os homens, entre as formas da natureza e as da cultura, os objetos do mundo e os seres pensantes. A importância desta instabilidade está no fato de que ela parece ser o motor das ações. Sabemos que a catástrofe real não é quando há movimento, mas ao contrário, quando tudo fica estagnado, sem criatividade, sem sentido, sem fundo. A capacidade humana de imaginar e fazer o pior não tem limites. Mas também o contrário. Fugir do caos em direção a uma “ordem de cristal”, a *Eros* ou ao amor de Vug é uma forma de realizar a beleza. ✍

REFERÊNCIAS

Atlan, H. (1992). *Entre o cristal e a fumaça. Ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Baitello Jr, N. (2012). *Pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.
- Calvino, I. (1992). *As cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (1995). *Novas cosmicômicas*. Lisboa: Teorema.
- Flusser, V. (2011). *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume.
- Castro, G., Galeno, A. & Silva, J. (2003). *Complexidade à flor da pele*. São Paulo: Cortez.
- Garde, P. (Produtor) & Von Trier, L. (Realizador). (2011). *Melancholia* [Filme]. Alemanha/Dinamarca/França/Suécia.
- Maza, A. J. P. (2015). O poder expressivo da teoria dos mundos possíveis nos videogames: quando as narrações se convertem em espaços interactivos e fictícios. *Comunicação e Sociedade*, 27, 273-277. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.27\(2015\).2101](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.27(2015).2101)
- Morin, E. (1987). *O Método I – A natureza da natureza*. Lisboa: Europa América.
- Morin, E. (1997). *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2013). *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina.
- Nap, H. (Produtor) & Syberberg, H. (Realizador). (1977). *Hitler – Um filme da Alemanha* [Filme]. BBC Londres.
- Naves, D. (2003). Caos, filosofia e ciência. In G. Castro, J. Silva & A. Galeno, *Complexidade à flor da pele* (pp. 81-94). São Paulo: Cortez.
- Nestrovski, A. & Seligman-Silva, M. (2000). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta.
- Pelbart, P. P. (2000). Cinema e holocausto. In A. Nestrovski & M. Seligman-Silva, *Catástrofe e representação* (pp. 171-183). São Paulo: Escuta.
- Pessis-Pasternak, G. (1993). *Do caos à inteligência artificial*. São Paulo: Unesp.
- Platão (2010). *Timeu – Crítias*. São Paulo: Annablume.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas*. São Paulo: Unesp.
- Prigogine, I. (1993). Ilya Prigogine: o arquiteto das 'estruturas dissipativas'. In G. Pessis-Pasternak, *Do caos à inteligência artificial* (pp. 35-50). São Paulo: Unesp.
- Prigogine, I. & Morin, E. (1998). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1997). *A nova aliança. Metamorfose da ciência*. Brasília: UnB.
- Romano, V. (1993). *Desrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación*. Barcelona: Teide.
- Sloterdijk, P. (2012). *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Thom, R. (1983). *Paraboles et catastrophes*. Paris: Flammarion.
- Weaver, W. (1948). Science and complexity. *American Scientist*, 36, 536-544.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Gustavo Castro é poeta, escritor e jornalista. Estágio sênior (2015) em Estudos Ibéricos e Latino-americanos pela Universidade de Sorbonne - Paris IV (Bolsa Capes); Pós-doutorado (2011) em Teoria Literária pela Universidade de Brasília (UnB); Doutorado (2002) em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com tese sobre o escritor Italo Calvino (Bolsa Capes). Mestrado em Educação (Bolsa CNPq em Tecnologia Educacional) pela UFRN (1997). Pesquisador voluntário no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Estuda o imaginário na perspectiva do pensamento complexo. Membro do eixo temático Études Lusophones (EL), do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le Monde Ibériques Contemporains (Crimic/Sorbonne). Coordena o Grupo Siruiz - Estudo em Comunicação e Produção Literária (<http://siruiz.com/>), na Universidade de Brasília, onde é professor de Estética na Faculdade de Comunicação. Dedicar-se na atualidade ao projeto “Perfil biográfico de João Guimarães Rosa (1908-67)”. É autor de “O Enigma Ordes” (Ed. Hedra, 2015), sobre a poeta Ordes Fontela (1940-1998), entre outros.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Email: gustavodecastro@unb.br

Morada: QNL 07 Conjunto J, Casa 7, Taguatinga Norte, Brasília – DF / 72150-710

Florence Dravet é professora de Estética na Universidade Católica de Brasília. É doutora em Didactologia das Línguas e Culturas, com tese em Comunicação Intercultural, na Universidade de Paris III – Sorbonne-Nouvelle (2002). Fez pós-doutorado em Comunicação, pela Universidade de Brasília, (2011). Atual coordenadora do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Membro do corpo editorial da revista Esferas e da revista Comunicologia. Orienta pesquisas de graduação, iniciação científica e mestrado. Estuda os fenômenos da sensibilidade, do imaginário, do feminino, do corpo e do poético, as tradições afrobrasileiras e a transculturalidade. Coordena o grupo de estudos em Comunicação, linguagem e Poesia do CNPq. É co-organizadora dos livros “Sob o céu da cultura” (Brasília, Thesaurus, Casa das Musas, 2008) e “Saberes da comunicação” (Brasília, Casa das Musas, 2010). É autora dos livros: “Crítica da razão metafórica – mito, magia e poesia na cultura contemporânea” (Brasília, Casa das Musas, 2014) e “Comunicação e Poesia” (Brasília, UnB, 2014) além de vários livros de poesia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

Email: flormd@gmail.com

Morada: Avenida Jacarandá, Lote 22, Apto. 1011, Águas Claras, Brasília – DF / 71927-540

* **Submetido: 02/08/2018**

* **Aceite: 19/11/2018**

TIME AND CHAOS: THE “IMAGINATION OF POSSIBILITIES” AND THE MEDIA

Gustavo Castro & Florence Dravet

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the notion of time and its relation to the media based on the complex thinking paradigm and the transdisciplinary perspective. Departing from reflections about literary and cinematographic narratives, our objective is to examine how the notion of time mediates the concept of comprehension of space/time as well as of the aesthetic perception of the world between order and chaos. We relied on the dialogue between science and narrative and on modern physics for concepts of time, order and chaos. Our conclusions point to three ideas: 1) the constant remembrance of catastrophe is an obsessive intimate theme which presents itself through an artistic and mediatic narrative; 2) the expression of catastrophic obsession partially satisfies the current humanity's affection for horror and 3) the imaginary of catastrophe traverses time and space, being transdisciplinary.

KEYWORDS

Catastrophe; communication; Ilya Prigogine; imaginary; Italo Calvino; time

TEMPO E CAOS: A “IMAGINAÇÃO DOS POSSÍVEIS” E OS MÉDIA

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a noção de tempo e suas relações com os média, a partir dos estudos da complexidade e numa perspectiva transdisciplinar. Iniciando com reflexões sobre narrativas literárias e cinematográficas, o nosso objetivo é perceber como a noção de tempo é mediadora da compreensão da realidade espaço/tempo e da percepção estética do mundo entre ordem e caos. Recorremos ao diálogo entre ciência e narrativa e ao pensamento da física moderna sobre os conceitos de tempo, ordem e caos. As nossas conclusões apontam para três ideias: 1) a constante lembrança da catástrofe é um tema íntimo obsessivo que se apresenta através da narrativa artística e mediática; 2) a expressão da obsessão catastrófica vem suprir parcialmente o afeto pelo horror da humanidade atual e 3) o imaginário da catástrofe atravessa tempo e espaço e é transdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE

Catástrofe; comunicação; Ilya Prigogine; imaginário; Italo Calvino; tempo

INTRODUCTION

The relation between time, media and chaos integrated a research program developed inside the so-called studies of complexity, starting from the development of ideas of “order from noise” (“ordre à partir du bruit”) defended by Henri Atlan (1992), and of “complexity of disorder”, mentioned for the first time in 1948, by Warren Weaver, in the famous article “Science and complexity”. The concept of media became important in the studies of complexity due to the perception of the “huge amount of interactions and interferences among a large number of units that defied our possibilities of calculation” (Pessis-Pasternak, 1993, p. 14).

Norbert Wiener and Ross Ashby, founders of the cybernetics, worked to promote the notion of complexity. John von Neuman ended up revealing the links which bonded phenomena of auto-organization to those of interactions. Based on the perception of these links Edgar Morin (1987) proposed a tetragram (order/disorder/interaction/auto-organization) as a conceptual articulation that permits conceiving communication as dialogic, regulated first by uncertainty, with a permanent tendency to chaos and disorder, close to what Prigogine designated as flotation, a “mechanism of irreversibility: once established, it differs from what it previously was” (Prigogine quoted in Pessis-Pasternak, 1993, p. 43).

In this article, we intend to discuss the notion of time, based on its closeness to catastrophe, as well as the notion of media, departing from its relation to literature.

The theoretical-methodologic approach used springs from the premise that the narratives, imaginaries, poems, romances and tales are discourses engendered in our daily life, as well as in the various media which involve us, from the primary (the ones of present time and body), going through the secondary (those in which the sender uses a technical apparatus to send messages, elongating perception of time), to the tertiary (in which the sender and receiver need technical apparatus and can exchange messages without being simultaneously present, shortening time and making communication faster) (Romano 1993). Our presentation method and exploration of the material will be descriptive, interpretative and critical, and we intend to prioritize the analysis of time, relating it to the notion of chaos and catastrophe in the narratives of *Cosmicomics* (1992) and *T Zero* (1995), by Italo Calvino, in the movie *Melancholia*, directed by Lars Von Trier (2011), and also in the interpretations by the physicist and Nobel Chemistry Prize winner Ilya Prigogine¹. Our objective is to show how the notion of time in literature may mediate our comprehension of the reality of space/time and of the world, collaborating with the transdisciplinary research program in the studies of complexity.

From the epistemological point of view as well as from the methodological view, the studies of complexity and this article seek to establish a dialogue between science and art, understanding them both as a transdisciplinarity field itself. It is our understanding that literature and cinema always embody models of society, if not the ones we aspire,

¹ (1917-2003). Russian physicist-chemist with Belgian citizenship, specialist in non-equilibrium thermodynamics. Nobel Chemistry Prize winner (1977) for his contribution to the study of non-equilibrium thermodynamics and theory of dissipative structures. Was the founder and first director (1967) of the Ilya Prigogine Center of Studies in Statistical Mechanics, Thermodynamics and Complex Systems, University of Texas, Austin.

at least the ones we have and construct. They gather in themselves the multiplicity of knowledges, the ethical search and the aesthetic cosmovision of life. Science and art are intercommunicating knowledges, two ways of observing the world, opponent forces that may form a complementarity or the same unit of knowledge. They can't go on artificially separated, but must, beforehand, reintroduce man into the complexity of the world. If, on the one hand, scientific knowledge feeds doubt and creates hierarchies by raising fundamental questions, on the other, artistic knowledge illuminates and brightens reality, placing or returning man to his vital context. The need to make science and art communicate comes from the recognition that both are knowledge systems relevant to society. While science deals with combined and systematic efforts to raise experience and develop appropriate concepts for its comprehension, art presents us with individual efforts, more intuitive, to evoke feelings which reminds us of the entirety of the human situation.

THE ORDER OF TIME ACCORDING TO ILYA PRIGOGINE AND ITALO CALVINO

The human capacity to imagine the worse has no limits. We know that the theme of catastrophe is not new. It is, in fact, as ancient as fear itself. It is possible to find the subject in, at least, two dialogues by Plato, in *Timaeus* and in *Critias* (written circa 360 B.C.). In *Critias* we found the following account: It is said that an ancestor of his grandfather, who had visited Egypt and talked to the elders, masters of ancient memories, used to say that catastrophe was something deriving the cosmos and, therefore, was also among men. It was a phenomenon which occurred from time to time. Initially, Plato says, it was believed that catastrophe was a myth, but it

means the decline of bodies which move around the Earth and in the heavens; a recurrent conflagration, which occurs at long time intervals; when this happens, those who live in mountains and other dry places are more likely to suffer destruction than those who live next to rivers, lakes and sea. However, on the other hand, when the gods purge the earth by water [and not by fire, like Faetonte], then the shepherds, the mountain dwellers, are the survivors and those who perish are the ones who live in cities, next to rivers and fountains, on the coast; they are taken by floods, submerge in the ocean. (...) While you [Greeks] and other nations maintain scriptures and only these registries that are interest of the state, at the present moment, you ignore that pestilence [catastrophe] may be coming from the heavens to decimate everyone and leave only those that are devoid of letters and education and, thus, you will have to start all over again, like children, with no knowledge of what has happened in ancient times, among us [Egyptians] and you yourselves [Greeks]. (Plato, 2010, p. 88)

In this quote, we note that "catastrophe" is not treated as an invention, but as something which "occurs at long time intervals". It appears as a reality lived by the ancient people, which reveals itself, at times, as fire or as water. These events serve so that

the Earth and humanity may “start over again like children”. The events described in this fragment by Plato feed, for at least more than two millennia – through philosophical means – the image-idea of catastrophe. They feed the *pathos* of the end present in all of us, that is, the affection for entropy, the sensation of misfortune, sometimes the passion for the fall.

According to Ilya Prigogine (1996), the “imagination of possibilities” and the speculation about what is to come are founding traces of human intelligence. Antonio Maza considers the same in his article about “The expressive power of the possible worlds theory in videogames” (2015) when he assumes that the theory of possible worlds is present in the literary and narrative context in various authors and in various manners: in objective reality with texts which are historical or journalistic, in texts of credible fiction, in unbelievable fictional worlds and in the multiple interpretations of current worlds.

While the Egyptians and Greeks imagined destruction by water and by fire, the imaginary of Italo Calvino depicted a narrative in which space and time are diluted and crumble at every moment and everywhere. The hero of *The cosmicomics*² is Qfwfq, anamorphic, continuously changing his form, at times advanced in complexity and at others not. This romance, written in the 1970’s, contains an image-idea of catastrophe, of order and disorder, which is worth analyzing.

Things last while the sun lasts, so says the hero-narrator. People are smoothed and brushed by the winds of time, because time is nothing but a bet: there is the short and long-term time. The events simmer with multiplicity and density. The anamorphic character Qfwfq knows immortality, he is beyond time under the forms of metamorphosis: he was, throughout 50 million years, a sequence of various dinosaurs; experimented with forms such as the tadpole, the atom, the horse, the elder; he knew Justinian’s empire, saw the silkworm being taken from China to Constantinople, among other adventures. Other characters, such as his brother Rwfzs, did not want to try different forms, remaining nickel for his entire life. Mr. Hnw, in turn, went through existence wishing to become a horse. Qfwfq considers the platypus, the giraffe, the crocodile and the dinosaur sublime. “World memory”, title of the first part of *The new cosmicomics* [T Zero in other translations], describes stories interspersed with cosmological, philosophical and existential reflections:

we asked what was the destiny of the universe, and the oracles of thermodynamics answered: all existing forms will dissolve in a flame; there is no presence which can be saved from disorder without returning to corpuscles; time is a perpetual and irreversible catastrophe. (Calvino, 1995, p. 127)

Catastrophe appears as a reason for the need to appreciate the order. To find balance in the universe, in a form which appears formless, is not an easy task. Qfwfq prefers to risk himself in the geometry of crystals, love affairs, games and spirals. The priority of order must be given to the love model, that which contains Eros in its structure. The

² Italo Calvino also published the continuation of Qfwfq’s adventures in *The new cosmicomics* (1995) which we will refer to here.

order sought must be that in which regularity and tension contrapose and juxtapose themselves to maintain balance. We observe cubes, octahedrons, prisms and diaphanous figures. The order is like that of crystals, which are sculpted by time and lapidated by characteristics of vigor, impetus and tension.

The notion of an order by tension shows up when Qfwfq declares his love to Vug, a character who is a crystal. The crystal, to Qfwfq, is the image of perfection or the dream of material perfection; the reflected order (sculpted) in a mineral image. The contemplation of order makes Qfwfq admit that, sooner or later, the dream of perfection hampers and may also turn into smoke, unmaking itself "in a frayed patch of disaggregation" (Calvino, 1995, p. 44). That is when catastrophe appears. Everything crumbles. In face of the scenery of catastrophe, Qfwfq chooses, preferentially, order, for it fosters the feelings of fear and happiness. Happiness comes from the discovery that the substances are teleological. They seek perfection, particularly, an effective, useful and beautiful form. Fear, for perceiving in the variety of orders the growing scales of disorder. Scales which, sooner or later, will compromise the happiness of search.

Vug, the crystal woman, is the image-reflection of the world, with billions of sides and angles, according to Qfwfq. It is a solid destined to amplify itself in perspectives, transparencies, levels and sides. With order there may be no hoaxes, he says, one can't try to escape the drama of time or become obsessed with the idea of a perfect order. Qfwfq learns, bit by bit, the lessons of the crystal. Vug teaches him: "admitting that the true order is that which brings in itself the impurity, the destruction" (Calvino, 1995, p. 49).

In the tale "The crystals", Qfwfq narrates the remote times when he dated Vug and bought a watch. He intended to compare the movement of the hands to the movement of seasons, moons, cycles of life and death. To follow time orienting himself by the watch hands was important to keep himself in the game of the world and of men, where things are scheduled: take the train, get out at the correct station, get to work on time, regularly organize day to day life, meet appointments, are all kinds of chronometric time. But those hands may elude us about what time is. The hands indicate an error, Qfwfq observes, which feigns an order in dust, a regularity in the system, because all order, whichever it is, soon disintegrates. The watch helps to simulate an order and regularity where there is neither one thing or the other. With or without a watch, the order of time is crumbling. This is not shown by the hands of the watch. It is necessary to escape (he confesses in the story: "The implosion") that "which is running from the catastrophe of time". He recognizes: "all the path of time is directed towards a disaster in a direction or contrary direction, and its intersections do not form a net of lines regulated by trades and deviations, but in a plot, an entanglement" (Calvino, 1995, p. 129-130).

Time tells a story which is only possible to be perceived and unveiled if we register it by means of narration. We note, over its trajectory, that this same narration is weathered to the point where it must change constantly, to maintain its internal correlations and go on, or find an ending. Qfwfq particularly dedicates himself to the understanding of order through chaos. When associating order and Eros, he manages to approximate, at first glance, contradictory terms. We follow the misconception, he says, which associates

Eros to disorder. The reason for this mistake lies in the fact that only in the dynamics propitiated by Eros is that order can be loved. The association between Eros and order hides the ambition for perfection and symmetry between divergent elements. The order appears entangled, simultaneously, by Eros and disorder. Eros, in its turn, is simultaneously order and chaos. The purity (of the crystal and of order) only is possible due to faults, ruptures and impurities. Only the dynamics of Eros (or the love for Vug) could have revealed this: the order-chaos pair is what makes us understand how it works, reorganizes and lapidates itself in a system such as the crystal. Even the purity of the crystal won't show the stain, the fault and the corrosion time exerts upon it. To continue to maintain the impetus of vigor, matter must operate in catastrophe and in degradation, what, in Qfwfq's view, is the same as lapidation. To trim rough edges means to polish form. The watch cannot time the plot of time nor the lapidation of the crystal. The time of the watch is not sharpened by the time of the crystal. Moreover, the watch may fall, break, rust or simply stop functioning. Qfwfq convinces himself that irregularities are a part of:

a regular structure a lot vaster, in which each asymmetry we thought we observed corresponded, in reality, to a network of symmetries so complicated that we couldn't grasp its existence, trying to calculate how many billions dihedral sides and angles this labyrinthian crystal must have. (Calvino, 1995, p. 49)

This notion of time described by Italo Calvino caught the attention of Ilya Prigogine, for whom the collection of narratives of *The cosmicomics* reminded him of the Arab tales in which each story connects to other stories. "The story of matter connects to the cosmological story, to the story of life in the story of matter. And, finally, in our own lives which are immersed in the stories of society" (Prigogine, 1996, p. 192). The author mentioned the book as an example of the "imagination of possibilities":

Italo Calvino wrote a delectable collection of Cosmicomics novels in which he imagined beings which live in a precocious stage of the universe. They come together and reminisce about the difficult stage in which the universe was so small their bodies filled it completely. The imagination of possibilities, the speculation of what may have been, is one of the fundamental signs of human intelligence. What would be of the history of physics if Newton had been part of this precocious community? He would have observed the birth and death of particles, the mutual annihilation of matter and anti-matter. The universe would have been revealed to him from the very beginning as a system very distant from equilibrium, with its instabilities and bifurcations. (Prigogine, 1996, p. 194)

While thinking with the "oracles of thermodynamics", Qfwfq presents us a universe which is far from balanced. The view of the protagonist, as we have seen, realigned from Vug's position, is that of an "order which brings destruction in itself". When consulting the oracles, interrogating them about the universe, he receives the answer which tells

him that "time is a perpetual and irreversible catastrophe". Prigogine identifies in these space-time notions present in Qfwfq's Community, the bifurcations and imbalances of the universe. The elemental particles insensitive to the actions of time, although acquiring a form, go through the temporal effect of degeneration.

It was Prigogine who first doubted, in the domains of scientific research, the hypothesis that time is an illusion. According to him: "it is Einstein who appears more frequently with the ambition to eliminate time" (Prigogine & Stengers, 1997, p. 210). The negation of time has always been a temptation. "As much for Einstein, the physicist, as for Borges, the poet" (Prigogine, 1996, p. 197). To deny time means to deny one's own reality, considering it an illusion. "Time and reality are inexorably linked. To deny time might seem like a consolation or a triumph of human reason, but it is always a denial of reality". (Prigogine, 1996, p. 197). The conception that "time is an illusion" was incorporated in the fundamental laws of physics and, since then, disallows a distinction between past and future, which play different roles, not symmetric. It was up to the observer, whose role was highlighted by the quantic theory, to be responsible for the rupture of temporal symmetry, as explained by the physicist: "today physics no longer denies time. It recognizes the irreversible time of the evolutions towards equilibrium, the rhythmic time of structures whose pulse is fed by the worlds that cross it" (Prigogine & Stengers 1997, p. 211).

There is more than one's acceptance of time; what occurs is a rediscovery of time, a thought that treats time as a modifying and dialogical element, by excellence, between science, culture and society. We may say that the literature of Marcel Proust, Jorge Luís Borges and Italo Calvino, considering these three masters only, is traversed by the idea of time. Such rediscovery also brought the guarantee that these notions, such as the one of the time-arrow or of catastrophe, possess a fundamental constructive role which provides the image of a universe in constant realization, evolutionary and asymmetric. It also reveals its narrative element, for time is constantly telling a story. This rediscovery is also of fundamental importance to Morin:

to only rehabilitate time is not enough; the new universe, when born, made us discover its complexity. Time is one and multiple. It's simultaneously continuous and fragmented, eventual, agitated by ruptures and jolts which break its string and eventually recreate it, in other sites, other strings. This time is, at the same time, the time of derivations and dispersions, the time of morphogenesis and of developments. (Morin 1987, p. 85)

In Prigogine's vision, the history told by the universe and that physics repeatedly seeks to decipher looks like a romance such as that of "One thousand and one nights" (Prigogine & Morin, 1998, p. 232): an intricate chain of plots and internal times which traverses each body, be it a social group or a book. Each one is "constituted by a plurality of times branched in each other following subtle and multiple articulations" (Prigogine & Stengers, 1997, p. 121).

The conclusions of Prigogine's formal researches presented in the books *A nova aliança* [The new alliance] (Prigogine & Stangers, 1997), and *The end of certainty* (Prigogine, 1996), show that the irresolution of the paradox of time persists. "The time in which we

live is essentially irreversible, while in simple physical objects – a pendulum or a planetary system – the arrow of time cannot be seen” (Prigogine quoted in Pessis-Pasternak, 1993, p. 45). According to Prigogine, the awareness of this paradox first appears in the Darwinian theory, since this was the first to mention the evolution of organisms, hence, of irreversibility; then there is the emergence of the second principle of thermodynamics, formulated by Clausius³, in 1865, which deals with entropy in the universe. The two fundamental principles of thermodynamics are: [1] “the energy of the universe is constant” and [2] “the entropy of the universe grows towards a maximum”. Nature shows us, he says, reversible and irreversible processes.

On one hand, there is the time of clocks, of trajectories of classical dynamics, the time of communication. This time is in some way external to us, which we emit and receive signs. It is a time we measure with our clocks, but which is not part of our living bodies. On the other hand, there is the structural time, which I call internal, marked by the irreversible and by fluctuations, next to Bergson’s “invention-time”. (Prigogine quoted in Pessis-Pasternak, 1993, p. 42)

The traditional chronology of the Big Bang theory presupposes the existence of time zero, from which cosmic clocks started to function. It is an event which physicists such as Hubert Reeves and Ilya Prigogine recommend to be seen with caution. This form of measuring time does not consider the possibility of a time before time zero. It is precisely this idea of time zero which feeds the plot of the romances by Italo Calvino. In the story “The crystals”, Qfwfq’s watch does not assure that the order of time be fixed in the scale of the three hands, in the same manner in which, in the story “Dawn”, the character narrates the creation of the universe as an event emerging from a flash of light inside a preexisting space-time. In this aspect, Calvino, through the imaginary, and Prigogine, based on scientific research, are brought close together. “Time precedes existence. It is more natural to suppose that the birth of our universe is an event in the history of the cosmos and that we should, therefore, attribute to this a time that precedes our universe’s own birth” (Prigogine, 1996, p. 169).

History, the living beings and society may no longer be reduced to a notion of a single time. Now the multiplicity of time is considered a creative factor, disruptor of the system; a disturbance which may generate as well as degrade things. Prigogine finds inspiration in the idea of *clinamen*, by Lucretius⁴. It is the disrupting element which announces the “turnabout” of the atoms of the world. This element is a source of instability which announces that the process and duty are constitutive of physical existence. A world in which living beings and apparently inanimate objects such as rocks, plastic and soap

³ Rudolf Clausius (1822-1888) German physicist and mathematician, considered to be one of the founders of thermodynamics. In his most important article, *The mechanical theory of heat*, published in 1850, he exposes, for the first time, the basic ideas of the Second Law of Thermodynamics. In 1865, he introduced the concept of entropy.

⁴ Titus Lucretius Carus (99 a. C.). Poet and philosopher, lived 44 years. In *De rerum natura*, Lucretius introduces the theory that visible light was composed by tiny particles.

interact in a dynamic manner and may be born, die and evolve. The irreversibility of time relates, therefore, to the levels of correlations and coherences of the system and considers its capacity for resisting and auto-organizing through this disturbing tension. The perspective that all things are submitted to small and large catastrophes, that is, to the instabilities of time, appear in Calvino’s characters as an exhortation to an awareness and decision makings required by the exercise of freedom. Life choices are also irreversible.

CATASTROPHE, CHAOS AND THE IMAGINARY

As in literature, cinema also explores the “imagination of possibilities”. The disaster films⁵ have already shown our humanity (and our planet) destroyed by wars (tribal, seasonal, interstellar), bombs, monsters, various cataclysms such as polar winters, volcanoes, meteors, natural and induced disasters. Cinema spectacularly shows crowds of people devastated in seconds, cities destroyed as if by magic and continents being torn in apart. What is the significance of this constant return to this theme by fiction and by speculative documentaries of Discovery Channel? TV news have become vultures which overfly misery, terrorist attacks, bugs, climatic changes, the 12-21-2012 – wherever there is catastrophe the media will be found. Why do we invest so much attention in this direction? How can we continue to look to the neo-messianism⁶ and the neo-sebastianism⁷ of our era which won’t quit insisting that the end is near or the man “will return”?

The word “catastrophe” comes from the Greek language and literally means “turned upside down” (kata + strophé). Another possible translation is “collapse”, or “disaster”; or even in Hebrew *Shoah*, especially fit to the context. Catastrophe is, by definition, an event which provokes a trauma, another Greek word which means “wound”. “Trauma” derives from an Indo-European language and has two meanings: “friction, grind, perforate”; but also “supplant”, “go through”. In this contradiction – something which grinds, perforates, but, at the same time, is what makes us supplant it, revealing, once more, the paradox of catastrophic experience, and for this reason is not easily captured by simple forms of narrative. (Nestrovski & Seligman-Silva, 2000, p. 8)

We may, therefore, say that our imaginary, as with disaster films, behaves/collects/provides feedback to the archetypical image of injury and wound, guards the “upside down” and the “trauma”. The tragic wound may not be cured. It is in our archaic memory

⁵ We call “disaster films” the set of movies produced with the theme of the destruction of humanity (or part of it) or of planet earth.

⁶ Belief in the return of a divine emissary. Word that derives from Messiah (*mashiah* in Hebrew, *christós* in Greek). Term utilized to characterize movements or attitudes moved by the affection of “choice” or “election”.

⁷ Mystical-secular movement which occurred in Portugal in the second half of the 16th century. With the disappearance of the King Philip II from the House of Habsburg. Sebastianism is a form of Messianism adapted to the Portuguese conditions and the Northeastern culture of Brazil. It means divergence with the situation of current politics and the prospect of salvation, even if it is a miraculous one.

and, from time to time, resurfaces. Movies about the Holocaust have dominated the cinematographic imaginary of destruction of the 20th century to remind us that bad blood has flowed through the veins of the century. Cinema – agent of our archaic memory – revived and enacted pains we haven't been able to free ourselves from. Cinema and literature have also shown us our psychic life: the subjectivity and the affections. Moreover, the history of many of our artists is a history of madness, tragedies, sufferings, torments and despairs, therefore, themes of intimate catastrophe. Cinema and literature, in this sense, are two subjective infinities. They do not cease telling parables about the past and the future. It is about an old pedagogy of the present: the narrative as a revitalization of the essential. Art shows us that catastrophe transits from the cosmic sphere to the sphere of human interiority as if chaos were continuously renovating itself. Catastrophe "is in our environment", says Plato in *Critias*. With this we mean that the theme appears everywhere, like the cosmological themes. It is a singular and personal theme, and agrees with what Edgar Morin stated:

our universe is catastrophic from the beginning. From the formidable deflagration which gave birth to it, it is dominated by forces of displacement, disintegration, collision, explosions and of destruction. It is constituted in and by the genocide of antimatter by matter, and its terrifying adventure continues in the devastations, in the massacres and in the singular dilapidations. The exit is ruthless. Everything will die. (1997, p. 271)

In 2011, Lars Von Trier released the movie *Melancholia*, and once again we saw the "end of days". The movie depicts two sisters: a bride, Justine (Kirsten Dunst), and the other who is already a mother, Claire (Charlotte Gainsbourg), with her husband John (Kiefer Sutherland), in their familiar and interpersonal relations and in their mental dimensions. The action of the film takes place in two stages: the first, before the knowledge that the world will end, in Justine's failed marriage, which is the spotlight; the second, when the Apocalypse is almost a certainty, and the spotlight changes to the "collapse" of Claire's personal world. Von Trier opts to start the film precisely the moment Earth clashes, being destroyed, with *Melancholia*, an imaginary planet. He explained to the press that he did this precisely because he wanted to change the focus of the spectators' attention from the event itself to the subjective human scene. Justine (the bride) is a reference to the "Justine" of Marquis de Sade; the soundtrack of the movie is essentially "Tristan and Isolde", by Richard Wagner.

We see planet Earth being hit by another planet, called Melancholia. In the movie, the skepticism by science and media are evident, vision which is not shared by the women and horses who, in their intimacy with the cosmos, are able to see what is to come. There, like in Italo Calvino's romance, the catastrophe happens on the cosmologic level as well as on the personal level. In the movie, we see Justine (Kirsten Dunst) face the camera with sorrow in her eyes while dead birds fall around her; Claire (Charlotte Gainsbourg) carries her son with difficulty across the golf field. Kirsten, dressed as a bride, appears tied to yarn strands and is then carried by the current; a horse silently falls.

Everything crumbles.

Cinema is impregnated by the *pathos* of the end. The Holocaust theme, for example, is a constant in world cinematography. Some dictators were also fascinated by cinematographic images. Adolf Hitler was one of them. Hans Jurgen Syberberg tells us, in the movie *Hitler, a film from Germany* (1978), that, until the war began, the *Führer* watched many movies every day. After the start of the war, only news filmed at the battle fronts. We learn that each regiment of the German army had its own propaganda organization, which had a cinematographic function. This action allowed that facts which occurred at the fronts be transformed into journalistic documentaries. In one of Joseph Goebbels' speeches, at the end of the war, we watch him say: "Sirs, in one hundred years they will show the movie which describes the staggering days we live now. Don't you want a role in this movie? Each one of you has the opportunity to choose your role" (Nap, 1977).

Hans Syberberg shows us that Germany lost the war, but Hitler triumphed, that is, he managed to impregnate or imprint his diabolical logic into this century, making politics an art for the masses. He saw in destruction a complete work of art. "Hitler was one of the most pretentious filmmakers", says Peter Pal Pelbart (2000, p. 178). According to Pelbart, *Hitler, a film from Germany*, is not a documentary about a catastrophe, but about a catastrophe which was produced as a movie, a catastrophe with *mise-en-scène*, like a political cinematographic mega production of the Third Reich.

The films *Melancholia* and *Hitler, a film from Germany* resume the thematic string of catastrophe in our time through cinematography updating the archaic memory of catastrophe. As with art, science and philosophy also update our archaic memory, as we can see in proposals such as the *Theory of Chaos* or the *Theory of Catastrophe* by René Thom (1983), the *Theory of Complexity* by Edgar Morin (1987), in addition to the *Theory of Media* by Vilém Flusser. It is pertinent to note that this last one, in *Vampyroteuthis infernalis* (2011), called "the three catastrophes" the process of humanization, civilization and "media hurricane" (although saying that this third moment is still unnamed), he obviously refers to the field of information, press, advertising, cinema, that is, the 'fast and furious' exchanges of the mediatic-cultural systems. The first catastrophe was humanization, the descent from the trees, the becoming bipeds and erect, the nomad relocations throughout Earth. The second catastrophe was civilizational, the creation of villages and cities, around which the men were domesticated and began to plant vegetables and raise chicken. In Latin, the verbs *sedere* (sit) and *possedere* (possess) are brothers and clearly show proximity between sitting and possessing. Ten thousand years after the first settlements writing emerges and thus the logical systems which spring from it. We now live the advent of the third great catastrophe, which forces us to navigate, surf, wander, travel, ultimately escape through virtual networks, through synthetic landscapes and scenery, rectangular environments and through visual and sound imagery of media.

The imaginary of catastrophe brings us to opposing and complementary imaginaries: from finite to infinite. About the imaginary of the finite we find some image-ideas grouped in the representations of entropy, of death, of disappearance, of the graveyard, of the grave, of the abyss, of the sunset and of absolute immanence. In the imaginary of

the infinite we have other images: the ∞ (lemniscate⁸), which is Ouroboros⁹ duplicated (O + O), the snake that devours its own tail, representation of the continuous and perpetual movement, the image of liberty, of open spaces, of the impossibility of registry of things like the grains of sand, leaves and stars. These imaginaries (finite and infinite) oppose and complement each other and reveal the two meanings of catastrophe: the negative, entropy, end, conclusion; and the positive, supplantation, creation, and undetermined recreations.

We don't want the end to be close, we suffer from the agony of conclusions. That which therapists call the procrastination syndrome¹⁰. What Nestroy and Seligman-Silva called “paradox of catastrophe” announces the presence of trauma, the echo of pain and wound, but also the overtaking and transcendence. This paradox reveals our immense capacity of starting from scratch. The word chaos derives from *Káos*, *Khraíen*, which means to open, open up. “It means unfathomable abyss, concept followed by a sign sphere which personifies it as a primordial emptiness, prior to creation, that is, as a *rudis indigestaque moles* – formless and confusing mass – capable of containing the seed of all things” (Naves quoted in Castro, Galeno & Silva, 2003, p. 82).

Chaos (like catastrophe) takes the foundation and substitutes it. Catastrophe brings uncertainty and the “upside down”. Our civilization seems to suffer from what Peter Sloterdijk (2012) called the “catastrophilia complex”. It means a psycho-political symptom of suffocation of the social atmosphere which takes our time to the insufferable limit with schizoid and ambivalent tensions. We start to face reality as paranoia, as a collective disturbance of the vital feeling, by which the energies of life dislocate towards the sympathy by what is catastrophic, apocalyptic and endowed of spectacular violence.

Literature, cinema, arts and media show us, as a whole, that we are submitted to affective, informational and conscience storms which seize the great public, through explosions of happiness, violence and, sometimes – as happens in Brazil during World Cups – national emotion; in other moments, the great public seizes the pleasure of agony, drunkenness of destiny and religious happiness. The ideas of happiness and success are forms of running from failure. The “catastrophilia complex” corroborates the *pathos* of the end, this incapacity of concluding the systematic attitude of “procrastination” even when these jobs become urgent and unavoidable.

The information volume of media is imposed upon us like a form of conscience which learns how to choose scandal as a lifestyle and catastrophe as background noise, says Peter Sloterdijk (2012, p. 412). An example: when we think of criminal issue as it is placed in our society, but also in the manner which is placed in the ambit of arts

⁸ From the Latin *Lemniscus*: suspended band. Curve which has a curve similar to the number 8 and is the symbol of infinity. The reason for this geometric curve to assume such a meaning is due to its continuous line.

⁹ *Ouroboros* (or *oroboro* or yet *uróboro*) is a symbol represented by a snake, or a dragon, which devours its own tail. The name comes from ancient Greek: οὐρά (*oura*) means “tail” and βόρος (*boros*), which symbolizes eternity. It's related to alchemy and is, at times, represented by two mythical creatures devouring each other's tails. It is possible that the mathematical symbol of infinity (∞) originated by the image of two ouroboros, side by side.

¹⁰ Refers to the incapacity of concluding. Systematic attitude of “procrastination” even when these jobs become urgent and unavoidable.

– literature, theater and cinema – we are faced with various criminal schemes, which give us the impression of depletion of forms of imagining torture, assassinations, dismemberments, and various forms of violence. We constantly create, each day, forms of tension; tense situations, which no longer wish to be communicated and dissolved, but thrown in the wind. The tragic was dislocated to the world of journalism, without completely exiting the artistic field, like we see in the reincarnation of Greek tragedies and in the disaster films.

THE END WHICH IS A NEW START: CONCLUSION

Our objective in this article is to note how the notion of time in literature and movies may come closer to that of physics and how both subsidize a perceptive/aesthetic mode of mediation with the world such as chaos and order. We saw how the notion of time is a mediator of the comprehension of space/time reality, be it from the scientific point of view (physical), be it from the artistic point of view (fictional). The "imagination of the possibles" by Calvino, described by Prigogine, reveals a founding trait of conceptual opening and of the exercise of transdisciplinarity and, therefore, a trace of human intelligence. The imagination of Italo Calvino depicted a narrative in which space and time diluted in an anamorphic, dynamic, floating and auto-organized mode. The form is like Qfwfq's form, it continuously changes, at times advancing in complexity, at times not. These narratives, written throughout the 1970's, hold an image-idea of communication and media which accompanies this fluctuation, dynamics, movement and uncertainty. In this sense, it is up to the media, whichever it is, to house in its logic the confusing ("bruit"), chaotic or catastrophic, not like a noise which only creates disorder, but also, necessarily, as a new organization which is only possible to be reached due to the capacity of mediation (or of "interaction") of the system.

To conclude, we assert the idea that the recalling of catastrophe is a constant in art, in cinema and in culture, because it is an intimate obsessive theme. We fall prey to the fear of the end. The spirit of death seems to haunt only those who weren't marked by the scar of finitude. Finitude is, therefore, a question of transcendence. We hold in our memories that which Edgar Morin called "painful destiny" (2013). Conscient life is frail and minoritarian in the universe; it holds the information and remote memory of this fragility. For Edgar Morin, we observe chain catastrophes in economy, in the biosphere, in the multiplication of weapons of mass destruction, in the ethno-religious convulsions. We don't live just one catastrophe, but a set of movements with tendency towards unbalance and instability. We understand that the imaginary of catastrophe, seen through literature, cinema, arts and communication, is a separate emotional infinite. Italo Calvino has shown us the resilience, the capacity of adaptability and of human resistance in face of time and chaos.

Our second conclusion is that the theme of catastrophe partially caters for some of the affection for horror of current humanity. It is an imaginary which must be continuously updated, revisited, reexplored, to move us in the direction of the need for rebirths.

The third conclusion is that the imaginary of catastrophe is not recent, is not individual, is not national, but collective, transcultural and, in some sense, affectionate-poetic and magical. Catastrophe produces a chain of affections which goes from terror to piety. There is inside it a permanent and active instability. Day and night, acts like a principle of convulsion and harmony between the universal laws and particular cases, between gods and men, between forms of nature and forms of culture, between objects of the world and thinking beings. The importance of this instability lies in the fact that it appears to be the motor of actions. We know that the real catastrophe is not when there is movement, but on the contrary, when everything is stagnated, without creativity, without sense, with no ground. Human capacity of imagining and creating the worse has no limits. But the opposite is also true. To run away from chaos towards a "crystal order", towards *Eros* or towards Vug's love is a form of realizing beauty. ✍

REFERENCES

- Atlan, H. (1992). *Entre o cristal e a fumaça. Ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Baitello Jr, N. (2012). *Pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.
- Calvino, I. (1992). *As cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (1995). *Novas cosmicômicas*. Lisboa: Teorema.
- Flusser, V. (2011). *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume.
- Castro, G., Galeno, A. & Silva, J. (2003). *Complexidade à flor da pele*. São Paulo: Cortez.
- Garde, P. (Produtor) & Von Trier, L. (Realizador). (2011). *Melancholia* [Film]. Germany/Denmark/France/Sweden.
- Maza, A. J. P. (2015). O poder expressivo da teoria dos mundos possíveis nos videogames: quando as narrações se convertem em espaços interactivos e fictícios. *Comunicação e Sociedade*, 27, 273-277. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.27\(2015\).2101](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.27(2015).2101)
- Morin, E. (1987). *O método I – A natureza da natureza*. Lisboa: Europa América.
- Morin, E. (1997). *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2013). *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina.
- Nap, H. (Produtor) & Syberberg, H. (Realizador). (1977). *Hitler – um filme da Alemanha* [Film]. BBC London.
- Naves, D. (2003). Caos, filosofia e ciência. In G. Castro, J. Silva & A. Galeno, *Complexidade à flor da pele* (pp. 81-94). São Paulo: Cortez.
- Nestrovski, A. & Seligman-Silva, M. (2000) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta.
- Pelbart, P. P. (2000). Cinema e holocausto. In A. Nestrovski & M. Seligman-Silva, *Catástrofe e representação* (pp. 171-183). São Paulo: Escuta.
- Pessis-Pasternak, G. (1993). *Do caos à inteligência artificial*. São Paulo: Unesp.

- Platão (2010). *Timeu – Crítias*. São Paulo: Annablume.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas*. São Paulo: Unesp.
- Prigogine, I. (1993). Ilya Prigogine: o arquiteto das "estruturas dissipativas". In G. Pessis-Pasternak, *Do caos à inteligência artificial* (pp. 35-50). São Paulo: Unesp.
- Prigogine, I. & Morin, E. (1998). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1997). *A nova aliança. Metamorfose da ciência*. Brasília: UnB.
- Romano, V. (1993). *Desarrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación*. Barcelona: Teide.
- Sloterdijk, P. (2012). *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Thom, R. (1983). *Paraboles et catastrophes*. Paris: Flammarion.
- Weaver, W. (1948). Science and complexity. *American Scientist*, 36, 536-544.

BIOGRAPHICAL NOTES

Gustavo Castro is a poet, writer and journalist. Senior Internship (2015) in Iberian and Latin American studies at the University of Sorbonne-Paris IV (Bolsa Capes); Post-doctorate (2011) in literary theory from the University of Brasilia (UnB); PhD (2002) in anthropology from the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), with a thesis on the writer Italo Calvino (Bolsa Capes). Master's degree in Education (CNPq Scholarship in educational Technology) by UFRN (1997). Volunteer researcher at the Institute of Brazilian Studies, University of São Paulo (IEB-USP). It studies the imaginary in the perspective of complex thinking. Member of the thematic axis Études Lusophones (EL), of the Centre de Recherches Interdisciplinaires sur le Monde Ibériques Contemporains (Crimic/Sorbonne). He coordinates the group Siruiz-Study in communication and literary production (<http://siruiz.com/>), at the University of Brasilia, where he is professor of aesthetics in the Faculty of Communication. He is currently dedicated to the project "biographic profile of João Guimarães Rosa (1908-67)". He is the author of "The Enigma Orides" (Ed. Hedra, 2015), about the poet Orides Fontela (1940-1998), among others.

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Email: gustavodecastro@unb.br

Address: QNL 07 Conjunto J, Casa 7, Taguatinga Norte, Brasília – DF / 72150-710

Florence Dravet is a cosmetic writer at the Catholic University of Brasilia. He is a PhD in didactology of languages and cultures, with a thesis in Intercultural communication, at the University of Paris III-Sorbonne-Nouvelle (2002). He did post-doc in communication, from the University of Brasilia, (2011). Currently she is coordinator of the Graduate program in communication of the Catholic University of Brasilia. Member of the editorial board of Spheres magazine and the magazine *Comunicologia*. She studies the phenomena of sensibility, of the imaginary, of the feminine, of the body and of the

poetic, the Afro-Brazilian traditions and the transculturality. He coordinates the group of studies in communication, language and poetry of CNPq. It is masquerade of the books "under the Sky of Culture" (Brasília, Thesaurus, Casa das Musas, 2008) and "Knowledge of communication" (Brasília, Casa das Musas, 2010). She is the author of the books: "Critique of the metaphorical reason-myth, magic and poetry in Contemporary Culture" (Brasília, Casa das Musas, 2014) and "Communication and Poetry" (Brasília, UnB, 2014). She has also several books of poetry.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

Email: flormd@gmail.com

Address: Avenida Jacarandá, Lote 22, Apto. 1011, Águas Claras, Brasília – DF / 71927-540

* Submitted: 02/08/2018

* Accepted: 19/11/2018

O FEITIÇO DO TEMPO DA COMÉDIA

Nuno Amaral Jerónimo & José Carlos Alexandre

RESUMO

Neste artigo procura-se refletir sobre o tempo social interrompido pelo humor, como fórmula discursiva, e pela comédia, como recurso performativo. A incongruência das significações produzidas por esta forma estilística significa uma suspensão das regras de tipificação nas interações quotidianas do mundo-da-vida. Estes momentos de suspensão são designados por interrupções (*time out*). Neste texto mostramos como a relação do humor e da comédia com o tempo comum e com as interrupções revelam chaves interpretativas do tecido social intersubjetivo.

PALAVRAS-CHAVE

Comédia; interrupção; intersubjetividade; humor

COMEDY'S TIME SPELL

ABSTRACT

In this paper, the authors intend to reflect upon the social time interrupted by humor, as a discourse recipe, and by comedy, as a performative resource. The incongruity of the significations produced by this stylistic form means a suspension of the tipification rules in the life-world daily interactions. These moments of suspension are designated by time out. In this text, the authors show how humour and comedy connect with common time and time out to reveal interpretation keys to disclose the intersubjective social fabric.

KEYWORDS

Comedy; interruption; intersubjectivity; humour

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é discutir como os discursos humorísticos, em particular o exercício performativo da comédia, apresentam características singulares em relação à temporalidade. Para esse propósito, acede-se a dois níveis de análise. Primeiro, as excecionalidades no tempo social rotinado, a partir do conceito de interrupção de Stanford M. Lyman e Marvin B. Scott (1989). Segundo, os tempos específicos da performance cômica. Para recorrer a esse quadro analítico, importa antes contextualizar o humor e a comédia no campo do conhecimento das Ciências Sociais, pelos percursos teóricos do interacionismo, desde a fenomenologia de Schutz à sociologia do absurdo de Lyman e Scott.

As Ciências Sociais têm revelado que qualquer assunto, por mais superficial que possa parecer, acaba muitas vezes por revelar fenómenos complexos e intrincados. A

elas pode caber o papel de desconstruir e desambiguar significados com o objetivo de posicionar o discurso humorístico numa base mais alargada de significação social e de entretecer a performance da comédia com as representações sociais do quotidiano.

É neste sentido que se procura encontrar o tempo próprio da formulação cômica no interior das dinâmicas fenomenológicas do humor dentro das sociedades que o produzem. A necessidade de descodificar os significados dos discursos dos agentes na sua vida quotidiana levou a Sociologia a preocupar-se com análises de pormenor.

Alfred Schutz (1967) reclamou a necessidade de reabilitar o mundo da vida quotidiana para dentro da Sociologia. Foi esta vontade de descobrir mais sobre as minudências da vida comum de todos os dias que trouxe mais autores para uma Sociologia do Quotidiano, questionando a concentração do pensamento sociológico nos grandes problemas estruturais da Humanidade ou uma hipertrofia analítica dedicada às desigualdades e aos problemas sociais, e reclamando a aproximação ao real através de um “naturalismo rebelde” (Machado Pais, 2015, p. 28) e de uma “sociologia do mundano” (Brekhus, 2000, p. 89). Segundo esta linha de reflexão que busca a notoriedade sociológica das pequenas coisas, como conversas ou ações, procura-se uma ciência do social muito mais próxima da vivência quotidiana, das ações que executamos diariamente sem que delas demos conta.

As exibições de riso e manifestações de humor são umas dessas formas de minudências comunicacionais do quotidiano, que surgem – mesmo que involuntariamente – na interação entre indivíduos. O riso, o humor e a comédia são social e culturalmente partilhados nos processos de interação social e, muitas vezes, moldadas e localizadas dentro de fronteiras espaciais e temporais.

Pode mesmo entender-se que a própria produção de discursos humorísticos, seja com intenções artísticas e performativas, seja na informalidade das interações quotidianas, se aproxima de uma microssociologia do banal (Jerónimo, 2015; Watson, 2015;). Foi também um caminho similar que os proponentes de uma sociologia do absurdo percorreram, em busca de um discernimento sobre a forma como os indivíduos conferem e constituem referências na sua vida quotidiana dentro de um mundo ontologicamente sem sentido (Jacobsen, 2009; Lyman & Scott, 1989). A sociologia do absurdo seria, assim, uma fenomenologia existencialista do quotidiano que visa encontrar as construções culturais de sentido nas interações do mundo-da-vida (Schutz, 2003) onde, na essência da realidade, tal sentido não existe (Jacobson, 2009).

INTERSUBJETIVIDADES

Schutz (1967, 2003) propõe o conceito de intersubjetividade definindo-a como a forma pela qual um sujeito tem acesso experiencial a outro sujeito e se constitui uma comunidade de sujeitos na intersecção desses acessos experienciais. O mundo intersubjetivo será, dessa forma, criado e mantido pelo conhecimento de senso comum que sustenta as ações dos atores, uma vez que a “textura de sentido tem origem nas ações humanas e foi instituída por elas, pelas nossas e as dos nossos semelhantes,

contemporâneos e antecessores” (Schutz, 2003, p. 37). Como afirmam Søren Overgaard e Dan Zahavi (2009) ou Jonathan H. Turner (2013), a intersubjetividade deve ocupar um lugar de centralidade na teoria sociológica, por se configurar como a realidade social visível mais importante num grupo. Como instrumento conceptual e analítico, a intersubjetividade pode servir para explicar como experiências múltiplas e diversas conseguem produzir e organizar estruturas de significado que criam a realidade social. A compreensão dos significados foca a sua lente nas experiências pessoais, na partilha das experiências dos outros, na aprendizagem de significados pré-atribuídos, e na iniciação em novos comportamentos significativos (Overgaard & Zahavi, 2009).

A teoria fenomenológica mostra que a forma de viver conscientemente as experiências do mundo-da-vida se realiza através de processos de tipificação (Schutz, 2003), que desempenham um papel crucial na vida social. As tipificações são processos contínuos de organização da realidade que ajudam os indivíduos a compreender o mundo social, permitindo-lhes viver e experimentar a interação com os outros e com o meio. Estes processos de tipificação não acontecem apenas com seres vivos e objetos, mas também com situações, ações, motivos, pensamentos. Além disso, as tipificações não acontecem apenas com pessoas, objetos ou formas sociais que se conhecem pessoal ou virtualmente, mas também com aqueles com que os indivíduos nunca se tenham cruzado ou conhecido (Mann, 2008; Schutz, 2003).

Schutz (2003) sugere que todos os indivíduos estão envolvidos em ambientes sociais de significação intersubjetiva que se encontram organizados em referenciais espaciais e temporais. Os indivíduos experimentam, dessa forma, o mundo como um lugar que contém um conjunto de zonas de significação distintas e independentes. Por exemplo, os jogos das crianças, as experiências religiosas, as performances humorísticas apresentam lógicas espaço-temporais únicas.

A sensação de garantia e naturalidade fornecida por essas estruturas, devidamente arrumadas numa ordem social preexistente, exige um elemento importante aos padrões de tipificação, a pressuposição de que os outros indivíduos possuem sistemas de compreensão que se assemelham aos seus (Schutz, 2003).

Pode propor-se que, quando um comediante sobe ao palco numa noite dedicada à *stand-up comedy*¹, o espetáculo decorre a partir de um processo de tipificação que permite ao espectador saber que, naquele contexto espaço-temporal, o discurso será humorístico e versará sobre temas com que o público esteja familiarizado. O público dirigiu-se a um local e hora específicos porque sabia que ali estaria alguém que o faria rir, e é isso que espera. Não será por acaso que a primeira linha do manual de escrita para comédia de John Byrne (2002, p. 1), *Writing comedy*, é “vá lá – faz-nos rir”.

Anton C. Zijderveld (1983) entende que o humor deve ser considerado como um jogo de significados entre os vários aspetos da vida. A oportunidade cognitiva e social que os seres humanos possuem de jogar e brincar com as construções dos sentidos dos seus contextos culturais no decurso das suas ações e interações da vida quotidiana

¹ Os espetáculos de comédia em palco são conhecidos pela expressão inglesa *stand-up comedy*, e será esta a utilizada aqui, na sua formulação inglesa, uma vez que não se conhece uma expressão em português que mais bem a designe.

permite-lhes gerir formas de experimentação e negociação de forma partilhada. De uma forma complementar, é este jogo que faz também com que os indivíduos estejam conscientes de como a vida social é algo construído e nada se encontra naturalmente atribuído (Kuipers 2008).

HUMORES

Sem propósitos de adiantar uma definição definitiva de humor, até porque tal tarefa levaria a caminhos sem retorno e sem saída, podem considerar-se humorísticos quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento.

Antes de prosseguir com uma proposta de conceptualização do humor, cabe fazer uma distinção entre humor e riso. Este é uma manifestação biológica visível, embora com contornos cognitivos e sociais invisíveis (Carroll, 2014; Critchley, 2002). Como proposição complementar, John Morreall (2012) distingue o sinal (riso) do jogo (humor).

Embora tenha havido uma profusão de propostas de definição do conceito de humor, não existe uma definição única que pudesse ser aceite em concordância por todas as disciplinas e por todos os estudiosos e investigadores. Alguns julgam mesmo ser impossível definir o humor (Cohen, 2013; Walker, 1998).

O humor apresenta-se em categorias muito diversificadas de formas e estilos. A ironia, a piada espirituosa, o humor físico (preparado ou acidental), o ridículo ou a paródia são alguns dos exemplos de formas humorísticas. Estas compreendem uma variedade de mecanismos linguísticos e retóricos, assim como físicos, usados para comunicar, socializar e interagir (Carroll, 2014). Para serem consideradas humorísticas, as mensagens devem ser mutuamente compreensíveis e suscetíveis de provocar o riso tanto para o falante como para o ouvinte – ou para o escritor e para o leitor.

O humor é uma chave para fendas sociais impregnada de discurso intersubjetivo. De forma simbólica, o humor transporta mensagens sobre expectativas sociais, interações e interpretações. As locuções humorísticas e a sua recetividade são bons indicadores dos significados culturais, das representações sociais e até do contexto histórico-político de uma comunidade (Jerónimo, 2015; Morreall, 2009). “Sem congruência social, não há incongruência cómica” (Critchley, 2002, p. 4).

COMÉDIAS

Por contraposição a uma conceção generalizadora de humor, a comédia é definida como “uma peça (ou outra composição literária) escrita principalmente para divertir a audiência apelando a um sentido de superioridade sobre as personagens representadas” (Baldick, 2008, p. 62). Andrew Stott (2005), Eric Weitz (2009) e Matthew Bevis (2013) corroboram esta distinção fundamental entre humor e comédia.

A comédia é essencialmente uma performance cultural que identificamos com as formas da cultura erudita e da indústria cultural. Na televisão, no cinema, na literatura

ou no teatro, a comédia é o discurso humorístico transfigurado em produto performativo artístico.

Ao longo da História, todas as partes da vida humana têm sido objeto do olhar cómico numa tentativa de ilustrar as situações em que as pessoas se costumam encontrar no quotidiano. Mas se na cultura do Ocidente a comédia tem as suas origens na cultura greco-romana, não se pode olvidar que por todo o mundo existiram formas recorrentes de interlúdios humorísticos, tais como os papéis desempenhados pelos bobos, pelos palhaços e, mais recentemente, pelos humoristas (Minois, 2007; Otto, 2001; Southworth, 1998).

Como referência para uma autonomização conceptual, pode sugerir-se que “o humor descreve um olhar ou uma mundivisão, particular ou colectiva, e a comédia descreve uma experiência e um ambiente” (Jerónimo, 2015, p. 71).

FOLIAS

Antes de abordar o fenómeno da comédia contemporânea, e em particular da *stand-up comedy*, atente-se nas abordagens clássicas de Mikhail Bakhtin (1984) e Roberto DaMatta (1997) sobre a paródia e a folia. As festas populares continuam momentos de riso e humor como reações e percepções discursivas alternativas, coexistentes com os processos de interpretação habituais da realidade quotidiana.

O Carnaval pode funcionar como uma alternativa de resistência e da esfera da liberdade. Bakhtin (1984) considera as festas carnavalescas como comédias comunitárias, livres e igualitárias. DaMatta (1997) procura uma dramaturgia da singularidade brasileira num ritual de tal forma universalizado que transforma a individualidade em anonimato. Habermas (1992) reconhece que o Carnaval se pode apresentar como uma alternativa à esfera pública burguesa. Estas formas ritualizadas de convocar o humor e a paródia permitem uma forma diferente, mais popular, de participação cívica.

Bakhtin (1984), corroborado por José Mattoso (2012), descreve as sociedades medievais assentes na coexistência de duas ideologias, a diversão e a seriedade – que corresponderiam às “duas atitudes cardeais da vida – o jogo e a seriedade” (Huizinga, 2003, p. 22). Uma ideologia oficial, marcada pela escolástica e pelo Cristianismo, profundamente circunspecta, e uma outra, não oficial e subversiva, com elementos populares que contrariavam, através do humor, os desígnios da cultura oficial. O mundo quotidiano popular apresentava-se como uma espécie de segundo mundo, com peculiaridades dentro da ordem oficial medieval, e regido por formas particulares de relacionamento:

oficialmente, os palácios, igrejas, instituições e casas privadas eram dominadas pela hierarquia e etiqueta, mas no mercado era usado um tipo especial de linguagem, quase um linguajar autónomo, muito distinto da linguagem da Igreja, do palácio, das cortes e instituições. (Bakhtin, 1984, p. 154)

INTERRUPÇÕES – 1ª PARTE

A ideia de contextualização e mundivisão na produção de um sentido enviesado ou diferenciado dos discursos correntes sobre a realidade é exposta por Michael Mulkay (1998) naquilo que designa por modo humorístico. Nestas proposições, os repertórios de conhecimentos adquiridos, sejam as leis da ciência ou as crenças do senso comum, sejam a lógica ou o sentido de propriedade são suspensas durante o período que se encontra contextualmente estipulado para a duração da comédia ou da paródia. “Quando os recetores são confrontados com uma piada, eles não aplicam os procedimentos de processamento de informação apropriados ao discurso sério” (Mulkay, 1988, p. 37). Isto é, presume-se que o indivíduo que profere o discurso o faz dentro dos padrões do que confortavelmente os ouvintes (ou leitores) sabem ser um discurso cómico, que passa por ser distinto dos significados que se têm por adquiridos e verdadeiros. O autor acrescenta ainda que desta forma os indivíduos têm a possibilidade de estabelecer processos interpretativos e comunicativos em relação às experiências incongruentes que surgem todos os dias na vida quotidiana.

O humor pode ser empregue para expor e expressar os aspetos contraditórios da vida ou pode ser usado em simultâneo para partilha de experiências com outros grupos ou indivíduos. O humor, precisamente por ficar circunscrito a um círculo de significações próprios, dificilmente destituirá a ordem estabelecida. Peter Berger (1999) explica que esta é a razão pela qual o humor necessita de fronteiras bem definidas para não extravasar nem provocar ansiedade em vez de divertimento. Pelo contrário, acaba por servir para manter o equilíbrio social bem como para consolidar a ordem. Por exemplo, com uma piada sexual, o humor sexista pode estar relacionado com as normas contraditórias e com as expectativas que orientam as relações sociais de género (Bore, 2010; Kuipers, 2008).

Como foi referido, a perspetiva fenomenológica considera que existe um contraste entre as abordagens humorísticas à realidade e as interpretações sérias. Berger (1999) considera que o humor tem uma atitude intrusiva na realidade, tal como tem a religião. Para este autor, humor e religião representam parcelas finitas da realidade, que produzem mundos de significações separadas do mundo da vida comum e que operam com regras diferentes desta. A experiência vivida numa situação ou formulação cómica promete uma forma de redenção através do riso. A teoria para uma compreensão do humor proposta por Berger parte da perspetiva construtivista, mas, por outro lado, aproxima-se da teoria psicológica do alívio através de uma volta teológica (Kuipers, 2008). Embora a conceção de Berger (1999) tenha ressonâncias com o humor curativo, a sua confiança nos aspetos redentores do humor e do riso criam uma visão particularmente unívoca do humor.

A abordagem construtivista à interpretação do humor determina essencialmente que a realidade do contexto humorístico corresponde a um contrato flexível entre o contador de anedotas e a sua audiência. A interpretação do humor é vista como uma forma de contrato social ou uma forma de cooperação na conversa que ocorre entre as duas partes. Dito de outra forma, uma piada negociada é uma piada construída. A interação ganha prioridade neste tipo de análise e o foco da investigação move-se do conteúdo

da anedota para o contexto da interação. Não é possível forçar o sentido de humor, este deve emergir dos processos de interiorização e exteriorização. As normas de conduta social como ouvir sem interromper ou sorrir no fim podem fazer parte deste contrato social – e os processos de construção social das normas estão fortemente ligados a significações tipificadas do tempo com amplitudes e diferenças significativas em contextos culturais diferenciados (Hall, 1959). A interação humorística é, pela sua natureza, uma interação em que as regras normais da lógica se encontram suspensas, como são também muitas das normas sobre convenções sociais e tabus:

cômicos e satíricos esticam os limites dos comentários sobre religião, raça, capitalismo, identidade de género, orientação sexual, o sistema político, estereótipos e uma miríade de outros tópicos que os pais tipicamente ensinam os seus filhos a não discutir com companhias educadas. (Landreville, 2012, s.p.)

A contratualização social sobre o discurso humorístico requer que todos os participantes numa interação com base humorística compreendam as convenções que são próprias do humor específico de cada grupo, para que a inteligibilidade não se transforme em ruído. Este é um aspeto do humor que pode contribuir para a coesão interna do grupo. Reconhecer simplesmente a distinção entre a conversa corrente e o início de um discurso humorístico requer um conhecimento íntimo da cultura. Por estas razões, a tradução do humor de uma cultura para outra pode estar dificultada e estará muitas vezes condenada ao fracasso.

INTERRUPÇÕES – 2ª PARTE

Sem desprezo pelas discussões físicas (Rovelli, 2018), ontológicas (Baker, 2010), históricas (Holford-Strevens, 2008) ou literárias (Borges, 2011) sobre o tempo, neste artigo pretende-se considerar a noção intersubjectiva de tempos sociais, de momentos partilhados por um grupo social como tendo características estruturantes genericamente similares que, de algum modo, configuram “o ritmo da vida social que está na base da categoria do tempo” (Durkheim, 1996, p. 489).

Para este efeito, considera-se uma formulação das linhas de tempo, apresentada por Lyman e Scott (1989) na sua teorização sociológico-existencialista para uma sociologia do absurdo. Para estes autores, a perceção das linhas temporais é inteiramente subjetiva, e os indivíduos podem sentir-se numa linha de tempo fatalista, ou numa linha de tempo humanista. Esta reflexão centra-se essencialmente na proposta teórica de Lyman e Scott (1989) sobre tempos laterais, alternativos e paralelos ao tempo comum, aqueles que se constituem como variações e interrupções da continuidade temporal. É um enquadramento da comédia nesses tempos fora do tempo que se questiona. Não se procuram analisar os tempos internos da performance artística, mas decifrar o contexto em que a comédia dobra as convenções e cria um conjunto de significações com autonomia discursiva.

Pode dizer-se que Lyman e Scott (1989) apresentam três linhas paralelas ao tempo corrente da vida quotidiana: a espera, a interrupção e o abandono. Destas três linhas, interessa focar particularmente a segunda. O humor é uma interrupção.

Os autores definem o período de interrupção (*time out*, no original) como “a pausa de atividades relacionadas com uma linha temporal específica, um período onde as regras e os papéis relacionados com essa linha são relaxados ou revogados. No decurso deste estado específico, comportamentos contraditórios ou irrelevantes serão considerados impunes” (Lyman & Scott, 1989, p. 44).

A interrupção pode também servir para distinguir oposições discursivas, como “o sisudo do jocoso, o sagrado do profano, o impessoal do íntimo” (Lyman & Scott, 1989, p. 45).

Analogamente, o período de interrupção (*time out*) do trabalho no mundo moderno, institucionalizado nas organizações, é o *coffee-break*; e, nos desportos coletivos, os períodos de tempo em que o jogo está interrompido para as equipas técnicas darem novas instruções aos jogadores. De uma forma similar, o humor é um intervalo do jogo do quotidiano, um processo de interação em que os indivíduos reconstróem as formas sociais (Simmel, 1910) e recebem novas instruções de codificação e decodificação da realidade (Durkheim, 1996). Em situações de encenação performativa, essas instruções são os contextos em que se desenrolam as piadas proferidas pelos comediantes.

Se o humor for entendido como processo intersubjetivo que compõe um quotidiano desnaturalizado, tecido a partir das tipificações do mundo-da-vida, pode concluir-se que a discursividade humorística exhibe o ridículo e evidencia a relatividade das construções sociais, da vida quotidiana e das estruturas culturais:

o humor transforma-se num espelho levantado na face dos indivíduos que lhes possibilita olharem para o mundo e mesmo para eles próprios de uma qualquer forma aparentemente distorcida em relação às tipificações conhecidas. O humor revela o caminho da construção social daquilo que parece aparentemente real, mas é apenas realmente aparente. (Jerónimo, 2015, p. 26)

O humor, como fórmula discursiva de interação quotidiana, pode encontrar-se nos mesmos caminhos da conversação banal entre indivíduos, mas a comédia, com a sua execução performativa, assume mais claramente o seu papel de interrupção às linhas do tempo com que as vidas humanas se entretecem.

Sem a compreensão tipificada de que a comédia assume um formato de interrupção do tempo comum, cair-se-ia no terreno ambíguo da ironia pós-moderna. Se deixar de haver correspondências entre significados adquiridos e discursos produzidos, não haverá sentidos de verdade e mentira. Tal mundo seria profundamente irónico, porque nenhum discurso poderia ser validado, justificado ou consubstanciado (Colebrook, 2004).

REPETIÇÕES

Na sequência dos discursos mais pessimistas sobre a cultura (Adorno, 2003; Arendt, 1996) ou sobre o discurso público (Frankfurt, 2006; Sunstein, 2010), chegaram

também as visões menos alegres sobre o riso no mundo contemporâneo (Billig, 2001; Lipovetsky, 1989; Minois, 2007).

A explosão de produtores e produtos humorísticos tem assolado o espaço mediático de uma forma impossível de controlar, quer do ponto de vista da intervenção sobre o significado, quer na dimensão de espectador, impossibilitado de acompanhar e conhecer tudo o que é produzido sob a forma de comédia em todos os meios e plataformas que a tecnologia hoje possibilita. Esta detonação do humor, indistinta para os espaços público e privado, extravasou para todos os momentos e dimensões da vida quotidiana e invadiu as estruturas sociais mais perenes. O impulso invasor do fenómeno humorístico incorpora já todas as esferas da vida social (Lipovetsky, 1989).

Uma sociedade humorística não pretende dessacralizar, já nada há a dessacralizar. A trivialização do riso promove que este se consuma em vazio, num mundo plano, unidimensional, onde tudo deve ser transmitido com leveza e boa disposição, sem preocupações éticas sobre o seu conteúdo, naquilo a que Frankfurt (2006) designa por “conversa da treta”.

Se as dimensões institucionais da vida (o Estado, a religião, a política, o trabalho) deixaram de ter um carácter de seriedade e foram perpassadas pela força das vagas do humor, a comicidade do contraste desaparece (Minois, 2007). Desta forma, o humor torna-se um cliché vagamente irónico ou mesmo um pouco sarcástico, quando não simplesmente cínico (Hernández Sánchez, 2012) mas claramente irreflexivo.

O humor em permanência total deixa de ser um método capaz de estilhaçar as ideias convencionais e acaba por se converter ele próprio em apenas mais uma das convenções que anteriormente desconstruía. O que sobra são esgares automatizados, sorrisos ritualizados por piadas convencionadas. O humor torna-se iterativo e expectável (Eco, 1991). “O riso autêntico é gradualmente retirado da festa, vem substituí-lo a máscara do riso, rígida, artificial e obrigatória” (Minois, 2007, p. 641).

CÂNONES

A inteligibilidade do discurso humorístico compreende, portanto, também as suas referências temporais (e atemporais). A comédia, ao canalizar as referências para características do anti-herói ridicularizável, não se preocupa com a historicidade do seu discurso, tornando essas referências muitas vezes circunscritas ao público seu contemporâneo.

De acordo com a formulação proposta por David Lowenthal (2015) de que o passado é um país estrangeiro, as distâncias temporais têm no discurso humorístico e cómico o mesmo efeito de afastamentos culturais. Ao contrário das tragédias clássicas, que continuam a provocar emoções séculos após a sua escrita, a Velha Comédia grega de Aristófanes dificilmente arrancará ao público do século XXI risos iguais aos que proporcionava nos festivais dionisíacos do século V a.C. (McGowan, 2017).

A relação imediata do público com a comédia é exacerbada nas performances da *stand-up comedy*, o que a coloca nas fronteiras da pós-modernidade, sem consideração pelo passado nem pelo futuro (Martins, 2011). Pelas suas características de imersão

total numa esfera presentista que combina o momento histórico, o lugar geográfico e o contexto cultural, a comédia não perspetiva o futuro nem reflete sobre o passado.

Mesmo tendo destinatários do momento presente em que o discurso humorístico é proferido, tal não significa que a historicidade narrativa seja elemento da facécia. Habitualmente, a performance cômica não estabelece ordens cronológicas – a não ser que a preparação da piada necessite – nem organiza a informação na habitual organização telescópica da temporalidade.

O humor compromete-se com os absurdos e os ridículos de cada tempo e lugar que surgem apontados pelo olhar do comediante. Perante a tragédia da vida, diz Michel Maffesoli que esta atitude perante o presente serve para “canonizar o que existe” (citado em Martins, 2011, p. 123), sem propor alternativas nem superações. O discurso humorístico, enredado numa a-historicidade fluida, supera a realidade sem sair do presente. Ou mais acertadamente, sem estar na linha do tempo. O presentismo das sociedades contemporâneas, como advertem Gilles Lipovetsky (1989), Michael Billig (2001) ou Roger Minois (2007), poderá ser o melhor alimento de uma sociedade contaminada pelo riso.

LEVANTADOS

Muitas verdades são ditas a brincar e muitas mentiras em tom sério. “Um homem pode dizer toda a verdade no jogo e na diversão”, escreveu Geoffrey Chaucer (2003) no “Prólogo do cozinheiro”, no seus *Contos da Cantuária* do século XIV. Aqueles que usam a linguagem cômica, como bobos, palhaços, jograis e menestréis, ou seus equivalentes históricos, bem como os humoristas profissionais contemporâneos, são habitualmente personagens muito populares através dos tempos e culturas (Apte, 1985; Minois, 2007; Sanders, 1995).

Como afirmou o cómico norte-americano Robin Williams, “*stand-up* é onde podes fazer coisas que nunca poderias fazer em público. Quando pisas o palco estás autorizado a fazê-lo”². Autores experimentados na produção de comédia, como John Byrne (2002) Peter McGraw e Joel Warner (2014), ou Oliver Double (2014), consideram o palco como o lugar primevo do comediante, situado em frente ao público.

Nos Estados Unidos, a tradição da *stand-up comedy* desenvolveu-se durante o século XX a partir das tradições americanas do burlesco e do *vaudeville*, incluindo o humor físico, as imitações e a ridicularização (Todarello, 2006). A *stand-up comedy* cresceu em escala e sofisticação a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e tornou-se, na produção humorística americana, uma forma muito popular de entretenimento, chegando à rádio e à televisão, suportando um circuito próprio de clubes noturnos e atingindo, mais recentemente, a rede (Lewis, 2006; McGraw & Warner, 2014; Sanders, 1995).

A *stand-up comedy* pode ser caracterizada por três indicadores: personalização; comunicação direta; tempo presente. A personalização respeita à presença do comediante em frente à audiência, seja uma caricatura, seja uma versão do *self* do comediante. A

² Frase atribuída a Robin Williams em várias coletânea de citações, sem nunca referir o tempo ou o local em que foi proferida.

comunicação direta refere-se à relação estabelecida entre o comediante e o público presente na sala. O tempo presente é a coordenação do comediante com o momento em que a performance é realizada (Double, 2014, pp. 19-20).

A *stand-up comedy*, pelas suas características únicas de autoria e performance, afasta-se das linhas de tempo humanistas e fatalistas, e aparece de forma muito nítida como um espaço privilegiado onde todos os intervenientes estão conscientes com a interrupção das linhas temporais do quotidiano.

ECRÃS

Os comediantes profissionais ocupam na contemporaneidade um lugar importante na arena mediática e posicionam-se no campo cultural como figuras relevantes na interpretação dos discursos sociais³.

A “cultura do ecrã” manifesta-se na sua horizontalidade, uma cultura de todos para todos (Lipovetsky & Serroy, 2010). No mesmo ecrã para onde olhamos está a câmara que nos fita. Hoje, a profusão de conteúdos humorísticos de acesso imediato, como a Porta dos Fundos no YouTube ou os especiais de *stand-up comedy* na Netflix, permite a sua visualização em qualquer aparelho móvel conectado à rede digital. Como acrescentam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2010), os consumos culturais no segundo ato do ecrã global passaram a ser absolutamente individualizados e personalizados. Essa individualização passa também pela mediação entre tempo e tecnologia, e o uso particularizado de conteúdos em rede:

vídeos produzidos em esferas fora da rede podem ser trocados e partilhados apenas se forem colocados em novos contextos (por exemplo, sítios da rede), sendo assim distanciados do contexto original e trocados por pessoas que vivem em diferentes fusos horários e experimentam tempos diferentes na sua calendarização quotidiana. (Tsatsou, 2009, p. 14)

Uma curiosidade que denota o poder da habituação do público aos termos da comédia, nos termos da perceção intersubjetiva das regras da comédia, diz respeito ao tempo de duração das performances cómicas: “duração é a assunção mais amplamente difundida no que respeita à natureza do tempo no mundo ocidental. Para quem aprendeu a lidar e a dar o tempo por garantido parece inconcebível que se possa viver de outra maneira” (Hall, 1959, p. 171).

Os especiais produzidos pela Netflix surgem em três modelos distintos, mas que respeitam a prática originária dos cafés e teatros – séries de comediantes de 15 e 30 minutos e especiais autónomos de aproximadamente 60 minutos.

Numa plataforma de *streaming* individualizado, poderia pensar-se que a duração de um espetáculo não sofreria dos mesmos constrangimentos das transmissões clássicas da televisão, onde uma grelha horária impõe durações cronometradas ao segundo.

³ Esta posição nos campos sociais e culturais não foi sempre considerada benéfica. Platão, por exemplo, defendia que “devemos deixar tais representações para os escravos ou estrangeiros contratados, que nenhuma atenção séria lhes seja prestada e que nenhum homem ou mulher livres sejam vistos a tirar daí algum ensinamento” (*Leis*: VII-816).

É apenas nessa margem de alguns minutos que se pode notar um pequeno reflexo da liberdade das plataformas de difusão individual em relação à grelha de programação, ao apresentarem espetáculos de comédia (e episódios de séries) de 60 e poucos minutos.

Nos espetáculos colocados em linha pela Netflix no ano de 2018, todos têm uma duração que ronda uma hora. Não sendo por motivos de constrangimento técnico ou de programação, será ainda uma estipulação cultural por habituação ainda muito próxima dos espetáculos ao vivo e das transmissões televisivas clássicas.

O canal *Porta do fundos* no YouTube parece ser um exemplo de alguma liberdade em relação ao tempo cómico, mas apenas por não sofrerem do constrangimento de terem de coligir os sketches num programa de duração maior. A duração irregular dos sketches, por serem colocados na plataforma individualmente, não exige nenhum esforço de montagem para obter um programa de 25 ou 45 minutos. Veja-se a diferença, do ponto de vista técnico, com o programa da BBC iniciado em 1969, *Monty Python flying circus*, onde os autores, para ligarem os sketches e obterem a duração estipulada pela estação britânica para cada episódio, se viram na necessidade de introduzir os desenhos pós-surrealistas de Terry Gilliam.

CONCLUSÃO: PUNCHLINES

E se fôssemos rir, / Rir de tudo, tanto / Que à força de rir / Nos tornássemos pranto?

Alexandre O'Neill

A reflexão contida neste artigo procura enquadrar o humor como uma fórmula discursiva da interação quotidiana e um processo intersubjetivo de produção de significados que subvertem a ordem habitual do mundo-da-vida, mas devidamente organizados pelos processos de tipificação decorrentes das práticas sociais que envolvem formulações humorísticas.

O humor é entendido, nos espaços de sociabilidade, como uma intervenção comunicacional alternativa. O humor ocupa um tempo com regras estilísticas e pragmáticas próprias, reconhecidas pelos indivíduos envolvidos. O humor é uma interrupção ao tempo comum, e a comédia, com as suas formas performativas reconhecidas ao longo da história das artes e do espetáculo, assume de maneira evidente essa condição de interrupção do tempo comum.

A comédia, sendo uma interrupção subversiva, corre o risco de se tornar repetitiva e colonizadora do espaço público, e com isso criar um espaço permanente de interrupção, fruto de um humor artificializado e aprisionado na sua iteração.

Um espaço permanente de interrupção não permite o regresso ao tempo comum, que se tornaria, por sua vez, a verdadeira discursividade alternativa e subversiva.

O risco de um espaço público em estado de interrupção e facécia permanente é o de um espaço público centrando na atemporalidade e na canonização do presente promovida pelas propriedades típicas da discursividade humorística. Seria uma sociedade sem tempo para a reflexão histórica.

As tecnologias promoveram uma individualização das práticas de consumo da comédia, embora não tenham afastado as audiências da sua relação direta com as performances. No entanto, apesar das alterações que a individualização produziu, a comédia não perdeu ainda os formatos temporais a que o público se foi habituando desde a Velha Comédia dos festivais de Lénia. ✍

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (2003). *Sobre a indústria da cultura*. Coimbra: Angelus Novus.
- Apte, M. (1985). *Humor and laughter: an anthropological approach*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press.
- Arendt, H. (1996). La crisis en la cultura: su significado político y social. In H. Arendt, *Entre el pasado y el futuro – Ocho ejercicios sobre la reflexión política* (pp. 303-346) Barcelona: Ed. Península.
- Baker, L. R. (2010). Temporal reality. In J. K. Campbell, M. O'Rourke & H. S. Silverstein (Eds.), *Time and identity* (pp. 27-47). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bakhtin, M. M. (1984). *Rabelais and his world*. Bloomington: Indiana University Press.
- Baldick, C. (2008). *Oxford dictionary of literary terms*. Oxford: Oxford University Press.
- Berger, P. (1999). *Risa redentora*. Barcelona: Kairós.
- Bevis, M. (2013). *Comedy – a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Billig, M. (2005). *Laughter and ridicule – towards a social critique of humour*. Londres: Sage
- Bore, I. K. (2010). (Un)funny women: TV comedy audiences and the gendering of humour. *European Journal of Cultural Studies*, 13(2), 139-154.
- Borges, J. L. (2011). El tiempo. In J. L. Borges, *Miscelánea* (pp. 243-253). Barcelona: Penguin Random House.
- Brekhus, W. (2000). A mundane manifesto. *Journal of Mundane Behavior*, 1(1), 89-106.
- Byrne, J. (2002). *Writing comedy*. Londres: Bloomsbury Methuen Drama.
- Chaucer, G. (2003). *The canterbury tales*. Londres: Penguin.
- Cohen, T. (2013). Humor. In B. Gaut & D. McIver Lopes, D. (Eds.), *The Routledge companion to aesthetics* (pp. 425-430). Londres: Routledge.
- Colebrook, C. (2004). *Irony*. Londres: Routledge.
- Critchley, S. (2002). *On humour*. Londres: Routledge.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis – para uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Double, O. (2014). *Getting the joke: the inner workings of stand-up comedy*. Londres: Bloomsbury.
- Durkheim, É. (1996). *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eco, U. (1991). *Apocalípticos e integrados*. Lisboa: Difel.

- Frankfurt, H. G. (2006). *Da treta*. Viana do Castelo: Livros de Areia.
- Góes, P. (2009). O problema do riso em *O nome da rosa*, de Umberto Eco. *Aurora*, 21(28), 213-240
- Habermas, J. (1992). Further reflections on the public sphere. In C. Calhoun (Ed.), *Habermas and the public sphere* (pp. 421-461). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Hall, E. T. (1959). *The silent language*. Garden City, Nova Iorque: Doubleday & Co.
- Hernández Sánchez, D. (2012). *A comédia do sublime*. Lisboa: Nova Vega.
- Holford-Strevens, L. (2008). *Pequena história do tempo*. Lisboa: Tinta da China.
- Huizinga, J. (2003). *Homo Ludens – um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Ed. 70.
- Jacobsen, M. H. (2009). The sociology of the absurd: an absurd man in an absurd world. In M. H. Jacobsen (Ed.), *Encountering the everyday – an introduction to the sociologies of the unnoticed* (pp. 279-303). Nova Iorque, NY: Palgrave MacMillan.
- Jerónimo, N. A. (2015). *Humor na sociedade contemporânea*. Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal Retirado de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3974/1/TD_Nuno_Jer%C3%B3nimo.pdf
- Keightley, E. (2012). Introduction: time, media and modernity. In E. Keightley (Ed.), *Time, media and modernity* (pp. 1-22). Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- Kuipers, G. (2008). The sociology of humor. In V. Raskin (Ed.), *The primer of humor research* (pp. 365-402). Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Landreville, K. (2012). Laughter and the political landscape. In *The Society Pages Roundtables* [website]. Retirado de <http://thesocietypages.org/roundtables/humor/>
- Lewis, P. (2006). *Cracking up: American humor in a time of conflict*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *O ecrã global*. Lisboa: Ed. 70.
- Lowenthal, D. (2015). *The past is a foreign country (revisited)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lyman, S. M. & Scott, M. B. (1989). *A sociology of the absurd*. Nova Iorque: General Hall.
- Machado Pais, J. (2015). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Mann, D. (2008). *Understanding society – a survey of modern social theory*. Ontario: Oxford University Press Canada.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura – das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.
- Mattoso, J. (2012). *Levantar o céu – os labirintos da sabedoria*. Lisboa: Temas e Debates.
- McGowan, T. (2017). *Only a joke can save us – a theory of comedy*. Evanston: Northwestern University Press.
- McGraw, P. & Warner, J. (2014). *The humor code – a global search for what makes things funny*. Nova Iorque: Simon & Schuster.
- Minois, G. (2007). *História do riso e do escárnio*. Lisboa: Ed. Teorema.

- Morreall, J. (2009). *Comic relief – a comprehensive philosophy of humor*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Mulkay, M. (1988). *On humour: Its nature and its place in modern society*. Cambridge: Polity Press.
- Otto, B. K. (2001). *Fools are everywhere – the court jester around the world*. Chicago: University of Chicago Press.
- Overgaard, S. & Zahavi, D. (2009). Phenomenological sociology – the subjectivity of everyday life. In M. H. Jacobsen (Ed.), *Encountering the everyday – an introduction to the sociologies of the unnoticed* (pp. 93-115). Nova Iorque: Palgrave MacMillan.
- Platão (360 a.C.). *Laws [Leis]*. Retirado de <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>
- Reading, A. (2012). Global time: time in the digital globalised age. In E. Keightley (Ed.), *Time, media and modernity* (pp. 143-162). Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- Rovelli, C. (2018). *A ordem do tempo*. Carnaxide: Objectiva.
- Sanders, B. (1995). *Sudden glory – laughter as subversive history*. Boston: Beacon Press.
- Schutz, A. (1967). *The phenomenology of the social world*. Evanston: Northwestern University Press.
- Schutz, A. (2003). *El problema de la realidad social – Escritos I*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Simmel, G. (1910). How is society possible. *American Journal of Sociology*, 16, 372-391
- Southworth, J. (1998). *Fools and jesters at the english court*. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- Stott, A. (2005). *Comedy*. Londres: Routledge.
- Sunstein, C. (2010). *Dos rumores*. Alfragide: D. Quixote.
- Todarello, N. (2006). *Le arti della scena. Lo spettacolo in Occidente da Eschilo al trionfo dell'opera*. Novi Ligure: Latorre.
- Tsatsou, P. (2009). Reconceptualising 'time' and 'space' in the era of electronic media and communications. *PLATFORM: Journal of Media and Communication*, 1, 11-32.
- Turner, J. H. (2013). *Contemporary sociological theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Walker, N. A. (1998). *What is so funny? humor in american culture*. Wilmington, DE: Scholarly Resources.
- Watson, C. (2015). A sociologist walks into a bar (and other academic challenges): towards a methodology of humour. *Sociology*, 49(3), 407-421.
- Weitz, E. (2009). *The Cambridge introduction to comedy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zijderveld, A. (1983). The sociology of humour and laughter. *Current Sociology*, 31(3), 1-6.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Nuno Amaral Jerónimo é doutorado em Sociologia pela Universidade da Beira Interior desde 2015. Professor auxiliar do Departamento de Sociologia da Universidade da

Beira Interior desde 2015. Assistente do mesmo departamento entre 1998 e 2015. Colaborador do jornal *O Interior* desde 2000. Foi redator da seção “Inimigo Público”, entre 2004 e 2008. É coautor do livro *Como ficar estupidamente culto em apenas 10 minutos*, 2004. É membro da direção do projeto cultural “New Hand Lab”, desde 2019.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2452-0417>

Email: nunoaj@ubi.pt

Morada: Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Rua do Sineiro, 6200-209 Covilhã, Portugal

José Carlos Alexandre é doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, desde 2017. Professor Adjunto e subdirector (2009-2015) da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda. É investigador no LabCom. IFP e autor de diversos artigos e do livro *Uma genealogia da espiral do silêncio: a expressão da opinião sobre as praxes académicas*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8262-5279>

E-mail: jcalexandre@ipg.pt

Morada: Instituto Politécnico da Guarda, Av. Francisco Sá Carneiro, 50, 6300-559, Guarda, Portugal

Submetido: 01/10/2018

Aceite: 21/12/2018

COMEDY'S TIME SPELL

Nuno Amaral Jerónimo & José Carlos Alexandre

ABSTRACT

In this paper, the authors intend to reflect upon the social time interrupted by humor, as a discourse recipe, and by comedy, as a performative resource. The incongruity of the significations produced by this stylistic form means a suspension of the tipification rules in the life-world daily interactions. These moments of suspension are designated by time out. In this text, the authors show how humour and comedy connect with common time and time out to reveal interpretation keys to disclose the intersubjective social fabric.

KEYWORDS

Comedy; interruption; intersubjectivity; humour

O FEITIÇO DO TEMPO DA COMÉDIA

RESUMO

Neste artigo, procura-se refletir sobre o tempo social interrompido pelo humor, como fórmula discursiva, e pela comédia, como recurso performativo. A incongruência das significações produzidas por esta forma estilística significa uma suspensão das regras de tipificação nas interações quotidianas do mundo-da-vida. Estes momentos de suspensão são designados por interrupções (*time out*). Neste texto mostramos como a relação do humor e da comédia com o tempo comum e com as interrupções revelam chaves interpretativas do tecido social intersubjetivo.

PALAVRAS-CHAVE

Comédia; interrupção; intersubjetividade; humor

INTRODUCTION

This article intends to discuss how humorous discourses, especially the performative exercise of comedy, present unique features regarding temporality. To achieve this purpose, two levels of analysis are considered. Firstly, the exceptionalities in the social routine time, taken from the concept of time out presented by Stanford M. Lyman and Marvin B. Scott (1989). Secondly, the specific times of comedy performance. To use that analytical framework, it is relevant to place humour and comedy in the field of Social Sciences, within the interactionism theoretical paths, from Alfred Schutz's phenomenology to Lyman and Scott's sociology of the absurd.

Social Sciences have proved that any given subject, as shallow as it may seem, turns out to reveal complex and puzzling phenomena. Social Sciences may fit the role of

deconstructing and disambiguate meanings aiming to place humorous discourses in a larger basis of social significance and to weave comedy performances with social representations of daily life.

Thus, it is necessary to find the proper time of comic formulations inside the phenomenological dynamics of humour, within the societies where it is produced. The need to decode the discourse meanings of social agents in daily life has led Sociology to pay attention to very detailed analysis.

Alfred Schutz (1967) claimed the need to rehabilitate the world of daily life within Sociology. This will to learn further about the minutiae of common life brought some more authors towards a Sociology of Daily Life, enquiring the concentration of sociological thinking in the big structural issues of humankind or an analytical shrivel to inequalities and social problems, claiming an approach towards real using a “rebel naturalism” (Machado Pais, 2015, p. 28) and a “sociology of the mundane” (Brekhus, 2000, p. 89). According to this line of thought, which looks for the sociological distinction of the small things, like conversations or actions, this sociology pursues the ideal of a much closer-to-life social science, more approximate to the daily actions that everyone perform even without being aware of that.

Laughter exhibitions and humorous manifestations are some of those tiny forms of daily communication which arise – even unwillingly – from the interaction between individuals. Laughter, humour, and comedy are socially and culturally shared in the procedures of social interaction and, many times, framed and placed within space and time-based borders.

It is possible to say that producing humorous discourses, with artistic and performative intentions, or in the casual environment of daily interactions, may be close to a microsociology of banalities (Jerónimo, 2015; Watson, 2015). The proponents of a sociology of the absurd also took a similar path, searching for an understanding about how individuals give and produce meaningful references in their daily lives in an ontological senseless world (Jacobsen, 2009; Lyman & Scott, 1989). A sociology of the absurd, thus, would be an existentialist phenomenology of daily life, trying to find cultural constructs of meaning in life-world interactions (Schutz, 2003) where, regarding the essence of reality, such meaning does not exist (Jacobson, 2009).

INTERSUBJECTIVITIES

Schutz (1967, 2003) suggests the concept of intersubjectivity, defining it as how an individual has experiential access to another subject and how it constitutes a community of subjects in the intersection of those experiential accesses. The intersubjective world will be, then, created and kept by the commonsense knowledge that sustains the actions of social actors, as “texture of meaning has its origin in human actions and it was created by them, ours and our fellow humans, contemporary and predecessors” (Schutz, 2003, p. 37). Some authors, like Søren Overgaard and Dan Zahavi (2009) or Jonathan H. Turner (2013), postulate that intersubjectivity may be used to explain how multiple and

diverse experiences are able to produce and organise structures of meaning that produce social reality. Understanding these meanings focus its lenses in personal experiences, shared experiences, learning pre-given meanings, and initiating new meaningful behaviours (Overgaard & Zahavi, 2009).

Phenomenological theory shows that the way of consciously living life-world experiences is through tipification processes (Schutz, 2003), which play a crucial role in social life. Tipifications are continuous processes of arranging the reality, which help individuals to understand the social world, allowing them living and experimenting interactions with others and with the environment. These tipification processes happen with living beings, objects, events, actions, motifs, or thoughts. More, tipifications are made not only from direct interactions with people, objects or social forms, but also from those whom individuals have never met or crossed with (Mann, 2008; Schutz, 2003).

Schutz (2003) suggests that every individual is involved in social environments of intersubjective meanings, which are organised in spatial and time-based references. Thus, individuals experiment the world as a place that contains a set of different and independent zones of meaning. As an example, children's games, religious experiences, or humorous performances present unique time-space features.

The sense of safety and naturalness granted by those structures, properly settled in a pre-existent social order, demands an important element to the tipification patterns: the belief that other people have similar systems of understanding (Schutz, 2003).

Thus, it is possible to state that when a comedian goes on stage for a stand-up comedy show, it occurs from a tipification process which allows the audience to know that, in that space-time context, the discourse they will listen to will be humorous and its references shall be familiar to most of them. The audience go to a specific place at a precise time because they are aware that someone will be there to make them laugh, and it is exactly what the audience expect. That is why John Byrne (2002, p. 1) begins his handbook *Writing comedy* with "go on then, make us laugh!".

Anton C. Zijderveld (1983) acknowledges that humour should be considered as a play of meanings between several aspects of life. Humans have cognitive and social opportunities to play and game with the construction of meanings referring to their cultural contexts during their daily actions and interactions. This allows them managing forms of experimentation and negotiation in a shared manner. Furthermore, these plays also produce awareness to how social life is something constructed, and nothing is naturally ascribed (Kuipers, 2008).

HUMOURS

Notwithstanding the hard chore of defining humour, especially because such task would lead to roads without exit or return, events or discourses can be considered humorous, either intentional or not, when they enable culturally shared cognitive experiences that provoke laughter and provide amusement.

Before proceeding with a concept proposition for humour, it may be helpful to differentiate humour from laughter. The latter is a visible biological manifestation, although

it may have invisible cognitive and social contours (Carroll, 2014; Critchley, 2002). Additionally, John Morreall (2012) distinguishes the sign (laughter) from the play (humour).

Although there was a myriad of definitions of humour, there is not even one that could be accepted by all disciplines, by all scholars and researchers. Some (Cohen, 2013; Walker, 1998) believe that defining humour is an impossibility.

Humour presents itself in diverse categories of forms and styles. Irony, wit, slapstick (performed or unintentional), ridicule, or parody are just some of the humorous known forms. These comprise a range of linguistic and rhetorical devices, as well as physical ones, use to communicate, socialise and interact (Carroll, 2014). People will consider messages as humorous when they are mutually intelligible and susceptible of provoking laughter, both for the speaker and the listener – or the writer and the reader.

Humour is a key to social cracks full of intersubjective discourse. In a symbolic fashion, humour conveys messages about social expectations, interactions and interpretations. Humorous speeches and their receptiveness are good signs of the cultural meanings, the social representations and even the historic and political context of one community (Jerónimo, 2015; Morreall, 2009). “No social congruity, no comic incongruity” (Critchley, 2002, p. 4).

COMEDIES

Opposite to a general concept of humour, comedy is defined as “a play (or other literary composition) written chiefly to amuse its audience by appealing to a sense of superiority over the characters depicted” (Baldick, 2008, p. 62). Andrew Stott (2005), Eric Weitz (2009) e Matthew Bevis (2013) validate this essential distinction between humour and comedy.

Comedy is essentially a cultural performance that we identify both with forms of erudition and the cultural industries. In television, cinema, literature, or theatre, comedy is the humorous discourse transformed into an artistic performance.

Across the history of humankind, every faces of human life have been subject of comic stances attempting to illustrate both the common and uncommon situations of daily life. Although within the Western culture, comedy has its origins in the Ancient Greek and Roman cultural realms, it is necessary not to forget that all over the world there were recurrent forms of humorous interims, such as the roles performed by jesters, clowns and, more recently, comedians (Minois, 2007; Otto, 2001; Southworth, 1998).

As a possible reference to a conceptual autonomy, Nuno A. Jerónimo suggests that “humour describes an observation or a worldview, singular or collective, and comedy describes an experience and an ambiance” (Jerónimo, 2015, p. 71).

FOLLIES

Before regarding contemporary comedy, especially stand-up comedy, there are some classical approaches to parody and folly from Mikhail Bakhtin (1984) e Roberto

DaMatta (1997) that are important to remember. Popular feasts included moments of humour and laughter as alternative reactions and perceptions, coexistent with the usual (and official) processes of interpretation of daily reality.

Carnival may have the role of a resistance alternative and a freedom sphere. Bakhtin (1984) considers carnival feasts as free and egalitarian community comedies. DaMatta (1997) looks for a dramaturgy of the Brazilian uniqueness in a universal ritual, so widespread that transforms individuality in anonymity. Jürgen Habermas (1992) recognises that Carnival may present itself as an alternative to the bourgeois public sphere. These ritualised forms of calling humour and parody allow a different, more popular, civic participation.

Bakhtin (1984), substantiated by José Mattoso (2012), describes medieval societies based upon the coexistence of two ideologies, fun and seriousness – which correspond to the “two cardinal attitudes in life – play and gravity” (Huizinga, 2003, p. 22). An official ideology, carved by scholastic and Christianity, profoundly circumspect, and another, unofficial and subversive, with popular elements that contradicted, by humorous stances, the guidelines of the official culture. The popular daily world presented like a second world, with peculiarities within the medieval official order, and ruled by specific forms of relationships:

officially, palaces, churches, institutions and private households were dominated by hierarchy and etiquette, but in the market people used a special kind of language, almost an autonomous language, very different from the language of the church, of the palace, of the court, and of the institutions.
(Bakhtin, 1984, p. 154)

INTERRUPTIONS – 1ST HALF

Michael Mulkay (1998) presents the idea of producing eschewed or dissimilar meanings, different from the usual discourses within a context and a worldview and labels it as humorous mode. In this proposition, repertoires of acquired knowledges, either scientific laws or common-sense beliefs, or logic, or sense of property, are suspended during the time contextually settled for the length of comedy or parody. “When the receptors are confronted with a joke, they do not apply the procedures of processing information adequate to serious discourse” (Mulkay, 1988, p. 37).

Thus, the audience presumes that the individual who utters the speech does it within comfortable and known expressed comic guidelines, which are supposed to be different from the meanings taken for granted and true. Mulkay also adds that individuals have the possibility of establishing interpretation and communication processes towards the incongruous experiences that come up in life every day.

Humour can be used to expose and express the contradictory aspects of life or can be used, simultaneously, to share experiences with other groups or individuals. Humour, precisely for being restricted to its own set of meanings, hardly ever replaces the

established order. Therefore, Peter Berger (1999) explains, humour needs well defined borders, in order to avoid outlying and anxiety, when it is expected to create fun. Rather, it helps to keep the social balance as well as to consolidate order. With a sexual joke, sexist humour may relate to the contradictory norms and expectations that guide gender social relations (Bore, 2010; Kuipers, 2008).

As referred above, phenomenology considers that humorous approaches and serious interpretations are quite differentiated. According to Berger (1999), humour has an intrusive attitude towards reality, like religion has. In his opinion, humour and religion represent limited fragments of reality, which produce worlds of meanings detached from the common life-world and they also operate with different rules. The lived experience in a comic situation or formulation promises a form of redemption by laughter. Berger's theory to understand humour comes from the constructivist perspective but also comes close to the psychologists' relief theory through a theological turn (Kuipers, 2008). Although Berger's idea resonates as healing humour, his confidence in the redemptive features of humour and laughter creates a particularly one-sided vision of humour.

The constructivist approach to humour interpretation essentially states that the reality of a humorous context parallels to a flexible contract between joke tellers and their audience. Humour interpretation is regarded as a form of social contract or a form of cooperation within a conversation between the two parts involved. In another words, a negotiated joke is a constructed joke. Interaction gains precedence in this kind of analysis, and the research focus moves from the joke content towards the interaction context. It is not possible to force the sense of humour, this should emerge from the processes of internalisation and externalisation. Norms of social behaviour, like listening without interrupting or smile at the end, may be included in this social contract – and the processes of social construction of norms are strongly connected to typified significations of time with noteworthy ranges and differences in diverse cultural contexts (Hall, 1959). Humorous interaction is, by the nature of humour, an interaction where normal logical rules are suspended, as occurs with many norms about conventions and taboos: “comedians and satirists push the limits of commentary on religion, race, capitalism, gender identity, sexual affiliation, the political system, stereotypes, and a myriad of other topics that parents typically teach their children not to discuss around polite company” (Lan-dreville, 2012, n.p.).

The social contract on humorous discourse requires that every participant in a humorous interaction understand the underlying conventions specific to the humour conveyed by each group, in a way that intelligibility do not turn into noise. This is a characteristic of humour that may contribute to the internal cohesion of the group. Just to recognise the distinction between a normal conversation and the beginning of a humorous discourse requires an intimate knowledge of the cultural environment. This may explain why translating humour from a culture to another may present serious difficulties, and often condemned to fail.

INTERRUPTIONS – 2ND HALF

Notwithstanding the conception of time in physics (Rovelli, 2018), ontology (Baker, 2010), history (Holford-Strevens, 2008), and literature (Borges, 2001), this paper intends to reflect the intersubjective notion of social times, moments shared by a social group as owning structural features broadly similar, which, in some form, configure “the rhythm of social life that is the foundation of the category of time” (Durkheim, 1996, p. 489).

For that effect, it is taken into consideration the Lyman and Scott’s formulation of timelines (1989), in their sociological-existentialist theoretical approach to a sociology of the absurd. These authors assume that the perception of timelines is entirely subjective, and individuals may feel in a fatalist time track, or in a humanist one. The following focus fundamentally in Lyman and Scott’s theoretical propositions about lateral time tracks, alternative and parallel to common time, the ones that constitute themselves as variations and time-outs to time continuity. This reflection quests for a comedy framework within these times out of time. The analysis does not focus in the internal times of the artistic performance but tries to decipher the context where comedy folds conventions and creates a set of meanings with discourse autonomy.

Lyman and Scott (1989) present a set of three time tracks, paralleled with common daily life: waiting, time out, and withdrawal. Among these, is it important to focus on the second one. Humour is a time out.

The authors define time out as “a respite in activities related to a specific time track, a period when rules and roles related to that track are relaxed or revoked. During this time-specific state contradictory or irrelevant behavior may be carried out with impunity” (Lyman & Scott, 1989, p. 44).

Time out can also be used to distinguish discursive opposites, like “the serious from the droll, the sacred from the profane, the impersonal from the intimate” (Lyman & Scott, 1989, p. 45).

Similarly, the time out in modern day workplaces is coffee-break; and in some team sports, time outs are the periods of time when the match is interrupted to coaches give new instructions to the players. Likewise, humour is a time out in the daily life match, an interaction where individuals reconstruct social forms (Simmel, 1910) e receive new coding and decoding instruction, to apply to reality (Durkheim, 1996). In situations of performative play, these instructions are the contexts where the comedians’ jokes are uttered.

If humour is understood as an intersubjective process that comprises a denaturalised daily life, woven from the life-world tipifications, it is possible to conclude that humorous discourses show the ridicule and highlight the relativity of social constructs, of daily life, and of cultural structures:

humour transforms itself in a mirror lifted to everyone’s face, giving the possibility of looking into the world and themselves in such a seemingly distorted way, regarding the known tipifications. Humour reveals the path for social construction of what seems to be apparently real but is only really apparent. (Jerónimo, 2015, p. 26)

Humor, as one form of discourse in daily interactions, can be found in the same paths as the common conversations between people. Nevertheless, comedy, with its performative enactment, assumes more clearly its role of time out, aside from the common time track in which regular human lives intertwine.

Without this typified understanding that comedy assumes a time out format, it would fall in the ambiguous territory of post-modern irony. If there are no more linkages between acquired meanings and uttered discourses, there will be no sense of truth and falsehood. Such a world would be profoundly ironic, because no speech could ever be validated, justified or consubstantiated (Colebrook, 2004).

REPETITIONS

After pessimistic reflections about culture (Adorno, 2003; Arendt, 1996) or about public speech (Frankfurt, 2006; Sunstein, 2010), some less joyful considerations were also made about the contemporary laughter (Billig, 2001; Lipovetsky, 1989; Minois, 2007).

The upsurge of humorous products and creators has filled the media in such a way that is impossible to control, either from the perspective of intervening on meanings, or from the receiver point of view, making it unattainable to follow and to know every single comedy product in every single medium and platform offered by today's technology. This detonation of humour, equally in public and private spheres, spilled over to every moments and facets of daily life, and invaded the most durable social structures. The pervasive impulse of the humorous phenomena embodies all spheres of social life (Lipovetsky, 1989).

A humorous society do not intend to desacralise, there is nothing left to desacralise. The trifle of laughter encourages the latter to consume itself in emptiness, in a flat world, unidimensional, where everything should be communicated with lightness and bliss, with no ethical worries about what is said, a kind of communication that Harry G. Frankfurt (2006) designates by "bullshit".

If institutional dimensions of life (the State, religion, politics, work) no longer have a serious character and were trespassed by the powerful waves of humour, the comic stance produced by contrast disappears (Minois, 2007). Thus, humour turns itself into a vaguely ironic, somewhat sarcastic, or even plainly cynic cliché (Hernández Sánchez, 2012), but nonetheless clearly irreflexive.

Humour in perpetuity is no longer a proficient method of blasting conventional ideas and ends up transforming itself in another one of the conventions that it previously used to deconstruct. What is left are automatic gazes, ritualised smiles for conventional jokes. Humour becomes repetitive and expectable (Eco, 1991). "The authentic laughter is gradually excused from the feast, and is replaced by the rigid, artificial and mandatory mask of laughter" (Minois, 2007, p. 641).

CANONS

The intelligibility of the humorous discourse also comprises its timely references (and its non-timely, as well). Comedy, channelling its references to the ridicule features of the anti-hero, does not care with the historicity in its discourse, making those references often confined to audiences from the same epoch.

According to David Lowenthal (2015), the past is a foreign country. Thus, time distance has the same effect on humour as cultural strangeness. Opposite to the classical tragedies, which still provoke emotions after 25 centuries, Aristophanes' Old Comedy will hardly get the same kind of laughter that these plays received in the Dionysia festivals of the 5th century BC (McGowan, 2017).

The immediate relation with the audience is intensified in stand-up comedy performances, which places it in the boundaries of post-modernity, with its negligence with the past and the future (Martins, 2011). Totally immersed in a present-only sphere that combines the historical moment, the geographical place, and the cultural context, comedy does not look forward to the future nor reflects about the past.

Even comedy audiences being contemporary to the uttered speech, that does not mean that narrative historicity becomes an element of the joke. Usually, comedy performances do not establish chronological orders – unless its required for the joke set up – and do not organise information in the usual telescopic organisation of time.

Humour compromises with the absurdities and ridicules of its time and place highlighted by the comedians' worldview. Before the tragedy of life, Michel Maffesoli says that this attitude towards present time "canonises the existent" (quoted in Martins, 2011, p. 123), suggesting no alternatives nor overcoming.

Humorous discourse, stuck in a fluid lack of historicity, surpasses reality without leaving the present. More accurately, without being in a time track. The presentism of contemporary societies, as Gilles Lipovetsky (1989), Michael Billig (2001) or Roger Minois (2007) have warned, may be the best nourishment to a society contaminated by laughter.

STAND UP

Many truths are told as jokes and many lies in a serious manner. "A man may speak truth in game and play", wrote Geoffrey Chaucer (2003) in the "Cook's prologue" of his 14th century *Canterbury tales*. Those who use comic language, such as jesters, clowns, minstrels, or their historical equivalents, as well as contemporary professional comedians, are usually very popular characters across times and cultures (Apte, 1985; Minois, 2007; Sanders, 1995).

Robin Williams (supposedly) said "stand-up is the place where you can do things that you could never do in public. Once you step on stage you're licensed to do that"¹. Experimented authors in comedy writing, as John Byrne (2002), Peter McGraw and Joel

¹ Quote attributed to Robin Williams in several online quotation collections, without reference of time and place where it might have been said.

Warner (2014), or Double (2014), consider the stage as the comedians' primeval home, right there before the audience.

In the United States, the stand-up comedy genre developed in the 20th century from the popular American entertainment traditions, burlesque and vaudeville, which included slapstick, impersonation, and mockery (Todarello, 2006). Stand-up comedy grew in scale and sophistication after World War II, and became, within the American comedy industry, a very popular form of entertainment, reaching radio and television, nesting a large circuit of comedy bars and clubs, and more recently, hitting the world wide web and the digital realms (Lewis, 2006; McGraw & Warner, 2014; Sanders, 1995).

Stand-up comedy may be defined by three features: personalisation; direct communication; present time. The first reports to the presence of the comedian before the audience, be it a version of the comedian's self, or a cartoonish figure. The second one, regards to the relationship established between the comedian and the audience. The last one, the present time, is the comedian's coordination with the moment when the performance is done (Double, 2014, pp. 19-20).

Stand-up comedy, by its unique characteristics of authorship and performance, steps away from the humanist and fatalist time tracks, and appear very sharply as a privileged space where every intervenient is conscious about the interruption – time out – of the daily life common time track.

SCREENS

Professional comedians occupy, in the contemporary world, an important place in the media arena and position themselves in the cultural field as relevant characters for interpreting social discourses².

The "screen culture" manifests itself in its horizontality, a culture of everyone for everyone (Lipovetsky & Serroy, 2010). On the same screen where we look at, there is the camera that stares at us. The huge amount of humorous contents of immediate access, like the Brazilian group Porta dos Fundos, or the special comedy shows on Netflix, allows the viewers watching at any time, any place, any device. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2010) discussed how the cultural consumption of the global screen's second act turned out totally individualistic and personalised. This individuation is also accomplished by the mediation between time and technology, and each person's unique usage of online contents:

videos produced in offline spaces can be exchanged and shared only if placed in a new context (e.g. internet websites), thus being distanced from the original context and exchanged between people who live in different time zones and experience different timing in their everyday schedules. (Tsatsou, 2009, p. 14)

² This positioning in the cultural and social fields was not always positively seen. Plato standed that "such representations should be left to slaves and hired foreigners, no serious attention should be paid to them, and no man or woman should take any kind of teaching from them" (*Laws*, VII-816).

A curiosity that denotes the audience's power of adjustment to the terms of comedy, regarding the intersubjective perceptions of comedy rules, reports to the length of comedy performances.

Duration is the most widely shared implicit assumption concerning the nature of time in the Western world. It seems inconceivable to those of us who have learned to take this one isolate so much for granted that it would be possible to organize life in any other way. (Hall, 1959, p. 171)

Specials produced and streamed by Netflix come in three different forms, reprising the customary lengths of the cafés and theatres – sets of comedians with 15- or 30-minutes performances and special shows of one hour, approximately.

In an individualised streaming platform, one could imagine that the length of one show would suffer the same constraints as the classical television schedules, where a strict timetable forced time-checked shows. Only in those few minutes besides the hour that comedy specials (and some episodes of other shows) have can one notice a small reflection of the freedom these streaming platforms enjoy.

All comedy specials that Netflix originally streamed in 2018 had approximately 60 minutes. If not by any technical or schedule restriction, it is probably because of a cultural guideline, the usual duration that the audience is accustomed to in live shows and classical television broadcasts.

The channel *Porta dos fundos* on YouTube looks more like an example of freedom concerning comedy time. This may happen because they do not have to compile the sketches for a classic sketch show. *Porta dos Fundos'* sketches are released one by one three times a week, therefore there is no need to edit a 25- or 45-minute show. This is a significant difference to the 1969 BBC show, *Monty Pythons' flying circus*, in which the authors had to insert Terry Gilliam's post-surrealistic animations to fill in the time gaps so that every episode would last the time requested by the British network.

CONCLUSION: PUNCHLINES

What if we would laugh, / Laugh about everything, so much / That because of so much
laughing / We became tears?
Alexandre O'Neill

The reflections presented in this paper are an attempt to frame humour as a discourse formulation of daily interaction and an intersubjective process of producing meanings that subvert the usual order of the life-world, however properly organised by tipification processes ensuing social practices which concern humorous formulations.

Humour is understood, in sociability spaces, as an alternative communication intervention. Humour occupies a time with a unique set of rules of pragmatic and style, recognised by everyone involved. Humour is an interruption to common time, a time out

period, and comedy, with its performative forms acknowledged across the history or art and entertainment, assumes evidently that condition of a time out track.

As a subversive time out, comedy takes the risk of becoming repetitive and of colonising the public sphere, and thus create a permanent condition of interruption, caused by an artificial humour locked up in its own iterations.

A permanent time out does not allow returning to common time, which, in turn, would become the real alternative and subversive discourse.

The risk for a public sphere in a state of perpetual parodical time out is the risk of a public sphere centred in its lack of temporality, the canonisation of the present endorsed by the typical features of the humorous discourse. It would be a society without time for historical thinking and reflexiveness.

Technologies promoted an individualisation of consumer practices in general, likewise for comedy shows, although they did not break up the direct relationship between the audiences and the performers.

Nevertheless, despite the changes that individualisation created, comedy did not lose its time-shaped forms to which the audiences are used since the old comedies in the Lenaia festivals. ✍

Translation: Nuno Amaral Jerónimo and José Carlos Alexandre

REFERENCES

- Adorno, T. W. (2003). *Sobre a indústria da cultura*. Coimbra: Angelus Novus.
- Apte, M. (1985). *Humor and laughter: an anthropological approach*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Arendt, H. (1996). La crisis en la cultura: su significado político y social. In H. Arendt, *Entre el pasado y el futuro – ocho ejercicios sobre la reflexión política* (pp. 303-346) Barcelona: Ed. Península.
- Baker, L. R. (2010). Temporal reality. In J. K. Campbell, M. O'Rourke & H. S. Silverstein (Eds.), *Time and identity* (pp. 27-47). Cambridge: The MIT Press.
- Bakhtin, M. M. (1984). *Rabelais and his world*. Bloomington: Indiana University Press.
- Baldick, C. (2008). *Oxford dictionary of literary terms*. Oxford: Oxford University Press.
- Berger, P. (1999). *Risa redentora*. Barcelona: Kairós.
- Bevis, M. (2013). *Comedy – a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Billig, M. (2005). *Laughter and ridicule – towards a social critique of humour*. London: Sage
- Bore, I. K. (2010). (Un)funny women: TV comedy audiences and the gendering of humour. *European Journal of Cultural Studies*, 13(2), 139-154.
- Borges, J. L. (2011). El tiempo. In J. L. Borges, *Miscelánea* (pp. 243-253). Barcelona: Penguin Random House.
- Brekhus, W. (2000). A mundane manifesto. *Journal of Mundane Behavior*, 1(1), 89-106.
- Byrne, J. (2002). *Writing comedy*. London: Bloomsbury Methuen Drama.

- Chaucer, G. (2003). *The canterbury tales*. London: Penguin.
- Cohen, T. (2013). Humor. In B. Gaut & D. McIver Lopes, D. (Eds.), *The Routledge companion to aesthetics* (pp. 425-430). London: Routledge.
- Colebrook, C. (2004). *Irony*. London: Routledge.
- Critchley, S. (2002). *On humour*. London: Routledge.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis – rara uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Double, O. (2014). *Getting the joke: the inner workings of stand-up comedy*. London: Bloomsbury.
- Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eco, U. (1991). *Apocalípticos e integrados*. Lisboa: Difel.
- Frankfurt, H. G. (2006). *Da treta*. Viana do Castelo: Livros de Areia.
- Góes, P. (2009). O problema do riso em *O nome da rosa*, de Umberto Eco. *Aurora*, 21(28), 213-240.
- Habermas, J. (1992). Further reflections on the public sphere. In C. Calhoun (Ed.), *Habermas and the public sphere* (pp. 421-461). Cambridge: The MIT Press.
- Hall, E. T. (1959). *The silent language*. Garden City, New York: Doubleday & Co.
- Hernández Sánchez, D. (2012). *A comédia do sublime*. Lisboa: Nova Vega.
- Holford-Strevens, L. (2008). *Pequena história do tempo*. Lisboa: Tinta da China.
- Huizinga, J. (2003). *Homo Ludens – um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Ed. 70.
- Jacobsen, M. H. (2009). The sociology of the absurd: an absurd man in an absurd world. In M. H. Jacobsen (Ed.), *Encountering the everyday – an introduction to the sociologies of the unnoticed* (pp. 279-303). New York: Palgrave MacMillan.
- Jerónimo, N. A. (2015). *Humor na sociedade contemporânea*. Doctoral thesis, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Retrieved from https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3974/1/TD_Nuno_Jer%C3%B3nimo.pdf
- Keightley, E. (2012). Introduction: time, media and modernity. In E. Keightley (Ed.), *Time, media and modernity* (pp. 1-22). Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- Kuipers, G. (2008). The sociology of humor. In V. Raskin (Ed.), *The primer of humor research* (pp. 365-402). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Landreville, K. (2012). Laughter and the political landscape. In *The Society Pages Roundtables* [website]. Retrieved from <http://thesocietypages.org/roundtables/humor/>
- Lewis, P. (2006). *Cracking up: American humor in a time of conflict*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *O ecrã global*. Lisboa: Ed. 70.
- Lowenthal, D. (2015). *The past is a foreign country (revisited)*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Lyman, S. M. & Scott, M. B. (1989). *A sociology of the absurd*. New York: General Hall.
- Machado Pais, J. (2015). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Mann, D. (2008). *Understanding society – a survey of modern social theory*. Ontario: Oxford University Press Canada.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura – das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.
- Mattoso, J. (2012). *Levantar o céu – os labirintos da sabedoria*. Lisboa: Temas e Debates.
- McGowan, T. (2017). *Only a joke can save us – A theory of comedy*. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- McGraw, P. & Warner, J. (2014). *The humor code – a global search for what makes things funny*. New York: Simon & Schuster.
- Minois, G. (2007). *História do riso e do escárnio*. Lisboa: Ed. Teorema.
- Morreall, J. (2009). *Comic relief – a comprehensive philosophy of humor*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Mulkay, M. (1988). *On humour: Its nature and its place in modern society*. Cambridge: Polity Press.
- Otto, B. K. (2001). *Fools are everywhere – the court jester around the world*. Chicago: University of Chicago Press.
- Overgaard, S. & Zahavi, D. (2009). Phenomenological sociology – the subjectivity of everyday life. In M. H. Jacobsen (Ed.), *Encountering the everyday – an introduction to the sociologies of the unnoticed* (pp. 93-115). New York: Palgrave MacMillan.
- Platão (360 a.C.). *Laws*. Retrieved from <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>
- Reading, A. (2012). Global time: time in the digital globalised age. In E. Keightley (Ed.), *Time, media and modernity* (pp. 143-162). Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- Rovelli, C. (2018). *A ordem do tempo*. Carnaxide: Objectiva.
- Sanders, B. (1995). *Sudden glory – laughter as subversive history*. Boston, MA: Beacon Press.
- Schutz, A. (1967). *The phenomenology of the social world*. Evanston: Northwestern University Press.
- Schutz, A. (2003). *El problema de la realidad social – escritos I*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Simmel, G. (1910). How is society possible. *American Journal of Sociology*, 16, 372-391
- Southworth, J. (1998). *Fools and jesters at the english court*. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- Stott, A. (2005). *Comedy*. London: Routledge.
- Sunstein, C. (2010). *Dos rumores*. Alfragide: D. Quixote.
- Todarello, N. (2006). *Le arti della scena. Lo spettacolo in Occidente da Eschilo al trionfo dell'opera*. Novi Ligure: Latorre.
- Tsatsou, P. (2009). Reconceptualising 'time' and 'space' in the era of electronic media and communications. *PLATFORM: Journal of Media and Communication*, 1, 11-32.

- Turner, J. H. (2013). *Contemporary sociological theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Walker, N. A. (1998). *What is so funny? humor in american culture*. Wilmington, DE: Scholarly Resources.
- Watson, C. (2015). A sociologist walks into a bar (and other academic challenges): towards a methodology of humour. *Sociology*, 49(3), 407-421.
- Weitz, E. (2009). *The Cambridge introduction to comedy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zijderveld, A. (1983). The sociology of humour and laughter. *Current Sociology*, 31(3), 1-6.

BIOGRAPHICAL NOTES

Nuno Amaral Jerónimo holds a PhD in sociology by the University of Beira Interior since 2015. He is Assistant Professor, at the Department of Sociology, in the University of Beira Interior, since 2015. He is collaborator of the newspaper *O Interior*, since 2000. He was a reporter on the section “Public Enemy”, between 2004 and 2008 (JN). He is co-author of the book *Como ficar estupidamente culto em apenas 10 minutos* [How to be stupidly cultured in just 10 minutes] in 2004. Member of the direction of the “New Hand Lab” Cultural project, since 2019.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2452-0417>

Email: nunoaj@ubi.pt

Address: Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Rua do Sineiro, 6200-209 Covilhã, Portugal

José Carlos Alexandre holds a PhD in communication sciences by the University of Beira Interior, since 2017. He is adjunct Professor and Deputy Director (2009-2015) of the School of Education, Communication and Sport of the Polytechnic Institute of Guarda. He is an investigator in LabCom. He is author of several articles as well as of the book *Uma genealogia da espiral do silêncio: a expressão da opinião sobre as praxes académicas* [A genealogy of the spiral of silence: the expression of opinion on academic hazing].

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8262-5279>

E-mail: jcalexandre@ipg.pt

Address: Instituto Politécnico da Guarda, Av. Francisco Sá Carneiro, 50, 6300-559, Guarda, Portugal

* Submitted: 01/10/2018

* Accepted: 21/12/2018

O TEMPO DO MEDO *VERSUS* O TEMPO DA CIÊNCIA: DISPUTAS DISCURSIVAS SOBRE A EPIDEMIA DE VÍRUS ZIKA E MICROCEFALIA NO BRASIL

Simone Evangelista Cunha & Marcelo Garcia

RESUMO

O artigo propõe-se a discutir alguns dos tensionamentos desencadeados pelas fricções entre regimes temporais distintos envolvidos num episódio epidémico. O texto tem como base o estudo de caso sobre a difusão de informações relacionadas com a epidemia de Zika e microcefalia no Brasil no verão de 2015/2016. A partir do contexto de mediatização intensa e da complexa temporalidade produzidas pelas tecnologias digitais de comunicação, procuramos analisar a relação entre atores humanos e não-humanos que contribuíram para a construção social dessa epidemia em particular. Nosso foco recai, em especial, sobre a produção de vídeos pelo público “leigo” que disseminam boatos com possíveis explicações alternativas para a epidemia.

PALAVRAS-CHAVE

Mediatização; risco; tempo; vírus Zika; YouTube

FEAR TIME *VERSUS* SCIENCE TIME: DISCURSIVE DISPUTES OVER THE EPIDEMIC OF THE ZIKA VIRUS AND MICROCEPHALY IN BRAZIL

ABSTRACT

This article discusses some of the tensions caused by the friction between distinct temporal regimes associated with an epidemic episode. This text is based on the study of the way information related to the Zika epidemic and microcephaly in Brazil was speeded out during the year 2015-2016. Starting with the context of intense mediatization, as well as of the complex temporality produced by digital communication technologies, we sought to analyze the relationship between human and non-human actors that contributed to the social construction of this epidemic. The focus of the text are the videos produced by the “lay” public who also spread rumors which show likely alternative explanations about the epidemy.

KEYWORDS

Mediatization; risk; time; Zika virus; YouTube

INTRODUÇÃO

Segundo o historiador Charles Rosenberg (1992), além do seu caráter biológico, toda doença é um amálgama dos sentidos atribuídos pelas sociedades, uma construção intelectual complexa. Nessa mesma direção, Janine Cardoso (2012) afirma que, a emergência e a experiência da doença, no plano individual ou coletivo, mobilizam repertórios culturais e cognitivos e expõem formas de organização social e de relações de saber e poder historicamente produzidas. O período inicial ou agudo da expansão do vírus Zika que assolou o Brasil entre os meses de outubro de 2015 e fevereiro de 2016, foi marcado por dúvidas, incertezas e medo. Muitos investigadores e profissionais da saúde traçaram paralelos com outras situações de epidemias vividas no país – em especial VIH/Sida, no início dos anos 1980. Ainda que biologicamente muito diferentes, partilham algumas semelhanças relativamente aos contextos de surgimento: pouco se conhecia sobre eles, havia muitas incertezas científicas sobre todos os aspectos associados a eles, as duas epidemias ganharam enorme destaque na imprensa e ambos representaram (e ainda representam) problemas graves de saúde pública.

Ao abordar a construção social da Sida, por exemplo, Norman Fairclough (2001) mostra como esse processo combinou vários discursos (como os da venereologia, da “invasão” cultural por “estrangeiros” e da poluição). Estabelecendo um paralelo com o vírus Zika, este também envolveu a proliferação de narrativas que entrelaçaram vírus, mosquitos, concepções sobre maternidade, aborto e vacinação, xenofobia e política partidária. Estes discursos que também aparecem nos média, nas páginas da internet e nas redes sociais desempenharam um grande protagonismo durante o episódio (Garcia, 2017) e apresentam-se como constitutivos da descontinuidade temporal criada pelo tempo do medo e do risco .

A velocidade de circulação de informações sobre Zika e microcefalia e o interesse despertado pela doença desconhecida transformaram o episódio num tempo de crise privilegiado para a revelação e análise das tensões que emergem do processo de mediatização que atravessa a sociedade contemporânea. Segundo Muniz Sodré (2007), por mediatização, entenda-se o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com os média, representando uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação. Conforme argumenta Fausto Neto (2008), a mediatização redesenha os processos interacionais e sugere a produção de uma nova ambiência, com o deslocamento de produtores e receptores no processo de comunicação para uma nova zona de contato, pautada por lógicas de circulação e de temporalidade não-lineares.

Dito de outra forma, José Luiz Braga (2012) afirma que na sociedade mediatizada todos os campos sociais, inclusive (e, talvez, em especial) o científico, parecem estar mais associados a necessidades de interação “externa”, devido à capacidade de conflito provocado por atores de fora do campo, ou por causa da possibilidade de interação com o ambiente externo fora das lógicas estritas do campo. Tais processos e lógicas difusos, próprios da mediatização, refletem um cenário de diminuição da capacidade de refração e da esfera de legitimidade dos próprios campos autónomos, oferecendo

estados de descontinuidade temporal e de emergência de tempos diversos e, por vezes, contraditórios.

Num contexto em que a internet é uma fonte cada vez mais importante de informação sobre saúde, os cidadãos passam a assumir um papel de especialista (Garbin, Pereira Neto & Guilam, 2008; Vasconcellos-Silva & Castiel, 2010), mergulhado numa “espécie de mercado de variadas versões de verdades plausíveis – subitamente urgentes – a nos exigir decisões inequívocas” (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2010, p. 4). Neste artigo, debruçamos-nos sobre as disputas pela legitimidade dos discursos em torno do vírus Zika no Brasil e, em especial, sobre as tensões originadas pelas fricções entre regimes temporais que caracterizam a rede dos atores humanos e não-humanos (Latou, 2000) em que se inscrevem as controvérsias sobre o episódio, incluindo as plataformas digitais de redes sociais. Analisar um episódio de pânico, incerteza e desconhecimento como a epidemia permite observar o compasso de tempo em que se inscreve a produção do conhecimento. É nesse vislumbre do processo de formação daquilo que Bruno Latour (2000) chama de caixa-preta¹, nesse curto intervalo de tempo de intensa produção semântica, que o episódio da Zika ganha seus contornos mais únicos.

Na primeira parte do artigo, debatemos as disjunções temporais relativas ao fazer científico e aos discursos sobre a ciência à luz do alto grau de reflexividade experimentado em nossa sociedade (Giddens, 1991). Fruto do próprio acúmulo do conhecimento científico e das mudanças ocorridas na modernidade, esse caráter reflexivo impõe uma série de novas questões, típicas do nosso tempo, sobre o papel da ciência e sua relação com a produção do risco e da incerteza. Em seguida, estabelecemos uma correlação entre o fortalecimento da retórica da “eu-pistemologia” (Van Zoonen, 2012) e a disseminação de narrativas alternativas sobre a epidemia, enquanto realidades que ocorrem. Por fim, apresentamos uma breve investigação inspirada na análise de conteúdo sobre três vídeos publicados no YouTube que apresentam boatos como possíveis explicações para o problema.

Este trabalho subscreve a proposta de Gary Kreps (2013) acerca da relevância de estudos sobre comunicação e saúde para o desenvolvimento de políticas públicas do setor. Segundo o autor, é fundamental examinar cuidadosamente a influência da comunicação em problemas críticos envolvendo populações em risco, profissionais de saúde e outros atores importantes para o sistema de saúde moderno. Num cenário no qual a desinformação se propaga com maior facilidade e em tempos cada vez mais curtos a partir dos média digitais, argumentamos ser crucial compreender as narrativas que circulam nestes espaços para concretização de políticas de promoção da saúde.

Este é um texto reflexivo no qual o vírus Zika e microcefalia é tomada como um ponto de partida para problematizarmos os imperativos do campo de comunicação e saúde na contemporaneidade e as suas temporalidades.

¹ A expressão, como explica Latour (2000), é usada em cibernética para representar uma máquina ou um conjunto de comandos complexos, que passam a ser representados por uma caixinha preta, a respeito da qual só é preciso saber o que nela entra e o que dela sai, por mais controversa que seja sua história ou por mais complexo que seja seu funcionamento. Após a estabilização, o processo social de construção da caixa-preta se torna invisível.

TEMPO DA POPULAÇÃO VERSUS TEMPO DA CIÊNCIA

Ao analisar as perspectivas da ciência para a virada do século, Boaventura de Souza Santos (1988) descreveu a situação ambígua na qual vivia uma humanidade atônita. Segundo o autor, encontrávamos-nos (e, em nossa perspectiva, ainda nos encontramos) num cruzamento de “sombras de um passado que ora pensamos já não sermos e ora pensamos não termos ainda deixado de ser, e sombras de um futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser” (Santos, 1988, p. 46). O sociólogo afirma que, se centrarmos nosso olhar no futuro, duas imagens contraditórias nos ocorrem alternadamente: a da nossa chegada ao limiar de uma sociedade libertada das carências e inseguranças pela tradução tecnológica dos conhecimentos acumulados e a dos perigos que nos fazem temer que o futuro termine antes de começar.

Pode-se alinhar a percepção de Santos com a célebre análise de Anthony Giddens (1991) sobre o caráter reflexivo da modernidade. Segundo este sociólogo, a modernidade é um fenómeno de dois gumes: o desenvolvimento das instituições modernas e sua difusão mundial criaram oportunidades para gozarmos de existências mais seguras e confortáveis, mas também produziram um lado sombrio porque aumentam a experiência de incerteza e de receio dos cidadãos (Giddens, 1991). Segundo esta visão, os riscos da modernidade não são frutos de relações de causa e efeito diretas, imediatas e certas; pelo contrário, estão associadas a potenciais, a possibilidades difíceis de determinar, o que gera um cenário global de incertezas não quantificáveis. Ulrich Beck (2010) também caracteriza a sociedade moderna pelas incertezas e ameaças produzidas e agravadas pelo progresso. Nela, a ciência adquire um papel extremamente importante enquanto legitimadora de conhecimentos e práticas, mas, ao mesmo tempo, parece ser cada vez menos suficiente na definição socialmente vinculante de verdade (Beck, 2010), contribuindo para a experiência do risco, incerteza e descontinuidade.

Situações extremas e diversas como desastres naturais, ataques cibernéticos descentralizados ou epidemias de saúde pública exemplificam na prática as angústias e inseguranças que advêm das ambiguidades em torno do fazer científico. Luis David Castiel (1999) afirma que o conhecimento deixou de possuir a vinculação que possuía com os ideais deterministas; conhecer já não implica atingir certezas incondicionalmente estáveis. Embora os resultados e promessas da ciência repercutam cada vez mais em todos os âmbitos do nosso cotidiano (Tucherman & Ribeiro, 2012), a ciência em si repousa sobre areia movediça na sociedade de risco (Giddens, 1999), produzindo tempos descontínuos e fragmentados.

A partir do que pontuam Igor Sacramento e Izamara Bastos Machado (2015), essa temporalidade permanente de risco é amplamente difundida em narrativas sobre catástrofes, acidentes e epidemias, particularmente no âmbito do jornalismo. Relatos e experiências construídos para estimular a identificação entre o leitor/espetador e personagens que sofrem contribuem para a percepção de que tais imprevistos podem ocorrer a qualquer momento, refletindo num presente constante a possibilidade de futuro. Num contexto em que as definições científicas sobre os riscos estão cada vez mais interligadas a expectativas e avaliações sociais (distante, portanto, de verdades irrefutáveis), a experiência mediatizada desses acontecimentos permeia todo o tempo da vida cotidiana.

Cabe lembrar que, diferentemente do que acredita o senso comum, o tempo é uma noção culturalmente construída e performatizada a partir de diferentes instâncias. Sendo assim, os média e os processos comunicacionais influenciam a nossa percepção do tempo e dos regimes temporais, complexificando ainda mais a relação entre público e ciência. Porém, a própria relação entre o tempo e os média é pautada pela articulação de diferentes temporalidades (West-Pavlov, 2012). Este fenômeno materializa-se de formas distintas, a partir dos usos simbólicos e sociais dos diferentes média ao longo da história, de forma que “cada processo comunicacional engendra um ou mais regimes de temporalidade” (Musse, Vargas & Nicolau, 2017, p. 8). Na atualidade, como argumenta Marialva Carlos Barbosa (2017), a dimensão relativa do tempo passa a tornar-se ainda mais palpável com a disseminação das tecnologias digitais. Em diferentes plataformas, é cada vez mais fácil revisitar e reconstruir o passado no presente, assim como apresentar e debater projeções sobre o futuro. A relação entre temporalidades e média é pautada por um tempo fluído e volátil, “governado pela lógica exponencial da aceleração” (Barbosa, 2017, p. 20).

A aceleração do tempo aponta não para a projeção teleológica de um futuro, nem para a recuperação de um passado, mas para uma experiência social alicerçada na instantaneidade e na condensação temporal (Mateus, 2013). Dessa forma, o tempo cotidiano já não é cíclico nem linear, mas pontilhisto, marcado por sucessivas desintegrações (Maffesoli, 2003). Como argumenta Zygmunt Bauman (2007), sua inconsistência, falta de coesão e profusão de descontinuidades desfaz os elos temporais que unem os acontecimentos, liquefazendo-o. A memória é alterada, transformando-se numa memória rizomática, espalhada por todos os nódulos da rede, esperando ser recuperada e reenviada, produzindo novas relações com o conhecimento e com a utilização desse conhecimento (Mateus, 2013).

Já na perspectiva de Muniz Sodré (2007), as tecnologias avançadas da comunicação e a velocidade de circulação das informações produzem uma outra temporalidade, o ‘tempo real’, no qual a experiência habitual do tempo é profundamente modificada, uma vez que virtualmente conectado a todos os outros, os indivíduos podem ser alcançados sem demora. Nessa temporalidade condensada no presente, “eterno presente” (Sodré, 2007, p. 19), a informação tende a ser pontuada por sua própria velocidade de transmissão, pela imediatez, espaço ilimitado e baixo custo. Os acontecimentos estão sempre à frente da possibilidade de que sejam interpretados pelos indivíduos, assim como o derrame social das tecnologias da comunicação está à frente da sua interpretação pelas formas individuais e coletivas de consciência. O filósofo argumenta que o discurso controla retoricamente a sociedade como um todo, constituindo-se ele próprio numa esfera existencial particular, “geralmente tão abstrata com relação ao território concreto e ao tempo real-histórico quanto é abstrato o sistema da língua com relação ao discurso” (Sodré, 2007, p. 20).

Em direção similar, Marialva Barbosa destaca que, ao produzir uma realidade na qual os eventos são sempre passíveis de atualização a grande velocidade, a confluência dos meios digitais também contribui para a constituição de um “presente estendido”

(Barbosa, 2017, p. 20). Quer dizer, e em diálogo com François Hartog (2013), que o regime de historicidade é marcado pelo presentismo, face ao qual o futuro, antecipado como uma ameaça, é persistentemente trazido ao presente, reduzindo a experiência de insegurança e risco. Os média atuam, assim, persistentemente, na ativação do presente, tendência que se reflete no fluxo ininterrupto de informação em circulação nos meios de comunicação: “é o tempo do fluxo que emerge das narrativas, notadamente no ambiente on-line, não permitindo a pausa necessária para a reflexão” (Barbosa, 2017, p. 21).

Situações como a epidemia de vírus Zika no Brasil revelam-se emblemáticas para compreender os atravessamentos entre as teorias do risco e as temporalidades mediadas pelos meios de comunicação, sobretudo digitais. Sem a pretensão de dar conta da totalidade dos elementos envolvidos nesta configuração, destacamos a seguir alguns pontos centrais para a reflexão proposta. Trata-se, afinal, de compreender as implicações envolvidas nas diferentes temporalidades relacionadas com a produção e disseminação do discurso científico, noticioso e, no contexto dos sites de mídia social, pessoais.

No âmbito da saúde, embora a ciência se proponha a explicar todos os fenômenos por meio de métodos científicos, o seu discurso concorre com outras crenças diversas (Pereira, Martins, Barbosa, Silva & Gomes, 2013). Mitos, crenças populares, medos e outras experiências sociais sobre o fenômeno da saúde e da doença acionam mecanismos muito antigos de compreensão da realidade. Dito de outra forma, nem sempre os dados científicos são as principais referências para as pessoas agirem ou pensarem sobre temas relacionados com a saúde (Pereira et al., 2013). Como também observa Fairclough (2001), o discurso da ciência médica concorre com vários discursos holísticos “alternativos” (como os da acupuntura e da homeopatia) e com discursos populares folclóricos, tendência que se amplia a partir do próprio acesso mais simplificado a informações, inclusive técnicas e especializadas, por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Outro aspecto central para a discussão proposta relaciona-se com a temporalidade própria do fazer científico, diferente do tempo de outros campos sociais, como os média, por exemplo. Se a pesquisa, em princípio, é caracterizada por um tempo de maturação lento, feito de idas e vindas, reconsiderações, avaliações e experiências, ela distancia-se da aura de *glamour* que envolve a própria divulgação dos resultados científicos nos média. Pautada pela lógica de espetacularização que organiza o tempo e o espaço para a articulação de “cotidianidades” que privilegiam o desejo pelo consumo (Lefèbvre, 1991), a comunicação da ciência é influenciada por uma visão mistificada da atividade científica. Priorizam-se aspectos espetaculares, valorizando aplicações imediatas e sugerindo, grande parte das vezes, que não se deve discutir algo decidido no campo científico. Neste processo, os média contribuem para a construção de fantasias tecnocientíficas que são uma parte cada vez mais poderosa da nossa paisagem cultural (Tucherman & Ribeiro, 2012).

No caso da epidemia de Zika, pode-se dizer que algumas dessas relações foram postas em xeque, uma vez que os média não puderam encontrar, num primeiro momento, respostas sobre o problema junto a pesquisadores e instituições científicas. Por mais

que o tempo emergencial do problema tenha impulsionado o trabalho dos institutos de pesquisa e estimulado a organização de conglomerados internacionais de cientistas em busca de soluções, como discutiremos mais detalhadamente a seguir, poderia ser necessário meses (ou anos) de pesquisas para a obtenção do conhecimento necessário para o entendimento mais completo da situação. Nesse contexto, considerando a velocidade de difusão de informações em plataformas digitais de redes sociais e o anseio público por respostas mais imediatas, múltiplos discursos passaram a disputar na produção de sentidos sobre a epidemia, com a emergência de vozes de arenas diversas como política, religião, entretenimento e jornalismo. Isso fica bem ilustrado pelas palavras de Ana Lúcia Azevedo, ex-editora de ciência do jornal *O Globo* sobre esse momento da epidemia: “tínhamos a sensação de estar construindo aquele conhecimento junto com os cientistas” (OSM, 2016).

A VERDADE DE CADA UM

Nesse contexto de muitas incertezas e discursos conflitantes em circulação, ganha força um fenômeno que Liesbet Van Zoonen classifica como “eu-pistemologia” (2012). Em oposição à ideia da epistemologia, relacionada com a natureza e com métodos do conhecimento para encontrar verdades, a eu-pistemologia responde a questões que afligem os sujeitos, a partir do “eu” e da identidade, em detrimento das instituições. Desta forma, os indivíduos “transformaram a si mesmos em fontes alternativas de conhecimento e compreensão (Van Zoonen, 2012, p. 63), em uma busca que favorece novos modos de expressão. Neste sentido, Van Zoonen dialoga com o trabalho de Jon Dovey (2000), segundo o qual os discursos subjetivos, autobiográficos e confessionais se consolidaram enquanto formas culturais a partir dos anos 1990, proliferando-se em diversos meios de comunicação. Dovey utiliza o termo “mídia em primeira pessoa” (Dovey, 2000) para denominar determinados *talk shows* e os (então emergentes) *reality shows* que dão a ver aspectos particulares e experiências íntimas dos indivíduos, pretendendo revelar o “verdadeiro eu”. Esse desejo de “autenticidade real”, diz Van Zoonen (2012), estende-se de produtores de conteúdo a companhias, que devem criar produtos e experiências cada vez mais próximas da realidade. Face a essa abundância do “real”, cabe a cada indivíduo determinar, a partir de sua perspectiva subjetiva, o que é autêntico ou não (Sibilia, 2008) e a partir da sua instantaneidade temporal.

Com a popularização da internet, a eu-pistemologia ganha ainda mais vigor, pois os discursos de si ganham alcance e variedade inéditos. Através dos média digitais, pontua Van Zoonen (2012), existe uma multiplicação não apenas de espaços nos quais os sujeitos podem manifestar suas próprias verdades, mas de modos pelos quais outros indivíduos podem estabelecer correlações entre suas experiências e aquelas que acessa na rede. Em certos sentidos, o compartilhamento das vivências e das crenças de cada indivíduo oferece respostas mais velozes (e, de acordo com a retórica da “eu-pistemologia” mais confiáveis) a problemas complexos do que a ciência pode providenciar. Neste sentido, vale lembrar que características técnicas de plataformas digitais de redes sociais

têm papel relevante na articulação dessas construções. No início de 2018, o Facebook, rede social digital mais popular entre os brasileiros, anunciou que reduziria o alcance de notícias para priorizar postagens de amigos e familiares no *feed* de seus usuários (Tozetto, 2018), por exemplo.

Este processo de enunciação coletiva a partir da teia de interações entre atores humanos e não-humanos (Latour, 1994) em plataformas digitais torna-se ainda mais evidente em casos nos quais ainda há poucas respostas “oficiais”, em que o tempo institucional se atrasa e provoca silêncios e esperas, como ocorreu durante a epidemia de vírus Zika. Menos próximo da horizontalidade propagada pela ideia de uma inteligência coletiva (Lévy, 1999) do que de disputas de sentido entre sujeitos diversos, tal processo é pautado pela capacidade de produzir narrativas consideradas “autênticas”. Dentro dessa lógica, além de questionamentos aos discursos institucionais, sujeitos que não possuem formação científica tornam-se relevantes dentro de determinadas redes relacionadas com conteúdos científicos na internet (Oliveira et al., 2017). O YouTube, a maior plataforma de vídeos da internet, têm se mostrado um espaço prolífico para este tipo de manifestação, com um “sistema de astros” (Burgess & Green, 2009) consolidado por produtores de conteúdos relacionados com a ciência no Brasil.

Considerando o apelo popular do tema e o enorme fluxo já existente de buscas por conteúdos sobre saúde na internet, não surpreende que diversos *youtubers* (produtores regulares de conteúdo para a plataforma) tenham produzido vídeos sobre Zika no auge da epidemia. Além de terem possivelmente boas intenções, tratava-se de uma oportunidade para conquistar capital social na internet. O reconhecimento de um produtor de conteúdo como fonte confiável de informações sobre um problema que afligia a população aumentaria sua autoridade, medida da influência de um ator em determinada rede (Recuero, 2009). Dada a ausência de informações oficiais sobre o Zika, boatos sobre possíveis informações “secretas” relacionadas à epidemia, que circularam intensamente em diferentes plataformas de redes sociais (Garcia, 2017) também ganharam espaço no Youtube. Não foram poucos os *youtubers* que produziram conteúdos defendendo tais narrativas alternativas, questionando-as ou simplesmente apresentando-as aos seus públicos.

Vale destacar, ainda, que em fevereiro de 2018 uma reportagem do jornal norte-americano *Wall Street Journal* apontou o potencial do Youtube na promoção de discursos radicais (Nicas, 2018). Conduzida com a participação de um ex-funcionário da Google, a investigação mostrou que a plataforma oferecia frequentemente conteúdos vinculados à extrema-esquerda ou à extrema-direita para usuários que assistiam conteúdos considerados informativos e relativamente “neutros”, na tentativa de mantê-los por mais tempo no portal. No âmbito da saúde, a questão da vacinação ganhou destaque: segundo o jornal, ao procurar por informações sobre vacinas contra a gripe, o público era incentivado a ver conteúdos sobre conspirações do movimento antivacinação. As acusações foram reiteradas pelo depoimento de outro ex-funcionário da empresa ao jornal britânico *The Guardian*. Segundo ele, o algoritmo de recomendações da plataforma distorce a realidade para fazer com que o público passe mais tempo online (Lewis,

2018). Trata-se de um contexto explosivo para a disseminação de narrativas como as analisadas ao longo deste trabalho.

É certo, concordando com autores como Jean-Bruno Renard (2007) e Jean-Noel Kapferer (1990), que os boatos fazem parte de nosso dia a dia, são uma de nossas fontes de informações desde tempos imemoriais. Tal concepção é reforçada, por exemplo, por Gordon Allport e Leo Postman (1973), para quem grande parte de nossa comunicação cotidiana é composta por rumores. Por outro lado, no processo de produção e disseminação de boatos em nossa contemporaneidade digital, temporalmente descontínua, também parecem representar papel importante as considerações da obra do filósofo Zigmunt Bauman (2007). Segundo ele, em nossos “tempos líquidos”, a quebra de fronteiras, a desregulamentação, o enfraquecimento das relações humanas traz à mente “a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente”. (Bauman, 2007, p. 13). Desse sentimento de impotência individual nascem, segundo o autor, a insegurança do presente e a incerteza do futuro, que alimentam o medo.

Na perspectiva de Orlandi (2005), o rumor não pode ser compreendido como disse-me-disse, como fala desinteressada, mas como um elemento a mais na disputa pelo espaço contraditório das significações dos sujeitos e do espaço urbano. O boato produz-se num tempo próprio, afeta o ritmo do dizer, jogando na relação das palavras com o silêncio, dizendo de menos (não se diz “toda” a verdade, o fato não é “completamente” significado) ou demais (se vai além da verdade, há dispersão de sentidos em torno do fato). Dessa forma, afirma Eni Orlandi (2005), deixam-se ver os flancos do dizer, margem de equívocos, incertezas. As concepções da autora, nesse ponto, complementam as ideias apresentadas por Kapferer (1990), Renard (2007) e Luiz Carlos Lasbeck (2000), que sugerem que os rumores surgem quando um grupo tenta dar sentido a circunstâncias incertas e ambíguas, isto é, quando as informações são escassas e há a desconfiança de que podem existir muito mais por trás de uma versão “autorizada”, apontando para outras possibilidades interpretativas.

Essas narrativas difusas, desalojadas de um “lugar de origem”, compostas por elementos instáveis, mutáveis, são transmitidas, por excelência, de maneira informal, de “ouvido a ouvido”, criando um elo de cumplicidade e confirmando laços de confiança (Lasbeck, 2000). A informalidade, oralidade e aspecto conversacional característicos da comunicação digital em rede (Fairclough, 2001; Recuero, 2012) favorecem a circulação do boato enquanto fenômeno de transgressão, que não sofre estranhamento diante das novas tecnologias (Lasbeck, 2000; Reule, 2008). O boato fortalece-se a partir dos regimes de temporalidades desses espaços, que reforçam e são reforçadas pela aceitação da retórica da eu-pistemologia.

No tópico a seguir, analisaremos as disputas de sentido em torno da epidemia de Zika vírus com destaque para a emergência de *youtubers* como agentes disseminadores de narrativas alternativas sobre a doença que contribuem para a emergência de uma temporalidade fragmentada, mas conflitual durante o período de “crise”.

ESTUDO DE CASO: NARRATIVAS SOBRE O VÍRUS ZIKA NO BRASIL

O vírus Zika (ZIKV) chegou ao Brasil sem alarde. A princípio responsável por quadros clínicos brandos, transformou-se num dos maiores problemas de saúde pública nacional dos últimos anos. O principal fator que explica o medo da população, a preocupação das autoridades sanitárias e o grande interesse da mídia na doença é associação com o crescimento dos casos de malformações congênitas (em especial a microcefalia, quando a criança nasce com o perímetro craniano muito reduzido), além de outros problemas graves como a síndrome de Guillain-Barré, uma doença autoimune neurológica que pode ocorrer associada a infecções.

Os relatos científicos relativos ao Brasil situam os primeiros casos do vírus no início de 2015, com a confirmação da sua circulação no país registrada em maio. A doença continuou a ser tratada como benigna até outubro, quando os alertas de aumento de casos de microcefalia levantaram a suspeita da sua relação com o Zika, o que começou a ser discutido nos jornais locais na primeira semana de novembro (Aguiar & Araújo, 2016). Com quase 150 casos suspeitos de microcefalia, o Ministério da Saúde declarou situação de emergência em saúde pública em 11 de novembro (Governo declara emergência em saúde por casos de microcefalia, 2015), para dar maior agilidade às investigações. Ainda em novembro, exames feitos pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pelo Instituto Evandro Chagas confirmaram a relação entre o vírus Zika e a microcefalia (Ministério da Saúde confirma relação entre microcefalia e o vírus da Zika, 2015). A doença espalhou-se pela América Latina e levou a OMS a decretar situação de emergência de saúde pública de interesse internacional em 1 de fevereiro², o que facilitou a mobilização de recursos e conhecimento científico. A partir de março, o Zika começou a perder espaço nos noticiários, em parte pelo avanço do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em parte pela própria sazonalidade do *Aedes aegypti*, com a chegada dos meses menos quentes.

A meio ao auge da epidemia, foi preciso resgatar os poucos registros históricos sobre o Zika. Os investigadores procuraram descobrir quando havia sido sua chegada ao Brasil e revisaram surtos antigos, em especial a epidemia ocorrida na Polinésia Francesa, entre 2013 e 2014, com cerca de 30 mil casos (Jouannic, Friszer, Leparç-Goffart, Garel & Eyrolle-Guignot, 2016). Na época, o surto foi visto como uma “dengue suave” que passou sem deixar rastros graves. Após o início da epidemia no Brasil, no entanto, a revisão dos dados da época mostrou a possível associação da infecção por Zika nos primeiros meses da gravidez com o aumento de casos de microcefalia no país.

A associação do vírus às suspeitas de microcefalia fez com que a nova epidemia passasse a ser um acontecimento social importante, reforçando os sentimentos de imprevisibilidade, de insegurança e incerteza, próprios à sociedade de risco (Antunes, Alves, Goveia, Oliveira & Cardoso, 2016). O rumor intensificou-se, assim como os esforços institucionais e científicos para lidar com a crise. Os procedimentos de incentivo à pesquisa foram modificados para agilizar o combate à doença, com a aprovação pela

² Retirado de <http://www.who.int/mediacentre/news/statements/2016/emergency-committee-zika-microcephaly/en/>

Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp), ainda em dezembro de 2015, de aditivos para projetos emergenciais relacionadas com o Zika. Outras instâncias de fomento, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Ministério da Ciência e Tecnologia também agilizaram seus procedimentos e, em março de 2016, anunciaram um pacote de investimentos de cerca de R\$ 1,2 bilhão³ para ações em diversas áreas. A OMS, por sua vez, anunciou em fevereiro de 2016 um plano de US\$ 56 milhões para combater a epidemia de Zika (OMS lança plano de US\$ 56 milhões para combater epidemia de Zika, 2016). A cooperação e associação entre pesquisadores também foi veloz, com o surgimento de iniciativas colaborativas internacionais como o consórcio de pesquisa *ZIKAlliance*, composto por parceiros de todo o mundo e coordenado pelo Instituto Nacional Francês de Saúde e de Pesquisa Médica (Inserm).

Em outra instância, houve uma convergência de pesquisas para a área e mudanças nas próprias publicações científicas. Uma vez que a falta de informações e dados científicos sobre a doença eram as principais dificuldades a serem enfrentadas, as revistas adotaram medidas para acelerar seu processo de publicação. Cerca de mil artigos sobre a doença foram indexados no PubMed até nos primeiros meses que se seguiram à epidemia e periódicos importantes da área, a revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e criaram fluxos de trabalho especiais. O objetivo era acelerar o chamado ciclo de avaliação por pares, especificamente para manuscritos submetidos neste tema⁴.

Enquanto a comunidade científica debatia, a população e os média tentavam produzir juízos sobre a situação. Com tantas incertezas, o grau de pânico cresceu, assim como a sensação de urgência. Neste cenário, e diante da sensação de aceleração impulsionada pelos média digitais, uma gama de explicações alternativas para o aumento da ocorrência de microcefalia, classificadas como boatos pelas autoridades, ganhou destaque. Em contraponto ao tempo necessário para a produção de estudos científicos e reflexões aprofundadas sobre os múltiplos fatores envolvidos no problema, respostas simplistas e sem qualquer evidência científica se propagaram por diversas plataformas digitais. Além de oferecer soluções aos anseios da população, teorias sobre a aplicação de vacinas de rubéola vencidas e testes com mosquitos modificados/infectados pela bactéria *Wolbachia* contribuíram para confirmar desconfianças em torno da ciência, reforçando a busca por outras fontes de conhecimento.

Dentre as plataformas digitais nas quais boatos sobre a epidemia circularam intensamente, escolhemos analisar narrativas em vídeo publicadas no YouTube. Líder mundial no consumo de vídeos online, a plataforma foi escolhida pela visibilidade no Brasil. Segundo pesquisa do Google de 2017, 95% dos internautas do país acessam o portal

³ Governo vai investir R\$ 649 mi no enfrentamento a Zika e *Aedes aegypti*. Retirado de <http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2016/03/enfrentamento-do-zika-e-do-aedes-vai-contar-com-r-649-mi-1>

⁴ Os resultados de todo esse esforço se refletiram na identificação pioneira da relação entre o Zika e a microcefalia foi feita no Brasil, logo no início da epidemia. Em janeiro, a Fiocruz anunciou a criação de um kit diagnóstico de Zika, Chikungunya e dengue, para tentar superar a grande dificuldade de diferenciação entre as três doenças, de sintomatologia semelhante. Mas os esforços aceleração do tempo da ciência têm limite: as pesquisas para criação de uma vacina seguem longe de trazer resultados efetivos, mesmo três anos depois da epidemia.

mensalmente e 59% destes concordam que é melhor ficar atualizado pelo YouTube do que vendo notícias (Google & REDS, 2017). Além disso, a relação entre youtubers e sua audiência, caracterizada pela construção de redes de afeto e confiança que envolve microcelebridades da internet (Marwick, 2015), se constitui como um elemento importante para a disseminação de narrativas alternativas sobre o Zika. Considerando os milhares de vídeos publicados sobre o tema na plataforma, utilizamos uma amostra qualitativa do tipo intencional. Neste tipo de seleção, os elementos são escolhidos de acordo com critérios que “derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise” (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 78).

Desta forma, em primeiro lugar, buscamos vídeos que apresentassem narrativas reconhecidas como boatos, mencionassem especificamente a epidemia brasileira e tivessem número expressivo de visualizações na plataforma. Utilizamos como segundo critério de seleção um recorte temporal que compreendesse momentos-chave da epidemia, o que nos levou à seleção de três vídeos, denominados “A Verdade Sobre o Zika Virus e a Microcefalia!”, “O Zika Virus nada tem haver com os casos de Microcefalia – O governo está mentindo” [sic] e , “A TRAMA DIABÓLICA DO ZIKA VÍRUS”⁵. Duas produções escolhidas foram publicadas no início de dezembro de 2015, pouco tempo após a confirmação oficial do vínculo entre o Zika e a microcefalia; já a terceira foi lançada em fevereiro de 2016, dias após o pronunciamento da OMS caracterizando a epidemia de Zika como emergência de saúde pública de interesse internacional. A partir desta seleção, apresentamos a seguir uma análise sobre os vídeos em questão inspirada pelos preceitos da análise de conteúdo. Segundo a perspectiva de Klaus Krippendorff (1990), tal método é uma importante ferramenta para compreender a frequência pela qual determinados objetos são enquadrados de modos particulares. Conquanto uma análise mais extensa fuja aos objetivos deste artigo, nos voltamos aos vídeos buscando compreender como seus autores buscam legitimar explicações alternativas para a epidemia.

Publicado no canal Liberdade em 5 de dezembro de 2015, o primeiro vídeo, “A Verdade Sobre o Zika Virus e a Microcefalia!”⁶, utiliza uma colagem de reportagens produzidas pela Rede Globo para questionar o discurso oficial sobre o Zika. A produção começa com o anúncio da confirmação da relação entre o vírus e o surto de microcefalia no nordeste do país no Jornal Nacional, programa jornalístico de maior audiência do Brasil. Por meio de inserções de texto e truques de edição, como repetir a fala do repórter alertando para uma mobilização nacional contra o mosquito da dengue, o autor questiona a legitimidade da descoberta. Embora não apareça fisicamente, o autor imprime sua voz (e o tom alarmista) ao vídeo, utilizando letras brancas e pretas em caixa alta sobre um fundo preto manchado (remetendo à ideia de contaminação) para questionar por que até 2015 os mosquitos não transmitiam o vírus Zika. Após destacar uma fala do repórter dizendo

⁵ O uso de letras maiúsculas no título do vídeo obedece à publicação original e foi mantido neste artigo para ressaltar a estratégia de visibilidade utilizada por seu autor. Embora seja uma prática relativamente comum no YouTube, o uso de letras maiúsculas em textos também pode ser compreendido, no contexto de práticas de comunicação digital, como um grito. Neste sentido, reforça o sentido de urgência que seu autor deseja transmitir.

⁶ O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TkLxhwo44Ag>

que o mosquito deveria ser impedido de nascer, o autor volta ao *lettering* com o seguinte anúncio: “veremos agora uma reportagem exibida pelo jornal nacional em 11/01/2014, a [sic] mais de um ano atrás, tenho a reportagem salva deste dia, em que o governo largou mosquitos da dengue geneticamente modificados por várias partes do Brasil”.

Em seguida, tem início outra reportagem, desta vez sobre uma iniciativa de mosquitos transgênicos na cidade de Juazeiro do Norte. O vídeo é interrompido por uma nova inserção na tela, que afirma: “isso mesmo, vc ouviu bem. mosquitos geneticamente modificados e pagos com dinheiro publico! Estamos pagando para sermos emfectados! Regra de 3, eles criao o problema, apresentao o problema, e agora vem com a solucao!” [sic]. O tom apocalíptico atinge seu máximo na frase que encerra a produção: “apertem os cintos senhoras e senhores! Rumo a I.N.W.O. e a reducao populacional!” [sic].

A utilização de vídeos jornalísticos tem um viés duplo: ao mesmo tempo em que se questiona o Ministério da Saúde, insinua-se que os média compactuariam com mentiras. Ao mesmo tempo, o autor destaca que guardou o vídeo de 2014 da Rede Globo sobre os mosquitos transgênicos, dando a entender que havia sido capaz de prever que o experimento levaria a problemas mais tarde. Desta forma, apresenta-se como uma pessoa prevenida que utiliza racionalmente as informações disponíveis para prever que os riscos que ameaçam o futuro, perspectiva que compartilha com seu público em busca de legitimação.

O segundo vídeo, intitulado “O Zika Virus nada tem haver com os casos de Microcefalia – o governo está mentindo”⁷ [sic] foi publicado pelo canal Instituto Teológico Gamaliel em 9 de dez de 2015. Com uma narrativa inteiramente voltada para o discurso em primeira pessoa, ele traz um homem identificado como pastor Flávio Nunes olhando direto para a câmera numa gravação aparentemente feita pelo telemóvel. Ao longo de 2m34s, o autor afirma que “não tem como confirmar a veracidade”, mas soube que a microcefalia estaria relacionada com lotes de vacinas contra a rubéola vencidas. O pastor diz ainda que “se isso for verdade”, o governo deveria assumir seus erros e parar de enganar as pessoas. Por fim, deixa no ar a pergunta sobre o grande número de incidências de microcefalia no nordeste, reforçando a possível correlação com vacinas vencidas que teriam sido distribuídas na região.

Curiosamente, a extensa descrição do vídeo começa num tom mais assertivo, com frases como “tudo mentira do governo, eles estão com medo de indenizar todas as famílias que foram afetadas”, “as redes sociais a qualquer momento estouram com essa notícia e nós precisamos ficar em alertar para lutar pelos direitos dessas famílias afetadas”. Apenas no fim o autor escreve que “se isso é realmente verdade não sei mas...”. Tal qual no vídeo anterior, o autor também não utiliza qualquer fonte oficial, o que justifica a própria advertência sobre a impossibilidade de confirmar o caráter verídico da história. Entretanto, no canto do vídeo e na descrição do mesmo o título de pastor aparece em destaque, em uma provável tentativa de reforçar a posição de autoridade do autor – e, conseqüentemente, a possibilidade de que os rumores tenham alguma legitimidade.

⁷ O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pGB7JOMei1U>

O terceiro vídeo, “A TRAMA DIABÓLICA DO ZIKA VÍRUS”⁸, também se apoia na religião como um argumento central para legitimar a disseminação de narrativas alternativas sobre a epidemia. Publicado no canal de Jefferson Netto em 4 de fevereiro, o vídeo é uma gravação por celular feita pelo autor enquanto conduzia “no frio dos Estados Unidos”. Além de informar que está em outro país, Netto apresenta-se como doutor – a descrição do vídeo informa que o autor é “Psicanalista clínico, com especialização em psicanálise [sic] familiar e didática, e doutor em filosofia da religião”. Além disso, conta que decidiu gravar o vídeo com caráter de urgência, pois tem uma missão “no que diz respeito a questões proféticas”. A partir de uma incumbência divina, o homem diz que vigia o que está a acontecer à sua volta e que tem necessidade de trazer informações sobre coisas que “estão caminhando de uma forma muito rápida”. Em seguida, explica que ouviu uma entrevista alarmante no canal norte-americano InfoWars (apresentado pelo ativista de extrema-direita Alex Jones, cujo conteúdo foi suspenso em agosto de 2018 das plataformas Youtube, Apple, Facebook, Spotify e Twitter) (Ximénez de Sandoval, 2018). O entrevistado, apresentado como doutor Francis Boyle, supostamente especialista em direito internacional formado na Universidade de Harvard e considerado “top nos Estados Unidos”, alertara sobre a relação entre a epidemia e os mosquitos geneticamente modificados.

O autor do vídeo também contrapõe o discurso governamental e mediático à “verdade” revelada pelo norte-americano. “A Rede Globo está chamando de mosquito do bem, mas o doutor Francis adverte que não se sabe as consequências”. Para reforçar a legitimidade de sua fonte, pede que o público pesquise no Google quais são as credenciais de Francis Boyle. Desta forma, implicitamente reitera a responsabilidade individual de cada um em procurar as informações disponíveis para avaliar os riscos de acreditar ou não em discursos oficiais. Como brasileiro que teve a oportunidade de entrar em contato direto com fontes do exterior, Netto apresenta-se como alguém disposto a partilhar o seu privilégio: “provavelmente é a primeira vez que você está ouvindo isso na língua portuguesa. (...) Não confie no que a mídia brasileira e no que o governo brasileiro está [sic] dizendo”. Por outro lado, se o currículo do norte-americano (embora não tenha nenhuma relação pesquisas científicas em saúde) é suficiente para lhe dar credibilidade, o argumento que garante a autoridade de Netto, mais uma vez, é divino. O autor encerra o vídeo reiterando que o que chamou a sua atenção para o assunto foi a Bíblia, mais especificamente nas descrições sobre o apocalipse.

As três narrativas analisadas apresentam algumas características em comum. Todas são pautadas, em alguma medida, para a temporalização da eu-pistemologia: diante da falta de evidências concretas para as afirmações apresentadas, apostam nas experiências pessoais (“prever” complicações relativas à manipulação genética de mosquitos, repassar histórias que alguém “ouviu falar”, receber a “iluminação” divina que conduz à verdade) dos seus autores. Além de afirmar que o governo brasileiro mentiu em relação à epidemia, os média “tradicionais” são, com frequência, apontados como agentes na “conspiração” que contribuiu para a situação. Enquanto isso, as plataformas de rede

⁸ O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uV7FTt2VtIs>

social são assinaladas como espaços em que narrativas supostamente silenciadas por ambas as instâncias encontram espaço – como lembra o autor do segundo vídeo, “as redes sociais a qualquer momento estouram com essa notícia”.

Não por acaso, os vídeos são ancorados no mesmo presentismo (Barbosa, 2017) que caracteriza os regimes temporais mediatizados por plataformas digitais. O autor do vídeo 1 recupera vídeos antigos para reconstruir a narrativa presente, manipulando o passado para estabelecer a coerência de sua explicação. Enquanto isso, a ansiedade em relação ao futuro e a necessidade de debater suas ameaças no presente são reforçadas por todas as produções. Termos como “preparem-se”, “a qualquer momento” e “de uma forma muito rápida” enfatizam o caráter de urgência e de imprevisibilidade atrelados à doença. Mais do que buscar uma solução para o problema, os seus autores desejam apontar culpados – notadamente o governo brasileiro e os média – e valorizar a religião (caso dos vídeos 2 e 3) como rota alternativa de confiabilidade em meio ao caos. Dessa forma, nesse eterno presente (Sodré, 2007) embaralham-se diferentes temporalidades, em especial o tempo da ciência com o das redes sociais e da sociedade mediatizada. Embora a experiência com mosquitos modificados ainda seja recente demais para oferecer resultados do ponto de vista científico, o suposto risco potencial é antecipado e “presentificado”, de certa forma liquefazendo os elos entre os acontecimentos passados e futuros (Bauman, 2007). A narrativa construída está alicerçada no discurso do risco e na temporalidade mítica do apocalipse bíblico, a partir da recuperação de fragmentos específicos da memória rizomática da rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o que assinala Bernardo da Costa (2014), a partir do pensamento de Eduardo Viveiros de Castro (2011), podemos observar que as concepções “imaginárias” também podem gozar de legitimidade, desde que consigam estabelecer suas próprias redes de sustentação, e, talvez ainda mais importante, causar efeitos reais. Tomemos um dos boatos analisados nesse estudo, sobre a distribuição de uma vacina vencida ou estragada contra rubéola. É possível notar que, por mais que as autoridades, embasadas nos rígidos testes de qualidade, destacassem a segurança do imunizante, o boato instigou uma série de ações e provocou efeitos reais. Dessa forma, constitui-se como importante elemento do processo de produção social dos sentidos acerca do episódio (Cardoso, 2012; Rosenberg, 1992). Podemos perceber que, por mais que a ciência e algumas instituições de pesquisa gozem de credibilidade entre a população, outros atores humanos e não-humanos participaram (e participam) da construção social da(s) epidemia(s), como grupos de Whatsapp, canais do Youtube, relatos históricos de epidemias passadas, relatos bíblicos, memórias pessoais sobre a dengue e o *A. aegypti*, páginas de grupos antivacina, entre outros. Eles levam outros atores à ação, têm efeitos e consequências reais, a despeito do que a ciência contemporânea venha a dizer sobre eles.

Situações críticas como a epidemia de Zika afloram o sentimento ambíguo descrito por Santos (1998) sobre a relação entre a sociedade e a ciência no século XXI.

Num contexto de mediatização acelerada e num ambiente comunicacional imediatista, a informação é produzida, circula e é consumida num fluxo ininterrupto que impede a pausa necessária para a reflexão (Barbosa, 2017; Sodré, 2007), criando uma experiência desintegrada do tempo (Bauman, 2007; Maffesoli, 2003). Observamos a facilidade de reconstruir as misérias do passado no presente e de debater projeções de um futuro potencialmente arruinado pela microcefalia. Isso somado ao desalojar dos cientistas de seu papel de portadores de um saber estabelecido, evidencia a participação de diversos atores sociais na instalação do tempo-risco e do tempo-incerteza. De certa forma, os dados científicos perdem protagonismo diante de mitos, crenças medos e experiências (Fairclough, 2001; Pereira et al., 2013) que acionam os múltiplos riscos existentes nessa sociedade acelerada e mediatizada.

A análise do episódio proposta no artigo também mostra que a ciência, pressionada, procurou acelerar seus processos, inventar atalhos para dar respostas mais ágeis, sem abandonar o rigor e a temporalidade necessária para configurar-se ainda como ciência. A doença, porém, propagou-se como fenômeno comunicacional, muito além de sua abrangência biológica e muito mais veloz do que o tempo científico. Os silêncios e incertezas (Orlandi, 2005) que se multiplicavam foram, então, preenchidos por boatos e especulações.

Ao evitar responsabilizar-se pelos conteúdos disseminados pelos seus usuários, o YouTube configura-se como um ator não-humano central para o fortalecimento de um tempo-rede de discursos pautados sobretudo na “eu-pistemologia” (Van Zoonen, 2012) e reforçados pela retórica da experiência (Sacramento & Machado, 2015). Mesmo que não tenham provas que sustentem a disseminação dos boatos que repercutem, os autores dos vídeos analisados neste trabalho recorrem ao repertório pessoal para justificar suas reivindicações da “verdade” sobre o vírus Zika em contraponto ao discurso oficial, seja pela sua capacidade de prever os riscos (subitamente urgentes) antes de todos (como pontua o youtuber que se vangloria por ter “guardado” um vídeo sobre mosquitos transgênicos), seja pelo “chamado divino” que receberam para revelar tal “segredo”.

Embora não tenhamos pretendido mapear o processo de construção social do conhecimento que se deu em torno do Zika, buscamos contribuir com observações sobre ao menos uma faceta desse episódio, as tensões oriundas das divergências entre o tempo necessário para o processo de produção de conhecimento científico e as expectativas da população por respostas. Além da influência sobre o episódio da epidemia em si, outro aspecto no chamou a atenção durante a análise dos vídeos escolhidos: a possibilidade que as teorias conspiratórias relacionadas com a saúde, num quadro de instantaneidade temporal absoluta, tenham papel importante no fortalecimento de redes mais amplas vinculadas à extrema-direita, tal qual verificado por Rebecca Lewis (2018) em relatório sobre *youtubers* de língua inglesa. Trata-se de um desdobramento a ser analisado em trabalhos futuros. //

FINANCIAMENTO

A realização desse artigo recebeu apoio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD, em alemão), com financiamento do Ministério da Educação e Pesquisa da Alemanha através do projeto “Culturas Literárias do Sul Global”.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. & Postman, L. (1973). *Psicología del rumor*. Buenos Aires: Psique.
- Aguiar, R. & Araújo I. S. (2016). A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. *RECIIS – Rev. Eletrônica Comun., Informação Inovação em Saúde*, 10(1), 1-15. <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v10i1.1088>
- Antunes, M. N., Alves, W., Goveia, F. G., Oliveira, A. E. & Cardoso, J.M. (2016). Arquivos visuais relacionados ao vírus Zika: imagens no Instagram como parte da constituição de uma memória da epidemia. *RECIIS – Rev. Eletrônica Comun., Inf. Inov. Saúde*, 10(3), 1-15. <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v10i3.1175>
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Barbosa, M. C. (2017). Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. Em C. F. Musse, H. Vargas & M. Nicolau (Eds.), *Comunicação, mídias e temporalidades* (pp. 19-36). Salvador: Edufba.
- Beck, U. (2010). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34.
- Bourdieu, P (2003). *Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp.
- Braga, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. Em M. A. Mattos, J. Janotti & N. Jacks (Eds.), *Mediação e midiaticização* (pp. 31-52). Salvador: Edufba.
- Burgess, J. & Green, J. (2009). *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.
- Cardoso, J. M. (2012). *Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008)*. Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Retirado de http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=2
- Castiel, L. D. (1999). *A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Costa, B. E. G (2014). *As controvérsias da ciência na Wikipédia em português: o caso do aquecimento global*. Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Dovey, J. (2000). *Freakshow: first person media and factual television*. Londres: Pluto Press.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB.
- Fausto Neto, A. (2008). Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Matrizes*, 1(2), 89-105. Retirado de <https://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/3169>
- Fragoso, S., Recuero, R. & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Garbin, H. B. R., Pereira Neto, A. F. & Guilam, M. C. R. (2008). A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. *Interface*, 12(26), 579-588. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000300010>

- Garcia, M. P. (2017). *Disseram por aí: deu Zika na rede! Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de Zika e microcefalia nas redes sociais*. Dissertação de mestrado, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, Brasil. Retirado de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23607>
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Google & REDS (2018). Pesquisa Google e Reds com consumidores brasileiros online. Retirado de <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>
- Governo declara emergência em saúde por casos de microcefalia (2015, 11 de novembro). *G1*. Retirado de <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/11/ministerio-da-saude-investiga-casos-de-microcefalia-no-nordeste.html>
- Hartog, F. (2013). Ordens do tempo, regimes de historicidade. Em F. Hartog, *Regimes de historicidade - presentismo e experiências do tempo* (pp. 305-327). São Paulo: Autêntica.
- lasbeck, L. C. (2000). Os boatos – além e aquém da notícia. *Lumina*, 3(2), 11-26. Retirado de www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-lasbeck-HP.pdf
- Jouannic, J. M., Friszer, S., Leparc-Goffart, I., Garel, C. & Eyrolle-Guignot, D. (2016). Zika virus infection in French Polynesia. *The Lancet*, 387(10023), 1051-1052. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)00625-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)00625-5)
- Kapferer, J. N. (1990). *Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Kreps, G. L. (2013). Health communication inquiry and health outcomes. *Comunicação e Sociedade* [Vol. Especial], 11-22. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1351](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1351)
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica*. Barcelona: Paidós Iberica.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp.
- Lefèbvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lewis, P. (2018, 02 de fevereiro). Fiction is outperforming reality: how YouTube's algorithm distorts truth. *The Gaurdian*. Retirado de <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/02/how-youtubes-algorithm-distorts-truth>
- Lewis, R. (2018). *Alternative influence: broadcasting the reactionary right on youtube*. Nova Iorque: New Data & Society [ebook]. Retirado de <https://datasociety.net/output/alternative-influence>
- Maffesoli, M. (2003). *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk.
- Mateus, S. (2013). O presenteísmo: meditações atuais sobre comunicação e temporalidade. *Revista Fronteiras*, 15(3), 170-181. <https://doi.org/10.4013/fem.2013.153.03>
- Ministério da Saúde confirma relação entre microcefalia e o vírus da Zika (2015, 28 de novembro). *G1*. Retirado de <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/11/ministerio-da-saude-confirma-relacao-entre-microcefalia-e-virus-zika.html>
- Musse, C. F., Silva, H. V. & Nicolau, M. A. (2017). *Comunicação, mídias e temporalidades*. Salvador: Edufba

- Nicas, J. (2018, 07 de fevereiro). How youtube drives people to the internet's darkest corners. *The Wall Street Journal*. Retirado de <https://www.wsj.com/articles/how-youtube-drives-viewers-to-the-internets-darkest-corners-1518020478>
- Oliveira, T., Evangelista Cunha, S., Toth, J. & Lira, R. (2017). A ciência no Youtube: redes de autoridade e diferentes linguagens da Comunicação Científica na era digital. Em *Atas do I Congresso TeleVisões*. Retirado de <https://congressotelevisoes.com.br/2017-2>
- OMS lança plano de US\$ 56 milhões para combater epidemia de Zika (2016, 17 de fevereiro). *Folha de S. Paulo*. Retirado de <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/02/1740273-oms-lanca-plano-de-us-56-milhoes-para-combater-epidemia-de-zika.shtml>
- Orlandi, E. P. (2005). Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer. Em E. P Orlandi, *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos* (pp. 127-140). Campinas: Editora Pontes.
- OSM. (2016). *Debate: epidemias, jornalismo e (in)visibilidades*. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=Gptbu37qn-o>
- Pereira, B. F. B., Martins, M. A., Barbosa, T. L., Silva, C. S. O. & Gomes L. M. (2013). Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(6), 1745-1752. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600025>
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R. (2012). *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Renard, J. B. (2007). Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista Famecos*, 14(32), 97-104. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3421>
- Reule, D. (2008). *A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Retirado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13796>
- Rosenberg, C. (1992). Explaining epidemics. In C. Rosenberg, *Explaining epidemics and other studies in the history of Medicine* (pp. 293-304). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sacramento, I. & Machado, I. B. (2015). A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ébola. *Comunicação e Sociedade*, 28, 25-47. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2269](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2269)
- Santos, B. S. (1998). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, 2(2), 46-71. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sodré, M. (2007). Sobre a episteme comunicacional. *Matrizes*, 1(1), 15-26. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017362001>
- Tozetto, C. (2018, 13 de janeiro). Facebook muda algoritmo e reduz alcance de notícias. *O Estado de S. Paulo*. Retirado de <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-muda-algoritmo-e-reduz-alcance-de-noticias,70002149049>
- Tucherman, I. & Ribeiro M. S. (2006). Ciência e mídia: negociações e tensões. *ECO-PÓS*, 9(1), 244-259. <http://dx.doi.org/10.29146/eco-pos.v9i1.1072>

- Van Zoonen, L. (2012). Epistemology: changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, 2(1), 56-67. <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>
- Vasconcellos-Silva, P. R. & Castiel, L. D. (2010). A internet na história dos movimentos anti-vacinação. *ComCiência*, 121. Retirado de http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700011&lng
- Verón, E. (1998). Interfaces – sobre la democracia audiovisual evolucionada. In J. M. Ferry & D. Wolton (Eds.), *El nuevo espacio público* (pp. 124-139). Barcelona: Gedisa.
- West-Pavlov, R. (2012). *Temporalities*. Nova Iorque: Routledge.
- Ximénez de Sandoval, P. (2018, 15 de agosto). Facebook, Apple, Google e Twitter vetam a extrema direita paranoica. É uma boa notícia? *El País* [Brasil]. Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/14/internacional/1534273395_497058.html

NOTAS BIOGRÁFICAS

Simone Evangelista Cunha é jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF), mestre e doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Investigadora do Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias da Comunicação (LabCult/UFF) e do Laboratório de Experiências de Engajamento e Transformações da Audiência (LEETA/UFF).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5457-5737>

Email: simone.evangelistacunha@gmail.com

Morada: R. Alexandre Moura, 8 - São Domingos, Niterói – RJ, Brasil

Marcelo Garcia é jornalista, mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde (ICICT/Fiocruz) e investigador do consórcio ZIKAlliance.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6183-2343>

Email: marcelo.garcia@icict.fiocruz.br

Morada: Av. Brasil, 4365, Rio de Janeiro - Brazil - 21040900

* **Submetido: 02/08/2018**

* **Aceite: 13/11/2018**

FEAR TIME VERSUS SCIENCE TIME: DISCURSIVE DISPUTES OVER THE EPIDEMIC OF THE ZIKA VIRUS AND MICROCEPHALY IN BRAZIL

Simone Evangelista Cunha & Marcelo Garcia

ABSTRACT

This article discusses some of the tensions caused by the friction between distinct temporal regimes associated with an epidemic episode. This text is based on the study of the way information related to the Zika epidemic and microcephaly in Brazil was speeded out during the year 2015-2016. Starting with the context of intense mediatization, as well as of the complex temporality produced by digital communication technologies, we sought to analyze the relationship between human and non-human actors that contributed to the social construction of this epidemic. The focus of the text are the videos produced by the “lay” public who also spread rumors which show likely alternative explanations about the epidemic.

KEYWORDS

Mediatization; risk; time; Zika virus; YouTube

O TEMPO DO MEDO VERSUS O TEMPO DA CIÊNCIA: DISPUTAS DISCURSIVAS SOBRE A EPIDEMIA DE VÍRUS ZIKA E MICROCEFALIA NO BRASIL

RESUMO

O artigo propõe-se a discutir alguns dos tensionamentos desencadeados pelas fricções entre regimes temporais distintos envolvidos num episódio epidêmico. O texto tem como base o estudo de caso sobre a difusão de informações relacionadas com a epidemia de Zika e microcefalia no Brasil no verão de 2015/2016. A partir do contexto de mediatização intensa e da complexa temporalidade produzidas pelas tecnologias digitais de comunicação, procuramos analisar a relação entre atores humanos e não-humanos que contribuíram para a construção social dessa epidemia em particular. Nosso foco recai, em especial, sobre a produção de vídeos pelo público “leigo” que disseminam boatos com possíveis explicações alternativas para a epidemia.

PALAVRAS-CHAVE

Mediatização; risco; tempo; vírus Zika; YouTube

INTRODUCTION

According to the historian Charles Rosenberg (1992), spite its biological nature, every disease condenses a combination of social meanings. That is, it is a complex intellectual construction. In the same way, Janine Cardoso (2012) sustains that when diseases emerge, they mobilize cultural and cognitive repertoires which are embedded in the social organization. They also inscribe historically constructed relations of knowledge and power. The initial or critical phase of the Zika virus that plagued Brazil between October 2015 and February 2016 was marked by doubts, uncertainties, and fear. Many researchers and health professionals compared it with other epidemic situations in the country – especially AIDS, in the early eighties of the twenty century. Although biologically very different, both diseases share some similarities concerning the contexts in which they emerge: little was known about them. There were many scientific uncertainties about all the aspects associated to them. The two epidemics have gained enormous prominence in the press, and both meant (and still mean) serious public health problems.

Addressing the concept of social construction of AIDS, Norman Fairclough (2001) shows that it results in a process that combines various discourses (such as venereology, cultural “invasion” by “foreigners”, and pollution). Establishing a parallel with the Zika virus, this disease also involved the proliferation of narratives that intertwined viruses, mosquitoes, conceptions about motherhood, abortion and vaccination, xenophobia, and politics. These discourses appear in the media, on webpages, and on social networks and they played a major role during the episode (Garcia, 2017). They proved themselves to be constitutive of the temporal discontinuity created by fear and risk that were dominating the passage of time.

The speed at which information about Zika and microcephaly circulates, and the interest aroused by the unknown disease were an opportunity to analyze the tensions emerging from the process of mediatization that takes place in contemporary society. According to Muniz Sodré (2007), mediatization gives account of the way traditional social institutions interconnected with the media. Also according to Fausto Neto (2008), mediatization redesigns interactional processes and suggests the production of a new environment, with the displacement of producers and receivers in the process of communication to a new contact zone, based on the logics of circulation and of non-linear temporality.

In other words, José Luiz Braga (2012) confirms that, in the mediatized society, all social fields, including (and perhaps especially) the scientific, appear to be more associated with the needs for “external” interaction, due to the potential conflict triggered by actors outside the field, or due to the possibility of interaction with the external environment outside the logics of the field. Such diffuse processes and logics, which are typically inscribed in the mediatization, show a scenario in which the refractive capacity, as well as the sphere of the legitimacy of the autonomous fields, get diminished, offering states of temporal discontinuity, as well as the emergence of varied and contradictory times.

In a context in which the internet is an increasingly important source of health information, citizens often pretend to be specialist (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2010;

Garbin, Pereira Neto & Guilam, 2008). They get immersed in a “kind of market of various versions of plausible truths – suddenly urgent – requiring us to make unequivocal decisions” (Vasconcellos-Silva & Castiel, 2010, p. 4). In this article, we focus on the temporal nature of the discursive disputes about the Zika virus epidemic in Brazil. We address the tensions caused by the frictions between temporal regimes that characterize the network of human and non-human actors (Latour, 2000). This includes controversies over the episode, and the digital social networking platforms. When we analyze the epidemic as a panic event, uncertainty, and ignorance, we get absorbed in the process of social production of knowledge that happens a part from the scientific field itself. Bruno Latour (2000) calls this the black box¹. In this case, a short interval of intense semantic production, by which Zika episode gains its most extraordinary contours.

In the first part of the article, we discuss the temporal disjunctions regarding scientific practice and discourses about science considering the high degree of reflexivity experienced in our society (Giddens, 1991). As a result of the accumulation of scientific knowledge, as well as of the changes over the course of modernity, this reflexive character raises a sequence of new questions, which are emblematic of our time regarding the role of science and its relation to the production of risk and uncertainty. Following, we establish a correlation between the strengthening of the “I-pistemology” rhetoric (Van Zoonen, 2012) and the spread of alternative narratives about the epidemy. Finally, we present a brief study following the content analysis of three videos published on YouTube by which rumors are dealt with as possible explanations for the problem.

This paper subscribes to Gary Kpreps’s (2013) proposition about the relevance of studies on communication and health for the development of public sector policies. According to the author, it is fundamental to carefully examine the influence of communication on critical issues involving at-risk populations, health professionals, and other actors important to the modern healthcare system. In a scenario in which disinformation spreads easily and always by shorter periods of time through digital media, we argue that it is crucial to understand the narratives about the implementation of health promotion policies.

This is a reflexive text in which the epidemic of the Zika virus and microcephaly is taken as leitmotiv for problematize the field of communication and health in contemporary societies and the importance that time, and temporalities have on that.

POPULATION TIME VERSUS SCIENCE TIME

Analyzing the perspectives of science at the turn of the century, Boaventura de Sousa Santos (1988) described the ambiguous situation in which a stunned humanity found itself. According to the author, we were (and, in our view, still are) at a crossroads of “shadows of a past that we either think we are no more, or think we did not stop to be,

¹ The expression, as Latour (2000) explains, is used in cybernetics to represent a machine or a set of complex commands, which is represented by a black box; one only needs to know what goes into the black box and what comes out of it, however contentious its history or however complex its operation. After stabilization, the social process of constructing the black box becomes invisible.

and the shadows of a future in which we think we already are or will never be” (Santos, 1988, p. 46). The sociologist asserts that if we look at the future, two contradictory images alternately come to our mind: that of our arrival at the threshold of a society freed from the shortcomings and insecurities of the technological translation of accumulated knowledge and that of the dangers that make us fear a future that will end before it begins.

One can align Santos’s perception with Anthony Giddens’s seminal analysis of the reflexive character of modernity. According to Giddens (1991), modernity is a double-edged phenomenon: the development of modern institutions and their worldwide expansion have created opportunities for a safer and more comfortable existence, but they also carry a dark side because they intensify people’s experience of uncertainty and fear (Giddens, 1991). From this viewpoint, the perils of modernity are not the fruits of immediate and certain direct cause-and-effect relationships; on the contrary, they are associated with potentials, that is, with possibilities difficult to determine. This is a situation which generates a global scenario of non-quantifiable uncertainties. Ulrich Beck (2010) also characterizes modern society by the uncertainties and threats produced and heightened by progress. In modern society, science assumes an extremely important role as a legitimizer of social knowledge and practice, but at the same time, it seems to be less and less enough for binding the definition of truth (Beck, 2010), contributing to the experience of risk, uncertainty, and temporal discontinuity.

Extreme and disparate situations such as natural disasters, decentralized cyberattacks, or public health epidemics exemplify the anguish and insecurities that arise from the ambiguities surrounding scientific practice. Luis David Castiel (1999) states that knowledge no longer has the bond it had with deterministic ideals; knowing no longer implies reaching unconditionally stable certainties. Although the results and promises of science are increasingly mirrored in each sphere of our daily life (Tucherman & Ribeiro, 2012), science itself rests on quicksand in the society of risk (Giddens, 1991), producing discontinuous and fragmented times.

Following Igor Sacramento and Izamara Bastos Machado (2015) one can argue that this permanent temporality of risk is widespread in narratives about catastrophe, accidents, and epidemics, particularly in the area of journalism. Stories and experiences designed to stimulate identification between the reader/spectator and characters who suffer contribute to the perception that such unforeseen events can occur at any time, reflecting in a constant present the possibility of future. In a context in which scientific definitions about dangers are increasingly intertwined with social expectations and assessments (thus far from irrefutable truths), the mediatized experience of these events permeates all aspects of time in everyday life.

It should be remembered that, in contrast to a common view, time is performed and culturally constructed through the work of different instances. This way, media and communication processes influence our perception of time and affects our time regimes, further complicating the relationship between citizens and science. However, the relation between time and the media presupposes the interplays of different temporalities (West-Pavlov, 2012). These processes take different forms, stemming from the symbolic

and social uses of the different media throughout history, in a way that “each communicational process engenders one or more regimes of temporality” (Musse, Vargas & Nicolau, 2017, p. 8). Now, as Marialva Carlos Barbosa (2017) argues, time becomes even more recognized as tangible because of digital technologies. On different platforms, it is increasingly easy to revisit and reconstruct the past in the present, as well as bring forward and debate projections about the future. The relationship among temporalities and media is marked by a fluid and volatile time, “governed by the exponential logic of acceleration” (Barbosa, 2017, p. 20).

The acceleration of time points not to the teleological projection of a future, nor to the recovery of a past, but to a social experience based on instantaneity and temporal condensation (Matthew, 2013). This way, daily time is no longer cyclical nor linear, but pointillistic, marked by successive disintegrations (Maffesoli, 2003). As Zygmunt Bauman (2007) argues, time’s inconsistency, lack of cohesion, and proliferation of discontinuities disengage the temporal links that reunite events, liquefying time. Memory changes, becoming a rhizomatic memory, spread throughout the nodes of the network, waiting to be retrieved and sent back, producing new relations with knowledge and the use of this knowledge (Matthew, 2013).

In the perspective of Muniz Sodré (2007), advanced communication technologies and the speed of information circulation produce another temporality, “real time”, in which the customary experience of time is deeply altered; since everyone is virtually connected, individuals can be reached without delay. In this temporality condensed into the present, the “eternal present” (Sodré, 2007, p. 19), information tends to be marked by the speed at which is being transmitted, by immediacy, unlimited space, and low cost. Events always precede the possibility of individual interpretation just as the social criticism via communication technologies precedes individual and collective interpretation. The philosopher argues that discourse rhetorically controls society as a whole “generally abstract in relation to concrete territory and real-historical time in the same way as the language system is abstract in relation to discourse” (Sodré, 2007, p. 20).

In a similar way, Marialva Barbosa emphasizes that, in producing a reality in which events are always capable of being updated at great speed, the confluence of digital media also contributes to form an “extended present” (Barbosa, 2017, p. 20). That is to say, and in dialogue with Francois Hartog (2013), that the regime of historicity is marked by presentism, and because of this, the future, anticipated as a threat, is persistently brought to the present, reducing the experience of insecurity and risk. The media thus persistently activate the present, a trend reflected by the uninterrupted flow of information circulating in the media: “it is uninterrupted time that emerges from the narratives, especially in the online environment, not allowing the necessary pause for reflection” (Barbosa, 2017, p. 21).

Situations such as the Zika virus epidemic in Brazil are illustrative for understanding the intersections between risk theories and temporalities mediated by forms of communication, especially digital media. Without claiming to account for the totality of the elements involved in this configuration, we emphasize the following points for reflection.

It is, in the end, a question of understanding the implications involved in the different temporalities related to the production and dissemination of science, news, and, in the context of social media sites, personal discourse.

In the field of health, although science aims to explain all phenomena through scientific methods, its discourse competes with other diverse beliefs (Pereira, Martins, Barbosa, Silva & Gomes, 2013). Myths, popular beliefs, fears, and other social experiences about the health and disease phenomenon trigger very ancient mechanisms of understanding reality. In other words, scientific data is not always the main point of reference that informs people's thinking or actions concerning health issues (Pereira et al., 2013). As Fairclough (2001) also points out, the medical science discourse competes with a number of "alternative", holistic discourses (such as acupuncture and homeopathy), and popular folk discourses, a trend that's growing due to the increasing ease of access to information, including technical and specialized, through Information and Communication Technologies (ICT).

Another central aspect of the present discussion is related to the temporality of scientific practice, different from the time of other social fields, such as the media, for example. If research, in principle, is characterized by a time of slow maturation, made of comings and goings, reconsiderations, evaluations and experiments, it distances itself from the aura of glamor that the very disclosure of scientific results in the media entails. Guided by the logic of spectacularization that organizes time and space for the articulation of "everyday events" that privilege the desire for consumption (Lefèbvre, 1991), the communication of science is influenced by a mystified vision of scientific activity. Priority is given to spectacular aspects, valuing immediate applications and suggesting, often, that something determined in the scientific field should not be debated. In this process, the media contribute to the construction of technoscientific fantasies that are an increasingly powerful part of our cultural landscape (Tucherman & Ribeiro, 2012).

In the case of the Zika epidemic, it can be said that some of these relations were challenged, since the media could not initially find answers to the problem from researchers and scientific institutions. Even though the emergency situation has spurred the work of research institutes and prompted the organization of international conglomerates of scientists in search of solutions, as we will discuss in more detail below, it may take months (or years) of research to obtain enough knowledge to understand the situation. In this context, considering the speed at which information circulates on digital platforms of social networks and the public's eagerness for more immediate responses, multiple discourses came into conflict within the explanations given for the epidemic, with voices emerging from diverse fields such as politics, religion, entertainment, and journalism. This is well illustrated by the words of Ana Lúcia Azevedo, a former science editor of *O Globo* newspaper mentioning about the period of the epidemic: "we had the feeling that we were constructing the knowledge together with the scientists" (OSM, 2016).

EVERYONE OWNS THE TRUTH

In this context of many conflicting uncertainties and discourses in circulation, a phenomenon that Liesbet Van Zoonen (2012) classifies as “I-pistemologia” gains strength. In opposition to the concept of epistemology, related to the nature and methods of knowledge for uncovering truths, I-pistemology responds to individuals’ worries, stemming from the “I” and the identity, in detriment of institutions. Consequently, individuals “have transformed themselves into alternative sources of knowledge and understanding” (Van Zoonen, 2012, p. 63), in a search that favors new modes of expression. In this way, Van Zoonen, in dialogue with Jon Dovey (2000), asserts that subjective, autobiographical, and confessional discourses have been established forms of cultural expression since the 1990s. Dovey uses the term “first-person media” (Dovey, 2000) to speak about certain talk shows and the (then emerging) reality shows that reveal individuals’ private lives and intimate experiences, unveiling their “real selves”. This desire for “true authenticity”, Van Zoonen (2012) says, includes content producers as well as companies, which must develop products and experiences that are always closer to reality. In the midst of this overabundance of the “real”, it is up to each individual to determine, from their subjective perspective, what is authentic or not (Sibilia, 2008), based on its temporal instantaneity.

With the popularization of the internet, I-pistemology gains even more power, since the discourses about oneself gain unprecedented scope and variety. Through digital media, Van Zoonen (2012) points out, there is a plethora, not only of spaces in which subjects can express their own truths, but also of ways in which other individuals can establish correlations between their experiences and those to whom they access on the web. In some ways, sharing everyone’s beliefs and experiences offers faster responses (and, according to the rhetoric of “I-pistemology” more reliable responses) to complex problems than science can provide. In this sense, it is worth remembering that technical characteristics of digital social networking platforms play a relevant role in articulating these constructions. In early 2018, Facebook, the most popular digital social network among Brazilians, announced that it would reduce the reach of news to prioritize posts from friends and family members in users’ feed (Tozetto, 2018), for example.

This process of collective enunciation from the web of interactions between human and non-human actors (Latour, 1994) on digital platforms becomes even more evident in cases in which there are still few “official” responses, in which institutional time is delayed and provokes silences and periods of waiting, as was the case with the Zika virus epidemic. Further from the horizontality propagated by the idea of a collective intelligence (Lévy, 1999) than to disputes about meaning among diverse subjects, this process is based on the potential to produce narratives considered “authentic”. Within this logic, besides the questioning of institutional discourses, individuals that don’t have scientific backgrounds become relevant within certain networks associated with scientific contents on the internet (Oliveira et al, 2017). YouTube, the largest online video platform, has been a prolific channel for this type of manifestation, with its “star system” (Burgess & Green, 2009) established by science-related content producers in Brazil.

Considering the popular appeal of the theme and the already huge flux of searches about health contents on the internet, it is not surprising that several youtubers (regular content producers) had produced videos on Zika at the height of the epidemic. In addition to the youtubers' possible good intentions, it was an opportunity to build social capital on the internet. Recognition of a content producer as a reliable source of information about a problem worrying the population would increase his or her authority, that is, their influence on a specific network (Recuero, 2009). Given the lack of official information about Zika, rumors about likely "secret" information, which used to circulate exclusively in different social networking platforms (Garcia, 2017), also became prominent on YouTube. Numerous YouTubers produced content defending such alternative narratives, questioning them, or simply presenting them to their audiences.

Moreover, it is worth noting that in February 2018 a report by the American newspaper *The Wall Street Journal* pointed out it was possible that YouTube was being encouraging radical discourses (Nicas, 2018). Conducted with the participation of an ex Google staff member the investigation demonstrated that the platform frequently suggested far-right or far-left content to users who had previously viewed informative and relatively "neutral" content in an attempt to make these users spend more time on the site. In the healthcare field, the topic of vaccination was emphasized: according to the newspaper, when reading information on influenza vaccines, the public was encouraged to see contents about conspiracies of the anti-vaccination movement. The accusations were reiterated by another former employee of the company in a testimony made to the British newspaper *The Guardian*. According to him, the algorithm used in the platform for recommendations misrepresents reality and lead people to spend more time online (Lewis, 2018). It's an hot-headed context that spreads narratives of different nature, such as those analyzed throughout this work.

According to Jean-Bruno Renard (2007) and Jean-Noel Kapferer (1990), it is true that rumors are part of our daily lives and have been an important and immemorial sources of information since. This conceptualization is reinforced, for example, by Gordon Allport and Leo Postman (1973). These authors assert that much of our day-to-day communication is made of rumors. Zigmunt Bauman (2007) also makes important contributions to understand the process of producing and spreading rumors in the digital and temporally discontinuous contemporaneity. According the author, in "liquid times", the breaking down of boundaries, the deregulation, the weakening of human relations bring to mind "the terrifying experience of a heteronomous population, unhappy and vulnerable, confronted and possibly overpowered by forces it neither controls nor completely understands" (Bauman, 2007, p.13). According to the author, the insecurity of the present and the uncertainty of the future, are linked with the individual feeling of powerlessness.

From Eni Orlandi's (2005) viewpoint, rumor cannot be understood as hearsay, as fair-minded speech. It is an additional element in the dispute for the paradoxical territory of production of meaning. Gossip occurs in a time of its own, affecting the rhythm of what is said, expressed not only through words, but also silence, saying less (not saying the "whole", truth; fact is not "completely" meaning) or too much (it goes beyond truth).

In this way, says Orlandi (2005), we can see the sides of what is said, the margin of misunderstandings, uncertainties. The author's conceptions complement the ideas of Kapferer (1990), Renard (2007), and Luiz Carlos Lasbeck (2000), who suggest that rumors arise when a group tries to ascribe meaning to uncertain and ambiguous circumstances. That is, when information is scarce and people suspect that perhaps much more may exist behind the "authorized" version, thereby pointing to other interpretative options.

These long-winded narratives, dislocated from a "place of origin", made of unstable, changeable elements, are conveyed informally, quintessentially, between ears generating connivance and settling bonds of trust (Lasbeck, 2000). The familiarity, the orality, and the conversational features of digital network communication (Fairclough, 2001; Recuero, 2012), favor the circulation of rumor while a transgressive phenomenon, that do not disappear with new technologies (Lasbeck, 2000; Reule, 2008). Instead, the rumor is strengthened by the temporal regimes of these spaces, which strengthen and are strengthened by the acceptance of the I-pistemology rhetoric.

In the next topic, we will examine the disputes of meaning around the Zika virus, highlighting the emergence of YouTubers while agents the disseminate alternative narratives about the disease which contribute to the emergence of a fragmented, and conflictive temporality during the period of "crisis".

CASE STUDY: NARRATIVES ABOUT THE ZIKA VIRUS IN BRAZIL

The Zika virus (ZIKV) appeared in Brazil without a stir. At first it was responsible for mild medical conditions. Then, it became one of the major national public health problems in recent years. The main factor that explains the population's fear, the health authorities' concern, and the great media interest in the disease is due to the effects on the rise of congenital malformations (especially microcephaly), in addition to other serious problems such as Guillain-Barré syndrome - an autoimmune neurological disease that normally causes infections.

Scientific reports about Brazil relate that the former virus manifestations occurred at the beginning of the year 2015. The disease was dealt with until October, when the alerts about the increased cases of microcephaly confirmed the suspicion that Zika was responsible for those diseases. Local newspapers made public this suspicion during the month of November (Aguiar & Araújo, 2016). Facing 150 suspected cases of microcephaly, the Ministry of Health declared it a public health emergency on November 11 (Governo declara emergência em saúde por casos de microcefalia, 2015). During the same month, tests Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) and the Evandro Chagas Institute confirmed the association between the Zika virus and the microcephaly (Ministério da Saúde confirma relação entre microcefalia e o vírus da Zika, 2015). The disease spread throughout Latin America and led the WHO to declare it a public health emergency of international concern on February 1². This facilitated the mobilization of resources and the intensification of the scientific discussion. Soon, the, Zika began to lose ground in the news, partly

² Retrieved from <http://www.who.int/mediacentre/news/statements/2016/emergency-committee-zika-microcephaly/en/>

because of the President Dilma Rousseff's impeachment process, and partly because of the *Aedes aegypti* (the mosquito yellow fever), that normally rises in cooler months.

At the height of the epidemic, it there was a need to recuperate the few existing historical records on Zika. Researchers tried to discover when it arrived in Brazil, examining about 30.000 accounts of outbreaks in French Polynesia between 2013 and 2014 (Jouanic, Friszer, Leparc-Goffart, Garel & Eyrolle-Guignot, 2016). At the time, the outbreak was considered a “mild dengue” that subsided without severe aftereffects. After the start of the epidemic in Brazil, however, the analysis of current data showed a correlation between Zika infection during the first months of pregnancy and an increase in domestic cases of microcephaly.

The association between the virus and the microcephaly made the epidemic to become an important social event, reinforcing the feelings of unpredictability, insecurity, and uncertainty which are already part of the risk society (Antunes, Alves, Goveia, Oliveira & Cardoso, 2016). The rumors amplified, and the same happened with the institutional and scientific efforts enacted to deal with the crisis.

The rules to apply to research funds were modified in order to faster the research about the disease. The São Paulo Research Foundation (FAPESP) approved extra resources to fund emergency projects about Zika in December 2015. Other agencies, such as the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) as well as the Ministry of Science and Technology also streamlined the appliance processes. In March 2016 they announced a founding amount of around R\$1.2 billion³ for public campaigns in several areas. WHO announced February 2016 a US\$56 million plan to battle Zika epidemic (OMS lança plano de US\$ 56 milhões para combater epidemia de Zika). The cooperation and collaboration among researchers was also intensified. Several collaborative initiatives were putted in practice. The *ZIKAlliance* research consortium, integrating partners from around the world and coordinated by the French National Institute of Health and Medical Research (Inserm) was one of the examples

Additionally, scientific community also asserted several initiatives to deal with the need to improve research. The scarcity of scientific information on the disease was the main difficulty to overpass. Therefore, the journals took decisions to speed up publication. Approximately one thousand articles about the disease were indexed in PubMed during the first months after the epidemic well recognized journals in the field, such as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* [Memories of the Institute Oswaldo Cruz], created special publishing workflows. The mission was to accelerate the peer review process⁴.

While the scientific community enrolled in that discussion, the population and the media also attempted to figure out what was happening. In a temporal context marked

³ “Government will invest R\$649 million in coping with Zika and *Aedes aegypti*”. Retrieved from <http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2016/03/enfrentamento-do-zika-e-do-aedes-vai-contar-com-r-649-mi-1>

⁴ The results of all of these efforts were reflected in the groundbreaking identification of the relationship between Zika and microcephaly in Brazil, early in the epidemic. In January, Fiocruz announced the creation of a diagnostic kit for Zika, Chikungunya, and dengue to try to overcome the great difficulty of differentiation between the three diseases, with similar symptoms. But the accelerating efforts of science time are limiting: research for developing a vaccine still has a long way to go before bringing about effective results, even three years after the outbreak.

by uncertainty, panic got intensified, as well as the sense of urgency. In this scenario and as digital media propelled increasing sense of haste, a range of alternative explanations began to circulate giving explanations for the increase number of cases of microcephaly. Authorities labeled them as as rumors. The fact is that in reaction to the lengthy of the time needed to conduct studies and in-depth reflections on the numerous factors associated with the problem, simplistic responses several digital platforms begin to propagate simplistic responses Besides satisfying the population's quest for answers, theories about the application of expired rubella vaccines and tests with mosquitoes modified/infected with *Wolbachia* bacteria played a role in amplifying suspicions about science, thereby ascertaining the need to search for other sources of ready to apply knowledge.

Rumors soon spread out through several digital platforms. In this text one analyses video narratives posted on YouTube. This is a world leader in the consumption of online videos, the platform was chosen for its prominence in Brazil. According to Google's 2017 survey, 95% of the nation's internet users visit the portal monthly, and 59% of them agree that it is better to use YouTube than watching news (Google & REDS, 2017). Besides, youtubers built strong ties with their audiences, by the way of internet micro-celebrities (Marwick, 2015). Therefore, it is an important element in the spreading alternative narratives about Zika. To develop this research, we took into consideration the thousands of videos published about the subject on the platform. Then we proceeded by delimiting a qualitative and intentional sample by which the subjects are selected according to the criteria that "derive from problems with research, from the characteristics of the observed universe, and the conditions and methods of observation and analysis" (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 78).

The initial search was focused on videos with narratives classified as rumors, and with mentions to the Brazilian epidemic. We also consider those with a significant number of views. One also used a temporal clipping comprising key moments of the epidemic. Doing this we selected three videos, titled "A verdade sobre o Zika virus e a microcefalia!" [The truth about the Zika virus and microcephaly!], "O Zika Virus nada tem haver com os casos de Microcefalia – o governo está mentindo" [Zika virus has nothing to do with cases of microcephalia – the government is lying], and "A TRAMA DIABÓLICA DO ZIKA VÍRUS" [THE DIABOLIC PLOT OF THE ZIKA VIRUS]⁵. Two selected videos were published in early December 2015, shortly after the official confirmation that Zika was the cause for most of the cases of microcephaly; the third video was launched in February 2016, days after the WHO has announced that the Zika epidemic was a public health emergency of international concern.

In the next section we are going to analyse the videos based on a content analysis. According to Klaus Krippendorff's (1990) this method is an important tool for understanding the frequency at which certain subjects are framed. Published on the channel

⁵ The use of capital letters in the title of the video abides by the original publication and was maintained in this article to highlight the strategy of visibility used by its author. Although it is a relatively common practice on YouTube, the use of capital letters in texts can also be understood, in the context of digital communication practices, as a scream. In this sense, it reinforces the sense of urgency that its author wishes to transmit.

Liberdade (Freedom) on December 5, 2015, the first video, “A verdade sobre o Zika virus e a microcefalia!”⁶ uses a set of reports produced by the Globo network to quest the official discourse about Zika. The video begins with the announcement confirming the virus is the cause of the outbreak of microcephaly in the Northeast of the country, as it appears in the *Jornal Nacional* (National News – the Brazil’s most watched news program). By inserting text and editing tricks, such as repeating the reporter’s advice for a national mobilization against mosquito-borne dengue, the author inquires into the legitimacy of that discovery. Although not appearing physically, the author inserts the words (and the panicky tone) in the video, using black and white uppercase letters on a black, spotted screen board (suggesting the idea of contamination). All this is used to inquire why mosquitoes had not spread the Zika virus until 2015. After highlighting a reporter’s statement saying that mosquitoes should be prevented from being born, the author returns to the lettering giving the announcement: “we will now see a report that *Jornal Nacional* showed on 11/01/2014, over a year ago; I saved that news report since that day, when the government released genetically modified dengue mosquitoes over several parts of Brazil”.

Then another new report begins. This time about an initiative with transgenic mosquitoes in the city of Juazeiro do Norte. The video is interrupted by a new insertion on the screen, noting: “that’s right, you heard it correctly. Mosquitoes genetically modified and paid with citizens money! We’re paying to be infected! Rule of 3: they create the problem, introduce the problem, and now they bring the solution!”. The apocalyptic tone of the message reaches its peak with the sentence terminating the video: “buckle up ladies and gentlemen! On our way to I.N.W.O. and population reduction!”.

The use of news videos leads to a double bias: The Ministry of Health is questioned. Media is also accused of being complacent with that lies. Besides creating this double bias, the author points out that he saved the Globo TV 2014 video about transgenic mosquitoes, suggesting that he was able to predict that the experiment would have later consequences. In this way, he presents himself as a vigilant person who rationally utilizes the available information to predict the dangers that threaten the future. A perspective that he shares with his audience, in search of legitimacy.

The second video, titled “O Zika virus nada tem haver com os casos de microcefalia – o governo está mentindo”⁷ [sic] was published on the channel Instituto Teológico Gamaliel [Theological Institute Gamaliel] on December 9, 2015. With a narrative entirely center around a first-person speech, it spotlights a man identified as Pastor Flávio Nunes who looks directly at the camera in a recording apparently made with a mobile phone. Over the course of two minutes and 34 seconds, the author states that “he cannot verify the accuracy”, but he found out that microcephaly could be related to batches of expired rubella vaccines. The pastor also says that “if this is true”, the government should admit its mistakes and stop fooling people. He ends the video with an open question about the

⁶ The video is available at <https://www.youtube.com/watch?v=TkLxhwo44Ag>

⁷ The video is available at <https://www.youtube.com/watch?v=pGB7JOMei1U>

large number of incidences of microcephaly in the Northeast, reinforcing the possible correlation with expired vaccines that had been distributed in the region.

Interestingly, the extensive description of the video begins with a more assertive tone, with phrases like “everything is a government lie; they are afraid to compensate all the families that have been affected”, “social networks will break the story at any moment, and we need to be ready to fight for the rights of the families that were affected”. Only at the end the author writes “if this is really true I just don’t know anymore...”. As in the previous video, the author does not use any official source, which justifies his warning about the impossibility of verifying the accuracy of the story. However, in the corner of the video and in the video description, the pastor’s title stands out in a probable attempt to reinforce the author’s position of authority – and, consequently, the possibility that the rumors are somewhat legitimate.

The third video, “A TRAMA DIABÓLICA DO ZIKA VÍRUS”⁸, also relies on religion as a central argument to legitimize the act of spreading alternative narratives about the epidemic. Published on the channel Jefferson Netto on February 4, the video is a mobile recording made by the author while driving “in the cold of the United States”. In addition to informing the viewer that he is in another country, Netto introduces himself as a doctor – the video informs the viewer that the author is a “clinical psychoanalyst with a specialization in family and educational psychoanalysis, and a doctor of philosophy of religion”. He also says that he decided to record the video as a matter of urgency, since he has a mission “concerning prophetic matters”. As part of this heavenly mission, the man says that he watches what is going on around him and that he must tell people about things that are “moving very fast”. He then explains that he heard an alarming interview on the American channel InfoWars (presented by far-right activist Alex Jones, whose content was suspended in August 2018 from YouTube, Apple, Facebook, Spotify, and Twitter) (Ximénez de Sandoval, 2018). The interviewee is presented as Dr. Francis Boyle, an alleged international law expert trained at Harvard University and considered “top in the United States”. He had made claims about the relationship between the epidemic and the genetically modified mosquitoes.

The author of the video also contrasts the mediatic and governmental discourse with the “truth” revealed by that American person. “The Globo network is calling it the good mosquito, but Dr. Francis warns that the consequences can’t be known”. To reinforce the legitimacy of his source, he asks the public to research Francis Boyle’s credentials on Google. This way he implicitly reinforces the idea that each person has responsibility to seek out information so they can evaluate the risks of believing or not in official speeches. As a Brazilian who had the opportunity to get in touch with sources abroad, Netto presents himself as someone willing to share his privilege: “it is probably the first time you are hearing this in Portuguese. (...) Do not trust what the Brazilian media and the Brazilian government is saying”. On the other hand, if the American’s résumé (though it doesn’t contain anything at all related to scientific research on health) is enough to give him credibility, the argument that guarantees Netto’s authority, once

⁸ The video is available at <https://www.youtube.com/watch?v=uV7FTt2VtIs>

again, is divine. He ends the video by repeating that Bible – more specifically the descriptions of the apocalypse – waste main factor that lead him to be worry about the question.

The three narratives analyzed present some common characteristics. All of them are based to some extent on the idea of I-pistemology: when facing the lack of consistent information, they rely on personal experiences (“predicting” issues related to the genetic manipulation of mosquitoes, retelling stories what someone “heard”, using divine “enlightenment” that leads to truth). Besides stating that the Brazilian government lied about the epidemic, “traditional” media are frequently singled out as agents of “conspiracy”. Meanwhile, social networking platforms are characterized as spaces in which narratives allegedly silenced by both institutions find space – as the author of the second video suggests, “social networks will break the story at any moment”.

It’s no coincidence that the videos are underpinned by the same presentism (Barbosa, 2017) characterizing the temporal regimes which are mediatized by digital platforms. The author of video 1 recuperates old videos to rebuild the present narrative, manipulating the past to add coherence to the explanation. Meanwhile, the anxiety about the future and the need to discuss the threats in the present are strongly evidenced. Terms such as “get ready”, “at any moment” and “very fast” emphasize the urgency and the unpredictability associated with the disease. More than seeking a solution to the problem, the authors want to point out culprits – particularly the Brazilian government and the media – and stablish religion (videos 2 and 3) as an alternative source of trust before chaos. Thus, in this eternal present (Sodré, 2007) different temporalities are shuffled, especially the time of science and the time of social networks and of mediatized society. Although the experiment with modified mosquitoes is still too recent to provide results scientifically supported, its potentials and the unknown risk are anticipated and “presentified”, liquefying the links between past and future events (Bauman, 2007). Retrieving specific fragments of the network rhizomatic memory as a jumping off point, the constructed narrative becomes rooted in the discourse of risk and of the mythical temporality inspired by biblical apocalypse.

FINAL CONSIDERATIONS

Considering Bernardo da Costa’s (2014) reflection on Eduardo Viveiros de Castro (2011), we can observe that “imaginary” conceptions may get legitimacy, since they can establish their own support networks leading to actual effects. This was what happened with the rumors analyzed in this study about the distribution of an expired or spoiled rubella vaccine. Therefore, rumour is an important element in the process of social production of the meanings about a phenomenon that is technoscientific and sociotechnical (Cardoso, 2012; Rosenberg, 1992). Apart from the credibility that science and research institutions received from the citizens, other human and nonhuman actors participated (and participate) in the social construction of the epidemic(s), such as Whatsapp groups, YouTube channels, historical reports of past epidemics, biblical reports, personal memories about dengue and *A. aegypti*, discourses from anti-vaccine

movements, among others. These lead other actors to act, thus generating actual effects and consequences.

Critical situations such as the Zika virus show the ambiguous feeling described by Santos (1998) about the relationship between society and science in the 21st century. In a context of accelerated mediatization and immediatism, information is produced, circulates, and is consumed without pauses for reflection (Barbosa, 2017; Sodré, 2007), creating a disintegrated experience of time (Bauman, 2007; Maffesoli, 2003). We have seen how easy it is to bring past miseries to the present and enrollee in projections about a future potentially impossible because of microcephaly. As scientists are also providers of uncertainty, there is a wide space for risk-time and uncertainty-time to progress and feed several projection discourses. In other words, scientific reasoning is giving the way to myths, fears, beliefs, and personal experiences (Fairclough, 2001; Pereira et al, 2013) that, in turn, also augment the already existing dangers characterizing the accelerated and mediatized society.

The analysis of Zika virus temporalities shows in any case that science, being under great pressure, tried to accelerate the processes, to invent shortcuts in order to obtain swifter responses, however without leaving behind the rigor inscribed in the typical nature of the scientific process. What happens in terrain is that the diseases spread far beyond its biological scope giving rise to multiple discourses that circulate in a faster pace than scientific process. Therefore, the proliferating silences and uncertainties (Orlandi, 2005) become filled of rumors and speculation.

Not assuming the responsibility for the content being disseminated, YouTube is a pivotal non-human actor strengthening a time-network of discourses based mainly on the "I-pistemology" (Van Zoonen, 2012), strengthened by the rhetoric of experience (Sacramento & Machado, 2015). Even if not having proofs to support the rumors being cultivated, the authors of the videos justify their use their own past knowledge to support their queries about the "truth" of Zika virus which they consider to be omitted from the official discourses. Thereby, they ascribe to themselves the power to predict before someone else the threats (suddenly urgent) (as the youtuber who brags for having "stored" a video about transgenic mosquitoes). They also justify their worry as a response to a divine demand made on them to reveal the secret "divine call" they received to reveal that "secret".

In spite of not intending to map the process of the social construction of knowledge about Zika, we sought to contribute to understand at least one side of this event, the tensions arising from the divergences between the time which is necessary for the production of scientific knowledge and the urgency for answers. In addition to the impact that this conflicts of temporality may cause on the episode one may highlight the risk of emerging of health-related conspiracy theories that, within a framework of absolute temporal instantaneity, may play an important role in strengthening extreme right networks, as Rebecca Lewis (2018) notes in a report about English-language youtubers. This is a finding to be further analyzed in future works. ✍

Translation: Robert Kaiser

FUNDING

This article was supported by the German Academic Exchange Service (DAAD), with funds from German Federal Ministry for Education and Research (BMBF) through the project “Literary Cultures of the Global South”.

REFERENCES

- Allport, G. & Postman, L. (1973). *Psicología del rumor*. Buenos Aires: Psique.
- Aguiar, R. & Araújo I. S. (2016). A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. *RECIIS – Rev. Eletrônica Comun., Informação Inovação em Saúde*, 10(1), 1-15. <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v10i1.1088>
- Antunes, M. N., Alves, W., Goveia, F. G., Oliveira, A. E. & Cardoso, J. M. (2016). Arquivos visuais relacionados ao vírus Zika: imagens no Instagram como parte da constituição de uma memória da epidemia. *RECIIS – Rev. Eletrônica Comun., Inf. Inov. Saúde*, 10(3), 1-15. <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v10i3.1175>
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Barbosa, M. C. (2017). Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. Em C. F. Musse, H. Vargas & M. Nicolau (Eds.), *Comunicação, mídias e temporalidades* (pp. 19-36). Salvador: Edufba.
- Beck, U. (2010). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34.
- Bourdieu, P. (2003). *Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp.
- Braga, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. Em M. A. Mattos, J. Janotti & N. Jacks (Eds.), *Mediação e midiaticização* (pp. 31-52). Salvador: Edufba.
- Burgess, J. & Green, J. (2009). *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.
- Cardoso, J. M. (2012). *Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008)*. Doctoral thesis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Retrieved from http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=2
- Castiel, L. D. (1999). *A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Costa, B. E. G (2014). *As controvérsias da ciência na Wikipédia em português: o caso do aquecimento global*. Doctoral thesis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Dovey, J. (2000). *Freakshow: first person media and factual television*. London: Pluto Press.
- Fairclough, N (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB.
- Fausto Neto, A. (2008). Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Matrizes*, 1(2), 89-105. Retrieved from <https://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/3169>
- Fragoso, S., Recuero, R. & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Garbin, H. B. R., Pereira Neto, A. F. & Guilam, M. C. R. (2008). A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. *Interface*, 12(26), 579-588. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000300010>

- Garcia, M. P. (2017). *Disseram por aí: deu Zika na rede! Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de Zika e microcefalia nas redes sociais*. Masters dissertation, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, Brasil. Retrieved from <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23607>
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Google & REDS (2018). Pesquisa Google e Reds com consumidores brasileira online. Retrieved from <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>
- Governo declara emergência em saúde por casos de microcefalia (2015, November 11). *G1*. Retrieved from <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/11/ministerio-da-saude-investiga-casos-de-microcefalia-no-nordeste.html>
- Hartog, F. (2013). Ordens do tempo, regimes de historicidade. In F. Hartog, *Regimes de historicidade - presentismo e experiências do tempo* (pp. 305-327). São Paulo: Autêntica.
- Lasbeck, L. C. (2000) Os boatos – além e aquém da notícia. *Lumina*, 3(2), 11-26. Retrieved from www.ufff.br/facom/files/2013/03/R5-lasbeck-HP.pdf
- Jouannic, J. M., Friszer, S., Leparc-Goffart, I., Garel, C. & Eyrolle-Guignot, D. (2016). Zika virus infection in French Polynesia. *The Lancet*, 387(10023), 1051-1052. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)00625-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)00625-5)
- Kapferer, J.N. (1990). *Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Kreps, G. L. (2013). Health communication inquiry and health outcomes. *Comunicação e Sociedade* [Special vol.], 11-22. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1351](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1351)
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica*. Barcelona: Paidós Iberica.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp.
- Lefèbvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lewis, P. (2018, February 2). Fiction is outperforming reality: how YouTube's algorithm distorts truth. *The Guardian*. Retrieved from <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/02/how-youtubes-algorithm-distorts-truth>
- Lewis, R. (2018). *Alternative influence: broadcasting the reactionary right on youtube*. New York: New Data & Society [ebook]. Retrieved from <https://datasociety.net/output/alternative-influence>
- Maffesoli, M. (2003). *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk.
- Mateus, S. (2013). O presenteísmo: meditações atuais sobre comunicação e temporalidade. *Revista Fronteiras*, 15(3), 170-181. <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2013.153.03>
- Ministério da Saúde confirma relação entre microcefalia e o vírus da Zika (2015, November 28). *G1*. Retrieved from <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/11/ministerio-da-saude-confirma-relacao-entre-microcefalia-e-virus-zika.html>
- Musse, C. F., Silva, H. V. & Nicolau, M. A. (2017). *Comunicação, mídias e temporalidades*. Salvador: Edufba

- Nicas, J. (2018, February 7). How youtube drives people to the internet's darkest corners. *The Wall Street Journal*. Retrieved from <https://www.wsj.com/articles/how-youtube-drives-viewers-to-the-internets-darkest-corners-1518020478>
- Oliveira, T., Evangelista Cunha, S., Toth, J. & Lira, R. (2017). A ciência no Youtube: redes de autoridade e diferentes linguagens da Comunicação Científica na era digital. In *Atas do I Congresso TeleVisões*. Retrieved from <https://congressotelevisoes.com.br/2017-2>
- OMS lança plano de US\$ 56 milhões para combater epidemia de Zika (2016, February 17). *Folha de S. Paulo*. Retrieved from <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/02/1740273-oms-lanca-plano-de-us-56-milhoes-para-combater-epidemia-de-zika.shtml>
- Orlandi, E. P. (2005). Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer. Em E. P. Orlandi, *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos* (pp. 127-140). Campinas: Editora Pontes.
- OSM. (2016). *Debate: epidemias, jornalismo e (in)visibilidades*. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=Gptbu37qn-o>
- Pereira, B. F. B., Martins, M. A., Barbosa, T. L., Silva, C. S. O. & Gomes L. M. (2013). Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(6), 1745-1752. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600025>
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R. (2012). *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Renard, J. B. (2007). Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista Famecos*, 14(32), 97-104. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3421>
- Reule, D. (2008). *A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais*. Masters dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Retrieved from <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13796>
- Rosenberg, C. (1992). Explaining epidemics. In C. Rosenberg, *Explaining epidemics and other studies in the history of Medicine* (pp. 293- 304). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sacramento, I. & Machado, I. B. (2015). A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ébola. *Comunicação e Sociedade*, 28, 25-47. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2269](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2269)
- Santos, B. S. (1998). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, 2(2), 46-71. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sodré, M. (2007). Sobre a episteme comunicacional. *Matrizes*, 1(1), 15-26. Retrieved from <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017362001>
- Tozetto, C. (2018, January 13). Facebook muda algoritmo e reduz alcance de notícias. *O Estado de S. Paulo*. Retrieved from <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-muda-algoritmo-e-reduz-alcance-de-noticias,70002149049>
- Tucherman, I. & Ribeiro M. S. (2006). Ciência e mídia: negociações e tensões. *ECO-PÓS*, 9(1), 244-259. <http://dx.doi.org/10.29146/eco-pos.v9i1.1072>

- Van Zoonen, L. (2012). I-pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, 2(1), 56-67. <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>
- Vasconcellos-Silva, P. R. & Castiel, L. D. (2010). A internet na história dos movimentos anti-vacinação. *ComCiência*, 121. Retrieved from http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700011&lng
- Verón, E. (1998). Interfaces – sobre la democracia audiovisual evolucionada. Em J. M. Ferry & D. Wolton (Eds.), *El nuevo espacio público* (124-139). Barcelona: Gedisa.
- Ximénez de Sandoval, P. (2018, August 15). Facebook, Apple, Google e Twitter vetam a extrema direita paranoica. É uma boa notícia? *El País* [Brasil]. Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/14/internacional/1534273395_497058.html

BIOGRAPHICAL NOTES

Simone Evangelista Cunha is a journalist for the Federal University of Rio de Janeiro (UFF). She received her Master and Doctor of Communication at the Post-Graduate Program in Communication at the Fluminense Federal University (UFF). She is a researcher at the Research Laboratory in Urban Cultures and Communication Technologies (Lab-Cult/UFF) and the Laboratory of Experiences of Engagement and Transformations of Audiences (LEETA/UFF).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5457-5737>

Email: simone.evangelistacunha@gmail.com

Address: R. Alexandre Moura, 8 - São Domingos, Niterói – RJ, Brazil

Marcelo Garcia is a journalist. He received his Master of Science from the Post-Graduate Program in Information and Communication in Health at the Institute of Scientific and Technological Communication and Information in Health (ICICT/Fiocruz), and he is a researcher at the ZIKAlliance consortium.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6183-2343>

Email: marcelo.garcia@icict.fiocruz.br

Address: Av. Brasil, 4365, Rio de Janeiro - Brazil - 21040900

* Submitted: 08/08/2018

* Accepted: 13/11/2018

AS CADEIRAS DO CANCRO HEREDITÁRIO: COMPREENDER O TEMPO E A DOENÇA COM DESENHO ETNOGRÁFICO CRIATIVO

Susana de Noronha

RESUMO

Dando uso à ilustração científica, este texto tem como objetivo compreender a forma como o tempo é vivido, compreendido e gerido na doença oncológica hereditária, analisando a estória de cancro da mama de uma mulher Portuguesa portadora de mutações BRCA1/2. Desdobrado entre experiência vivida, antropologia e arte, este texto resulta de um exercício qualitativo transdisciplinar, introduzindo os saberes do corpo, a palavra dita e o desenho etnográfico criativo no centro da investigação, usando-os como recursos metodológicos e heurísticos. Partindo da narrativa recolhida em entrevista informal, propõe-se o uso de metodologias visuais e criativas, ambicionando uma compreensão reforçada da doença oncológica. Combinando texto e imagens, analisaremos as múltiplas aceções de tempo que permeiam esta estória, procurando as experiências, usos e sentidos dos momentos de espera, interrupção, lentidão, atraso, urgência e aceleração, antes, durante e depois da doença e do tratamento, usando e desenhando a cadeira, enquanto objeto concreto e metáfora, para lhes dar forma. A espera emerge como a experiência mais relevante para perceber a sua estória de cancro hereditário, ligando passado, presente e futuro num sofrimento que secundariza a dor física.

PALAVRAS-CHAVE

Cancro; ilustração; metáfora; narrativa; tempo

THE CHAIRS OF HEREDITARY CANCER: UNDERSTANDING TIME AND ILLNESS USING CREATIVE ETHNOGRAPHIC DRAWING

ABSTRACT

Using scientific illustration, this article aims to examine how time is experienced, understood, and managed in hereditary malignancies, analysing the breast cancer story of a Portuguese woman with BRCA1/2 mutations. Blending lived experience, anthropology, and art, this text results from a transdisciplinary qualitative exercise, incorporating embodied knowledge, speech, and creative ethnographic drawing at the core of the research, using them as methodological and heuristic resources. Based on a narrative collected in an informal interview, it suggests the use of visual and creative methodologies aimed at a reinforced understanding of cancer. Combining text and images, we will analyse the multiple meanings of time that permeate this story, searching for the experiences, uses, and meanings of moments of waiting, interruption, slowness, delay, urgency, and acceleration, before, during and after illness and treatment, using and drawing chairs, as concrete objects and metaphors, to give them form. Waiting emerges as the most relevant experience to understand her hereditary cancer story, linking past, present, and future within a form of suffering that minimizes physical pain.

KEYWORDS

Cancer; illustration; metaphor; narrative; time

INTRODUÇÃO: O TEMPO DO CANCRO, DO CONTEXTO AOS TEXTOS

Enquanto realidade sentida e pensada, que importância tem o tempo para quem vive o cancro no corpo e na carne? Que experiências, sentidos e usos se encastram no tempo antes, durante e depois de uma doença oncológica? De que forma são vividos e pensados os dias e datas de exames, diagnósticos, internamentos, ciclos de tratamentos, cirurgias, reconstruções e consultas de rotina? A literatura das Ciências Sociais e Humanas, sublinhando aqui a Antropologia e a Sociologia na estruturação deste artigo, tem apontado precisamente para o entrecruzamento dos tempos da vida, do corpo e do cancro. Sabendo que a experiência do cancro é “global, mas não uniforme” (Burke & Mathews, 2017), atravessada pelas muitas variações históricas, socioculturais, económicas, geográficas e ambientais que marcam a sua etiologia, deteção, tratamento e acompanhamento, o tempo que temos varia e as experiências do mesmo dependem do contexto e do lugar (Araújo, 2012). A forma como vivenciamos, compreendemos e gerimos o tempo, depende também da nossa posição e participação situada dentro da doença, sejamos nós pacientes ou resistentes (Hauge, 2015), familiares, prestadores de cuidado ou terapeutas (Zerubavel, 1979). Depende ainda daquilo que somos, temos e fazemos, género, idade, família, profissão, rendimento, entre outros posicionamentos e possibilidades.

Relativamente à doença oncológica, as experiências que vivemos e as histórias que contamos inserem-se numa tessitura de construções sociais e expressões culturais onde o tempo assume uma relevância central (Adam, 1994, 2013; Hall, 1984). As narrativas de resistentes oncológicas/os, enquanto veículos de conhecimento vivido, permitem-nos compreender a doença enquanto processo encastrado nos tempos de um corpo, biografia e contexto particular. Se o cancro pode ser vivido como uma disrupção biográfica e temporal, desarranjando a pessoa que somos e o tempo que temos, as narrativas que estruturamos são exercícios de reordenação, desdobrando a experiência da doença numa sequência com princípio, meio e fim, datando e situando, criando controlo e sentido. Estas narrativas não se reduzem à palavra dita ou escrita, podendo assumir o formato desenhado, pintado, fotografado ou esculpido, entre outras configurações da visualidade criativa (Noronha, 2009). Analisando histórias de cancro nas artes plásticas e visuais, procurando as ligações entre doença e tempo, torna-se claro que a experiência incorporada destas realidades emerge de uma mistura indivisa de corpos, espaços e objetos, modelada pelas dimensões sociais, culturais, relacionais e materiais da nossa existência (Adam, 2013; Noronha, 2015).

Atravessando algumas das representações mais frequentes nestas narrativas (Noronha, 2015), as pulseiras de identificação hospitalar e as páginas de relatórios médicos dão-nos imagens de corpos em tempo de mudança, reclassificados como doentes num determinado ano, mês, dia e hora. As cadeiras de salas de espera e as batas também marcam os episódios de exames diagnósticos e internamentos, remetendo para o momento em que a vida se encastra nos lugares e temporalidades hospitalares. Feridas suturadas resultam das horas passadas nas mesas de cirurgia, num tempo usado por outros sobre os corpos anestesiados, já transformados ao acordar. As camas de enfermaria apontam

para os dias de recobro, feitos de dor e dependência, um tempo de desconforto, sem grande descanso. Entrando nos ciclos de quimioterapia, as bombas infusoras marcam as horas e os dias passados entre gotas de medicação e efeito secundário, entre o vômito e a vontade de ganhar saúde. As imagens de corpos encostados a aceleradores lineares, apesar dos poucos minutos de exposição à radiação, remetem para a duração do seu efeito, da pele queimada às camadas de carne afetadas para a vida. Cabeleiras, lenços e chapéus enfeitam meses de tratamento, arrumados depois, no retorno dos cabelos e pêlos, num corpo e tempo sem cancro. Para quem carrega malignidades metastizadas ou terminais, aquietando-se nos seus últimos dias, os sofás e camas multiplicam-se e enchem o tempo que resta. As práticas criativas, visuais e artísticas conseguem assim traduzir, para um formato partilhável e inteligível, o tempo vivido do adoecimento, do tratamento, da remissão, da recidiva, do decaimento e da morte, mostrando a sua relevância para a compreensão do cancro.

Em cada ano, Portugal tem 50.000 novos casos de cancro e quase 29.000 mortes divididas pelos 12 meses (Miranda & Portugal, 2016). Recolher parte destas histórias, analisando as suas particularidades, pode fornecer o conhecimento para uma compreensão das experiências e conceções destas/es resistentes. Contudo, aquilo que encaixamos na palavra cancro é diverso e alargado, dos muitos órgãos afetados por malignidades aos múltiplos formatos que a doença oncológica pode assumir. Mesmo quando referimos o comum carcinoma da mama, estamos a falar de um conjunto heterogéneo de patologias e experiências, carcinoma ductal, lobular ou inflamatório, do estágio 0 ao IV, *in situ*, invasivo ou metastático, com ou sem receptores hormonais, onde pesam os factores de risco comportamentais e as particularidades de um corpo, idade, sexo e herança genética. Biomedicamente, o cancro da mama é entendido como uma doença com remissões e recidivas, um risco temporal estendido a duas décadas. Contudo, a Ciência Social pode entendê-lo como uma realidade crónica, não no sentido de sintomatologia ou tratamento contínuo, mas apontando para a perenidade do seu impacto físico e biográfico.

Este artigo comenta e traduz para desenho etnográfico criativo uma experiência de cancro da mama hereditário, analisando as especificidades de uma doença que pesa sobre o corpo mesmo antes de diagnosticada, apertando passado, presente e futuro, revelando a importância do tempo e da espera nas malignidades de origem genética. Recolhendo experiências e narrativas na primeira pessoa, a Ciência Social desdobra as particularidades das experiências vividas sob a ameaça das mutações BRCA1/2, que aumentam a predisposição de desenvolvimento de cancro da mama e do ovário, bem como o risco de uma recidiva. Relativamente a estas mulheres e histórias, a investigação em Ciência Social enfatiza o agudizar do medo, da ansiedade e das perceções de inevitabilidade, vulnerabilidade e incerteza, o risco permanente de doença (Hallowell & Lawton, 2002), os exames repetidos, o futuro ambíguo (Dean, 2016). A experiência familiar de cada uma, muitas vezes atravessada por episódios e memórias de cancros e mortes traumáticas de mulheres próximas, marca as perceções da doença e as decisões tomadas, dos testes e consultas médicas às mudanças feitas na vida (Hallowell & Lawton, 2002). Para além dessa herança experiencial de doenças, dores, mortes, perdas,

alegrias e vitórias vividas em família, também se interroga e comenta a gestão diária do risco, os saberes e práticas de resistência partilhados, as expectativas depositadas na genética e na medicina, o uso do tempo e da ação atempada, da vigilância à deteção (Mendes, 2004).

Contudo, a literatura mostra que para muitas das testadas, o cancro transforma-se na única certeza, “não é se, é quando” será diagnosticado (Dean, 2016). “Esperar que o cancro chegue” é um processo carregado de efeitos psicológicos, emocionais e relacionais (Hesse-Biber, 2014), uma estória de medo e ansiedade, vivida na antecipação. Os protocolos, exames de rotina e soluções apontadas pelo conhecimento médico não empoderam nem protegem as “portadoras” de mutação genética. Elas sentem-se como pacientes em espera, numa condição que não podem prevenir nem controlar, uma instabilidade que marca e muda escolhas e decisões, das relações pessoais às intervenções feitas nos corpos e órgãos (Hallowell & Lawton, 2002). Os recentes testes genéticos, com ambição preventiva na sua busca por mutações, produziram um “antes” da doença, uma determinada temporalidade que passou a fazer parte das narrativas de pacientes, resistentes e mesmo das já chamadas “previventes”, mulheres que optam pela mastectomia e ooforectomia antes da manifestação do cancro. Ainda hoje, os métodos de prevenção da doença oncológica são praticamente inexistentes, deixando por dizer de que forma se evitam os cancros “anunciados” por estas mutações, como se travam as suas recidivas.

A investigação também nos demonstra como as tentativas de controlar a nossa saúde futura, influenciando o risco de cancro hereditário ou genético, são uma ilusão, uma crença com profundas consequências na forma como resistentes oncológicas e mulheres com histórias de cancro em família conduzem as suas vidas (Finkler, 2003). Para quem vive um cancro antes dos 40, aos 20 ou 30 anos de idade, fica a dúvida, depois do tratamento, se o cancro voltará, se o fim do futuro está mais perto, apertando identidades e escolhas, “nem doentes nem livres de doença”, num momento liminar que não passa (Rees, 2016), que está para ficar. Neste artigo, a estória que se conta corrobora e prolonga uma grande parte das considerações teóricas da Ciência Social sobre o cancro da mama hereditário, mas acrescenta-lhe uma leitura em falta. A mulher que fala diz que é possível acelerar e alargar a vida quando mutações genéticas e carcinomas da mama nos querem parar e apertar. Pondo as mamas e as dores de lado, traz o tempo e “as esperas” para o centro do debate (Mulcahy, Parry & Glover, 2010), sublinhando a sua importância para uma compreensão adequada da doença.

Embora vividos como uma única experiência, Alexandra Silva teve cancro da(s) mama(s), carcinoma ductal invasivo na mama direita e *in situ* na esquerda, com mastectomia radical modificada e uma mastectomia subcutânea com reconstrução imediata. As suas palavras desafiam noções simplistas sobre o sofrimento durante o tratamento, secundarizando a dor física. Na sua estória de doença “o pior é a espera”, esperar por exames, relatórios e resultados, cirurgias, ciclos de quimioterapia e reconstruções, mais desesperante que as dores do pós-operatório. Das cadeiras das salas de espera às cadeiras de casa, onde o tratamento não avança e a doença não pára, as “vésperas” e

o “antes” são momentos de extrema ansiedade para uma mulher que queria acabar e fechar a sua estória de cancro. Esperas e cadeiras adiam o fim de tudo, gastando tempo no calendário. Procurando contrariar as paragens de todas as esperas, a estratégia de resistência de Alexandra foi nunca parar, quis ser, saber e fazer mais, viver intensamente e acelerar acontecimentos, conhecer gente, sítios e coisas, entre família, amigos e conhecidos, falando frequentemente sobre o seu cancro da mama, expondo e partilhando detalhes de carcinomas, tratamentos, cicatrizes e reconstruções. Portadora das mutações BRCA1/2, a pior espera é a que continua a viver todos os dias, a volta do cancro, uma segunda vez, tão incerta como pesada, sem data marcada.

ABORDAGEM CONCEPTUAL E METODOLÓGICA

Este artigo resulta de uma investigação antropológica mais alargada, centrada na recolha de estórias de mulheres Portuguesas com diferentes experiências oncológicas, analisando a forma como o adoecimento, a resistência e a morte são vividos e pensados (Noronha, 2019). Para uma compreensão reforçada do cancro, privilegia-se os conhecimentos incorporados de quem o vive e sente, pacientes, resistentes e família, atravessando diferentes faixas etárias e doenças oncológicas, do estágio I ao IV. Enquanto investigação baseada na arte, este projeto carrega também a ambição de desmantelar estereótipos sociais encastrados nas doenças oncológicas. Recolhendo as estórias daquelas que resistem, o uso de ilustração científica ou desenho etnográfico criativo, dando uma forma pública a estas experiências, tenciona preencher um hiato não só no entendimento científico do cancro, mas também no conhecimento e na imagética coletiva da sociedade Portuguesa, procurando providenciar a doentes e famílias um contexto relacional e comunitário solidário. Uma Ciência Social ilustrada, combinando texto e imagem, utilizando metodologias visuais e criativas, poderá assim facilitar e reforçar o impacto e os resultados sociais da investigação em saúde e doença.

Nivelando experiência vivida e Ciência Social, juntando-lhe a arte, este projeto introduz os saberes do corpo, a palavra dita e o desenho no centro da investigação, usando-os como recursos metodológicos e formas de conhecimento. Para além do potencial para democratizarem a ciência, produzindo um conhecimento mais acessível, que pode ser lido e visto, as metodologias visuais criativas podem alargar a forma como os estudos sociais e culturais compreendem e agem sobre a realidade, diversificando aquilo podemos dizer, mostrar e fazer. Recusando o seu posicionamento meramente perpendicular, aproveito assim a carga ontológica (Noronha, 2009), heurística, epistemológica e performativa (Gell, 1998; Noronha, 2009) das práticas artísticas e visuais da ilustração, entendendo-as como possíveis acrescentos de experiência, ou seja, parte do modo como a doença pode ser sentida, entendida e gerida, salientando a importância do tempo para uma compreensão da mesma. Ligando a Antropologia da doença (Mattingly & Garro, 2001) às possibilidades de hibridação entre a Etnografia, a Arte (Schneider & Wright 2005) e os métodos visuais (Banks & Zeitlyn, 2015), enfatizo o que encontramos na sua mistura (Noronha, 2015). Pode a Antropologia e o desenho etnográfico criativo, partindo

da experiência vivida e do conhecimento incorporado (Csordas, 1994) de uma mulher, produzir sentido sobre o tempo e a doença (Bell, 2006; Noronha, 2009), dar forma à espera e às experiências que nela se sentam? Como podemos converter as experiências do cancro e da espera para uma soma indivisa de fala, texto e imagem?

Para cumprir os objetivos híbridos e intersubjetivos desta análise, a entrevista com Alexandra Silva foi conduzida como uma conversa informal, no conforto da sua residência, permitindo que a mulher entrevistada guiasse a estória emergente, recusando um questionário predefinido e um lugar externo à sua vida. A conversa foi gravada em ficheiro áudio e posteriormente transcrita, procurando os momentos e realidades sublinhados pela própria entrevistada. Juntando fala, texto e imagem, numa soma indivisa e nivelada, parte-se da estória contada e da mulher que a conta, da sua experiência e conhecimento, dando forma àquilo que é dito pelas suas palavras, entre texto e imagem. Ao reescrever e redesenhar esta estória, o conceito e a prática da ilustração em ciência foram também repensados, aumentados pela imaginação e pela metáfora. Trazendo as regras da arte para uma versão mais livre e criativa do desenho etnográfico, a metáfora encontra encaixe na realidade dos factos e na escrita da ciência, alargando e facilitando a nossa compreensão. Resultando da conversa, os desenhos são entendidos como produtos colaborativos e coautorados, recebendo também o nome da minha interlocutora, nivelando escrita e fala, investigadora e resistente oncológica. Os títulos que acompanham os desenhos também saíram da sua voz, frases que resumem e explanam momentos centrais da sua experiência e estória.

ESPERAR PELO DIAGNÓSTICO: DAS MUTAÇÕES GENÉTICAS AO CARCINOMA

“Eu sou a Alexandra que teve um cancro. Está no meu ADN”. Na família de Alexandra, o cancro avançou entre gerações, da avó para a tia e a mãe. Neta, filha e sobrinha de mulheres com cancro, Alexandra recebeu o resultado do seu teste genético em setembro de 2007, sabendo-se herdeira das mutações BRCA1/2. “Aquilo já abalou a Alexandra. Isso fez-me mudar um pouco a minha perceção sobre o futuro, porque no dia em que eu soube que tinha a mutação genética, eu achei que ia efetivamente ter um cancro da mama”. O relatório trazia agarrado um segundo papel, o chamado protocolo, ditando o calendário de exames que Alexandra teria de seguir para o resto da vida, dividindo os anos entre ecografias, mamografias e ressonâncias magnéticas. “Eu não estou para isto. Como é que vou fazer isto todos os anos da minha vida até ao fim dos meus dias? Eu quero que me tirem as mamas! Aquilo é um papel. Eu não sou um papel!”. Alexandra não queria que aquela folha definisse o seu tempo e comandasse a sua vida. Alexandra diz e sabe que as mulheres não são todas iguais, nem as irmãs, mas o papel colocava-as entre a multidão, dando-lhes “uma probabilidade futura de cerca de 85% até aos 85 anos de ter um cancro da mama”. Mas os dois papéis, relatório e protocolo, mudaram tudo, mesmo o presente, e quando Alexandra chegou a casa já nada era igual. “Com este papel à frente”, Alexandra já não era a mesma, mas uma outra, mudada a partir de dentro.



Figura 1: *Eu não sou um papel!* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

Em outubro de 2007, Alexandra fazia a primeira ecografia e mamografia, já seguindo o protocolo, tinha “uma mama grande, farta, muito fibrosa, mas tudo impecável!” Mudou o ano e Alexandra mudou de hospital, dos Hospitais da Universidade de Coimbra para o Instituto Português de Oncologia (IPO) da mesma cidade, fazendo novos exames, uma ressonância magnética marcada para 3 de março. “Fui fazer a ressonância, uma coisa relativamente simples, e fui-me embora descansadinha”. Dias depois, avessa às esperas, passou pelo IPO, procurando a sua médica, que lhe disse que tinham de “ver aquilo com cuidado” porque havia qualquer coisa que não estava bem. “Recordo-me de ser marcada uma biopsia. Eu sei que me doeu. Esse é o lado físico da coisa, mas isso passa. Do que eu me lembro é da ansiedade das vésperas, da ansiedade de entrar na porcaria sala e depois sair de lá e esperar até ao dia em que vem o resultado. As piores experiências que eu tive. O pior é a espera! Aquele stress, aquela dor da ansiedade!” Alexandra esperou para saber que teria de fazer tudo de novo. O resultado da biopsia foi negativo, mas o médico não tinha a certeza de ter puncionado no sítio certo. Reencaminhada para o Centro de Senologia de Lisboa, guardou as palavras que saíram consigo da sala, “isto não tem bom ar, quando mais não seja, isto vai ter que ser tirado!” Acompanhada do protocolo, Alexandra saiu com muitas dúvidas e perguntas sobre os dias seguintes, o futuro a curto prazo.

O que é suposto eu fazer? Eu já não sei como é que vai ser o dia de amanhã. A qualquer hora ia haver o telefonema a dizer o resultado daquela análise. Alguém decidiria por mim o que ia ser feito em relação à minha vida.

Eu sempre fui um bocado dada a depressões, sempre imaginava o meu futuro como algo de negro, que alguma coisa não muito positiva me iria acontecer. Tanto que nunca fui uma pessoa de fazer projetos de longo prazo. Talvez seja defeito... feito?!



Figura 2: *O pior é a espera!* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

Alexandra voltou para casa e continuou à espera, deixando um pedaço de si para trás, a 200 quilómetros. Dia 11 de abril, sexta-feira, uma amiga levantou o envelope com o relatório, ainda fechado. O telefone tocou e embora Alexandra o quisesse atender, parar com a espera, o resultado não foi o esperado. O resultado foi positivo, era um carcinoma, um crescimento em tudo negativo, na mama direita, na vida inteira.

Houve ali aqueles 10 minutos de espernear dentro de um carro fechado, de espernear e gritar... porquê? Depois paras e respiras... Eu sei muito bem porquê! Há aquele momento de raiva e de questionamento, mas a causa para mim estava muito bem localizada. Eu tenho uma mutação genética. Toda essa explicação científica permitiu-me sossegar e não andar à procura de nenhuma outra.



Figura 3: *Dez minutos de espernear e gritar* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

A negrura que Alexandra esperava saiu do resultado positivo de cancro aos 28 anos, já em 2008. Para além de companheiro, Alexandra tinha casa comprada, mestrado quase terminado, bolsa de doutoramento à espera e uma carreira pela frente em história da cultura. O “defeito” iria mudar-lhe o feito por fora e por dentro, e todos os projetos de curto, médio e longo prazo foram tocados ou trocados.

No dia seguinte, sábado, 12 de abril, Alexandra estava de visita à casa dos pais.

O pior é contar aos pais! Nada me custou como contar aos meus pais. A pior coisa que eu fiz na minha vida... é uma memória que está aqui todos os dias. Dizer aos meus pais... eu tenho um cancro!

Alexandra juntou as duas piores coisas, esperar e contar, sentada na cadeira, até ao fim do almoço. Não quis que ninguém perdesse apetite, queria ter uma “refeição em paz”, sem carcinoma em cima da mesa. A espera foi dura mas as palavras saíram, “já sei o resultado do exame”, e não teve de dizer mais nada para que os pais percebessem que tinha a doença, o cancro que todos já conheciam. Os carcinomas já são de família, mesmo que ninguém os queira por perto. O pai, “pessoa extremamente fechada e muito direito”, olhou para ela, deixou-se curvar e chorou. A mãe dizia “eu é que vos passei isto. Eu é que sou a culpada disto!”. Foi Alexandra que os reconfortou com palavras. “É uma coisa recente. Eu vou tratar-me. Mãe pára, não tens culpa de nada disto! Aqui não há culpas. Isto é a natureza. Tenham lá calma. As coisas vão correr bem”. Nesse momento, Alexandra, mulher feita, filha crescida, fez-se grande, agarrando a vida que lhe tinha sido dada. “Naquele exato momento, eu apercebi-me que eu devo aos meus pais sobreviver de cara alegre, ao que quer que venha aí. Eles merecem isso!”.



Figura 4: *O pior é contar aos pais!* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

ESPERAR PELO ÚLTIMO DIA DE TRATAMENTO: MASTECTOMIAS E CICLOS DE QUIMIOTERAPIA

Já internada, o dia 20 de maio madrugada e Alexandra levantou-se para tomar um banho de *Betadine*, tingida por fora, mal preparada por dentro, tentando perceber, em poucos minutos, um corpo e uma vida em transformação.

Lembro-me de um momento de pânico... tu vais sozinha com aquela batita para a casa de banho. É o ultimo momento de introspeção que tens. Sabes quando estás no limiar do desespero... o que é que me está a acontecer? Eu com esta bata e estas mamas que daqui a bocado já não vão estar aqui... muito surreal. Teres tempo para fazer essa reflexão é muito doloroso.

Já na sala de cirurgia, deitada e quieta, Alexandra deixou cair os olhos no relógio de parede enquanto a anestesista lhos tentava fechar. Alexandra acordou a perguntar pelas horas, até perceber que as dores que tinha lhe pediam todo o seu tempo e atenção. “Acordei a morrer de dores, no peito, em toda esta zona das costas. Acho que a cirurgia foi bastante longa. Eu fiz a mastectomia radical na mama direita com remoção de gânglios, e mastectomia com reconstrução imediata da esquerda”. Levantar o corpo e sair da cama puxou dores maiores. Parte do seu pânico era não conseguir comer ou “fazer xixi”, sentir-se parada naquilo que queria ou tinha de fazer.

Houve ali uma altura que me vieram tentar levantar. Foram as piores dores, coisa horrível... muita dor mesmo. Não conseguia fazer xixi... fisicamente foi um processo obviamente doloroso. Depois, lá pedi para me levarem à casa de banho porque não conseguia fazer na arrastadeira. Mas não me conseguia segurar e aquela debilidade também é uma coisa que marca... a dependência. Uma coisa que me marcou muito era ir à casa de banho e fazer parte da minha dignidade tentar limpar... e consegui a muito custo.

Anos depois, a debilidade e a dependência deixaram marcas, estão onde ninguém vê, mas Alexandra ainda as sente em memória, daquela que dura, que nunca muda.



Figura 5: *Dignidade... tentar limpar* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

“Lembro-me, passadas duas ou três semanas, de começar a ficar ansiosa pelo resultado da análise”. Alexandra soube o resultado por “portas travessas” e por telefone, pela voz de uma amiga. Alexandra tinha cancro da(s) mama(s), um carcinoma ductal

invasivo na mama direita e um *in situ* na esquerda. Nenhuma das intervenções foi profilática, a mastectomia subcutânea também foi extrativa. Já recuperada de dores maiores, Alexandra recebia um telefonema do IPO, convocada para uma consulta daí a três semanas, para falar dos resultados e tratamentos seguintes. Apontaram-lhe uma data, mas não disseram mais nada, deixando-a pendurada por 21 dias, mais de 500 horas de espera, de ansiedade sentada.

Aí foi o meu grande problema! Quando me preparo para o pior, a coisa se vier, pronto, eu já sabia. (...) Porque eu acreditei nisto... eu vou agora tirar as mamas, já estou aqui a fazer uma coisa tão radical para depois não ter que me preocupar com mais nada! Eu achava que tirava as mamas e que ia à minha vida normal. (...) Eu consegui ali perceber que ia fazer quimioterapia e não estava nada preparada para aquilo!

Alexandra tinha medo do “mal-estar, do desconforto, da perda da qualidade de vida, dos efeitos secundários”, já os conhecia de perto, agarrados às mulheres da sua família. “O que mais medo me fez... foi perceber que aquilo não ia ter fim nunca mais. Ia-me acompanhar para o resto da vida”. Alexandra não viu a quimioterapia como o último tratamento ou o fechar de um ciclo, mas como o reinício de uma coisa que nunca acaba, um círculo fechado à volta das mamas e da sua vida. Porque “o pior são as esperas”, Alexandra soube naquele momento que um rasto de angústia e incerteza estaria consigo para o resto dos dias, a todo o momento, mesmo em horas felizes.

Alexandra esperou pela quimioterapia, sabendo que o pior estava por vir, só não sabia que seria o cateter a puxar-lhe a maior dor. Com seis ciclos pela frente, “o mínimo, o que está protocolado”, Alexandra era espetada a cada ida, no mesmo sítio, o braço esquerdo.

Houve momentos de mal estar, aí eu fui-me muito abaixo. Mas a pior coisa da quimioterapia, o que mais me custou, era a porcaria dos cateteres! Eu começo a sentir-me mal quando falo disto... foi um momento de dor horrível e eu nesse dia quis desistir! Eu estava na cadeira... tinha uma proposta de seis ciclos. Estou no quarto... eu não aguento outra vez mais três... e disse, eu vou-me embora, eu não consigo!

Depois de várias tentativas furadas da enfermeira, entre pulso e braço, Alexandra fez o quarto ciclo, mas a dor do cateter enfiado na veia invadia tudo, corpo, cadeira e mundo. A seu pedido, a médica que a acompanhava encurtou o plano de tratamento, avaliou o risco e cancelou os dois últimos ciclos. Até esse dia, Alexandra esteve à espera da decisão, ansiosa, quase parada, tentando levar a vida. Quando soube que não haveria quinto nem sexto ciclo pensou “pronto, agora acabou, hoje é o dia em que acabou... mas depois não acabou nada!”.



Figura 6: *O que mais me custou, a porcaria dos cateteres* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

ESPERAR PELO QUE HÁ DE VIR: DO IMPLANTE MAMÁRIO À OOFORRECTOMIA

“Depois és tu que não és a mesma, porque já aconteceram muitas coisas. O corpo não é o teu! Tu não te identificas com aquela pessoa que vês no espelho”. Alexandra não se conseguia enfiar na mulher que aparecia refletida, sabia que não voltaria a ser a mesma, mas podia ser refeita, um pouco mais perfeita, voltar a ter mama direita. Reconstruir é recomeçar e Alexandra voltou à espera e à ansiedade, tentando marcar novas cirurgias, fazer a mama acontecer. “Eu quero tudo tão para ontem... porque preciso ter um fim nas coisas para virar a página, e eu vivia nessa ansiedade”. Nada aconteceu “tão cedo quanto esperava”, mas Alexandra diz que o processo de reconstrução “foi muito fácil e até relativamente rápido, talvez um ano e meio” para a mama estar acabada, do expansor ao implante. Mas foi Alexandra que acelerou tudo, passava pelo hospital, fazia pressão, pedia uma data, “sempre a chatear”. Com a troca das próteses pelo implante de silicone, Alexandra queria fechar a estória do cancro, reconstruir-se, guardar o que ficou e esquecer o resto. “Nessa expectativa de pôr termo à coisa... de chegar ao fim... aqui, na minha lógica, acabava a quimioterapia, acabava os comprimidos, acabava as picas”. No dia 10 de novembro de 2010, o implante ficou fechado com ponto e nó, com linha de sutura, mas o carcinoma da mama, a doença toda, ainda guardava algumas surpresas desagradáveis.

Já sem cancro na mama, mas medicada, entre injeções mensais e comprimidos, Alexandra pediu a transferência do seu processo para Lisboa, a sua nova cidade, para acabar o plano de tratamento. Foram as frases do oncologista que recebeu o processo que lhe tiraram tudo, até a esperança.

Está a fazer este tratamento para quê? Não se justifica. Porque é que não tira logo os ovários? Ainda para mais, tem um tumor que não lhe oferece garantias de cura! (...) Eu parei a olhar para ele... está-me a passar um atestado de óbito! Foi no dia 9 de dezembro. Era a primeira vez que me falavam em morte!

O acontecimento, a consulta do dia 9, é hoje uma “memória marcante”, daquelas que ninguém esquece, virou-lhe os dias ao contrário e os anos que tinha pela frente. “Comecei a aperceber-me de que aquilo não ia ter um fim, que isto ia estar sempre presente. Sinto que sou uma bomba relógio. Tenho a certeza que mais cedo ou mais tarde isto vai voltar”. A consulta não foi de rotina, a estória mudou de título, voltou ao princípio, sem fim. “Pois, realmente é dos mais difíceis!”. Na frase da sua médica, reforçando a afirmação do novo oncologista, o seu cancro parecia algo novo, diferente e pior. Alexandra não gosta de esperas, mas gosta de esperar pelas coisas, contar com elas. Durante meses, pensou na morte, no tempo gasto e perdido, sem ganho.

Ali, naqueles meses, eu comecei a pensar... então não valeu de nada aquilo que eu andei a fazer!? Foi uma fase muito complexa da minha vida, de muitas perguntas, de uma vida muito desregrada. Pensei em suicidar-me e coisas desse género! Foi um período mesmo muito difícil.

Com a ajuda de medicação, a minha vida pessoal e profissional foi estabilizando... e eu fui olhando sempre o lado bom das coisas. Houve uma grande excitação com a aproximação do final dos tratamentos. (...) Mas eu acreditava que me iam autorizar a cirurgia do ovário logo a seguir e não estava preparada para levar a nega.

Alexandra ainda em espera, voltou a olhar para o relógio numa luta contra o tempo para tirar os ovários. Portadora de mutações BRCA_{1/2}, com um cancro hormonodependente, Alexandra tinha urgência em tirar os ovários, sabia a importância que tinha a cirurgia para a sua sobrevivência. Mas o protocolo dita que não se fazem ooforectomias a mulheres antes dos 35 anos. “O termo que vem no protocolo é ‘ter a vida reprodutiva resolvida’. Eu não quero sequer ter uma vida reprodutiva! Não querer também é uma opção!”. Esperar pela segunda metade da sua terceira década era muito tempo, um intervalo que alargava o risco de uma segunda doença. Em dezembro de 2013, Alexandra ainda esperava pela cirurgia, sem data marcada, sem “ver isto arrumado”. Quem tomava as decisões, seguindo o protocolo, continuava à espera do tal aniversário, desafiando a estatística, 60% de probabilidade de cancro do ovário. Alexandra vivia mais um momento de espera ansiosa, deixada “em suspenso”, e embora não quisesse “estar a pensar nisto o dia inteiro”, os ovários estavam sempre na sua cabeça, no lugar errado.

Meio ano depois da nossa conversa, Alexandra anunciava a sua última cirurgia nas redes sociais. “Amigos/as vou ser castrada. Preventivamente, claro. Tudo como eu desejava. É menos uma preocupação”. No dia 13 de maio, num autorretrato feito no IPO de Coimbra, Alexandra mostrava a pulseira onde as palavras “Int. Ginecologia” a colocavam no sítio certo. Alexandra esperou seis anos por este dia, fazia 35 anos um mês depois, mostrando que há papéis e protocolos que rejeitam pedidos e desejos, adiam alegrias, prolongando a espera com muitas cadeiras.

Eu quero viver tudo! Quero experimentar tudo! Quero conhecer todas as pessoas do mundo e ir a todos os sítios do mundo, por isso a minha vida

não pode terminar já. (...) Eu tenho sempre novas coisas para fazer e para isso eu tenho que viver, tenho de me cuidar.

Alexandra fez escolhas e refez rotinas, os dias do “ritmo acelerado, desregrado e pernicioso” estão para trás, gosta de aproveitar divertimento e trabalho com conta e medida, apreciando os detalhes.

Tenho mais prazer em viver. Vivo mais insegura, no sentido em que estou mais preocupada no quotidiano, mas também sinto mais prazer a fazer as coisas, porque faço também muito mais coisas. (...) Devíamos todos aproveitar melhor e seguir o lema do *seize the day*, do *carpe diem*, não viver todos os dias como se fossem o último, mas viver todas as semanas como se fossem a última.

Apesar das esperas e perdas, Alexandra fez-se maior, ganhou idade, experiência e conhecimento, sabe viver melhor, “faz mais coisas”, dá outros usos e sentidos ao tempo.



Figura 7: *Eu quero viver tudo, experimentar tudo!* [Grafite e carvão sobre papel]

Fonte: Susana de Noronha e Alexandra Silva (2017)

AS SETE CADEIRAS: DESENHAR O TEMPO E A DOR DA ESPERA

“O pior é a espera!”. Enquanto transcrevia as palavras de Alexandra, o tempo emergia como o elemento estruturador da sua experiência e narrativa, datada de forma precisa, do mês que corria ao dia da semana, numa sequência de acontecimentos frequentemente ligados à paragem em determinadas cadeiras ou assentos. Para desenhar a estória de Alexandra, os eventos e memórias mais marcantes, dei forma a sete cadeiras vazias, lembrando os assentos onde o cancro e todas as esperas aconteceram. As cadeiras remetem para objetos reais e momentos concretos referidos por Alexandra, diretamente ou nas entrelinhas da estória contada, usando-as depois como metáforas para o tempo passado em espera, procurando uma imagética heurística para uma abordagem do cancro da mama hereditário, dos testes pré-diagnósticos à espera diária pela recidiva, agarrando a ausência de doença e sintomatologia, o chamado estado de remissão.

Cinco das sete cadeiras desenhadas para Alexandra representam dias, semanas, meses e anos de espera, onde tudo pára e piora (Figuras 1, 2, 3 e 4). As restantes três representam o tratamento e a resistência, cirurgias, ciclos de quimioterapia e a vida que se faz em casa, no trabalho e na rua (Figuras 5, 6 e 7), onde a estória acelera.

O primeiro desenho dá forma à cadeira da sala de espera onde Alexandra se sentou antes de ouvir o resultado do exame genético e de receber o papel com as mutações BRCA1/2. *Eu não sou um papel!* relembra que depois levantada da cadeira, relatório e protocolo “abalaram” corpo e tempo, a sua “perceção do futuro” mudou, encolhendo-se. Nesta cadeira, Alexandra esperou sem saber que tudo iria mudar, corpo, rotinas e planos para o tempo à frente. O segundo desenho dá forma a todas as cadeiras dos consultórios médicos onde Alexandra se sentou, esperando pelas melhores notícias, nem sempre preparada para aquelas que ouvia, desejando sempre chegar ao fim de exames e análises, sem necessidade de tratamentos, lembrando que o pior é esperar. O desenho *Dez minutos de espernear e gritar* dá forma ao assento do carro onde esperou pela resposta que chegava do outro lado do telemóvel, vinda de Lisboa, o resultado da biopsia, a confirmação do cancro. Nesse assento, Alexandra esperneou e gritou até se lembrar que sempre tinha esperado pelo cancro, do passado ao presente, agarrar o volante da vida, aquilo que estava por vir, dependia de si. A quarta cadeira e desenho, *O pior é contar aos pais!*, encosta-se à mesa da sala da sua família, onde esperou pelo fim da refeição, dando a notícia da sua doença. Um dos piores momentos da sua estória agarra-se a esta cadeira, pôr o cancro na mesa, em pratos limpos, dizer aos pais. O desenho lembra que nunca existe o momento correto ou o tempo certo para dar uma má notícia. Dizer que se tem um cancro é sempre uma má experiência e uma má memória, agarrada ao dia, ao lugar e ao objeto onde a conversa se deu.

O quinto desenho deixa-nos espreitar o assento e o fundo de todas as sanitas, os momentos nas casas de banho do hospital, depois das cirurgias, cortada, cosida e dorida, mantendo a dignidade de se limpar sozinha. O tampo aberto lembra a “debilidade” e a força necessária para sentar e dobrar o corpo, sem ajuda dos outros, durante o pós-operatório, o duro tempo que demora o recobro. No desenho *O que mais me custou, a porcaria dos cateteres*, a cadeira da quimioterapia aponta para outro objeto, para o cateter, para a sua “brutalidade”, para os minutos de espera antes da espetadela, da pele furada de dor. Antes, durante e depois do tempo passado na cadeira almofadada, Alexandra não tinha descanso nem conforto, só “mal-estar, dores horríveis”, vontade de desistir. O último desenho, *Eu quero viver tudo, experimentar tudo!* inspira-se na poltrona de uma personagem adoecida e falecida num dos seus filmes de animação preferidos, *Up*, lembrando que a vida é feita de pé, com uma lista de “*stuff I’m going to do*”. Enquanto espera, sem saber se a recidiva virá, Alexandra não está na cadeira nem tenciona ficar sentada, escolhe levantar-se e sair, quer viver, fazer e conhecer mais coisas, continuar a crescer. Alexandra sabe que a mutação genética é inescapável, um círculo fechado “para o resto da vida”. Dentro do *risco* circular deste ciclo, as sete cadeiras cabem em qualquer futura semana, de segunda a domingo. Contudo, os desenhos carregam a esperança de que as mesmas não voltem a ser usadas nos anos por vir.

Só o desenho etnográfico criativo e a imaginação poderiam juntar algumas das cadeiras usadas por Alexandra Silva, lembrando a resistência necessária para sentir a dureza quieta de todas elas, preto no branco, mesmo daquelas que parecem cómodas. No seu conjunto, os desenhos também têm a ambição de desmanchar algumas das piores consequências da doença oncológica hereditária, satisfazendo um dos maiores desejos de Alexandra. As sete cadeiras carregam a vontade de arrumar a sua estória, uma cadeira para cada dia da semana, uma sequência já fechada, deixada no passado. Para contrariar a espera, a sua estratégia de resistência consistiu num aceleração da vida e dos seus acontecimentos, levantando-se da cadeira, uma vontade repetida e representada nas ilustrações. Os desenhos lembram que Alexandra ainda espera mas nunca pára, não fica sentada. Estas cadeiras ficarão vazias, sem gente doente, sem o peso futuro de nenhuma mulher. Alexandra deu-me algum do seu tempo, três horas e trinta e três minutos de entrevista e conversa. A partilha das suas palavras e experiência vivida, permitiu a escrita ilustrada de um ensaio sobre o seu cancro, dando sentido ao tempo, à doença e a dor da espera com desenho etnográfico criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumindo esta estória e experiência, quais as reflexões que podemos retirar da mistura de conhecimentos incorporados, antropológicos e criativos relativamente ao tempo, à espera e ao cancro da mama hereditário? Quais as experiências, sentidos e usos encastrados no tempo relativamente às causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e consequências do cancro de Alexandra? Nas narrativas de cancro há normalmente um “depois” do diagnóstico e da doença, mas nas experiências de cancro hereditário, o “antes” emerge como momento relevante para a sua compreensão. O “antes” liga-se à etiologia de carcinomas, às causas definidas por mutações genéticas, explicando o princípio da doença. O “antes” aponta para os cancros que se esperam, num quotidiano já preenchido por exames e consultas, desmontando a ideia do diagnóstico como uma ruptura no tempo (Trusson, Pilnick & Roy, 2016), separando a pessoa que se era daquela que se redefine como doente. A estória de Alexandra mostra a vontade de antecipação da oncologia, os dados puxados a agulha do histórico da família, esperando o cancro, detectado a tempo. Mas, embora o seu cancro fosse esperado, com raízes no passado e nos corpos das mulheres que a antecederam, nem Alexandra nem a família o esperavam tão cedo, aos 28 anos. Desencaixado da idade socioculturalmente preconcebida como a esperada para o desenvolvimento de uma doença grave (Pecchioni, 2012), o seu cancro acabou por ser vivido como imprevisto, difícil de assumir.

Relativamente ao tratamento oncológico, a sua experiência e narrativa aponta para lá dos efeitos desejados e secundários de cirurgias, ciclos de quimioterapia e reconstruções. Embora alguns dos piores momentos se agarrem aos cateteres, à sua entrada na pele e nas veias, Alexandra secundariza “o lado físico da coisa”. Alexandra afirma que o “pior é a espera, a ansiedade das vésperas”, ferindo mais do que a dor. Os tratamentos demoram e tardam, adiam o fim da estória de doença, param a vida. Durante os seis

anos de tratamento, esperou pelo dia das mastectomias, esperou para saber o tipo e o estágio do(s) carcinoma(s) que tinha. Esperou para saber se faria quimioterapia, esperou pelo momento da entrada de cada cateter, esperou pelo fim da dor, pela saída da agulha. Esperou um ano e meio para marcar e fazer cirurgias plásticas e acabar reconstruções. Esperou seis anos para tirar os ovários, esperou mais de meia década pela decisão médica e ainda espera pelo resultado de cada exame e consulta de rotina. As suas palavras retiram as transformações físicas das linhas centrais da narrativa, minimizando a perda das mamas, a queda de cabelos, as feridas que se abrem ou as cicatrizes que ficam, distanciando-se de outras reflexões sobre a doença oncológica mamária (DeShazer, 2015; Noronha, 2009). Alexandra “queria tudo para ontem”, fechar a história da doença era a sua prioridade máxima, mais do que reconstruir as mamas ou nivelar o peito. Acabar com a dor da espera é contudo uma tarefa adiada, pois ainda carrega as mutações e a probabilidade de uma recidiva. O cancro da mama hereditário estende-se assim num continuum temporal, vivido em família entre parentes adoecidas, esperado no passado enquanto portadora de mutações, revivido no corpo durante o diagnóstico e tratamento, e ainda presente enquanto ameaça futura.

O tempo também se revela essencial à resistência, enquanto processo estendido à vida, da casa ao trabalho, passando pelos amigos e pela família. Alexandra esperou mas nunca parou, contou a história a toda a gente, em conversas, blogues, fotografias, redes sociais e televisões. “Fazer alguma coisa com esta doença” foi uma estratégia de resistência, usada em proveito próprio e para ajudar os outros. Falar do cancro ainda hoje ajuda, dá sentido à sua experiência, passando conhecimento a quem ouve. Durante a doença, viveu tudo intensamente, comeu, bebeu, saiu com amigos, foi a festivais, viu séries e filmes, leu livros, ouviu álbuns e canções. Arranjou emprego e casa, namorou, casou-se, conheceu gente e sítios, passeou e viajou. Para resistir, Alexandra contrariou as esperas do tratamento, preenchendo o tempo, aproveitando os momentos, acelerando a vida e a língua, procurando experiências, falando muito. A experiência e história de Alexandra atravessa múltiplas dimensões de temporalidade, da forma como a sentimos, entendemos e gerimos na ligação com a doença, antes, durante e depois do cancro. Embora o tempo nunca pare, Alexandra descreve momentos de paragem, na espera por resultados e avanços no seu processo de doença, gerados pela interrupção, lentidão, demora, atraso e adiamento de tratamentos, contrastando com a sua pressa e urgência em fechar a história do cancro. Alexandra continua à espera, o cancro não acaba, a mutação “está no seu ADN”, inscrita em todo o seu tempo de vida. Ainda receia a recidiva, uma história repetida, um futuro mais curto, apagada dos outros, da História maior. Embora tenha a mutação genética, vigiada num calendário cíclico de exames de rotina, Alexandra também espera o melhor, uma vida até ser “velhota”. ✍

FINANCIAMENTO

A presente publicação resulta dos apoios da Fundação para a Ciência e a Tecnologia portuguesa, ao abrigo do Projeto Estratégico (UID/SOC/50012/2019); da Norma

Transitória (DL57/2016/CP1341/CT0012); e do Programa Operacional Capital Humano (POCH), participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) - bolsa de Investigação de pós-doutoramento Ref.: SFRH/BPD/88239/2012.

REFERÊNCIAS

- Adam, B. (1994). *Time and social theory*. Cambridge: Polity Press.
- Adam, B. (2013). *Timewatch: the social analysis of time*. Cambridge: Polity Press.
- Araújo, E. (2012). A espera e os estudos sociais do tempo e da sociedade. In E. Araújo & E. Duque (Eds.), *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo: um debate para as Ciências Sociais e Humanas* (pp.9-25). Braga: CECS.
- Banks, M. & Zeitlyn, D. (2015). *Visual methods in Social Research*. Londres: Sage Publications.
- Burke, N. J. & Mathews, H. F. (2017). Returning to earth: setting a global agenda for the Anthropology of cancer. *Medical Anthropology*, 36(3), 179-186.
- Csordas, T. (Ed.) (1994). *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dean, M. (2016). It's not if I get cancer, it's when I get cancer: BRCA-positive patients (un)certain health experiences regarding hereditary breast and ovarian cancer risk. *Social Science & Medicine*, 163, 21-27.
- DeShazer, M. K. (2015). *Mammographies: the cultural discourses of breast cancer narratives*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Finkler, K. (2003). Illusions of controlling the future: Risk and genetic inheritance. *Anthropology & Medicine*, 10(1), 51-70.
- Gell, A. (1998). *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Hall, E. T. (1984). *The dance of life: The other dimension of time*. Nova Iorque: Anchor Books.
- Hallowell, N. & Lawton, J. (2002). Negotiating present and future selves: managing the risk of hereditary ovarian cancer by prophylactic surgery. *Health*, 6(4), 423-443.
- Hauge, B. (2015). Re-designing the everyday: the use and perception of time among cancer patients combining work and treatment. *Time & Society*, 25(2), 193-212.
- Hesse-Biber, S. (2014). *Waiting for cancer to come: Women's experiences with genetic testing and medical decision making for breast and ovarian cancer*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Mattingly, C. & Garro, L. C. (Eds.) (2001). *Narrative and the cultural construction of illness and healing*. Berkeley CA: University of California Press.
- Mendes, F. (2004). A herança dos 'mal-nascidos': dos filhos do passado aos filhos da ciência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70, 57-79.
- Miranda, N. & Portugal, C. (2016). *Portugal doenças oncológicas em números – 2015 (Programa Nacional Para as Doenças Oncológicas)*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.

- Mulcahy, C. M., Parry, D. C. & Glover, T. D. (2010). The 'patient patient': the trauma of waiting and the power of resistance for people living with cancer. *Qualitative Health Research*, 20(8), 1062-1075.
- Noronha, S. (2009). *A tinta, a mariposa e a metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro de Mama*. Porto: Afrontamento.
- Noronha, S. (2015). *Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte*. Coimbra: Almedina.
- Noronha, S. (2019). *Cancro sobre Papel: estórias de oito mulheres portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita*. Coimbra: Almedina.
- Pecchioni, L. L. (2012). Interruptions to cultural life scripts: cancer diagnoses, contextual age, and life narratives. *Research on Aging*, 34(6), 758-780.
- Rees, S. (2016). Am I really gonna go sixty years without getting cancer again? Uncertainty and liminality in young women's accounts of living with a history of breast cancer. *Health*, 21(3), 241-258.
- Schneider, A. & Wright, C. (Eds.) (2005). *Contemporary art and anthropology*. Oxford: Berg Publishers.
- Trusson, D., Pilnick, A. & Roy, S. (2016). A new normal? Women's experiences of biographical disruption and liminality following treatment for early stage breast cancer. *Social Science & Medicine*, 151, 121-129.
- Zerubavel, E. (1979). *Patterns of time in hospital life*. Chicago: University of Chicago Press.

NOTA BIOGRÁFICA

Susana de Noronha é antropóloga, doutorada em sociologia e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Foi distinguida com o "Prémio CES Para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa 2007" e com o "Prémio Bernardino Machado 2003" de Antropologia pela Universidade de Coimbra. É autora dos livros *A tinta, a mariposa e a metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro de mama* (2009, Afrontamento); *Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte* (2015, Almedina); *Cancro sobre papel: estórias de oito mulheres portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita* (2019, Almedina). Enquanto fazedora de textos e ciência, é também letrista publicada e criadora de ilustração científica em fotografia, pintura e desenho etnográfico criativo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1823-4342>

Email: susananoronha@ces.uc.pt

Morada: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais. Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal

* Submetido: 10/10/2018

* Aceite: 20/01/2019

THE CHAIRS OF HEREDITARY CANCER: UNDERSTANDING TIME AND ILLNESS USING CREATIVE ETHNOGRAPHIC DRAWING

Susana de Noronha

ABSTRACT

Using scientific illustration, this article aims to examine how time is experienced, understood, and managed in hereditary malignancies, analysing the breast cancer story of a Portuguese woman with BRCA1/2 mutations. Blending lived experience, anthropology, and art, this text results from a transdisciplinary qualitative exercise, incorporating embodied knowledge, speech, and creative ethnographic drawing at the core of the research, using them as methodological and heuristic resources. Based on a narrative collected in an informal interview, it suggests the use of visual and creative methodologies aimed at a reinforced understanding of cancer. Combining text and images, we will analyse the multiple meanings of time that permeate this story, searching for the experiences, uses, and meanings of moments of waiting, interruption, slowness, delay, urgency, and acceleration, before, during and after illness and treatment, using and drawing chairs, as concrete objects and metaphors, to give them form. Waiting emerges as the most relevant experience to understand her hereditary cancer story, linking past, present, and future within a form of suffering that minimizes physical pain.

KEYWORDS

Cancer; illustration; metaphor; narrative; time

AS CADEIRAS DO CANCRO HEREDITÁRIO: COMPREENDER O TEMPO E A DOENÇA COM DESENHO ETNOGRÁFICO CRIATIVO

RESUMO

Dando uso à ilustração científica, este texto tem como objetivo compreender a forma como o tempo é vivido, compreendido e gerido na doença oncológica hereditária, analisando a estória de cancro da mama de uma mulher Portuguesa portadora de mutações BRCA1/2. Desdobrado entre experiência vivida, antropologia e arte, este texto resulta de um exercício qualitativo transdisciplinar, introduzindo os saberes do corpo, a palavra dita e o desenho etnográfico criativo no centro da investigação, usando-os como recursos metodológicos e heurísticos. Partindo da narrativa recolhida em entrevista informal, propõe-se o uso de metodologias visuais e criativas, ambicionando uma compreensão reforçada da doença oncológica. Combinando texto e imagens, analisaremos as múltiplas aceções de tempo que permeiam esta estória, procurando as experiências, usos e sentidos dos momentos de espera, interrupção, lentidão, atraso, urgência e aceleração, antes, durante e depois da doença e do tratamento, usando e desenhando a cadeira, enquanto objeto concreto e metáfora, para lhes dar forma. A espera emerge como a experiência mais relevante para perceber a sua estória de cancro hereditário, ligando passado, presente e futuro num sofrimento que secundariza a dor física.

PALAVRAS-CHAVE

Cancro; ilustração; metáfora; narrativa; tempo

INTRODUCTION: TIME AND CANCER, FROM CONTEXT TO TEXT

As a lived and conceptualized reality, what kind of importance does time have for those experiencing cancer in their bodies and flesh? What kind of experiences, meanings, and uses are related to time before, during, and after a cancer disease? How are the days and dates of exams, diagnoses, hospitalizations, treatment cycles, surgeries, reconstructive procedures, and routine consultations experienced and conceptualized? The literature of the social and human sciences, particularly anthropology and sociology in what concerns this article, has pointed precisely to the intertwining times of life, body, and cancer. Knowing that the experience of cancer is “global but not uniform” (Burke & Mathews, 2017), traversed by the many historical, sociocultural, economic, geographic, and environmental variations that shape its aetiology, detection, treatment, and monitoring, the times in question are dissimilar and their experience depends on context and place (Araújo, 2012). The way we experience, understand, and manage time also depends on our position and participation in relation to the illness, whether we are patients or survivors (Hauge, 2015), family relatives, caregivers, or medical staff (Zerubavel, 1979). It also depends on who we are, on what we have and do, gender, age, family, profession, and income, among other factors and possibilities.

Regarding cancer, the experiences we go through and the stories we tell are embedded in a fabric of social constructs and cultural expressions where time is of central importance (Adam, 1994, 2013; Hall, 1984). The narratives of cancer survivors, as vehicles of embodied knowledge, allow us to understand illness as a process situated in the time of a particular body, biography, and context. If cancer can be experienced as a biographical and temporal disruption, disarranging the person we are and the time we have, our narratives are reordering exercises, unfolding the experience of illness in a sequence with a beginning, middle, and end; dating and locating, creating meaning and control. These narratives are not restricted to the spoken or written word, and can take the form of a drawing, painting, photograph, or sculpture, among other creative visual configurations (Noronha, 2009). By analysing cancer stories in the plastic and visual arts, looking for the links between illness and time, it becomes clear that the embodied experience of these realities emerges from an undivided connection of bodies, spaces, and objects modelled by the social, cultural, relational, and material dimensions of our existence (Adam, 2013; Noronha, 2015).

Summarizing some of the most frequent representations in these narratives (Noronha, 2015), hospital bracelets and pages of medical reports show images of bodies in a time of change, reclassified as diseased in a given year, month, day, and time. Hospital gowns and the chairs of waiting rooms also become inextricably associated with diagnostic tests and hospitalizations, symbolizing the moment in which life is embedded in the hospital’s spaces and temporalities. Images of sutured wounds result from the hours spent on operating tables, while time is being used by others, who work over anesthetized bodies that find themselves transformed upon awakening. Hospital beds represent the days spent on recovery, fraught with pain and dependence, a time of discomfort, without much rest. During chemotherapy cycles, infusion pumps count the

hours and days spent between medication drips and side effects, between vomiting and longing for health. The images of bodies lying over linear accelerators, despite the short minutes of exposure to radiation, refer to the duration of its effect, from skin burns to the many layers of flesh affected for life. Wigs, scarves, and hats adorn months of treatment, and are set aside when scalp and body hair returns, reclaiming a body and a time without cancer. For those who carry metastasized or terminal malignancies, and who seek comfort in their last days, couches and beds multiply, and surround their remaining time. Creative, visual, and artistic practices are thus able to translate into a shareable and intelligible form the embodied time of illness, treatment, remission, relapse, decay, and death, showing its relevance to an understanding of cancer.

Each year, Portugal has 50.000 new cases of cancer and nearly 29.000 deaths over these 12 months (Miranda & Portugal, 2016). Gathering parts of these stories, analysing their particularities, can provide the knowledge for an understanding of the experiences and conceptions of these survivors. However, the reality encompassed by the word “cancer” is diverse and extensive, from the many organs affected by malignancies to the multiple forms this disease can adopt. Even when we refer to the common breast carcinoma, we are talking about a heterogeneous set of pathologies and experiences: ductal, lobular, or inflammatory carcinoma, from stage 0 to IV, *in situ*, invasive, or metastatic, with or without hormone receptors, and behavioural risk factors as well as the particularities of the body, age, sex, and genetic inheritance that must be taken into account. Within biomedicine, breast cancer is understood as a disease with remissions and relapses, a risk that extends across more than two decades. However, social science can understand it as a chronic reality, not in the sense of a continuous symptomatology or treatment, but pointing to its perennial physical and biographical impact.

This article discusses and translates into creative ethnographic drawing an experience of hereditary breast cancer, analysing the specificities of an illness that menaces the body even before diagnosed, constricting past, present, and future, revealing the importance of time and waiting in malignancies of genetic origin. Gathering experiences and narratives in the first person, social science unfolds the particularities of the experiences lived under the threat of BRCA1/2 mutations, which increase the predisposition to the development of breast and ovarian cancer, as well as the risk of a recurrence. In relation to these women and stories, social science research emphasizes their feelings of fear and anxiety, their perceptions of inevitability, vulnerability, and uncertainty, under the permanent risk of disease (Hallowell & Lawton, 2002), the repeated medical tests, and the ambiguity that surrounds their future (Dean, 2016). Their personal context, often traversed by episodes and memories of traumatic cancers and deaths of female relatives, shapes their perceptions and decisions about the disease, from medical tests and consultations to the changes imposed on their lives (Hallowell & Lawton, 2002). In addition to this inheritance of illness, pain, death, loss, joy, and victory, experienced within the family, scientific literature also examines their daily management of risk, their shared knowledge and resistance practices, their expectations regarding genetics and medicine, their use of time and timely action, from surveillance to early detection (Mendes, 2004).

However, the literature shows that for many of those tested, cancer becomes the only certainty, “it’s not if, it’s when” it will be diagnosed (Dean, 2016). “Waiting for cancer to come” is a process fraught with psychological, emotional, and relational effects (Hesse-Biber, 2014), a story of fear and anxiety experienced in anticipation. Protocols, routine examinations, and the solutions suggested by medical science, do not empower nor protect the “carriers” of genetic mutations. They feel destined to become sick, in a situation they cannot prevent or control, an instability that shapes and changes choices and decisions, from personal relationships to medical interventions on their bodies and organs (Hallowell & Lawton, 2002). The genetic tests, with the pre-emptive purpose of searching for mutations, create a “time before the disease”, a kind of temporality that becomes part of the narratives of patients, survivors, and even of the so-called “previvors”, women who have opted for mastectomy and oophorectomy before the onset of cancer. As of today, cancer prevention methods are mostly non-existent, so we don’t know how the cancers “announced” by these mutations could be avoided, and how their relapses might be averted.

Research also shows how any attempts to control our future health by influencing the risk of hereditary or genetic cancer are an illusion, a belief with profound consequences on how cancer patients, survivors, and women with a family history of cancer lead their lives (Finkler, 2003). For women who have cancer before age 40, at age 20 or 30, doubts grow after treatment, whether the cancer will return, whether their future death is closer, compressing identities and choices, “neither cancer-free nor cancer patients”, in a liminal state and moment that does not pass (Rees, 2016), that is here to stay. The story in this article corroborates and continues a large part of social science’s theoretical considerations regarding hereditary breast cancer, adding an overlooked perspective. The interviewed woman says that it is possible to accelerate and expand life when genetic mutations and breast carcinomas threaten to restrain and oppress us. Putting breasts and pain aside, she brings the experience of time and waiting to the centre of the discussion (Mulcahy, Parry & Glover, 2010), underlining their importance for a proper understanding of cancer.

Although experienced as a single event, Alexandra Silva had breast cancer(s), invasive ductal carcinoma in the right breast and *in situ* in the left, and underwent a modified radical mastectomy and a subcutaneous mastectomy with simultaneous reconstruction. Her words defy simplistic notions about suffering during treatment, relativizing physical pain. In her illness story, “the worst thing is waiting”, waiting for tests, examinations, reports and results, surgeries, chemotherapy cycles, and reconstructive procedures, undertakings more despairing than post-operative pain. From the chairs of waiting rooms to her household chairs, where the treatment does not progress and where the disease keeps developing, the “eves” or “days before” are moments of extreme anxiety for a woman who wishes to see an end to her cancer story. Time spent waiting and seating on chairs slows everything down and wastes time on the calendar. Alexandra’s resistance strategy was to never stop, she wanted to be, know, and do more, to live intensely and to accelerate events, to get to know people, places, and new things, among family, friends,

and acquaintances, often talking about her breast cancer, exposing and sharing details of carcinomas, treatments, scars, and reconstructive surgeries. As a carrier of the BRCA1/2 mutations, the worst kind of waiting is the one she continues to experience every day, waiting for cancer to return, for the uncertain and cruel possibility of a still unscheduled second round.

CONCEPTUAL AND METHODOLOGICAL APPROACH

This article results from a broader anthropological investigation, focusing on the stories of Portuguese women with diverse cancer experiences, analysing how illness, resistance, and death are experienced and conceptualized (Noronha, 2019). With a view to a reinforced understanding of cancer, it underlines the embodied knowledge of those who live and feel it, patients, survivors, and bereaved relatives, crossing different age groups and cancer diseases, from stage I to IV. As an art-based research, this project also carries the ambition of dismantling social stereotypes associated with cancer. By gathering the stories of those who resist with the use of scientific illustration and creative ethnographic drawing, and by giving a public form to these experiences, I intend to fill a gap not only in the scientific understanding of cancer, but also in the collective knowledge and imagery of Portuguese society, seeking to foster a supportive relational context for patients and families. An illustrated social science, combining text and image, using visual and creative methodologies, can thus facilitate and reinforce the social outcomes and impact of the research in matters of health and illness.

Combining firsthand experience and social science, enhanced by art, this project integrates embodied reasoning, speech, and drawing in the core of the investigation, using them as methodological resources and forms of knowledge. With the potential to democratize science, producing a more accessible, readable, and visible form of knowledge, creative visual methodologies can also broaden the way social and cultural studies understand reality and take action, diversifying what we can say, show, and do. Refusing their accessory or secondary participation in science, I will use the ontological (Noronha, 2009), heuristic, epistemological, and performative (Gell, 1998; Noronha, 2009) resources offered by the illustrations' artistic and visual practices, considering them as possible extensions of experience, that is, a part of the way illness can be felt, understood, and managed, stressing the importance of time for its correct interpretation. Linking medical anthropology (Mattingly & Garro, 2001) to the possibilities of a hybridization of ethnography, art (Schneider & Wright 2005), and visual methods (Banks & Zeitlyn, 2015), I emphasize what we can find in that combination (Noronha, 2015). Can anthropology and creative ethnographic drawing, grounded on the embodied experience and knowledge (Csordas, 1994) of a woman, make sense of time and illness (Bell, 2006; Noronha, 2009), giving a shape to the particularities related to the experience of waiting? How can we translate the experiences of cancer and waiting to an undivided mixture of speech, text, and image?

In order to accomplish the hybrid and intersubjective intentions of this analysis, the interview with Alexandra Silva was conducted as an informal conversation, in the comfort of her home, allowing the interviewee to guide the emergent story, not opting for a predefined questionnaire or a meeting place located outside her life. The conversation was recorded in an audio file and subsequently transcribed, searching for the moments and realities underlined by the interviewee herself. Using speech, writing, and drawings, and grounded on this woman's story, experience, and knowledge, this undivided and levelled mixture gives a form to her words and expressions, combining text and image. To rewrite and draw her story, the concept and the practice of scientific illustration were also redefined, augmented by imagination and metaphor. Bringing the rules of art to a more unbound and creative version of ethnographic drawing, the metaphor finds its correspondence with reality, with facts, and with scientific writing, broadening and facilitating our understanding. Resulting from a conversation, the drawings are understood as collaborative and co-authored creations, bearing the name of my interlocutor, seeking a balance between writing and speaking, balancing the roles of the researcher and of the cancer survivor. The titles of the drawings also come from her voice, expressions that summarize and explain central moments of her experience and story.

WAITING FOR A DIAGNOSIS: FROM GENETIC MUTATIONS TO CARCINOMAS

"I'm Alexandra, I had cancer. It's in my DNA". In Alexandra's family, cancer has been present for generations, from grandmother to aunt and mother. The granddaughter, daughter, and niece of women with cancer, Alexandra received the result of her genetic test in September 2007, confirming her to be an heir to the BRCA1/2 mutations. "That shook Alexandra. It made me change my perception about the future, because the day I knew I had the genetic mutation, I assumed I would actually develop breast cancer". The report was attached to a second paper, the so-called protocol, dictating the schedule of examinations that Alexandra would have to follow for the rest of her life, dividing her years in terms of ultrasounds, mammograms, and magnetic resonances. "I did not sign up for this. How can I do this every year of my life until the end of my days? I want them to remove my breasts! That's a piece of paper. I am not a paper!". Alexandra did not want that sheet of paper to define her time and rule her life. Alexandra says and knows that women are not all the same, not even sisters, but that paper placed them among a crowd, estimating that their "future probability of developing breast cancer before the age of 85 is 85%". But the two papers, medical report and protocol, changed everything, even her present, and by the time Alexandra got home, nothing was the same. "With that paper in front of her", Alexandra was no longer the same, but someone else, changed from within.



Figure 1: *I'm not a paper!* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

In October 2007, Alexandra had her first ultrasound and mammogram, already following the protocol. She had “a big breast, very nodular, but everything was impeccable!”. The year changed and Alexandra switched hospitals, from the Hospitals of the University of Coimbra to the Portuguese Institute of Oncology (IPO) in the same city, undertaking new exams, and an MRI was scheduled for March 3. “I underwent the magnetic resonance, a relatively simple thing, and I went home feeling tranquil”. A few days later, unwilling to wait, she went to the IPO, looking for her doctor, who told her that they had to “look into it carefully” because there was something that didn’t look right.

I remember they scheduled a biopsy. I knew it would hurt. That is the physical part of the thing, but it passes. What I remember is the anxiety of the days before, the anxiety of getting into that wretched room, and then getting out of there and waiting until the day the result came. The worst experiences I’ve ever had. The worst thing is waiting! That stress, that pain of anxiety!

Alexandra waited to find out if she would have to do it all over again. The result of the biopsy was negative, but the doctor was not sure of having punctured her breast in exactly the right spot. Sent to Lisbon’s Senology Centre, she kept thinking about the words she heard in the examination room, “this doesn’t look good, at the least this will have to be taken out!”. Accompanied by the protocol, Alexandra left with many doubts and questions about the following days, her short-term future.

What am I supposed to do now? I don’t know what tomorrow’s going to be like. At any moment, I’d receive the phone call with the result of the biopsy. Someone would decide in my place what was going to be done about my life.

“I have always been a bit depressed, I’ve always imagined my future as something dark, that something not very positive would happen to me. So much so, that I’ve never been a person who has long-term plans. Maybe it’s a flaw... a characteristic?!



Figure 2: *The worst thing is waiting!* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

Alexandra went home and continued to wait, leaving a piece of herself behind, 200 kilometres away. On April 11, a Friday, a friend picked up the envelope with the report, still sealed. The phone rang and although Alexandra wanted to answer the call, end her waiting, the result was not what she expected. The result was positive: it was a carcinoma, a negative malign growth in her right breast, and in her whole life.

There were those 10 minutes of kicking inside a locked car, kicking and screaming... why? Then you stop and breathe... I know very well why! There is that moment of anger and questioning, but the cause for me was very clearly located. I have a genetic mutation. This scientific explanation allowed me to settle down and not go looking around for any other.



Figure 3: *Kicking and screaming for 10 minutes* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

The darkness that Alexandra anticipated came with a cancer diagnosis at the age of 28, in 2008. Besides having a companion, Alexandra had bought a house, she had

almost completed her master's degree, she had a Ph.D. scholarship waiting for her, and a future career as a researcher in history of culture. That “flaw” would change her from the inside out, and all her short, medium, and long-term plans were affected or altered.

The next day, Saturday, April 12, Alexandra was visiting her parents' house.

The worst thing is telling your parents! Nothing hurt me more than to tell my parents. The worst thing I've ever had to do in my life... a memory that's with me every day. Telling my parents... I have cancer!

The two worst things, waiting and telling, were combined, as Alexandra had to remain in her chair until the lunch was over. She did not want anyone to lose their appetite; she wanted to have “peace at mealtime”, with no carcinomas on the table. The wait was painful but the words came out, “I already know the result of the exam”, and she did not have to say anything more, as her parents realized that she had the disease, the cancer that everyone already knew. Carcinomas are already part of the family, even if no one wants them around. Her father, an “extremely self-possessed and upright person”, looked at her, his shoulders dropped, and he wept. Her mother said, “I did this to you. I'm the one to blame!”. It was Alexandra who had to give them words of consolation. “It's still early. I'll get treatment. Mother, you're not to blame for any of this! There is no guilt here. This is nature. Please be calm. Things will be alright”. At that moment, Alexandra, a mature woman, a grown-up daughter, became a bigger person, seizing the life that had been given to her. “At that very moment, I realized that I owe it to my parents to survive cheerfully whatever comes! They deserve it!”.



Figure 4: *The worst was telling my parents!* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

WAITING FOR THE LAST DAY OF TREATMENT: MASTECTOMIES AND CHEMOTHERAPY CYCLES

Already in the hospital, on the dawn of May 20, Alexandra woke up to take a shower with povidone-iodine, preparing herself at the level of the skin's surface, but poorly prepared internally, trying to apprehend, in a few minutes, a body and a life in transformation.

I remember a moment of panic... you go alone with that small gown to the bathroom. It's the last moment of introspection you have. You know... when you're on the verge of despair... what's happening to me? Me... this gown, and these breasts that won't be here in a few minutes... very surreal. Having time to do this contemplation is very painful.

In the operating room, lying still, Alexandra directed her eyes at the wall clock, while the anaesthesiologist endeavoured to shut them. Alexandra woke up asking what time it was, until she realized that the pain she had demanded all her time and attention.

I woke up dying of pain in my chest, in this whole area of my back. I think the surgery took quite a long time. I had a radical mastectomy of the right breast with removal of the lymph nodes, and a mastectomy with immediate reconstruction of the left.

Raising her body and getting out of bed triggered a stronger pain. Part of her panic was not being able to eat or urinate, to feel unable to do what she wanted or had to do.

There was a moment when they came and tried to lift me up. It was the worst pain ever, a terrible thing... a lot of pain. I could not pee... physically, it was obviously a painful process. Then, I asked to be taken to the bathroom because I couldn't do it on the metal bedpan. But I couldn't stand on my legs, and that weakness is also something that leaves a mark... that state of dependence. One thing that affected me a lot was to go to the bathroom and maintaining my dignity...trying to clean myself... and I'd do it, though it was very difficult.

Years later, that weakness and dependence left marks that no one sees, but Alexandra still feels them, in her memories, the ones that last, that never change.



Figure 5: *Dignity... trying to clean myself* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

“I remember, after two or three weeks, getting anxious about the result of the analysis”. Alexandra knew the result through the “backdoor” and by phone, from a friend. Alexandra had two breast cancers, an invasive ductal carcinoma in the right breast and *in situ* in the left. None of the interventions were prophylactic, the subcutaneous mastectomy was also extractive. Already recovered from intense pain, Alexandra received a phone call from the IPO, summoning her to a consultation in three weeks, to discuss the results and subsequent treatments. They scheduled the consultation, but they did not say anything else, leaving her hanging for 21 days, more than 500 hours of waiting, sitting in anxiety.

That was my big problem! When I prepare for the worst, if it comes, all right, I already knew. (...) Because I believed in this... I’m going to remove my breasts now, I’m already doing something so radical so that I do not have to worry about anything else! I thought I’d remove my breasts and go back to my normal life. (...) At that moment, I realized that I was going to have chemotherapy and I was not at all prepared for that!

Alexandra was afraid of “the unease, the discomfort, the loss of quality of life, of all its side effects”, as she already knew them, and had observed how they affected the women of her family. “What scared me the most... was realizing that it would never end. It was going to be present for the rest of my life”. Alexandra did not see chemotherapy as the last treatment or the closing of a cycle, but as the reopening of a never ending reality, a closed circle around her breasts and life. Because “the worst thing is waiting”, Alexandra knew at that moment that a vein of anguish and uncertainty would be with her for the rest of her days, all the time, even in joyful hours.

Alexandra waited for chemotherapy, knowing that the worst was yet to come, but she did not know that the worst pain would come from the tip of a catheter. With six cycles ahead, “the minimum determined by the protocol”, Alexandra was poked at each cycle, in the same spot, her left arm.

There were times of unease, I was feeling down. But the worst thing about chemotherapy, what hurt me the most, were the wretched catheters! I start to feel sick when I speak about this... it was a horrible moment of pain and I wanted to give up on that day! I was on the chair... I had a six-cycle plan. I’m in the fourth... I cannot bear another three more... and said, I’m leaving, I can’t do this!

After several attempts by the nurse, between the wrist and the arm, Alexandra had the fourth cycle, but the pain of the catheter stuck in her vein invaded everything, body, chair, and world. At her request, her doctor shortened the treatment plan, assessing the risk and cancelling the last two cycles. Until that day, Alexandra had been waiting for that decision, anxious, trying to go on with her life. When she knew that there would be no fifth or sixth cycle, she thought “ok, now it’s over, today’s the day it’s over... but it wasn’t!”.



Figure 6: *What hurt me the most, the wretched catheters* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

WAITING FOR WHAT IS TO COME: FROM BREAST IMPLANT TO OOPHORECTOMY

“Then, you are not the same, because so many things have happened. That body is not yours! You do not identify with the person you see in the mirror”. Alexandra did not match her reflection in the mirror. She knew she would never be the same again, but she could be reconstructed, made a little more perfect, have a right breast again. A reconstruction is a new start, and Alexandra re-experienced the anxiety of waiting, trying to schedule new surgeries, making the breast happen. “I’m in a hurry... because I need it to end, so I can turn the page... and I lived with that anxiety”. Nothing happened “as soon as expected”, but Alexandra says the reconstruction process “was very easy and even relatively fast, maybe a year and a half” for the breast to be complete, from the expander to the permanent implant. But it was Alexandra who hurried everything along, going to the hospital, exerting pressure, asking for the date, “continuously annoying everyone”. With the substitution of her prostheses with a silicone implant, Alexandra intended to close her cancer story, rebuild herself, saving what was left and forgetting the rest. “Expecting to put an end to the thing... of reaching the end... here, in my mind, chemotherapy would end, the pills would end, and the injections would end”. On November 10, 2010, her implant was closed and sutured with surgical thread and a knot, but her breast carcinoma still caused some unpleasant surprises.

Free of cancer but still medicated, treated with monthly injections and pills, Alexandra asked for her medical process to be transferred to Lisbon, her new home, to complete her treatment plan. The words of the oncologist who took her case took everything away from her, even her hope.

What are you doing this treatment for? It is not justified. Why didn't you remove your ovaries? Furthermore, this is a tumour for which a cure is never guaranteed! (...) I stopped and looked at him... he is giving me a death certificate! This happened on December 9. It was the first time someone mentioned death!

The event, the consultation on the 9th of December, is today an “imprinted memory”, one she can never forget, turning her days and years ahead upside down. “I began to realize that this was not going to have an end, that this was going to be forever present. I feel like a time bomb. I am certain that sooner or later this will come back”. This was not a routine consultation, the title of her story changed, back to the beginning, without an end. “Well, it’s a really difficult one!”. According to her doctor, who corroborated her new oncologist’s opinion, her cancer seemed something new, different, and worse. Alexandra does not like to wait, but she likes to know what is ahead, to know what she is waiting for. For months, she dealt with the idea of death, thinking about the time she had wasted and lost, without any gain.

During those months, I started to think... was I doing all of this for nothing!? It was a very complex period of my life, of many questions, of a very unruly life. I thought about suicide and stuff like that! It was a very difficult time.

“With the help of medication, my personal and professional life became stable... and I have always looked at the good side of things. There was a great deal of excitement with the end of the treatment. (...) But I believed they would authorize my ovarian surgery soon after that, and I was not prepared to hear a refusal.

Alexandra, still waiting, was looking once more at the clock in a fight against time, wanting to remove her ovaries. As a BRCA_{1/2} mutation carrier, with a hormone-dependent cancer, Alexandra felt the urgency of removing her ovaries. She knew the importance of this surgery for her survival. But the protocol says that oophorectomies are not performed on women before the age of 35. “The term in the protocol is ‘having your reproductive life plan fulfilled’. I do not even want to have a reproductive life plan! Not wanting it is also an option!”. Waiting for the second half of her third decade was too risky, as the interval widened the risk of a second disease. In December 2013, Alexandra was still waiting for the surgery, without a scheduled date, without “seeing a solution to this thing”. Those who made the decisions, following the protocol, still waited for her 35th birthday, neglecting the statistics: a 60% probability of ovarian cancer. Alexandra was entering a new moment of anxious waiting, left “on hold”, and though she did not want to “think about it all day long”, her ovaries were always in her head, in the wrong place.

Half a year after our conversation, Alexandra announced her last surgery on social media. “Friends, I will be castrated. Preventively, obviously. Everything in accordance with my wishes. It’s one less worry”. On May 13, in a self-portrait taken in Coimbra, at the IPO, Alexandra displayed the bracelet where the word “Gynaecology” located her in the right place. Alexandra waited six years for this day, she would be 35 a month later, showing how papers and protocols can ignore requests and desires, postponing happiness, prolonging the wait with many chairs.

I want to live all of it! I want to experience everything! I want to meet all the people in the world and go to all places in the world, so my life can't end right now. (...) I'll always have new things to do and for that I have to live, I have to take care of myself.

Alexandra made choices and remade routines, the “fast, unruly, and pernicious days are behind”, she enjoys work and amusement in the right measures, enjoying the little things.

I find more pleasure in life. I live with less security, in the sense that I'm more worried in day-to-day life, but I also feel more pleasure in doing things, because I do a lot more things. (...) We should all enjoy ourselves more and follow the motto “seize the day”, *carpe diem*, not living every day as if it was the last, but living every week as the last you have.

Despite the waits and losses, Alexandra made herself a bigger person, in age, experience, and knowledge, she knows how to live better, she “does more things”, she gives other uses and meanings to her time.



Figure 7: *I want to live all of it, experience everything!* [Graphite and charcoal on paper]

Source: Susana de Noronha and Alexandra Silva (2017)

SEVEN CHAIRS: DRAWING TIME AND THE PAIN OF WAITING

“The worst thing is waiting!”. As I was transcribing Alexandra’s words, time emerged as the structuring element of her experience and narrative, accurately dated, from the day of the month to the day of the week, in a sequence of events often linked to a pause on specific chairs or seats. To illustrate the most significant events and memories of Alexandra’s story, I gave shape to seven empty chairs, remembering the seats where her cancer and all her waiting moments took place. The chairs refer to real objects and concrete moments mentioned by Alexandra, directly or between the lines of her story, using them as metaphors for the time spent in waiting, using a heuristic imagery and approach regarding hereditary breast cancer, from diagnostic exams to her daily wait for a relapse,

drawing hope from the absence of disease and symptomatology, the so-called state of remission. Five of the seven chairs drawn for Alexandra represent days, weeks, months, and years of waiting, where everything stops and worsens (Figures 1, 2, 3 and 4). The other three represent her treatment and resistance, surgeries, chemotherapy cycles, and life at home, at work, and on the street (Figures 5, 6 and 7), where the story moves forward.

The first drawing shows the chair of the waiting room where Alexandra sat before hearing the result of her genetic test and receiving the paper confirming the BRCA1/2 mutations. *I'm not a paper!* reminds us how after getting up from that chair, the report and protocol “shook” her body and time, changing and shrinking her “perception of the future”. On that chair, Alexandra waited without knowing that everything would change, her body, routines, and plans for the future. The second drawing represents all the medical office seats where Alexandra sat, hoping for the best news, not always prepared for those she got, always hoping to get to the end of the examinations and analyses, to no longer need treatments, remembering that “the worst thing is waiting”. The drawing *Kicking and screaming for 10 minutes* evokes the car seat where she waited for the answer coming from the other end of the cell phone, from Lisbon, with the results of the biopsy, confirming her cancer. In that seat, Alexandra kept kicking and screaming until she remembered that she had always been waiting for cancer, from the past to the present. Holding onto the wheel of life, of what was to come, was up to her. Leaning against the table of her family's dining room, the fourth chair and drawing, *The worst was telling my parents!* is where she waited until the end of the meal to break the news of her illness. One of the worst moments of her story is associated with this chair, putting cancer on the table, over empty plates, telling her parents. The drawing confirms that there is never a right time or a right moment to give bad news. Saying you have a cancer is always a bad experience and memory, related to that specific day, to objects, and to the place where the conversation took place.

The fifth drawing shows a hospital toilet bowl and seat. A representation of all the moments she spent in bathrooms after her surgeries, sutured and sore, preserving the dignity of cleaning herself. The open seat evokes her “weakness” and the strength she needed to sit and curve her body without any help from others, during the hardships of the postoperative recovery period. In the drawing *What hurt me the most, the wretched catheters*, the chemotherapy chair points to another object, to the catheter's “brutality”, counting the minutes waiting for the injection, for the jolt of pain on her skin. Before, during, and after the time spent in this cushioned chair, Alexandra had no rest and felt no comfort, only “unease, horrible pain”, and wanted to give up. The last drawing, *I want to live all of it, experience everything!* was inspired by the armchair of a character who got sick and died in *Up*, one of her favourite animated films, remembering that life must be lived standing up, with a list of “stuff I'm going to do”. Still waiting, not knowing if she will face a cancer relapse, Alexandra is not in the chair and does not plan to stay seated. She chose to stand up and get out, she wants to experience, do, and know more, to keep on growing. Alexandra knows that her genetic mutation is inescapable, a closed circle “for the rest of her life”. Enclosed by this cycle's circular line, these seven chairs can correspond

to any future week, from Monday to Sunday. However, the drawings are imbued with the hope that they won't be used again in the years to come.

Only creative ethnographic drawing and imagination could bring together some of the chairs used by Alexandra Silva, remembering the endurance she needed to bear the unmoving, black-and-white rigidity of them all, even of those apparently comfortable. As a set of images, the drawings also carry the ambition of undoing some of the worst consequences of hereditary cancer, fulfilling one of Alexandra's greatest desires. The seven chairs give orderliness to her story, a chair for each day of the week, a closed sequence, left in the past. To endure the waiting moments, her resistance strategy consisted in speeding up life and its many events, rising from the chair, a wish repeated and represented in the illustrations. The drawings reassert that Alexandra still waits but she never stops, she will not sit down. These chairs will remain vacant, without an occupant, without the future weight of any woman. Alexandra gave me some of her time, three hours and thirty-three minutes of interview and conversation. Sharing her words and embodied experience, she allowed me to write and illustrate an essay about her cancer, understanding time, illness, and the pain of waiting using creative ethnographic drawing.

CONCLUDING NOTES

To summarize Alexandra's story and experience, it's important to ask what kind of insights can we gain from the combination of embodied, anthropological, and creative knowledge regarding time, waiting, and hereditary breast cancer. Considering the causes, symptoms, diagnosis, treatment, and consequences of Alexandra's cancer, which were the experiences, meanings, and uses embedded in her time? In cancer narratives we regularly find references to a time "after" diagnosis and illness, but in hereditary cancer the time "before" emerges as also relevant for any understanding of the experience. The time "before" is related to the aetiology of carcinomas, with their underlying genetic mutations, explaining the beginning of the disease. The time "before" refers to cancers that are already expected, to a day-to-day life already engulfed by exams and consultations, dismantling the idea of a diagnosis as a rupture in time (Trusson, Pilnick & Roy, 2016), transforming and reclassifying the person as a patient. Alexandra's story exemplifies the anticipative work of oncology, the needles extracting data from her family history, waiting for a cancer that was detected in time. However, though she expected her cancer, rooted in her past and in the bodies of the women who came before her, neither Alexandra nor her family were expecting it so early, at age 28. In disagreement with an age culturally and socially preconceived as the norm for the development of a serious illness (Pecchioni, 2012), her cancer was experienced as unexpected, difficult to accept.

Regarding cancer treatment, her experience and narrative point to the expected results and side effects of surgeries, chemotherapy cycles, and reconstructive procedures. Although some of the worst moments are related to the catheters which pierced her skin and veins, Alexandra minimizes "the physical part of the thing". Alexandra states that the "worst thing is waiting", the anxiety of the "day before", elements of the experience

that hurt more than pain. The treatments take too much time, postponing the end of illness, interrupting life. During her six years of treatment, she waited for the day of her two mastectomies, and waited to know the type and stage of her carcinoma(s). She waited to know if she would get chemotherapy, and waited for the moment of the insertion of each catheter, waiting for the pain to end, for the needle to be pulled out. She waited a year and a half to schedule and have her plastic surgery, finishing her reconstruction. She waited six years to remove her ovaries, she waited more than half a decade for that medical decision, and still waits for the result of each routine examination and appointment. Her words remove all physical transformations from the central lines of the narrative, minimizing breast removal, hair loss, open wounds, and healed scars, distancing herself from other considerations about breast cancer (DeShazer, 2015; Noronha, 2009). Alexandra “was in a hurry”, seeing a conclusion to the story of her illness was her first priority, rather than reconstructing her breasts or levelling her chest. However, putting an end to the pain of waiting is an unfinished task, because she will always have the mutations and the possibility of a relapse. Hence, hereditary breast cancer unfolds within a temporal continuum, experienced among family members and diseased relatives, it is expected by carriers of mutations, and is re-experienced in the body during diagnosis and treatment, and permanently present as a future threat.

Time was also an essential element for her resistance, as a process connected to life, between home and work, among friends and family. Alexandra waited but she never stopped, she told her story to everyone, in daily conversations, blogs, photos, social networks, and TV interviews. “Doing something about this disease” was a coping strategy, used for her own benefit and to help others. Talking about cancer still helps her today, giving meaning to her experience, sharing knowledge with her listeners. During her illness, she lived intensely, she ate, drank, went out with friends, went to music festivals, watched TV series and movies, read books, listened to albums and songs. She got a job and a house, she dated and married her boyfriend, she met new people and places, and she took walks and travelled around. In order to resist, Alexandra reversed the waiting imposed by treatments, using her time, valuing all moments, speeding up life and tongue, looking for new experiences, speaking a lot. Alexandra’s experience and story cross multiple dimensions of temporality, regarding the way we feel, understand, and manage time’s connection with illness, before, during, and after cancer. Although time can never stop, while she waited for results and for the progression of her illness, Alexandra describes moments of pause generated by the interruption, slowness, delay, and postponement of treatments, in contrast with her urgency to put an end to her cancer story. But Alexandra continues to wait, her cancer does not come to an end, the mutations “are in her DNA”, deep-rooted in her lifetime. She still fears a relapse, a repetition of the story, a future cut short, erased from others, from long-term History. Although she carries the genetic mutations, under the surveillance of a cyclical calendar of routine examinations, Alexandra also hopes for the best, to become an “old lady”. ✍

Translation: Susana de Noronha

FUNDING

This article results from the funding schemes and support of the Portuguese Foundation for Science and Technology under the Strategic Project (UID/SOC/50012/2019); the Transitional Rule (DL57/2016/CP1341/CT0012); and under the Human Capital Operational Programme (HCOP), supported by the European Social Fund and by national funds of the Ministry of Science, Technology and Higher Education, Portugal (MCTES) - post-doctoral fellowship and research project Ref.: SFRH/BPD/88239/2012.

REFERENCES

- Adam, B. (1994). *Time and social theory*. Cambridge: Polity Press.
- Adam, B. (2013). *Timewatch: the social analysis of time*. Cambridge: Polity Press.
- Araújo, E. (2012). A espera e os estudos sociais do tempo e da sociedade. In E. Araújo & E. Duque (Eds.), *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo: um debate para as Ciências Sociais e Humanas* (pp.9-25). Braga: CECS.
- Banks, M. & Zeitlyn, D. (2015). *Visual methods in social research*. London: Sage Publications.
- Burke, N. J. & Mathews, H. F. (2017). Returning to earth: setting a global agenda for the anthropology of cancer. *Medical Anthropology*, 36(3), 179-186.
- Csordas, T. (ed.) (1994). *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dean, M. (2016). It's not if I get cancer, it's when I get cancer: BRCA-positive patients (un)certain health experiences regarding hereditary breast and ovarian cancer risk. *Social Science & Medicine*, 163, 21-27.
- DeShazer, M.K. (2015). *Mammographies: the cultural discourses of breast cancer narratives*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Finkler, K. (2003). Illusions of controlling the future: Risk and genetic inheritance. *Anthropology & Medicine*, 10(1), 51-70.
- Gell, A. (1998). *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Hall, E.T. (1984). *The dance of life: the other dimension of time*. New York: Anchor Books.
- Hallowell, N. & Lawton, J. (2002). Negotiating present and future selves: managing the risk of hereditary ovarian cancer by prophylactic surgery. *Health*, 6(4), 423-443.
- Hauge, B. (2015). Re-designing the everyday: the use and perception of time among cancer patients combining work and treatment. *Time & Society*, 25(2), 193-212.
- Hesse-Biber, S. (2014). *Waiting for cancer to come: women's experiences with genetic testing and medical decision making for breast and ovarian cancer*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Mattingly, C. & Garro, L.C. (eds.) (2001). *Narrative and the cultural construction of illness and healing*. Berkeley CA: University of California Press.
- Mendes, F. (2004). A herança dos 'mal-nascidos': dos filhos do passado aos filhos da ciência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70, 57-79.

- Miranda, N. & Portugal, C. (2016). *Portugal doenças oncológicas em números – 2015 (Programa Nacional Para as Doenças Oncológicas)*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.
- Mulcahy, C. M., Parry, D. C. & Glover, T. D. (2010). The 'patient patient': the trauma of waiting and the power of resistance for people living with cancer. *Qualitative Health Research*, 20(8), 1062-1075.
- Noronha, S. (2009). *A tinta, a mariposa e a metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro de Mama*. Porto: Afrontamento.
- Noronha, S. (2015). *Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte*. Coimbra: Almedina.
- Noronha, S. (2019). *Cancro sobre papel: estórias de oito mulheres portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita*. Coimbra: Almedina.
- Pecchioni, L.L. (2012). Interruptions to cultural life scripts: cancer diagnoses, contextual age, and life narratives. *Research on Aging*, 34(6), 758-780.
- Rees, S. (2016). Am I really gonna go sixty years without getting cancer again? Uncertainty and liminality in young women's accounts of living with a history of breast cancer. *Health*, 21(3), 241-258.
- Schneider, A. & Wright, C. (Eds.) (2005). *Contemporary art and anthropology*. Oxford: Berg Publishers.
- Trusson, D., Pilnick, A. & Roy, S. (2016). A new normal? Women's experiences of biographical disruption and liminality following treatment for early stage breast cancer. *Social Science & Medicine*, 151, 121-129.
- Zerubavel, E. (1979). *Patterns of time in hospital life*. Chicago: University of Chicago Press.

BIOGRAPHICAL NOTE

Susana de Noronha is an anthropologist, Ph.D. in sociology, and a researcher at the Centre for Social Studies, University of Coimbra, Portugal. Winner *ex aequo* of the 2007 CES Award for Young Portuguese-speaking Social Scientists and of the 2003 Bernardino Machado Award for Anthropology, by the University of Coimbra. Author of the books *A tinta, a mariposa e a metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro de mama* (2009, Afrontamento); *Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doenças nas estórias da arte* (2015, Almedina); and *Cancro sobre papel: estórias de oito mulheres portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita* (2019, Almedina). As well as a writer and researcher, she is also a published lyricist and an author of scientific illustrations, using photography, painting and creative ethnographic drawing.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1823-4342>

Email: susanonoronha@ces.uc.pt

Address: Centre for Social Studies, University of Coimbra. Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra (Portugal)

* Submitted: 10/10/2018

* Accepted: 20/01/2019

A CORRUPÇÃO E OS MÉDIA – UM OLHAR DOS JORNALISTAS SOBRE A RELEVÂNCIA DO TEMPO

Ana Moreira, Emília Araújo & Helena Sousa

RESUMO

As relações entre os média, a política, o sistema judicial e o fenómeno da corrupção são complexas e inscrevem-se em vários tipos de tempo e de temporalidade. Neste texto, a partir de um estudo empírico qualitativo conduzido junto de jornalistas que fizeram acompanhamento de casos de corrupção envolvendo políticos, discute-se a importância do tempo na constituição das relações entre média, política e o sistema judicial. A análise permite destacar, por um lado, algumas das principais características do tempo no trabalho mediático, e, por outro, a forma como o tempo configura as relações de poder que se estabelecem entre os diversos sistemas e atores.

PALAVRAS-CHAVE

Corrupção política; justiça; média; política; tempo

CORRUPTION AND THE MEDIA – A JOURNALISTS’ LOOK ABOUT THE RELEVANCE OF TIME

ABSTRACT

The relations between the media, politics, the legal system and the phenomenon of corruption are complex and gives rise to various types of time and temporality. In empirical terms, this text addresses a study conducted with journalists who have followed cases of corruption involving politicians. The importance of time in the constitution of relations between media, politics and the legal system is discussed. The analysis highlights some of the main characteristics of the time in the media labour. Additionally, it debates the way in which time configures the relations of power that are established between the different systems and actors.

KEYWORDS

Political corruption; justice; media; politics; time

INTRODUÇÃO

Este texto debruça-se sobre a relevância do tempo e das temporalidades, por via de uma análise do modo como os média veiculam os fenómenos de corrupção envolvendo acusações a políticos. Pretende-se demonstrar que o tempo constitui a relação estabelecida entre jornalistas, políticos e entidades judiciais, permitindo entender as interdependências entre sistema mediático, político e judicial.

São vários os casos de corrupção que envolvem políticos, uns provados, outros apenas suspeitos. A corrupção envolve a prática de atos cujos efeitos são negativos para os sistemas democráticos e favorecem a redução da confiança pública na política.

Ainda que a corrupção tenha um lugar de destaque nos sistemas de regulação (da economia, à política), presentemente, os países democráticos continuam marcados por sucessivos escândalos que envolvem direta ou indiretamente pessoas que desempenham cargos políticos (Paixão, 2014, 2017). Plasmados em ligações suspeitas a crimes económico-financeiros ou tráfico de influências, a sucessão destes casos e a grandeza dos seus efeitos são razões suficientes para classificar o fenómeno como uma “patologia social” (Ferin, 2017) que promove, além do descrédito nas instituições, a normalização potencial da ilicitude e dos comportamentos não éticos.

Este texto tem como objetivo explorar a relevância do tempo no estabelecimento das mediações entre justiça, política e média e, nesse sentido, usa o fenómeno da corrupção de forma heurística, ou seja, para demonstração das principais dimensões temporais na constituição dos fenómenos mediáticos que implicam diretamente políticos e justiça. Não é, por isso, objetivo do artigo, aprofundar a problemática da corrupção envolvendo políticos, mas dar conta das perceções dos jornalistas acerca da importância do tempo e das temporalidades na definição das relações que estabelecem e podem estabelecer quer com os políticos, quer com o sistema judicial, quando estão em causa acusações dirigidas a políticos.

Tal como demonstraremos a seguir, a problematização do tempo e das temporalidades é ainda hoje escassa, não só no que respeita aos média, mas, principalmente, no que respeita às relações entre média, política e justiça. Mobilizaremos as abordagens existentes acerca dos conceitos de aceleração e velocidade nas sociedades pós-modernas para melhor entendimento dessas relações. Iremos evidenciar o interesse em que os média, a justiça e a política providenciem formas de reforço da sua qualificação em questões de tempo e temporalidade, contribuindo para a melhoria da ação comunicativa em democracia.

Em termos empíricos, o texto baseia-se na análise de conteúdo temática realizada a entrevistas com 30 jornalistas que estiveram ligados a publicação de notícias relacionadas com casos de corrupção em Portugal e estrutura-se em 4 pontos principais. Primeiro, apresenta-se uma problematização acerca da temática da corrupção nos média. A seguir, são apresentadas as principais linhas teóricas que perspetivam as relações entre média e tempo, média e política. No terceiro ponto é descrita a metodologia seguida no estudo. Nos dois últimos pontos, são apresentadas as conclusões e, juntamente, analisados os principais contributos para o entendimento da relevância do tempo na constituição dos fenómenos mediáticos que envolvem tanto políticos, como também membros do sistema judicial, regulatório.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CORRUPÇÃO E MÉDIA

Isabel Ferin e Estrela Serrano (2014), partilhando de uma visão focada sobre a corrupção praticada por detentores/as de cargos públicos, nomeadamente políticos/as, argumentam que a aquela deve ser percebida “como o abuso de poder em benefício próprio de agentes políticos democraticamente eleitos – situação que pode ocorrer durante ou após o exercício de funções públicas” (Ferin & Serrano, 2014, p. 8). A corrupção é, na sua essência, um fenómeno de poder (Sousa, 2011) explicitada pela existência de um pacto que, na visão de Luís de Sousa, envolve um contexto, atores/as, predisposição ética para violar a lei ou agir desonestamente, recursos e poder, confiança estratégica e processos de troca.

Para o objetivo deste texto – a análise da relevância do tempo na forma como os média tratam os casos de corrupção, destacando as principais relações temporais entre média, justiça e política – importa precisar algumas ideias sobre as relações entre média, justiça e política quando estão em causa situações de corrupção, de modo a entendermos por que se trata de um fenómeno propício à sobreposição e conflito entre tempos.

Podemos dizer que a forma como a corrupção se torna objeto do trabalho dos média é um assunto de enorme controvérsia porque, se por um lado, há um leque alargado de critérios legais que importa reunir para conduzir a um julgamento que a confirme, por outro, a corrupção é um fenómeno que promete escândalo e rendimento mediático. Provado ou não judicialmente, qualquer caso que envolva acusação de políticos é suscetível de se tornar velozmente num fenómeno temporalmente rizomático, com participação de múltiplos atores e instituições, cujas conexões deslocam tempos, espaços e poderes. Pier Paolo Giglioli (1996) advoga que os média evidenciam posturas diversas no que respeita aos fenómenos de corrupção que envolvem políticos: podem descobrir o caso, torná-lo público, conhecido e ou contribuir para a construção social do escândalo. No entendimento deste autor, os média são a principal fonte de informação do público sobre corrupção e, portanto, a atenção e o modo como concebem e veiculam conteúdos são fundamentais, mesmo nas democracias (Giglioli, 1996) para compreender a qualidade das instituições e dos processos democráticos, de transparência e ética. Luís de Sousa considera que os média são uma “peça integrante da infraestrutura de combate à corrupção” (Sousa, 2011, p. 72), mas, tendo a corrupção um elevado valor-notícia, acaba por ficar sujeita às relações de poder que se estabelecem entre média, justiça e a política e que são “reciprocamente instrumentais, oscilando entre a colaboração e o conflito” (Sousa, 2011, p. 72) e altamente mediadas nas lutas pelo controlo e domínio sobre o tempo – dos processos e da informação.

Ferin (2014) sustenta que a cobertura jornalística da política passou por grandes mudanças tecnológicas, económicas, financeiras e sociais que conduziram a mudanças na forma de fazer política (Ferin, 2014, p. 373). Argumentando que a corrupção constitui um assunto perante o qual os média tem poder de seleção e de construção, a autora analisa os casos BPN, Freeport e Face Oculta; e as eleições para a Assembleia da República e afirma que a cobertura jornalística constituiu um “tema polémico” que envolveu

acusações entre políticos, jornalistas e membros da justiça; fugas de informação (de elementos em segredo de justiça); transcrições de escutas telefónicas; e (tudo isso deu origem) a inquéritos judiciais instaurados a jornalistas e a órgãos de comunicação social pelo Procurador-Geral da República (Ferin, 2014).

Ferin (2014) considera haver grande suscetibilidade dos fenómenos de corrupção culminarem em “processos cascata”, que se sucedem em cadeia, “quando a cobertura de um caso diminui de intensidade, um outro caso o substitui e alcança maior intensidade” (Ferin, 2014, p. 398). No que diz respeito à televisão, a autora considera que os canais concederam tempos diferenciais às peças (maiores na TVI e menores na RTP1), sendo que “os enquadramentos são preferencialmente episódios” (Ferin, 2014, p. 404), centrados num “*issue*”, que pode ser um facto, um ator político ou um cenário. Por seu turno, Paixão (2014) avança com a tese de que a cobertura de fenómenos de corrupção contém ingredientes de infoentretenimento com “alusão à preparação da conferência, ao carácter emotivo, à roupa, aos adereços e ao penteado, às observações do advogado” (Paixão, 2014, p. 486). Na opinião dos jornalistas inquiridos pelo autor, o espetáculo-escândalo garante sucesso que podemos explicar pelo facto de criar espaços-tempos de grande liminaridade e de suspensão.

Prior e outros (2015) analisam e comparam os casos Face Oculta e Mensalão, dando relevo à temporalidade e ao modo como esta se deixa inscrever na narrativa de outras personagens ao mesmo tempo que as faz aparecer e desaparecer conforme o impacto pretendido:

a temporalidade surge, assim, ligada à capacidade de organizar os acontecimentos fragmentados das edições anteriores e contar uma “estória” mais complexa. O “quando” e o “como” convertem-se em *frames* verbais constitutivos da narrativa do escândalo, especificamente porque permitem situar o leitor no tempo dos acontecimentos, ajudar o jornalista/narrador a organizar o tempo enunciativo e, por conseguinte, o próprio discurso jornalístico. (Prior et al., 2015)

A mediatização da justiça constitui um objeto de estudo de uma panóplia de trabalhos nacionais e internacionais (Boda & Szabó, 2011; Greer, 2009; Guibentif, et al., 2002; Jewkes, 2004; Lourenço, 2013; Machado & Santos, 2008, 2009, 2010, 2011a; Machado, 2008), afirmando-se que tem um elevado valor-notícia (Araújo, 2013; Boda & Szabó, 2011; Greer, 2009; Jewkes, 2004; Karstedt, 2002; Leandro, 2012; Machado & Santos, 2008, 2011b; Reisinger, 2007)

O conceito de valor-notícia – conceito variável de país para país, de cultura para cultura – é desmembrado por Jewkes (2004) em doze parâmetros, alguns dos quais de natureza temporal: o carácter limiar, a previsibilidade, a simplificação, o individualismo, o risco, o sexo, a celebridade ou a posição social elevada, a proximidade, a violência, a espetacularidade ou as imagens gráficas, crianças e ideologia conservadora e/ou diversão política.

Reisinger (2007) conclui que, em vez do crime se tornar banal, as notícias sobre crimes renovaram o fascínio do público pela violência. Com o aparecimento da imprensa

popular no Reino Unido, os relatórios policiais revelaram-se fontes privilegiadas de notícias com potencial sensacionalista. O tempo dedicado pelos telejornais dos três principais canais franceses (TF1, France 2 e France 3) a estes *tópicos* é o dobro do tempo dedicado a temas económicos e sociais, e o quádruplo do tempo dedicado a temas políticos, com a exceção das campanhas eleitorais. Em Espanha, a presença de temas sobre crime nos média quase duplicou, enquanto as estatísticas da criminalidade real diminuíram ou estabilizaram. O caso português segue também esta tendência de destaque mediático do crime (Pina, 2009).

A sociedade desenvolveu um “apetite insaciável por narrativas de desvio e controle” e está cada vez mais “faminta” (Greer, 2009). Esta fome de narrativas criminais pode explicar o interesse mediático persistente e contínuo pelos assuntos judiciais (Araújo, 2013). Araújo (2013) mostra a pertinência de “três características transversais às narrativas mediáticas sobre o crime, quer na sua fase de investigação, quer no momento da resolução do litígio, ou seja, o julgamento: a serialização, a personificação e a comodificação” (Araújo, 2013, p. 18).

Surette (2011) afirma que o julgamento mediático reflete-se na forma como os crimes são “desenvolvidos e comercializados como histórias de entretenimento, como fonte a forma como os eventos e as informações circulam e são reciclados. O mesmo autor mostra a importância em perceber a forma como os média se dividem em tipo (impresso, visual, áudio e novos média) e em conteúdo (entretenimento, publicidade, notícia e infoentretenimento). Nos julgamentos mediáticos, os próprios média alimentam quase instantaneamente explicações diretas e individualizadas do crime como, por exemplo, a luxúria, a inveja, a imoralidade, a ganância, a vingança e a insanidade (Surette, 2011). Deste ponto de vista, observa-se que os média são, duplamente sujeitos da temporalidade e dos tempos que caracterizam cada momento histórico, mas também são agentes mobilizadores e produtores de temporalidades, atuando na construção de tempos paralelos (face a outras instâncias, incluindo as judiciais) que prezam pela antecipação (centralidade nos conteúdos sobre o que pode acontecer) e instantaneidade (necessidade de gerar conteúdos acerca dos casos, de modo contínuo e durante um certo período de tempo). Em grande parte, esta mobilização, no sentido da antecipação e da projeção, deve-se às enormes transformações que tem marcado o setor da comunicação, por via do desenvolvimento tecnocientífico e, nomeadamente, o digital.

O TEMPO E OS MÉDIA

Embora o tempo tivesse sido objeto de análise em várias publicações mencionadas, especialmente no contexto das relações entre política e média, torna-se relevante enquadrar a problemática em algo mais lato que considera as relações singulares com os média. Existem vários trabalhos sobre o tempo publicados, principalmente, a partir de meados dos anos noventa, do século passado. Tal como demonstraremos, as preocupações dos autores são várias, mas, em geral, tendem a clarificar o que poderíamos assinalar como *temporal turn*, ou seja, a preocupação com a relevância e saliência do

tempo e da temporalidade na análise dos fenómenos políticos e mediáticos, em pleno capitalismo informacional.

David Clarke (1995), num alinhamento que se aproxima do pensamento de autores como Richard Sennet (2006) ou Ijurn Appadurai (1996), considera ser vital incluir o espaço e o tempo no estudo dos fenómenos mediáticos, em particular atendendo à forma como os média moldam os padrões de uso do tempo. John Robinson, Kevin Barth e Andrew Kohut (1997) analisam os efeitos da utilização do computador sobre os usos do tempo. No seu entendimento, o computador tem sido mais eficaz do que a televisão no que toca à reconfiguração do comportamento diário dos cidadãos. Howard Rosenberg e Charles Feldman (2008) falam dos “erros de velocidade” nos média que, orientados pelas lógicas cada vez mais velozes de divulgação de conteúdos, alimentam a circulação de especulações, desencadeando consequências de ordem cultural e política, pois afetam os tempos de relação entre cidadãos e seus representantes.

Mira Moshe (2011) analisa a “configuração temporal dos média”, aventando sobre a forma como estes caminham para a privatização do tempo, nomeadamente por via do controlo dos cronogramas de visualização, assim como das configurações de hora e do fluxo de tempo. No livro de Emily Keightley (2012) o tema do tempo e a sua relação visceral, mas fluída, com os média surge tratado como uma dimensão central, embora invisível e sistémica. Eric Lee (2014) propõe uma análise semântica dos meandros mediáticos com a inclusão da análise ao tempo e à temporalidade na construção de sistemas interativos. Kenzie Burchell (2014) debruça-se sobre as interações quotidianas, destacando como as tecnologias de informação e de comunicação modelam as temporalidades nos relacionamentos interpessoais e as próprias configurações das atividades. Anne Kaun (2014) explora o tempo nas redes sociais, dando relevância ao Facebook. Diz que estas são plataformas de estruturação do tempo social que incluem processos de memorização. Sarah Coyne e outros (2014) incidem sobre o impacto dos média nos tempos das famílias com adolescentes, mostrando que o tempo dos e nos média constitui uma duração que contribui positivamente para as interações familiares, no que respeita a atividades de entretenimento, conexão emocional, discussão e informação.

Guobin Yang e Rosemary Clark (2015) discutem a presença do tempo histórico nos média sociais, revelando que os primeiros constituem modos de periodização do tempo, com efeitos no modo de perceber a mudança histórica. Alan Albarran e Arrese Angel (2015) contribuem bastante para a compreensão do tempo dos e nos média debruçando-se sobre a forma como a indústria mediática usa as transformações nos usos do tempo dos cidadãos para criar novos serviços. Matthew Jones e Joan Ormrod (2015) analisam a forma como os conteúdos mediáticos versam sobre o tempo e o tornam no objeto específico dos seus produtos. Lorna Jowett, Kevin Lee Robinson e David Simmons (2016) apresentam uma série de análises sobre a forma como as narrativas constituem um objeto privilegiado dos conteúdos mediáticos, ressaltando a ideia de que o tempo é em si um elemento de consumo privilegiado que os média usam para apresentar conteúdos atrativos e com potencial de audiências.

Xiaoqun Zhang e Louisa Ha (2015) defendem que vivemos num contexto de grande abundância mediática, estabelecendo algumas ligações relevantes entre o tempo de

consumo dos média tradicionais e dos novos média e as disponibilidades de tempo oferecidas pelos estatutos sociais. Afirmam, assim, que as pessoas com orçamentos temporais mais apertados (mais tempo de trabalho e menos tempo de lazer) gastam menos tempo com o consumo dos média tradicionais, do que pessoas com orçamentos temporais mais relaxados (mais tempo de lazer e menos tempo de trabalho). Além disso, as pessoas com orçamentos de tempo menos flexíveis alocam mais do seu tempo de consumo de notícias em novos média do que pessoas com orçamentos de tempo mais flexíveis, por causa do baixo “custo do tempo de pesquisa de notícias” .

Anne Kaun (2015) relaciona os regimes de tempo com as práticas de consumo mediático por parte de grupos sociais mais desfavorecidos, demonstrando como os regimes de tempo propiciados pela aceleração técnica nos domínios mediáticos são apropriados de forma assaz eficaz pelos grupos sociais, de forma a veicular a sua presença e descontentamento face à política. Deste ponto de vista, a autora equaciona a relação entre regimes de tempo, média e democracia, propondo que os novos média, favorecendo o aumento de velocidade e aceleração, asseguram a erupção de movimentos afirmativos e de protesto frequentes, com poder de estruturação das respostas políticas. Emily Keightley e John Downey (2017) rebatem a ideia segundo a qual a aceleração técnica implica “aligeirar” todo o processo de produção e disseminação de informação. Segundo os autores, essa aceleração deve ser pensada sob o ponto de vista dos efeitos positivos que tem sobre o consumo de notícias e o acesso mais generalizado à informação.

Kevin G. Barnhurst e Andrew W. Nightingale (2017) consideram que a digitalização está a trazer muitas novidades na forma como se pensa, usa e constrói o tempo, com efeito sobre a prática dos profissionais ligados aos média. Argumentam que o universo digital produz estruturas (aparentemente) estáticas de tempo que oferecem mudanças nos modos de recolher e disseminar informação, em ambientes que não favorecem a quantificação do tempo. Petter Bae Brandtzaeg e Marika Lüders (2018) explicam que o contexto nos média sociais pode atrapalhar o limite de tempo entre passado e presente, o que, por sua vez, pode afetar como os usuários gerem a sua identidade e desempenho nos média sociais. Matt Carlson e Seth C. Lewis (2018) desenvolvem o conceito de reflexividade temporal, propondo que o tempo deve ser objeto de ponderação no trabalho do jornalista principalmente no que respeita à forma como o jornalista lida com o passado, presente e futuro favorecendo mais ou menos a crença e a representação públicas sobre a crise, rutura ou inovação.

Um conjunto vasto de análises tem destacado as mudanças nos ritmos temporais das atividades ligadas à procura e disseminação de informação no que respeita aos regimes de tempo e, em grande parte, decorrentes da transformação tecnológica e digital. Correia (2006) refere-se à sujeição do “velho” jornalismo ao espírito da “nova economia”, marcada pela aceleração e velocidade. Para Deuze e Witschge (2016) o jornalismo está em processo de tornar-se uma profissão pós-industrial, marcada pela extemporaneidade e pelo tempo emergente:

normalmente, a profissão pede por um determinado tipo de compromisso, mas os jornalistas na era digital têm de se comprometer, além de tudo,

porque o seu trabalho é inseguro, o seu salário limitado, a confiança do público precária e o seu tempo de trabalho se estende além do deadline e do cronograma previsto. (Deuze & Witschge, 2016)

Para Pereira e Adghirni (2011), mudanças profundas afetam diferentes aspectos do jornalismo e podem alterar radicalmente a forma como será praticado no futuro (Pereira & Adghirni, 2011). Em geral, os estudos que incidem sobre o tempo e os média são bastante críticos relativamente, por um lado, à forma como os Estados, as organizações e as pessoas estão a lidar com vários focos de aceleração e, por outro, à forma como os média estão a tornar-se numa temporalidade dominante que estrutura os tempos históricos, culturais e quotidianos, definindo novas estruturas de tempo válidas em termos de organização da vida, formulação de expectativas e entendimento político-ideológico. No meio, está a transformação da atividade do jornalista e do jornalismo, altamente decorrente da mobilidade e da aceleração técnica e social. Mas estão também alterações à forma como as instituições, incluindo as políticas e judiciais produzem tempo e lidam com a aceleração dos ritmos sociais e velocidade de circulação de informação.

TEMPO, MÉDIA E POLÍTICA

Vários autores e autoras, como Luis Felipe Miguel (2002) e Sara Pina (2009), demonstram que a mediatização alterou, em grande medida, a forma de fazer política. Pina (2009) afirma que a mediatização da política transformou-a em “telepolítica” (Pina, 2009), o que acarreta quatro consequências: a hiper-personalização (centralidade do/a político/a); a dramatização (factos políticos assemelham-se a episódios narrativos ou novelas, nas palavras da autora); a fragmentação (destaque conferido às dimensões não-verbais, como imagens e voz, em vez do recurso à argumentação racional); e a normalização, isto é, a “standardização e uniformização das mensagens políticas segundo os modelos mediáticos” (Pina, 2009, p. 82).

A proposta de Pina (2009) sugere ainda que os/as políticos/as reconhecem esse poder de agenda e a necessidade de se adaptarem às estratégias e temporalidades mediáticas. Rémy Rieffel (2003) afirma que a mediatização da política transformou os modos de estruturação da política e do político:

enquanto o tempo político se situa no médio ou longo prazo, necessitando de análise e deliberação, devendo favorecer a memorização daquilo que os especialistas chamam “actos políticos pesados” (...) o tempo mediático, pelo contrário, baseia-se no directo, no efémero e na rapidez. (Rieffel, 2003, pp. 27-28)

Os média tradicionais foram obrigados a adaptar-se e, ao mesmo tempo, a incorporar estas novas plataformas digitais que implicam tempos e temporalidades distintas (Cardoso, 2014; Gurevitch et al., 2009; Luengo, 2006; Simões et al., 2011). Apesar desta incorporação transfigurar e proporcionar a erosão das noções de tempo e espaço (Cardoso, 2014), os/as jornalistas continuam a ser fundamentais, como mediadores/

as, assegurando a credibilidade das informações (Cardoso, 2014). William Croteau e David Hoynes revelam como uma série de processos políticos mudaram em resposta aos meios de comunicação, desde a crescente importância da imagem e da personalidade até ao declínio dos partidos políticos. De um modo geral, os autores tendem a frisar que a complexidade das sociedades é muito elevada, sendo que as respostas da política pouco se adaptam à solução que propõem para os problemas reais das populações. Antes de mais, os autores perspetivam a ação política como uma ação centrada em demasia na resposta sobre o imediato, distante da temporalidade legislativa e distante da temporalidade judicial, o que acarreta consequências para a qualidade da democracia participativa (Fidalgo & Oliveira, 2005; B. de S. Santos, 2005; F. Santos, 2009).

Importa ressaltar que a questão do tempo é transversal aos estudos que tratam a narrativa (Herman, 2004; Genette, 1976, 1979/1996; Ricoeur, 1994; Todorov, 1976). Katherine Young (2004) reflete sobre a natureza interativa do *storytelling* cara-a-cara e descreve o fluxo temporal da conversa através de um modelo espacial¹, considerando as narrativas como enclaves no domínio da conversa (Young, 2004). Mais focado sobre a análise do jornalismo na perspetiva narrativa, Robert W. Dardenne (2004) explica que, apesar dos/as jornalistas chamarem aos artigos “histórias”, nem todos seguem uma lógica mais flexível, entenda-se narrativa. Esta ideia é central porque se liga com as mudanças mais globais que marcam a situação do jornalismo no mundo da economia neo-liberal, global e financeira e pelas quais o jornalismo se torna numa atividade sujeita a novos processos de aceleração: dos meios de comunicação; dos conteúdos e dos acontecimentos e das interações e dependências que geram entre os vários atores envolvidos. Helen Fulton e outros afirmam, neste contexto que “as narrativas mediáticas não existem, então, apenas para nos distrair, o consumidor, para nos contar histórias (...) Elas são construídas para apoiar os enormes impérios que dirigem a maioria dos meios de comunicação” (Fulton et al., 2005, p. 4).

No caso concreto dos fenómenos de corrupção envolvendo políticos, torna-se essencial analisar também a associação do tempo da justiça e as suas influências sobre as práticas dos média. O assunto é complexo e vasto, uma vez que se refere ao cruzamento entre vários sistemas, cada um destes autoreferente e autopoietico, se utilizarmos a linguagem de Niklas Luhmann (1999, 2005).

Com efeito, o jornalismo e a justiça são sistemas distintos a dois níveis basilares: a nível temporal e a nível linguístico. São diferenças que acabam por gerar assimetrias e incompatibilidades (Fidalgo & Oliveira, 2005; B. de S. Santos, 2005; F. Santos, 2009). Os tempos imediatos e instantâneos da comunicação opõem-se aos tempos processuais, claramente mais lentos do que os primeiros (B. de S. Santos, 2005).

Mas como estão efetivamente os/as jornalistas a lidar com as diversas tensões que surgem das várias formas de aceleração? Como lidam os/as jornalistas com as agendas e os tempos dos próprios políticos envolvidos em corrupção? De que modo essas formas de aceleração são coincidentes na política e na justiça? Que ideia tem os/as jornalistas

¹ Young (2004) descreve a conversa como um movimento “back and forth” da narrativa, sobre a direção do narrador, mas também com a iniciativa dos outros participantes (Young, 2004, p. 44).

da influência que a aceleração dos tempos mediáticos tem sobre os tempos da justiça? Neste artigo e em seguimento da elaboração teórica que apresentamos, iremos procurar situar a discussão nos discursos produzidos pelos próprios jornalistas acerca das relações entre média, política e justiça e o papel que tem o tempo na construção destas relações e nas suas tipologias.

PESQUISA EMPÍRICA

NOTA METODOLÓGICA

Este artigo baseia-se numa investigação empírica mais vasta sobre a perspetiva dos jornalistas acerca da corrupção dos políticos e as relações com o sistema judicial (Moreira, 2015). Este estudo contemplou a realização de 30 entrevistas a jornalistas portugueses que acompanharam casos em que políticos foram acusados de corrupção. Foram entrevistados jornalistas que trabalham em jornais e em rádios em Portugal. Oito entrevistas foram realizadas por email, devido a indisponibilidade do/a entrevistado/a para realização da entrevista presencial. A maior parte das entrevistas (22) foi realizada de forma presencial. A média de tempo das entrevistas foi de uma hora e cinco minutos. Os locais da entrevista foram sempre escolhidos pelo/a entrevistado/a.

De acordo com a problemática, o guião foi dividido em três dimensões de análise centrais acerca das perspetivas e representações dos/as jornalistas sobre: a corrupção política e as suas implicações para a credibilidade e confiança nas instituições democráticas; os membros, tempos e documentos da Justiça, particularmente articulados com os casos de corrupção; a política e os/as políticos/as portugueses quando deparados com casos de corrupção política.

As entrevistas foram analisadas recorrendo à Análise de Temática de conteúdo (AT), seguindo a proposta de Victoria Clarke e Virginia Braun (2013) que destacam seis fases para a realização da AT: 1) familiarização com os dados empíricos, 2) codificação (analítica), 3) procura de temas (padrões presentes nos dados), 4) revisão dos temas (articulação dos temas com o conteúdo dos dados recolhidos); 5) definição e nomeação final dos temas (implica uma reflexão aprofundada sobre o que significa o tema encontrado e como pode ser explicado dentro do contexto e do objeto de estudo – identificar a “essência”) e 6) a escrita detalhada (narrativa analítica que congrega os temas dos dados recolhidos com a revisão teórica realizada). Tal como mencionado, apenas analisamos neste texto as considerações realizadas pelos jornalistas acerca da relevância do tempo no estabelecimento das relações ente média e justiça e média e política. A análise efetuada permitiu definir dois temas centrais sobre este assunto: a aceleração dos tempos noticiosos e os seus efeitos sobre o trabalho do jornalista perante situações em que há acusações de corrupção e; a relevância da espera na definição das relações entre média e justiça. Nos próximos pontos vamo-nos debruçar sobre estes dois temas.

ANÁLISE EMPÍRICA

A análise de conteúdo às entrevistas focada sobre o olhar e as perspetivas dos jornalistas entrevistados acerca da importância do tempo na relação que estabelecem com o sistema judicial e político confirma grande parte das ideias debatidas e exploradas no enquadramento teórico. Para os jornalistas, a justiça caracteriza-se por tempos lentos, marcados pela demora na divulgação; enquanto os média – designando espaços onde trabalham – são impelidos pela necessidade de responder de forma instantânea às solicitações, particularmente quando se trata de notícias que envolvem detentores de cargo políticos. A totalidade dos jornalistas entrevistados identifica-se com esta divisão de tempos, entre sistema mediático e sistema judicial, assim como com a tendência atual para a produção online da informação e a dificuldade em obter tempos de espera satisfatórios para as pesquisas mais aprofundadas antes de publicar os conteúdos devido, principalmente, à necessidade de diferenciação e procura de inovação de forma instantânea.

O TEMPO EMERGENTE E INSTANTÂNEO

Os jornalistas entrevistados consideram, assim, que, tratando-se de casos de corrupção (na maior parte das vezes apenas presumida), os média reagem de forma, não só emergente, como também “antecipada”, na luta por fazer chegar primeiro as notícias junto dos cidadãos, “em primeira mão”. A forma rápida como circula a informação é responsável, pois, por momentos de disrupção e de controvérsia de tempos, tanto na política – que canaliza atenção e a crítica, fechando-se num tempo liminar de prova; como na justiça – que se vê afetada pela procura de informações e pareceres, parte dos quais saindo do espaço físico das instituições judiciais, para o tempo instantâneo e contínuo da partilha e da apreciação pública, característico do palco mediático.

Sob o olhar dos jornalistas, os média são especialmente produtores de tempos curtos que caracterizam a informação marcada por uma temporalidade que denominam de “tritadora” (E4) que pode ser obtida “mercê das fugas de informação” (E11) e que também pode ser especulativa, desde de que se pretenda antecipar de modo a cobrir os tempos vazios de informação. Por isso, revelam em diversos momentos terem dificuldade ou ser impossível ultrapassar a permanente escassez de tempo, a necessidade de rapidez da informação, de responder ao princípio da novidade, da “quase-obrigação” (E7) de noticiar antes, “primeiro” (E7), em circunstâncias que criam a experiência constante de liquidez, mobilidade e instantaneidade. Os excertos apresentados a seguir demonstram esta ideia:

os média também necessitam de adaptação às novas realidades do mundo, sobretudo ao nível dos processos de trabalho. Os média, grosso modo, tratam superficialmente, parece que existe uma bolha do tempo, com princípio, meio e fim, até que nasce outra polémica e a antiga adormece. *Mea culpa*. (E10)

Porque nós próprios, lá está, pela ânsia de querermos dar as coisas, porque temos essa dinâmica, levamos as pessoas a acreditar que aqueles processos, que aqueles tempos da justiça deviam ser muito mais curtos. (E26)

De todo o modo, os jornalistas entrevistados não consideram haver um tempo homogéneo, típico e único que traduza a qualidade dos tempos que se produzem e reproduzem nos casos de mediatização de fenómenos de corrupção em que os políticos são visados. São os próprios a identificar diversas fases temporais na forma como os média lidam com notícias daquele teor. No seu entendimento, a intensa instantaneidade que marca os momentos de desvelamento dissipa-se à medida que os casos começam a ser tratados em sede judicial, caindo em “tempo morto”, quando a informação “acalma”, e se torna “mais do mesmo” (E15). Quer dizer, a emergência que caracteriza a temporalidade na fase de divulgação dos casos, dá lugar ao silenciamento, em fases seguintes, quando a memória acerca de uma determinada notícia se dissipa.

Os/as jornalistas revelam que o fenómeno da corrupção serve para perceber a dissonância que experimentam no dia-a-dia entre a necessidade de responder ao curto prazo, colocando notícias no espaço público, e o interesse em aprofundar as histórias e revelar mais informação contextual. Apesar de identificarem a dissonância, argumentam que os casos de corrupção, porque envolvem políticos, são altamente favoráveis à aceleração, com algum prejuízo no aprofundamento, por exemplo, de questões relacionadas com os processos, implicações e possíveis penalizações.

Em suma, o tempo enquanto categoria dos discursos dos jornalistas entrevistados aparece associado à necessidade de responder as exigências dos ritmos noticiosos que implicam geração de conteúdos antecipados face ao evento (e à notícia) e que obedecem a lógicas de aceleração na procura e desvelamento de informação que marcam os modelos económicos e organizativos do jornalismo atualmente. Apesar de em algumas entrevistas, o imediatismo e a necessidade de responder de forma instantânea às solicitações serem objeto de crítica, grande parte dos entrevistados consideram-nos inevitáveis e normais no contexto atual:

e estas coisas são muito más porque, muitas vezes, se corre o risco de se fazer um julgamento em praça pública e uma condenação antecipada. Não há uma forma perfeita, portanto, há muitos erros sempre cometidos. Mas... lá está mais uma vez... o papel dos jornais é irem dando a informação de que dispõem tentando que ela seja a mais fidedigna e o mais fiável possível. (E28)

Na globalidade, porém, as entrevistas realizadas dão conta da dessincronia de tempos entre média e justiça que implica percepções negativas por parte dos cidadãos acerca da justeza da atuação judicial sobre os políticos. Ademais, nos discursos dos jornalistas evidencia-se o imperativo da antecipação e da necessidade de “prever” e “andar à frente” das decisões judiciais conhecidas.

O problema é esse: como há tempos diferentes, por um lado, há falta de comunicação, por outro, faz com que se criem equívocos por parte da população relativamente às decisões judiciais. Como é óbvio, eles precisam do tempo deles, e nós do nosso, às vezes não é compatível. Portanto, quando eles estão a investigar, nós estamos a tentar divulgar... nós queremos estar sempre à frente deles, não é? (E27)

Além da centralidade do tempo na atividade diária dos jornalistas que lidam com as notícias sobre corrupção envolvendo políticos, as entrevistas realizadas dão conta de constrangimentos temporais que decorrem das relações que estabelecem com as instituições judiciais e que veiculam tensões entre os tempos dos média e os tempos judiciais. No próximo ponto vamos dedicar-nos um pouco mais a este assunto.

A ESPERA E O TEMPO DA JUSTIÇA

Os jornalistas entrevistados consideram ser difícil gerir a espera em relação a decisões e/ou informações judiciais de carácter contingencial (por exemplo, se há ou não acusação), ou estrutural (relativa ao desfecho dos processos). Nesse sentido, classificam a morosidade dos processos um “pecado” (E6) que, além de moldar negativamente os tempos da notícia, contribui, na sua perceção, para desvalorizar a justiça perante a sociedade, nomeadamente quando estão em causa personalidades políticas pertencentes a grupos sociais privilegiados e/ou elites.

Diversos estudos argumentam que os média e a justiça estariam unidos pelo mesmo princípio de encontrar a verdade (Évora, 2004; Machado & Santos, 2008, 2011; Prior, 2013; B. de S. Santos, 2005; F. Santos, 2009). No entanto, a comunicação entre os dois campos traduz-se numa interação altamente mediada pela geração e resolução dos tempos de retenção e espera. Ainda que seja típico da temporalidade judicial a instituição do tempo de espera e o uso do tempo como meio de verificação e avaliação, na perspetiva dos jornalistas esta espera sinaliza o estabelecimento de fronteiras de poder. A espera de que falam os jornalistas e que demarca o poder dos atores do sistema judicial, face aos jornalistas e aos cidadãos, em geral, abrange diversas situações, mas plasma-se muito concretamente e de modo cronológico: o tempo real de espera pelo contacto da justiça, em casos que são social e mediaticamente espetaculares:

[durante a exposição do caso X] os jornalistas estavam na rua, à chuva, e ao vento, e ao frio. Em novembro. 48 Horas seguidas. Sem haver uma informação a não ser no final, quando uma senhora vem ler um papel. (E17, P13)

Os jornalistas concebem o sistema judicial como uma instituição que totaliza e estandardiza o tempo, por não considerar a diversidade de tempos os média e reagir de modo uniforme e moroso, em situações com grande interesse mediático (e valor-notícia), tal como são os casos que envolvem acusações de corrupção.

Porque eu acho que se os jornalistas tivessem acesso a informação básica, já pré-definida, sobre cada um dos processos, se calhar não iam ter de

andar por portas e travessas e a furar para chegar a informações, porque quando é assim: potencia-se o perigo de passar informações erradas, informações pouco rigorosas ou, então, informações que vão para lá do que seria necessário dar (E4)

Deste ponto de vista, observa-se que os temas analisados estão interligados.

NOTA FINAL: DA RELEVÂNCIA DO TEMPO NAS INTERAÇÕES MÉDIA, JUSTIÇA E POLÍTICA

Em 2005, Joaquim Fidalgo e Madalena Oliveira argumentavam sobre a necessidade de uma maior aproximação entre média, política e justiça. Em 2013, Ana Paula Lourenço escrevia sobre a necessidade de se criarem canais de comunicação entre cada um destes sistemas, sugerindo a inclusão de gabinetes de comunicação junto das instituições judiciais e policiais. Na opinião da autora, facilitariam as relações entre os/as jornalistas e a justiça e diminuiriam as fugas de informação e a quebra do segredo de justiça. Acrescenta que este processo exigiria um grande esforço da justiça (adaptando-se aos padrões temporais mediáticos), mas também da parte dos/as jornalistas, no sentido de serem mais especializados nestas áreas.

Tal como propõe Nicklas Luhmann (1990), o tempo é um elemento central em qualquer sistema, fundamentalmente porque é através do tempo que o sistema se diferencia, desenvolve e estabelece relações comunicativas com outros sistemas. Interessantemente, o autor analisou o sistema mediático e o sistema legal, tendo proposto que não há regras específicas relativas ao modo como o tempo cronológico se cruza com o tempo político do próprio sistema. No entanto, está na natureza dos sistemas o exercício contínuo de antecipação, traduzida pela possibilidade de o sistema exercitar a presença do futuro (o que não aconteceu), no presente (que se torna objeto de relato). Esta perspetiva autorreferencial do tempo apresenta por Luhmann é de grande interesse para entendermos a complementaridade entre os dois temas tratados neste artigo. Com efeito, por um lado, identificamos a preponderância da aceleração e da instantaneidade enquanto características do tempo quotidiano nos média. Com causas situadas nas transformações tecnológicas, digitalização, globalização e expansão exponencial dos média nas sociedades contemporâneas, tal aceleração e velocidade acabam por ser também motivo de investimento na antecipação e na especulação.

Observando as análises acerca do fenómeno da corrupção, conclui-se para a construção da notícia, o/a jornalismo surge confrontado/a com diversos tempos, nomeadamente, o tempo do acontecimento, o tempo da escrita (constrangimentos da rotina de produção), o tempo de espera pela informação e o tempo da divulgação.

Este texto teve como objetivo elucidar sobre a importância do tempo na cobertura jornalística dos fenómenos de corrupção, considerando a necessidade de aprofundar a investigação sobre o modo como o tempo traduz a natureza das relações de poder que se instituem entre os sistemas mediático, judicial e político. Com efeito, verificámos que os média operam num registo de temporalidade ubíqua, conduzindo a que a própria temporalidade da política se altere profundamente, com impacto sobre o funcionamento

dos mecanismos e processos deliberativos. Em paralelo, o tempo da justiça é caracterizado por uma certa valorização da espera e recolhe para si um conjunto de procedimentos que entram frequentemente em descompasso com a urgência dos média. Deste ponto de vista, e como ideia central retemos que os novos regimes de temporalidade das tecnologias e dos novos média propõem desafios efetivos à experiência real da democracia, ao facilitarem a simulação, a encenação e a filtragem de informação, ao mesmo tempo que favorecem a emergência da política e da justiça que acontece, embora de forma distinta, no tempo emergente e instantâneo.

A questão do tempo e as estratégias para lidar com as durações, os intervalos e os compassos de espera são fundamentais, não apenas do ponto de vista da análise, mas também da intervenção. Entende-se, assim, que ao afirmarem a necessidade da justiça comunicar de outra forma com os média, perante fenómenos de elevado impacto, como a corrupção, os jornalistas referem-se ao interesse pela gestão e organização do tempo que medeia os vários processos judiciais, como forma de melhorar o seu desempenho e a qualidade da informação a que as/os cidadãs/cidadãos têm acesso. ✍

REFERÊNCIAS

- Albarran, A. & Reza, A. A. (2015). *Time and media markets*. Nova Iorque: Routledge.
- Appadurai, I. (1996). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Araújo, B. B. de. (2013). *Justiça, media e espaço público: a cobertura jornalística do julgamento do mensalão em Veja e Época*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Retirado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23648?mode=full>
- Araújo, B. (2011). A narrativa jornalística e a construção do real. Biblioteca On-Line de Ciências Da Comunicação (BOCC). Retirado de <http://bocc.unisinos.br/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>
- Barnhurst, K. G. & Nightingale, A. W. (2017). Time, realism, news. *Journalism*, 19(1), 7-20.
- Boda, Z., & Szabó, G. (2011). The media and attitudes towards crime and the justice system: a qualitative approach. *European Journal of Criminology*, 8(4), 329-342.
- Brandtzaeg, P. B. & Lüders, M. (2018). Time collapse in social media: extending the context collapse. *Social Media + Society*, 4(1). <https://doi.org/10.1177/2056305118763349>
- Burchell, K. (2014). Tasking the everyday: where mobile and online communication take time. *Mobile Media & Communication*, 3(1), 36-52.
- Cardoso, G. (2014). *Os media na sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carlson, M. & Lewis, S. C. (2018). Temporal reflexivity in journalism studies: making sense of change in a more timely fashion. *Journalism*, 20(5), 642-650.
- Clarke, D. (1995). Space, time, and media theory: an illustration from the television-advertising nexus. *Environment and Planning D: Society and Space*, 13(5), 557-572.

- Clarke, V. & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *The Psychologist*, 26(2), 120-123.
- Coyne, S. M., Padilla-Walker, L. M., Fraser, A. M., Fellows, K. & Day, R. D. (2014). “Media time = family time”: positive media use in families with adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 29(5), 663-688.
- Croteau, D. & Hoynes, W. (2001). *The business of media: corporate media and the public interest*. California: Pine Forge Press.
- Dardenne, R. (2004). Journalism. In D. Herman, M. Jahn & M-L. Ryan (Eds.), *Routledge encyclopedia of narrative theory* (pp. 267-269). Nova Iorque: Routledge.
- Deuse, M. & Witschge, T. (2016). O que o jornalismo está se tornando. *Parágrafo*, 4(2), 6-21. Retirado de <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br>
- Dunn, A. (2005). Radio news and interviews. In H. Fulton, R. Huisman, J. Murphet & A. Dunn (Eds.), *Narrative and media* (pp. 203-217). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Évora, S. L. (2004). O segredo de justiça e a investigação jornalística: a problemática dos direitos fundamentais na democracia portuguesa. Bocc - Biblioteca On-Line de Ciências Da Comunicação. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-segredo-de-justica.pdf>
- Ferin, I. (2015). Da ‘democratização’ da Europa: democracia, media e corrupção política. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 38(1), 37-63. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0037.pdf>
- Ferin, I. (2017). Democracia e corrupção política mediatizadas. In A. Moreira, E. Araújo, & H. Sousa (Eds.), *Comunicação e política: tempos, contextos e desafios* (pp. 65-90). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho (CECS).
- Fidalgo, J. & Oliveira, M. (2005). Da justiça dos tribunais à barra da opinião pública: as relações entre a Justiça e a Comunicação Social. Braga: Universidade do Minho. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/7438>
- Figueiras, R. (2015). Anatomia do comentário: corrupção, noticiários e destinatários. *Media & Jornalismo - Corrupção política, media e democracia*, 14(26), 111-132.
- Fulton, H. (2005). Print news as narrative. In H. Fulton, R. Huisman, J. Murphet & A. Dunn (Eds.), *Narrative and media* (pp. 218-244). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Fulton, H., Huisman, R., Murphet, J. & Dunn, A. (Eds.) (2005). *Narrative and media*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Genette, G. (1976). Fronteiras da narrativa. In R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, U. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, G. Genette, *Análise estrutural da narrativa* (pp. 255-274). Petrópolis: Vozes.
- Genette, G. (1979/1996). *Discursos da narrativa*. Lisboa: Veja Universidade.
- Giglioli, P. P. (1996). Political corruption and the media: the tangentopoli affair. *International Social Science Journal*, 48, 381-394.
- Greer, C. (2009). *Crime and media: a reader*. Londres: Routledge.
- Guibentif, P., Vanda, G. & Cheta, R. (2002). *Comunicação social e representações do crime*. Cadernos do CEJ. Lisboa: Cadernos do CEJ.

- Gurevitch, M., Coleman, S. & Blumler, J. G. (2009). Political communication – old and new media relationships. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 625, 164-181.
- Herman, D. (2004). Toward a transmedia narrative. In M. L. Ryan (Ed.), *Narrative across media: the languages of storytelling* (pp. 47-75). Londres: University of Nebraska Press.
- Jewkes, Y. (2004). The construction of crime news. *Media and crime* (pp. 35-62). Retirado de https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/9600_019968cho2.pdf
- Lourenço, A. P. (2013). Justiça e Comunicação Social: entre a tensão e a tentação recíprocas. *Jurismat*, 2, 217-254.
- Jones, M. & Ormrod, J. (Eds.) (2015). *Time travel in popular media: essays on film, television, literature and video games*. Jefferson: McFarland & Company.
- Jowett, L., Simmons, D. & Robinson, K. L., (Eds.) (2016). *Time on television: narrative time, time travel and time travellers in popular television culture*. Londres: I.B.Tauris & Co Ltd.
- Karstedt, S. (2002). Emotions and criminal justice. *Theoretical Criminology*, 6. Retirado de <http://tcr.sagepub.com/content/6/3/299.short>
- Kaun, A. (2014). Facebook time: technological and institutional affordances for media memories. *New Media & Society*, 16, 1154-1168.
- Kaun, A. (2015). Regimes of time: media practices of the dispossessed. *Time & Society*, 24, 221-243.
- Keightley, E. (Ed.) (2012). *Time, media and modernity*. Reino Unido: Palgrave Macmillan.
- Keightley, E. & Downey, J. (2017). The intermediate time of news consumption. *Journalism*, 19, 93-110.
- Leandro, L. F. (2012). *Crime, disse ela!: contributos para o estudo da noticiabilidade do crime ...ou como nasce uma jornalista de justiça*. Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Brasil. Retirado de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2923/1/DM_10179.pdf
- Lourenço, A. P. (2013). Justiça e comunicação social: entre a tensão e a tentação recíprocas. *Jurismat*, 2, 217-254.
- Luengo, Ó. G. (2006). E-activism: new media and political participation in europe. *CONfines*, 59-71. Retirado de <http://www.scielo.org.mx/pdf/confines/v2n4/v2n4a4.pdf>
- Luhmann, N. (1990). *Sociedad y sistema. La ambición de la teoría*. Universidade Autònoma de Marbelona: Paidós.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. Paulus: S. Paulo.
- Machado, H. & Santos, F. (2008). *Crime, drama e entretenimento. O caso Maddie e a meta-justiça popular na imprensa portuguesa*. Coimbra. Retirado de <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/310.pdf>
- Machado, H. & Santos, F. (2009). A moral da justiça e a moral dos media: julgamentos mediáticos e dramas públicos. *Oficina Do CES*, 333. Retirado de <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=ntitle:A+moral+da+justiça+e+a+moral+dos+media:+julgamentos+mediáticos+e+dramas+públicos#0>
- Machado, H. & Santos, F. (2010). *Justiça, ambientes mediáticos e ordem social*. Famalicão: Húmus.
- Machado, H. & Santos, F. (2011a). Justiça, média e cidadania. In H. Machado & F. Santos, *Direito, justiça e média. Tópicos de Sociologia* (pp. 133-166). Porto: Afrontamento.

- Machado, H. & Santos, F. (2011b). *Direito, justiça e média. tópicos de sociologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Maia, A. J. & Borges, H. (2014). Prevenir e reprimir a corrupção em Portugal – evolução do quadro legal. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp.109-180). Lisboa: Aletheia Editores
- Miguel, L. F. (2002). Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova*. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/ao7n5556.pdf>
- Moreira, A. (2015). “Dou uma entrevista em legítima defesa”: da prisão para os ecrãs. *Comunicação, Cultura e Mídia Sociais. XIV Congresso Internacional de Comunicação Ibercom*. Universidade de São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (ECA).
- Moshe, M. (2011). Media time squeezing: the privatization of the media time sphere. *Television New Media*, 13, 68-88.
- Paixão, B. (2014). A objetividade na cobertura do escândalo político e os novos propósitos de uma subjetividade objetivante. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp. 459-492). Lisboa: Aletheia Editores.
- Paixão, B. (2017). O que nos dizem os média sobre os escândalos políticos – notas sobre a duração e o tempo. In A. Moreira, E. Araújo, & H. Sousa (Eds.), *Comunicação e política: tempos, contextos e desafios* (pp. 45-64). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho
- Pina, S. (2009). *Media e leis penais*. Lisboa: Almedina.
- Pereira, F. H. & Adghirni, Z. L. (2011). O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, 1(24), 38-57.
- Prior, H. (2013). A comunicação social e o discurso judiciário. *Derecom*, 14, 118-130.
- Prior, H., Guazina, L. & Araújo, B. (2015). Corrupção e escândalo político: o enquadramento dos escândalos Face Oculta e Mensalão na imprensa portuguesa e brasileira. *Media & Jornalismo*, 14(26), 167-185. http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_26_10
- Reisinger, D. S. (2007). *Crime and media in contemporary France*. EUA: Purdue University Press.
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos media*. Porto: Porto Editora.
- Robinson, J. P., Barth, K. & Kohut, A. (1997). Social impact research: personal computers, mass media, and use of time. *Social Science Computer Review*, 15, 65-82.
- Rosenberg, H. & Feldman, C. (2008). *No time to think: the menace of media speed and the 24-hour news cycle*. Continuum.
- Santos, B. de S. (2005). Os tribunais e as novas tecnologias de comunicação e de informação. *Sociologias*, 7, 82-109. Retirado de [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Tribunais%20e%20novas%20tecnologias_Sociologias_2005\(1\).pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Tribunais%20e%20novas%20tecnologias_Sociologias_2005(1).pdf)
- Santos, F. (2009). *Jornalistas e magistrados: perspectivas cruzadas nas relações entre media e justiça*. Tese de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais e Humanidade, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Serrano, E. (2014). A corrupção política vista através das redes sociais: metodologias para o estudo de conteúdos web. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp. 493-522). Lisboa: Aletheia Editores.

- Simões, M., Barriga, A. & Jerónimo, N. (2011). Brave new world? Political participation and new media. *SOTICS 2011: The First International Conference on Social Eco-Informatics* (pp. 55-60). Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/21154>
- Sousa, L. de. (2011). *Corrupção*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sousa, L. & Triães, J. (2007). Corrupção e ética em democracia: o caso de Portugal. *OberCom - Investigação E Saber Em Comunicação*. Retirado de <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Corrupção+e+Ética+em+Democracia+:+O+Caso+de+Portugal#o>
- Todorov, T. (1976). As categorias da narrativa literária. In R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, U. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, G. Genette, *Análise estrutural da narrativa* (pp. 209-254). Petrópolis: Vozes.
- Yang, G. & Clark, R. (2015). Social media and time. *Social Media + Society*, 1(1), 1-2.
- Young, K. (2004). Frame and boundary in the phenomenology of narrative. In M. L. Ryan (Ed.), *Narrative across media: the languages of storytelling* (pp. 77-107). Londres: University of Nebraska Press.
- Zhang, X. & Ha, L. (2015). Time budget, news search time cost, and news media choice. *Time & Society*, 24, 201-220.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Beatriz Moreira, licenciada e mestre em Sociologia, é candidata ao doutoramento em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, Portugal. A sua tese discute as narrativas mediáticas sobre a corrupção política em Portugal e este trabalho é apoiado e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Os seus interesses de investigação têm sido focados nos meios de comunicação, na política, na justiça, no poder e na corrupção política. Esteve na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) e na Universidade de São Paulo (Brasil), enquanto investigadora visitante.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2125-8022>

Email: abgmoreira@gmail.com

Morada: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Emília Rodrigues Araújo é Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Tem participado em diversos projetos de investigação nas temáticas do tempo, cultura e mobilidades na ciência e na investigação. Participa em várias associações científicas, tendo diversas publicações nacionais e internacionais sobre as temáticas mencionadas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: emiliararaujo@gmail.com

Morada: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Helena Sousa é Professora Catedrática de Ciências da comunicação. Ela foi presidente e vice-presidente (2004-2014) da seção de economia política da IAMCR e vice-presidente do Conselho Científico da Fundação Nacional de ciência (FCT) para ciências sociais e Humanidades. Atualmente é editora do *European Journal of Communication*, membro do Conselho Internacional da IAMCR e membro do grupo de investigação EuroMedia. Foi responsável e participou em vários projetos de investigação nacionais e internacionais e tem uma vasta experiência na orientação de doutoramentos (15 doutorados) e pós-doutoramentos (seis concluídos). É membro do Conselho de administração do do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e perita independente na área da comunicação social no Conselho da Europa.

ORCID: orcid.org/0000-0002-8101-0010

Email: helena@ics.uminho.pt

Morada: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

* **Submetido: 10/9/2018**

* **Aceite: 25/05/2019**

CORRUPTION AND THE MEDIA – A JOURNALISTS’ LOOK ABOUT THE RELEVANCE OF TIME

Ana Moreira, Emília Araújo & Helena Sousa

ABSTRACT

The relations between the media, politics, the legal system and the phenomenon of corruption are complex and gives rise to various types of time and temporality. In empirical terms, this text addresses a study conducted with journalists who have followed cases of corruption involving politicians. The importance of time in the constitution of relations between media, politics and the legal system is discussed. The analysis highlights some of the main characteristics of the time in the media labour. Additionally, it debates the way in which time configures the relations of power that are established between the different systems and actors.

KEYWORDS

Political corruption; justice; media; politics; time

A CORRUPÇÃO E OS MÉDIA – UM OLHAR DOS JORNALISTAS SOBRE A RELEVÂNCIA DO TEMPO

RESUMO

As relações entre os média, a política, o sistema judicial e o fenómeno da corrupção são complexas e inscrevem-se em vários tipos de tempo e de temporalidade. Neste texto, a partir de um estudo empírico qualitativo conduzido junto de jornalistas que fizeram acompanhamento de casos de corrupção envolvendo políticos, discute-se a importância do tempo na constituição das relações entre média, política e o sistema judicial. A análise permite destacar, por um lado, algumas das principais características do tempo no trabalho mediático, e, por outro, a forma como o tempo configura as relações de poder que se estabelecem entre os diversos sistemas e atores.

PALAVRAS-CHAVE

Corrupção política; justiça; média; política; tempo

INTRODUCTION

This paper focuses on the relevance of time and temporality by analyzing the way in which the media convey the phenomena of corruption involving accusations against politicians. It is intended to demonstrate that time mediates the relationship between journalists, politicians and judicial entities, giving to know more about the interdependencies between the media, political and the judicial system.

There are several cases of corruption involving politicians. Some of them are proven. Others are only object of suspicion. Corruption involves actions with negative effects for democratic systems. It paves the way for the decrease of citizens trust in politics. Although corruption occupies prominent space in regulation (from economics to politics), democratic countries are still marked by successive scandals that directly or indirectly involve people performing political roles (Paixão, 2014, 2017). The succession of these cases and the magnitude of their effects are some motives to classify the phenomenon as a “social pathology” (Ferin, 2017). Besides institutional disbelieving, it promotes the potential normalization of unlawfulness and unethical behaviors.

This text aims to explore the relevance of time in the establishment of mediations between justice, politics and media. In this sense, the corruption phenomenon is used in as heuristic way. That is, to demonstrate the main temporal dimensions for the constitution of the mediatic phenomena that imply journalists, politicians and people working in judicial system. It is not, therefore, the purpose of this article to deepen the problem of corruption involving politicians, but to give an account of journalists' perceptions of the importance of time and temporality in the definition of the relations they establish and can establish with both politicians and judicial actors.

As we shall see below, the problematization of time and temporality in media is still scarce today. The same happens concerning the relations between media, politics and justice. We will mobilize existing approaches about the acceleration and speed in post-modern societies in order to better understand these relationships. We will highlight the need that media, justice and politics have to provide ways to strengthen their qualification in issues of time and temporality, contributing to the improvement of communicative action in democracy.

In empirical terms, the text is based on the analysis of content made to interviews with journalists who did publications concerning news related to cases of corruption in Portugal. It is structured in four main points. First, there is a problematization about the corruption issue in the media. The next point refers to the main theoretical approaches dealing with media, time, politics and law. The third point describes the methodology followed in the study. In the last point, we present some final notes, as well as the contributions to understand the relevance of time in the constitution of the media-politics-justice relationships.

THEORETICAL FRAMEWORK

CORRUPTION AND MEDIA

Isabel Ferin and Estrela Serrano (2014), analyze the corruption enacted by politicians. They argue that it must be perceived “as the abuse of power for its own benefit of democratically elected political agents – a situation that may occur during or after the exercise of public functions” (Ferin & Serrano, 2014, p. 8). Corruption is a phenomenon that links to power relations (Sousa, 2011). It is made explicit by the existence of a pact. In Luís de Sousa's view, corruption involves a context, actors, ethical predisposition to violate the law or act dishonestly, resources and power, strategic trust and exchange processes.

For the purpose of this text – the analysis of the relevance of time in the way the media deal with cases of corruption, highlighting the main temporal relations between media, justice and politics – it is important to clarify some ideas about the relationship between media, justice and politics in face of corruption situations, in order to understand why it is a phenomenon that is favorable to time overlapping and conflicts.

We can say that the way in which corruption becomes the object of the work of the media is a matter of great controversy. On one hand, there is a wide range of legal criteria that needs to be gathered for the judgement to take place. On the other, corruption is a phenomenon that assures scandal and revenues for media industry. Being or not judicially proved, any case involving the accusation of politicians is likely to quickly become a rhizomatic temporal phenomenon in which multiple actors and institutions will participate in redesigning new connections that shift times, spaces, and powers. Pier Paolo Giglioli (1996) argues that the media show different positionings concerning corruption phenomena involving politicians: they can find out the case, make it public, known, or favor the social construction of the scandal. According to this author, media are the main source of public information about corruption. Therefore, the attention and the way they conceive and convey the contents are fundamental, even in democracies (Giglioli, 1996) to understand the quality of institutions and of democratic processes, transparency and ethics. Luís de Sousa considers that media are an “integral part of the anti-corruption infrastructure” (Sousa, 2011, p. 72), but since corruption has a high news value, it becomes subject to relations of power which are established between media, justice and politics, and which are “reciprocally instrumental, oscillating between collaboration and conflict” (Sousa, 2011, p. 72) and highly mediated by the struggles for control and domination over time – of processes and information.

Ferin (2014) argues that the media coverage has undergone great technological, economic, financial and social changes that have led to alterations in the way politics is enacted (Ferin, 2014, p. 373). Affirming that corruption is a kind of subject in which the media has power of selection and construction, the author analyzes the case BPN, Freeport and Face Oculta, as well as of the elections affirming that the media coverage is a “controversial subject” that involved accusations between politicians, journalists, other people working in justice fields; information leaks (of confidential elements); transcriptions of wiretapping; and (all of this gave rise to) criminal investigations of journalists and media (Ferin, 2014). Ferin (2014) considers that there is great vulnerability to corruption, as this is a phenomenon that normally follows each other in cascade, that is, “when the coverage of one case decreases in intensity, another case replaces it and reaching greater intensity” (Ferin, 2014, p. 398).

As far as television is concerned, the authors consider that the channels dedicate disparate times for each piece (more time in TVI and less time in RTP1), as frameworks are preferentially episodes (Ferin, 2014, p. 404), centered on an “*issue*”, which may be a fact, a political actor or a scenario. In turn, Paixão (2014) advances that that corruption news comprises some of infotainment features with “allusion to the preparation of the conference, the emotional character, the clothes, the props and the hairstyle, the

observations of the lawyer” (Paixão, 2014, p. 486). In the opinion of the journalists interviewed by this author, the spectacle-scandal guarantees success in the audiences producing great liminality and suspension.

Prior and others (2015) analyze and compare the cases *Face Oculta* (Portugal) and *Mensalão* (Brazil), giving importance to temporality. They analyze how this is inscribed in the narrative of other characters, while making them appear and disappear according to the intended impact:

temporality is thus linked to the capacity of organizing the fragmented events of previous editions and to tell a more complex “story”. The “when” and the “how” are converted into verbal frames establishing the narrative of the scandal, specifically because they allow the reader to situate him/herself in the time of events, to help the journalist/narrator organize the enunciative time and, therefore, the journalistic discourse itself. (Prior et al., 2015)

A bulk of national and international works analyze the mediatization of justice (Boda & Szabó, 2011; Greer, 2009; Guibentif et al., 2002; Jewkes, 2004; Lourenço, 2013; Machado & Santos, 2008, 2009, 2010, 2011a; Machado, 2008). The studies assert that it holds high news-value (Araújo, 2013; Boda & Szabó, 2011; Greer, 2009; Jewkes, 2004; Karstedt, 2002; Leandro, 2012; Machado & Santos, 2008, 2011b; Newburn, 2007; Peelo, 2005; Reisinger, 2007).

Jewkes (2004) names twelve parameters to analyse the concept of news-value. Some of them refer to time: threshold character, predictability, simplification, individualism, risk, sex, celebrity or high social status, proximity, violence, spectacularism or graphic images, children and conservative ideology and/or political entertainment.

Reisinger (2007) concludes that crime news has fueled public’s fascination for violence. With the emergence of the popular press in the UK, police reports have proved to be prime sources of news of sensationalist potential. In France, the three main channels (TF1, France 2 and France 3) devote twice of the time to these topics, when compared to economic and social issues. They also devote much more time to them, when compared to the time used to explore political issues – the exceptions are the electoral campaigns. In Spain, crime appears frequently in media and the references to it have almost doubled, while statistics on real crime have declined or stabilized. The Portuguese case also follows that trend (Pina, 2009).

Society has developed an “voracious appetite for diversion and narratives about control” and is increasingly “starving” (Greer, 2009) for crime-related contents. This may explain the persistent and continuous media interest in judicial matters (Araújo, 2013). Araújo (2013) shows the pertinence of “three characteristics transversal to the media narratives on crime, both in the investigation phase and in the resolution of the litigation, that is, the trial: serialization, personification and commodification” (Araújo, 2013, p. 18).

Surette (2011) argues that media judgment is mirrored in the ways crimes are developed and advertised as entertainment stories. Therefore, they are linked to the modes in which events and information circulate and are recycled. The same author shows the

importance in perceiving the way the media are divided into type (print, visual, audio and new media) and content (entertainment, advertising, news and infotainment). In media judgments, media themselves feed almost instantaneously direct and individualized explanations for crime, such as lust, envy, immorality, greed, revenge, and insanity (Surette, 2011). From this point of view, media are subjected to temporality and times that characterize each historical moment. But they are also mobilizing agents and producers of temporalities, acting for the construction of corresponding times (compared to other instances, including the importance of the contents and of what can happen and the instantaneity (the need to generate contents about the cases, continuously and for a certain period of time). To a large extent, this mobilization towards anticipation and projection is due to the enormous changes that have permeated the communication fields, due to the development of technoscientific and digitisation.

THE TIME AND THE MEDIA

Although time has been addressed in several publications, authors tend to clarify what we might call *temporal turn*, that is, the concern with the relevance and salience of time and temporality in the analysis of media phenomena in informational capitalism.

David Clarke (1995), in an alignment that approaches the thinking of authors such as Richard Sennet (2006) or Ijurn Appadurai (1996), considers that it is vital to include space and time in the study of media phenomena, in particular by looking at how media shapes time use patterns. John Robinson, Kevin Barth and Andrew Kohut (1997) analyze the effects of computer on the uses of time. In their view, the computer has been more effective than television in reconfiguring citizens' daily behavior. Howard Rosenberg and Charles Feldman (2008) speak of the "velocity errors" in the media. These, driven by the increasingly rapid logics of content dissemination, obstructs the production of truth, and fuels the circulation of speculation, triggering cultural and political consequences, affecting the time of the relations between citizens and their representatives.

Mira Moshe (2011) analyzes the "temporal configuration of the media", exploring how they privatize time, namely by controlling the schedules as well as the time flow settings. In Emily Keightley's book (2012) time and its visceral but fluid relationship with the media emerges as a central, yet invisible and systemic dimension. Eric Lee (2014) proposes a semantic analysis of media meanderings with the inclusion of time and temporality analysis in the construction of interactive systems. Kenzie Burchell (2014) focuses on everyday interactions, highlighting how information and communication technologies model temporalities in interpersonal relationships as well as the configurations of the activities. Anne Kaun (2014) explores time on social networks, giving relevance to Facebook, arguing that these are platforms for structuring social time, including processes of memorization. Sarah Coyne and others (2014) focus on the impact of the media on the times of families with adolescents, showing that media time is a kind of duration that contributes positively for family interactions in entertainment activities, emotional connection, discussion, information and documentation.

Guobin Yang and Rosemary Clark (2015) discuss the presence of historical time in social media, revealing that the former establishes modes of periodization of time, with effects on the way of historical change is perceived. Alan Albarran and Arrese Angel (2015) contribute significantly to the understanding of media time by looking at how the media industry uses citizens' time uses to create new services. Matthew Jones and Joan Ormrod (2015) analyze how media content deals with time and makes it the specific object of its products. Lorna Jowett, Kevin Lee Robinson, and David Simmons (2016) present a series of analyzes on how narratives are a powerful object of media content. They argue that time is itself a prime consumer element that media uses in order to attract audiences attention.

Xiaoqun Zhang and Louisa Ha (2015) argue that we live in a context of great media abundance. They argue that people with more tight budgets (longer working hours and less leisure time) spend less time using traditional media means than people with more stress-free time budgets (more leisure time and less working time). In addition, people with less flexible time budgets allocate more time to new media, than people with more flexible time budgets.

Anne Kaun (2015) relates the time regimes with practices of media consumption analyzing more disadvantaged social groups. She demonstrates that time regimes that profit of technical acceleration are successfully appropriated by the social groups. The author questions the relationship between time regimes, media and democracy, proposing that the new media, favoring the increase of speed and acceleration, may lead to the eruption of frequent affirmative and protest movements. Emily Keightley and John Downey (2017) echo the idea that technical acceleration implies "lightening" the whole process of producing and disseminating information. According to the authors, this acceleration must be thought from the point of view of the positive effects it has on the consumption of news and the more generalized access to information.

Kevin G. Barnhurst and Andrew W. Nightingale (2017) consider that digitization is bringing a great deal of newness in the way one thinks, uses and constructs time, with effect on the practice of media professionals. They argue that the digital worlds produce (apparently) static structures of time which impacts on the process of collecting and disseminating information. Petter Bae Brandtzaeg and Marika Lüders (2018) explain that context in social media can disrupt the time gap between past and present, which, in turn, can affect how users manage their identity and performance in social media. Matt Carlson and Seth C. Lewis (2018) develop the concept of temporal reflexivity, proposing that time should be considered in the work of the journalists, especially as regards the way they deal with the past, present and future, favoring more or less public belief and representation about crisis, rupture or innovation.

A vast set of analyzes has highlighted the changes in the temporal rhythms of the activities related to information collection and dissemination, due to technological and digital transformation. Correia (2006) refers to the subordination of "old" journalism to the spirit of the "new economy", marked by acceleration and speed. For Deuze and Witschge (2016) journalism is in the process of becoming a post-industrial profession, characterized by extemporaneity and emergent time:

typically, the profession requires a certain type of compromise, but journalists in the digital age must commit themselves, above all, because their work is insecure, their salary is limited, public trust on them is precarious and their work extends beyond the deadline or the planned schedule. (Deuze & Witschge, 2016)

Pereira and Adghirni (2011) say that deep changes are shaping different aspects of journalism and may radically alter the way it will be practiced in the future (Pereira & Adghirni, 2011). In general, studies focusing on media and time are rather critical concerning two aspects: i) how states, organizations and people are dealing with the various accelerative trends; ii) how media are becoming a dominant temporality that structures historical, cultural and everyday times, defining new valid structures of time in terms of the organization of life, expectations and political-ideological understandings. In the middle there is the transformation of the activity of the journalist and of journalism, which is highly due to mobility and technical and social acceleration. But there are also changes concerning how institutions, including political and judicial institutions, produce time and deal with social rhythms acceleration, as well as with the speed of information circulation.

TIME, MEDIA AND POLITICS

Several authors, such as Luis Felipe Miguel (2002) and Sara Pina (2009), demonstrate that mediation has altered, to a great extent, the way of doing politics. Pina (2009) states that the mediatization of politics has transformed it into a “tele politics” (Pina, 2009), which has four consequences: hyper-personalization (centrality of the politician); the dramatization (political facts resemble narrative episodes or novels, in the author’s words); fragmentation (emphasis given to non-verbal dimensions, such as images and voice, instead of using rational argumentation); and standardization, that is, the “standardization and standardization of political messages according to the media models” (Pina, 2009, p. 82).

Pina’s (2009) proposal also suggests that politicians recognize this agenda and the need to adapt to media strategies and temporalities. Rémy Rieffel (2003) states that the mediatization of politics has transformed the modes of structuring politics and politics:

while political time is in the medium or long term, requiring analysis and deliberation, and should favor the memorization of what experts call “heavy political acts” (...) media time, on the contrary, is based on the direct, the ephemeral and speed. (Rieffel, 2003, pp. 27-28)

Traditional media have been forced to adapt and, at the same time, to incorporate these new digital platforms that imply different times and temporalities (Cardoso, 2014; Gurevitch et al., 2009; Luogo et al. 2011). Despite this incorporation transfigure and provide erosion of notions of time and space (Cardoso, 2014), journalists continue to be pivotal as mediators, ensuring the credibility of the information (Cardoso, 2014). William

Croteau and David Hoynes reveal how a series of political processes have changed in response to the media, from the growing importance of the image and personality to the decline of political parties. In general, the authors tend to point out that the complexity of societies is so high today that policy responses are weakly adapted to the solution they propose to deal with the real problems of populations. First and foremost, the authors see political action as an over-centered action on the immediate response, far from legislative temporality and far from judicial temporality, which has consequences for the quality of participatory democracy (B. de S. Santos, 2005).

It is important to emphasize that the question of time is transversal to the studies that deal with narrative (Herman, 2004, Genette, 1976, 1979/1996, Ricoeur, 1994, Todorov, 1976). Katherine Young (2004) reflects on the interactive nature of face-to-face *storytelling* and describes the temporal flow of conversation through a spatial model¹, considering narratives as enclaves in the field of conversation (Young, 2004). More focused on the analysis of journalism from a narrative perspective, Robert W. Dardenne (2004) explains that although journalists call the articles “stories” they do not follow a narrative structure. This idea is central because it links to the more global changes that characterize journalism today, in a neo-liberal, global economy. A world in journalism becomes an activity subjected to new processes of acceleration. Helen Fulton and others claim in this context that media narratives do not exist, then, simply for entertaining the consumer, to tell stories. They say that they are manufactured in order to support the giant empires that run most of the media outlets (Fulton et al. 2005, p.4).

In the concrete case of corruption phenomena involving politicians, it is essential to also analyze how time of justice influences media. The subject is complex and vast, since it refers to the interdependencies between several systems, each one of these self-referential, if we use the language of Niklas Luhmann (1990, 2005).

Indeed, journalism and justice are different systems at two basic levels: temporal and linguistic levels. These basic differences end up generating asymmetries and incompatibilities (Fidalgo & Oliveira, 2005; B. de S. Santos, 2005; F. Santos, 2009). The immediate and instantaneous times of communication are opposed to procedural times, clearly slower than the first (B. de S. Santos, 2005). An erudite, impersonal, objective, and impartial language of justice differs from the “direct and accessible language of the mass media” (B. de S. Santos, 2005).

But how are journalists effectively dealing with the various tensions that arise from various forms of acceleration? How do journalists deal with the agendas and times of the politicians themselves involved in corruption? How do these forms of acceleration coincide in politics and justice? What idea do journalists have of the influence that the acceleration of media times has on the times of justice? In this article we will try to debate the discourses produced by the journalists themselves about the relations between media, politics and justice and the role that time has in the construction of these relations and in their typologies.

¹ Young (2004) describes the conversation as a “back and forth” movement of the narrative, about the narrator’s direction, but also with the initiative of the other participants (Young, 2004, p. 44).

EMPIRICAL RESEARCH

METHODOLOGICAL NOTE

This article is based on a broader empirical investigation of journalists' perspectives on politician corruption and on relations with the judicial system (Moreira, 2015). This study included 30 interviews with journalists that we identified for their news work in cases of corruption. Journalists working in newspapers, television and radio stations in Portugal were interviewed. Eight interviews were conducted by e-mail, due to the interviewee's unavailability to perform the face-to-face interview. Most of the interviews (22) were carried out in person. The average interview time was one hour and five minutes. The interview sites were always chosen by the interviewee.

According to the theoretical framework, the guide was divided into three central dimensions of analysis about the perspectives and representations of journalists on: political corruption and its implications for credibility and trust in democratic institutions; the members, times and documents of the Justice, particularly articulated with the cases of corruption; the political and the Portuguese politicians when faced with cases of political corruption.

The interviews were analyzed using the Thematic Analysis (TA), following the proposal of Victoria Clarke and Virginia Braun (2013) that highlight six phases for the accomplishment of TA: 1) familiarization with empirical data, 2) coding (analytical), 3) search for themes (patterns present in the data), 4) review of the themes (articulation of the themes with the content of the collected data), 5) definition and final naming of themes (it implies an in-depth reflection on what the theme found and how it can be explained within the context and object of study – identify the “essence”) and 6) the detailed writing (analytical narrative that brings together the themes of the data collected with the theoretical revision carried out).

As mentioned, we only analyze in this text the remarks made by journalists about the relevance of time in the establishment of relations between the media and justice and media and politics. The analysis made it possible to define two central themes: the acceleration of news periods and their effects on the journalist's work in situations where there are allegations of corruption; the relevance of waiting in the definition of relations between average and justice. In the next few points we are going to analyse these two themes.

EMPIRICAL ANALYSIS

The analysis of content to interviews confirms much of the ideas debated and explored in the theoretical framework. For journalists, justice is characterized as slow, and marked by the delay; while the media – designating spaces where they work – are driven by the need to respond to requests instantaneously, particularly when it comes to news involving politicians. The entire group of interviewed journalists agree with this time division, between the media system and the judicial system, as well as with the current trend towards online information production and the difficulty in obtaining appropriate waiting times for further research before publishing uncertain contents.

THE EMERGING AND INSTANTANEOUS TIME

The journalists who were interviewed consider that, when facing cases of corruption (often only presumed), the media respond in an emergent and “anticipated” way, they struggle to get the news in “firsthand”. The rapid way in which information circulates is responsible, therefore, for moments of disruption and controversy over time. This happens both in politics – which channels attention and criticism, getting enclosed in a time of proof; as in justice – which is affected by the search for information and opinions, some of which jumping from the physical space of judicial institutions, to the instantaneous and continuous time of the public judgement, which is typical of the media stage.

In the eyes of journalists, the media are especially short-time producers. They characterize the information marked by a temporality they call a “crusher” (I4) that can be obtained “through information leaks” (I11) and that can also be speculative. Therefore, they often reveal that it is difficult or impossible to overcome the permanent shortage of time, the need for speeding up information, to respond to the expectation of novelty, quasi-obligation (I7), that is, to first report “first” (I7). That is, in circumstances that create the continuous experience of liquidity, mobility and instantaneity. The following excerpts demonstrate this idea:

media also need time to get adapted to the new realities of the world, especially as regards the working processes. The media, roughly speaking, treat subjects superficially, it is like a bubble of time, with beginning, middle and end, that is, until another controversy arises and the older one falls asleep.
Mea culpa. (I10)

Because of the eagerness to give things, because we have this dynamic, we take people to believe that those processes, that those times of justice should be much shorter. (I26)

In any case, the journalists interviewed do not consider that there is a homogeneous, typical and unique time that reflects the quality of the times that are produced and reproduced in cases of mediation of corruption phenomena in which politicians are targeted. They identify various temporal phases in the way the media deal with news. In this understanding, the intense instantaneousness that shapes the moments of unmasking dissipates as the cases begin to be treated in court, falling into “dead time”, when the information “calms”, and becomes “more of the same” (I15). That is, the emergency that characterizes temporality in the case disclosure phase, gives way to the silence, in subsequent phases, when the memory about certain news dissipates.

The journalists say that in the phenomenon of corruption is important to perceive the dissonance they experience between the need to respond to the short term – by putting news in the public space – and the interest in deepening the stories researching for more contextual information. Although they identify that dissonance, they argue that the cases of corruption, because they involve politicians, fuel acceleration, in detriment to the timeless time needed for research. This happens, for example, as regards the analysis of processes, as well as of implications and of possible penalties.

To sum up, time is a category of the journalists' discourses. It links to the need they feel to respond to the socio-political rhythms with an anticipated story that lies behind the event itself (and the news). So, they consider that acceleration serves to classify the economic and organizational models of journalism today. Although some of them criticize the immediacy and the need to respond instantly, most of the interviewees consider this is inevitable, as well as normal in the present day context:

and these things are very bad because they often lead to the risk of making a judgment in the public space, as well as a premature condemnation. There is no perfect method, so many mistakes were made. But ... there it is again ... the newspapers duty is to display the information they have, trying to make it as reliable as possible. (I28, Q25)

Overall, however, the interviews account for the desynchrony of times between media and justice and this implies negative perceptions for citizens about the correctness of the judicial action on the politicians. In addition, journalist say it is very clear the need for anticipation, as well as the need to “predict” and “advance” parts of the known court decisions.

The problem is this: since there are different times, on the one hand, the lack of communication, on the other, causes misunderstandings in the population regarding court decisions. Of course, they need their time, and we need ours, sometimes it's not compatible, so when they're investigating, we're trying to spread it already ... we want to be ahead of them, right? (I27, Q26)

In addition to the importance of time in the daily activity of journalists dealing with news about corruption involving politicians, the interviews account for temporal constraints arising from the relationships they establish with judicial institutions. They consider this carries out tensions between the media times and the times of the judicial processes. In the next point we will give more attention to this subject.

THE WAITING AND THE TIME OF JUSTICE

Journalists interviewed find it difficult to manage the wait for decisions and/or contingency judicial information (for example, prosecution) or structural (and procedural) decisions and/or information. In this sense, they classify the slowness of the processes a “sin” (E6). That is, in addition to negatively shaping the times of the news, it is something that augments the underestimation of justice before the society.

Several studies argue that the media and justice should be joined by the same purpose of finding the truth (Évora, 2004, Machado & Santos, 2008, 2011; Prior, 2013, B. de S. Santos, 2005). However, the communication between the two fields is an interaction highly mediated by waiting. Although it is typical of judicial temporality, the institutionalization of the waiting and the use of time as a means of confirmation and evaluation gives to know the establishment of power relations between media and justice.

[During the exposition of case X] The journalists were in the street, in the rain, in the wind, in the cold. In November. 48 Hours in a row. Without information except at the end, when a lady comes to read a paper. (I17).

Journalists consider the judicial system as an institution that totalizes and standardizes time by not considering the diversity of media time and by reacting in a uniform and time-consuming manner, in face of with great media interest (and value-news), as are the cases involving corruption allegations.

Because I think that if journalists had access to basic information, already predefined, about each of the processes, maybe they would not have to walk through doors and sleepers and stick to get information, because when it is like this, whether the danger of passing erroneous information, inaccurate information, or information that goes beyond what it would take (I4, Q13)

From this point of view, it is observed that the themes analyzed are interlinked.

FINAL NOTE: THE RELEVANCE OF TIME IN THE MEDIA, JUSTICE AND POLITICAL INTERACTIONS

In 2005, Joaquim Fidalgo and Madalena Oliveira argued about the need for a closer link between media, politics and justice. In 2013, Ana Paula Lourenço wrote about the need to create channels of communication between each of these systems, suggesting the inclusion of communication offices in the judicial and police institutions. In the opinion of the author, it would facilitate the relations between journalists and justice and reduce information leakage, as well as the disclosure of justice confidential documents. It adds that this process would require a great deal of justice (adapting to the temporal patterns of media), but also of the journalists, in order to be more specialized in these areas.

Nicklas Luhmann (2005) suggests that time is a central element in any system, essentially because it is through time that the system differentiates, develops and establishes communicative relations with other systems. Interestingly, the author analyzed the media system and the legal system, having proposed that there are no specific rules regarding how chronological time intersects with the political time of the system itself. However, it is in the nature of systems that the continuous exercise of anticipation, translated by the possibility of the system exercising the presence of the future (which has not happened), in the present (which becomes the subject of the story). This self-referential perspective on time presented by Luhmann is of great interest to understand the complementarity between the two themes treated in this article. In fact, we identify the preponderance of acceleration and instantaneity as characteristics of daily time in the media. Caused by technological transformation, digitalization, globalization, and exponential expansion of the media in contemporary societies, such acceleration and speed are also reasons why media invests in anticipation and speculation.

Observing the analyzes about the phenomenon of corruption, it can be stated that in the construction of the news, journalism is challenged by different times. Namely, the

time of the event, the time of writing, the waiting time (for information and confirmation) and the time of the case disclosure.

This text aimed to elucidate the importance of time in media coverage of corruption phenomena. It argues the need to deepen the research on how time translates the nature of the relations of power that are established between the media, judicial and political systems. In fact, we have seen that the media operate in a ubiquitous temporality, leading to a profound change in the temporality of politics itself, with impact on deliberative mechanisms and processes. Concomitantly, the time of justice is associated to waiting and regarded as being in disrepair with the urgency of the media. As a central idea, one can argue that the new temporality regimes brought about by technologies and the new media propose actual challenges to democracy, while requesting politics and justice to adapt to emergent and instantaneous times, thought in diverse and resistant manners, are also highly dependent on the dynamics brought about by the discrepancy and conflicts between times, as these are also possible media contents.

The questions related to time and to the strategies for dealing with durations, intervals and waiting times are crucial, not only from the point of view of the theorization, but also as regards intervention. It is understood, therefore, that in affirming the need for justice to communicate with the media, in the face of high-impact phenomena, such as corruption, journalists refer to the interest in managing and organizing the time produced through the various judicial processes, as a way of improving their performance and the quality of the information that citizens access to. //

Translation: Ana Moreira

REFERENCES

- Albarran, A. & Reza, A. A. (2015). *Time and media markets*. New York: Routledge.
- Appadurai, I. (1996). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Araújo, B. B. de. (2013). *Justiça, media e espaço público: a cobertura jornalística do julgamento do mensalão em Veja e Época*. Masters dissertation, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23648?mode=full>
- Araújo, B. (2011). A narrativa jornalística e a construção do real. Biblioteca On-Line de Ciências Da Comunicação (BOCC). Retrieved from <http://bocc.unisinos.br/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>
- Barnhurst, K. G. & Nightingale, A. W. (2017). Time, realism, news. *Journalism*, 19(1), 7-20.
- Boda, Z. & Szabó, G. (2011). The media and attitudes towards crime and the justice system: a qualitative approach. *European Journal of Criminology*, 8(4), 329-342.
- Brandtzaeg, P. B. & Lüders, M. (2018). Time collapse in social media: extending the context collapse. *Social Media + Society*, 4(1). <https://doi.org/10.1177/2056305118763349>
- Burchell, K. (2014). Tasking the everyday: where mobile and online communication take time. *Mobile Media & Communication*, 3(1), 36-52.

- Cardoso, G. (2014). *Os media na sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carlson, M. & Lewis, S. C. (2018). Temporal reflexivity in journalism studies: making sense of change in a more timely fashion. *Journalism*, 20(5), 642-650.
- Clarke, D. (1995). Space, time, and media theory: an illustration from the television-advertising nexus. *Environment and Planning D: Society and Space*, 13(5), 557-572.
- Clarke, V. & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *The Psychologist*, 26(2), 120-123.
- Coyne, S. M., Padilla-Walker, L. M., Fraser, A. M., Fellows, K. & Day, R. D. (2014). "Media time = family time": positive media use in families with adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 29(5), 663-688.
- Croteau, D. & Hoynes, W. (2001). *The business of media: corporate media and the public interest*. California: Pine Forge Press.
- Dardenne, R. (2004). Journalism. In D. Herman, M. Jahn, & M-L. Ryan (Eds.), *Routledge encyclopedia of narrative theory* (pp. 267-269). New York: Routledge.
- Deuse, M. & Witschge, T. (2016). O que o jornalismo está se tornando. *Parágrafo*, 4(2), 6-21. Retrieved from <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br>
- Dunn, A. (2005). Radio news and interviews. In H. Fulton, R. Huisman, J. Murphet & A. Dunn (Eds.), *Narrative and media* (pp. 203-217). New York: Cambridge University Press.
- Évora, S. L. (2004). O segredo de justiça e a investigação jornalística: A problemática dos direitos fundamentais na democracia portuguesa. Bocc - Biblioteca On-Line de Ciências Da Comunicação. Retrieved from <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-segredo-de-justica.pdf>
- Ferin, I. (2015). Da 'democratização' da Europa: democracia, media e corrupção política. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 38(1), 37-63. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0037.pdf>
- Ferin, I. (2017). Democracia e corrupção política mediatizadas. In A. Moreira, E. Araújo & H. Sousa (Eds.), *Comunicação e política: tempos, contextos e desafios* (pp. 65-90). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho (CECS).
- Fidalgo, J. & Oliveira, M. (2005). Da justiça dos tribunais à barra da opinião pública: as relações entre a Justiça e a Comunicação Social. Braga: Universidade do Minho. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/7438>
- Figueiras, R. (2015). Anatomia do comentário: corrupção, noticiários e destinatários. *Media & Jornalismo - Corrupção política, media e democracia*, 14(26), 111-132.
- Fulton, H. (2005). Print news as narrative. In H. Fulton, R. Huisman, J. Murphet & A. Dunn (Eds.), *Narrative and media* (pp. 218-244). New York: Cambridge University Press.
- Fulton, H., Huisman, R., Murphet, J. & Dunn, A. (Eds.) (2005). *Narrative and media*. New York: Cambridge University Press.
- Genette, G. (1976). Fronteiras da narrativa. In R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, U. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, G. Genette, *Análise estrutural da narrativa* (pp. 255-274). Petrópolis: Vozes.
- Genette, G. (1979/1996). *Discursos da narrativa*. Lisboa: Veja Universidade.

- Giglioli, P. P. (1996). Political corruption and the media: the tangentopoli affair. *International Social Science Journal*, 48, 381-394.
- Greer, C. (2009). *Crime and media: a reader*. London: Routledge.
- Guibentif, P., Vanda, G. & Cheta, R. (2002). *Comunicação social e representações do crime*. Cadernos do CEJ. Lisboa: Cadernos do CEJ.
- Gurevitch, M., Coleman, S. & Blumler, J. G. (2009). Political communication – old and new media relationships. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 625, 164-181
- Herman, D. (2004). Toward a transmedia narrative. In M. L. Ryan (Ed.), *Narrative across media: the languages of storytelling* (pp. 47-75). London: University of Nebraska Press.
- Jewkes, Y. (2004). The construction of crime news. *Media and Crime* (pp. 35-62). Retrieved from https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/9600_019968cho2.pdf
- Lourenço, A. P. (2013). Justiça e Comunicação Social: entre a tensão e a tentação recíprocas. *Jurismat*, 2, 217-254.
- Jones, M. & Ormrod, J. (Eds.) (2015). *Time travel in popular media: essays on film, television, literature and video games*. Jefferson: McFarland & Company.
- Jowett, L., Simmons, D. & Robinson, K. L., (Eds.) (2016). *Time on television: narrative time, time travel and time travellers in popular television culture*. London: I.B.Tauris & Co Ltd.
- Karstedt, S. (2002). Emotions and criminal justice. *Theoretical Criminology*, 6. Retrieved from <http://tcr.sagepub.com/content/6/3/299.short>
- Kaun, A. (2014). Facebook time: technological and institutional affordances for media memories. *New Media & Society*, 16, 1154-1168.
- Kaun, A. (2015). Regimes of time: media practices of the dispossessed. *Time & Society*, 24, 221-243
- Keightley, E. (Ed.) (2012). *Time, media and modernity*. United Kingdom: Palgrave Macmillan.
- Keightley, E. & Downey, J. (2017). The intermediate time of news consumption. *Journalism*, 19, 93-110.
- Leandro, L. F. (2012). *Crime, disse ela!: contributos para o estudo da noticiabilidade do crime ...ou como nasce uma jornalista de justiça*. Masters dissertation, Universidade Fernando Pessoa, Brasil. Retrieved from https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2923/1/DM_10179.pdf
- Lourenço, A. P. (2013). Justiça e comunicação social: Entre a tensão e a tentação recíprocas. *Jurismat*, 2, 217-254
- Luengo, Ó. G. (2006). E-activism: new media and political participation in europe. *CONfines*, 59-71. Retrieved from <http://www.scielo.org.mx/pdf/confines/v2n4/v2n4a4.pdf>
- Luhmann, N. (1990). *Sociedad y sistema. La ambición de la teoría*. Universidade Autònoma de Marbelona: Paidós.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. Paulus: S. Paulo.
- Machado, H. & Santos, F. (2008). *Crime, drama e entretenimento. O caso Maddie e a meta-justiça popular na imprensa portuguesa*. Coimbra. Retrieved from <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/310.pdf>

- Machado, H. & Santos, F. (2009). A moral da justiça e a moral dos media: julgamentos mediáticos e dramas públicos. *Oficina Do CES*, 333. Retrieved from <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:A+moral+da+justiça+e+a+moral+dos+media:+julgamentos+mediáticos+e+dramas+públicos#0>
- Machado, H. & Santos, F. (2010). *Justiça, ambientes mediáticos e ordem social*. Famalicão: Húmus.
- Machado, H. & Santos, F. (2011a). Justiça, média e cidadania. In H. Machado & F. Santos, *Direito, justiça e média. Tópicos de sociologia* (pp. 133-166). Porto: Afrontamento.
- Machado, H. & Santos, F. (2011b). *Direito, justiça e média. tópicos de sociologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Maia, A. J. & Borges, H. (2014). Prevenir e reprimir a corrupção em Portugal – evolução do quadro legal. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp. 109-180). Lisboa: Aletheia Editores
- Miguel, L. F. (2002). Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova*. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/ao7n5556.pdf>
- Moreira, A. (2015). “Dou uma entrevista em legítima defesa”: da prisão para os ecrãs. *Comunicação, Cultura e Mídia Sociais. XIV Congresso Internacional de Comunicação Ibercom*. Universidade de São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (ECA).
- Moshe, M. (2011). Media time squeezing: the privatization of the media time sphere. *Television New Media*, 13, 68-88.
- Paixão, B. (2014). A objetividade na cobertura do escândalo político e os novos propósitos de uma subjetividade objetivante. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp. 459-492). Lisboa: Aletheia Editores.
- Paixão, B. (2017). O que nos dizem os média sobre os escândalos políticos – notas sobre a duração e o tempo. In A. Moreira, E. Araújo, & H. Sousa (Eds.), *Comunicação e política: tempos, contextos e desafios* (pp. 45-64). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho
- Pina, S. (2009). *Media e leis penais*. Lisboa: Almedina.
- Pereira, F. H. & Adghirni, Z. L. (2011). O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, 1(24), 38-57.
- Prior, H. (2013). A comunicação social e o discurso judiciário. *Derecom*, 14, 118-130.
- Prior, H., Guazina, L. & Araújo, B. (2015). Corrupção e escândalo político: o enquadramento dos escândalos Face Oculta e Mensalão na imprensa portuguesa e brasileira. *Media & Jornalismo*, 14(26), 167-185. http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_26_10
- Reisinger, D. S. (2007). *Crime and media in contemporary France*. USA: Purdue University Press.
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos media*. Porto: Porto Editora.
- Robinson, J. P., Barth, K. & Kohut, A. (1997). Social impact research: personal computers, mass media, and use of time. *Social Science Computer Review*, 15, 65-82.
- Rosenberg, H. & Feldman, C. (2008). *No time to think: the menace of media speed and the 24-hour news cycle*. Continuum.
- Santos, B. de S. (2005). Os tribunais e as novas tecnologias de comunicação e de informação. *Sociologias*, 7, 82-109. Retrieved from [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Tribunais%20e%20novas%20tecnologias_Sociologias_2005\(1\).pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Tribunais%20e%20novas%20tecnologias_Sociologias_2005(1).pdf)

- Santos, F. (2009). *Jornalistas e magistrados: perspectivas cruzadas nas relações entre media e justiça*. Tese de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais e Humanidade, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Serrano, E. (2014). A corrupção política vista através das redes sociais: metodologias para o estudo de conteúdos web. In I. Ferin & E. Serrano (Eds.), *Cobertura jornalística da corrupção política: sistemas políticos, sistemas mediáticos e enquadramentos legais* (pp. 493-522). Lisboa: Aletheia Editores.
- Simões, M., Barriga, A. & Jerónimo, N. (2011). Brave new world? Political participation and new media. *SOTICS 2011: The First International Conference on Social Eco-Informatics* (pp. 55-60). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/21154>
- Sousa, L. de. (2011). *Corrupção*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sousa, L. & Triães, J. (2007). Corrupção e ética em democracia: o caso de Portugal. *OberCom - Investigação E Saber Em Comunicação*. Retrieved from <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Corrupção+e+Ética+em+Democracia+:+O+Caso+de+Portugal#o>
- Todorov, T. (1976). As categorias da narrativa literária. In R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, U. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, G. Genette, *Análise estrutural da narrativa* (pp. 209-254). Petrópolis: Vozes.
- Yang, G. & Clark, R. (2015). Social media and time. *Social Media + Society*, 1(1), 1-2.
- Young, K. (2004). Frame and boundary in the phenomenology of narrative. In M. L. Ryan (Ed.), *Narrative across media: the languages of storytelling* (pp. 77-107). London: University of Nebraska Press.
- Zhang, X. & Ha, L. (2015). Time budget, news search time cost, and news media choice. *Time & Society*, 24, 201-220.

BIOGRAPHICAL NOTES

Ana Beatriz Moreira holds a master degree in Sociology and is PhD student in Communication Sciences from the University of Minho, Portugal. The thesis discusses the media narratives on political corruption in Portugal and is funded by the Foundation for Science and Technology (FCT). Her research interests have been focused on the media, politics, justice, power and political corruption. She was at the University of Santiago de Compostela (Spain) and at the University of São Paulo (Brazil), as a visiting researcher.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2125-8022>

Email: abgmoreira@gmail.com

Address: Universidade do Minho, Instituto de Ciências sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Emília Rodrigues Araújo is an Auxiliary Professor at the Institute of Social Sciences, Department of sociology and researcher at the Center for Communication and Society studies. He has participated in several research projects in the themes of time, culture and mobilities in science and research. He participates in several scientific associations, having several national and international publications on the topics mentioned.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: emiliararaujo@gmail.com

Address: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Helena Sousa is full professor of Communication Sciences. She was former Chair and Vice-Chair (2004-2014) of the Political Economy Section of the IAMCR and Vice-President of the National Science Foundation (FCT) Scientific Council for Social Sciences and Humanities, she is presently Editor of the European Journal of Communication, Member of the International Council of the IAMCR and Member of the EuroMedia Research Group. She has managed national and international research projects and has a vast experience supervising doctoral (15 completed PhD) and post-doctoral students (six completed). Professor Sousa is a board member of the Communication and Society Research Centre and an independent media expert for the Council of Europe.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8101-0010>

Email: helena@ics.uminho.pt

Address: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

* **Submitted: 10/9/2018**

* **Accepted: 25/05/2019**

TEMPORALIDADES INSCRITAS NO CORPO INTENSIVO DURANTE A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ARTÍSTICO SOUNDSYSTEM

Priscilla Porto Nascimento Fasani

RESUMO

Este artigo debruça-se sobre o projeto artístico SoundSystem, desenvolvido por Franz Manata e Saulo Laudares desde 1996. O processo, em ação até os dias de hoje, consiste em partilhar experiências através de instalações sonoras, performances de DJ's e intervenções urbanas. São utilizados signos universais como batidas de coração e cantos de pássaros. A dupla assume uma preocupação ética de afetar o participante. As principais questões envolvidas são os “bons encontros”, a dilatação do tempo e a intensidade provocada pelos impulsos dionisíacos da música e da dança. Neste artigo, a proposta é viver o tempo do acontecimento, resistindo à cronopolítica.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea; corpo sem órgãos; encontros afetivos; percepções do tempo

TEMPORALITIES EMBEDDED ON THE INTENSIVE BODY DURING THE EXPERIENCE OF THE ARTISTIC PROJECT SOUNDSYSTEM

ABSTRACT

This article addresses the artistic project SoundSystem, developed by Franz Manata and Saulo Laudares since 1996. The process, in action up to the present day, consists of sharing experiences through sound installations, DJ's performances and urban interventions. Universal signs such as heart beats and bird corners are used. The duo assumes an ethical concern to affect the participant. The main issues involved are the “good encounters”, the time-dilation and the intensity provoked by the dionysian impulses of music and dance. This text will discuss the possibility of experience the time of the event, resisting to chronopolitics.

KEYWORDS

Affective encounters; body without organs; contemporary art; perceptions of time

Experimentar e interrogar é a minha maneira de avançar.
Sinto-me arrebatado, a minha alma dança. (Nietzsche)

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pensaremos a prática de construção de um corpo sem órgãos através das experiências partilhadas pelos artistas Franz Manata e Saulo Laudaes nas obras *Heartbeat* (2006), *The place* (2010) e *AFTER:Nature* (2008). Estas instalações sonoras foram exibidas no Rio de Janeiro: no Parque Lage, na casa do curador Bernardo Mosqueira e ao ar livre, no Aterro do Flamengo, respetivamente. As sensações intensivas que podem ser sentidas durante estas exposições, provocam alterações nos circuitos de afetos, que permitem a criação de um corpo bailarino, que também dança às avessas. Os artistas resistem à cronopolítica e propõem um tempo do Acontecimento. A dança e a música permitem libertar o corpo de seus movimentos utilitários e orgânicos. Esta lógica da sensação acontece nestes encontros que vinculam os processos artísticos aos processos vitais, provocando a invenção de tempos outros, diferentes do tempo cronológico.



Figura 1: AFTER:Nature (2008) instalação sonora com tweeters, 150 m de cabos, potência, gerador, trilha

Créditos: Saulo Laudaes

A EXPOSIÇÃO HEARTBEAT

A sensação experimentada durante a exposição da obra *Heartbeat* (2006), realizada nas Cavalariças do Parque Lage, no Rio de Janeiro, era de liberdade e de angústia ao mesmo tempo. O som vital dos batimentos cardíacos, que saíam das duas enormes caixas de som, faziam vibrar o meu corpo e não me era possível ficar isenta diante daquelas ondas de grave. Dava para se ver as estrelas e a noite. Esta experiência que começava no corpo, atingia outras linhas, outros estratos, fluxos, outras zonas de intensidade contínua, outros platôs. Parecia que o público estava ali para sentir e nada mais. Para tentar explicar esta sensação quase indescritível utilizarei as palavras de Nietzsche em *Zarathustra*, no aforismo *Dos que desprezam o corpo*: “eu sou corpo e alma – assim fala a criança” (Nietzsche, 1973, p. 38).

Essa temporalidade aiônica que emana da partilha¹ da instalação sonora Heartbeat, um dos fragmentos do projeto SoundSystem, na qual se ouvia uma conversa entre os corações dos artistas Franz Manata e Saulo Laudares, numa pista de dança, me produziu um efeito que perdura por anos. Após senti-la era preciso pensar sobre esta experiência². O coração “é o órgão do desejo”, da vida, do encontro, é uma pulsação desejante (Barthes, 2003, p. 91).

ENCONTROS INTENSIVOS

O momento em que a noção de partilha aparece no projeto SoundSystem foi em The Place, em 1998. The Place é um espaço de imersão aberto, em processo desde 1996, onde ocorrem manifestações que têm no outro o seu sentido de existência. O espaço pode se tornar uma pista de dança, um local de exposição ou palestras. A ideia inicial do The Place foi compartilhar a experiência da pista de dança e foi inspirada na obra *Incidentes* (Barthes, 2004), no texto *No Palace, esta noite...*, no qual Barthes descreve a sua experiência na boate francesa Le Palace que, na época, era considerada o templo da dança. Barthes, através de sua escrita, se remete à potência desse encontro. A partir de então, produzir a intensidade da experiência vivida por Barthes passou a ser o foco da dupla.

O próprio projeto surgiu a partir de um encontro dos artistas. Franz Manata e Saulo Laudares formam uma parceria artística e afetiva há mais de vinte anos. Ambos nasceram em Belo Horizonte, mas vivem no Rio de Janeiro desde o ano 2000. Franz Manata é professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e curador independente. Trabalhou durante sete anos (2001-2008) como co-curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Saulo Laudares é DJ de música eletrônica, além de desenvolver trilhas sonoras para espetáculos de dança e filmes. As obras dos artistas fizeram parte da galeria Artur Fidalgo, localizada em Copacabana e, mais recentemente, da Sé Galeria, que fica no centro de São Paulo.

Inspirados em Lygia Clark e Hélio Oiticica, propõem a participação do público. Oiticica e Clark colocaram a presença física do espectador no centro, superando a dissociação entre sentimento e saber, mente e corpo, do eu e do outro, do produtor e do consumidor (Salomão, 2015, p. 73). A perspectiva da vida como um laboratório de experimentações, de Oiticica, é um modo de vida que o duo tem como referência para a concepção de suas obras. Consequentemente, além de filhos de Oiticica, também são filhos de Nietzsche e Artaud (Salomão, 2015, p. 87). Quanto à influência de Lygia Clark, a noção de objeto relacional da artista fundamenta o trabalho da dupla, entretanto, os artistas quase nunca fazem uso de um objeto material, mas desta arte desmaterializada

¹ Para Jacques Rancière, em *A partilha do sensível* (2005), partilha significa tanto a participação em um conjunto comum quanto, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. A partilha do sensível é um ato político e se refere a um encontro discordante de percepções individuais. Há um ritmo compartilhado e, ao mesmo tempo, um ritmo próprio de cada participante.

² De acordo com Muniz Sodré (2016), etimologicamente, a palavra experiência vem do latim, *experiri*, e é formada por *ex* (fora), *peri* (perímetro, limite) e *entia* (aprender). Refere-se ao ato de aprender além dos limites, das fronteiras, há um deslocamento espacial, uma aventura, uma viagem, uma travessia, onde o mais importante é o processo, a duração, o devir.

que é a música. Trata-se de uma arte relacional, que só existe no acontecimento que é o encontro com o outro.

Em *Experiência e arte contemporânea* (Kiffer, Bident & Rezende, 2012), a noção de experiência é apresentada através de diferentes perspectivas. A experiência é algo que nos pode atravessar de um lado a outro, revolver-nos, transformar-nos sem que se possa nomeá-la; é algo que sobra, que excede a linguagem, que não pode ser contido e não tem onde caiba. A palavra experiência tem um duplo sentido: nomeia tanto uma prova pela qual se passou como a finalidade de produzir ou fomentar. A experiência é esse ponto de indeterminação entre o singular e o universal, entre o sensível e o inteligível, entre o prático e o teórico. Segundo Georges Bataille (1943), a experiência é um limiar, não é um acúmulo do vivido, aproximando-se mais do invisível e do não formulável, referindo-se a uma experiência interior, mas um interior retorcido, um interior exteriorizado ou um exterior interiorizado.

Segundo Cláudio Oliveira, no artigo “Do mesmo modo como queima o fogo ou da experiência como um saber que não se sabe”, “a arte contemporânea talvez seja uma ocasião para nos reencontrarmos com o não saber constitutivo de nossa humanidade”, de nos reencontrarmos com as sensações intensivas (Kiffer, Bident & Rezende, 2012, p. 42). Afinal, a experiência – inclusive a do amor – nasce como uma rachadura no espelho, uma brecha na identidade de si e na ipseidade ou hecceidade³ das coisas, aquilo que Deleuze chama de o inominável, o intempestivo, aquilo que não é uma forma, é um rizoma (Deleuze citado em Kiffer, Bident & Rezende, 2012, p. 85).

No capítulo “Ensaio sobre a destruição da experiência, de infância e história” (Agamben, 2005), Agamben retoma o ensaio *Experiência e pobreza* de Benjamin (1933) e destaca que, para empobrecer a experiência do Homem, bastaria um cotidiano estressante, que atropela a temporalidade singular de cada um. A experiência, de acordo com Agamben, seria uma escada que leva a outros cômodos da casa, uma ferramenta que entremeia presente, passado e futuro (Agamben, 2005, p. 24).

A CRIAÇÃO DE UM CORPO SEM ÓRGÃOS

A experiência de sentir o som dos batimentos cardíacos em Heartbeat, dissociados de uma imagem corpórea, remeteram-me ao conceito deleuziano de *corpo sem órgãos* (CsO). Esses corações não estavam ali “expostos” a fim de elucidarem a sua função fisiológica no corpo, cumprindo seu caráter utilitário no organismo. A intenção era partilhar um desejo de afetar e ser afetado. O duo, Manata e Laudares, assim como Guattari e Deleuze, compartilham um modo de existência, um modo de vida, uma ética. Os autores/artistas não escrevem ou criam juntos, no mesmo ritmo, mas cada um no seu tempo e, assim, trabalham entre os dois, trata-se de uma dupla captura.

³ Daniel Lins, no artigo “Alegria como força revolucionária”, explica que uma hecceidade é um modo de individuação específica que constitui individualidades novas e resiste à prisão identitária regida pelo pensamento ontológico, mediante a conexão de um conjunto de elementos heterogêneos materiais, os quais Deleuze nomeia de longitude e latitude, movimento e repouso, velocidade e lentidão, rizoma, não é uma forma, é uma entidade inédita e movediça (Furtado & Lins, 2008, p. 52).

Deleuze e Guatarri trabalham o conceito de CsO, no terceiro volume de Mil Platôs (1996). O CsO é uma prática, uma experimentação, inspirada em Antonin Artaud, artista que buscou gerar, durante a experiência teatral, um corpo de resistência e intensidades, livre de automatismos e capaz de dançar. O Teatro da Crueldade enfatizava o sensível e as sensações, problematizando o excesso de racionalidade do mundo ocidental. A crueldade para Artaud era a falta de liberdade (Lins, 1999, p. 12-13). Ao se esvaziar da sua funcionalidade, o corpo pode se abrir para o sensível, para o acontecimento.

Deleuze e Guatarri apropriam-se do conceito de CsO de Artaud para nomear a necessidade de criar um corpo liberto de sua função, considerando a lógica do capitalismo tardio, que prioriza a produtividade e controla o tempo dos indivíduos. O CsO é um corpo em acontecimento, em devir, um corpo capaz de experimentar sensações, de dançar, de sentir alegria e êxtase:

um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam, mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. (...) Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau. (Deleuze, 2007, p. 13)

A rotina corrida devido às demandas de produtividade no trabalho tende a anestesiar e dessensibilizar nossos corpos e é preciso recriá-los. Deleuze aponta a importância da experimentação, em oposição à interpretação da psicanálise (Deleuze, 2007, p. 11).

Na exposição *Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome* (2010) o curador Bernardo Mosqueira convidou artistas para pensarem sobre a liberdade na contemporaneidade e exporem seus trabalhos em sua casa no Jardim Botânico. A frase que intitula a exposição foi retirada da obra *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector (1980, p. 50). Franz Manata e Saulo Laudares apresentaram *The Place*, que é a própria pista de dança como obra de arte. Num ambiente sonoro com a parede fluorescente, vários DJ's se revezavam no som. De acordo com Mosqueira, “a pista é lugar de atividade política: resistência, afeto, articulação, relação e criação. Fervo é Luta”.

A obra *Perto do coração selvagem* (Lispector, 1980), assim como a obra de Manata e Laudares, trata do invisível, do indizível, das sensações que a personagem experimenta em seu corpo, em sua alma. Os conceitos de Spinoza, atravessam a obra, como a sua indistinção entre alma e corpo. Joana transgride o cotidiano repetitivo do tempo cronológico, brincando com o tempo do relógio. Ela vive o instante através da invenção de um tempo subjetivo. Joana cria para si um corpo sem órgãos, um corpo em devir que não possui uma identidade, nem um gênero definido, ele se constrói.

O sentido da ética de Spinoza, presente tanto na obra de Lispector quanto na do duo, é compor relações que aumentem a potência de agir e organizar encontros alegres que potencializem a força de existir. Spinoza não se surpreende em ter um corpo, mas com o que o corpo pode: “os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes (Spinoza citado em Deleuze & Parnet, 1998, p. 49).

A questão que se coloca na obra de Manata e Laudares é como extrair alguma coisa alegre e apaixonante do que acontece, um clarão, um encontro, um acontecimento, uma velocidade, um devir (Deleuze & Parnet, 1998, p. 54). Assim, o importante é fazer de um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, dando ênfase às alianças, às núpcias, aos contágios, ao vento, ao quase-imperceptível.

O corpo dos artistas resiste à cronopolítica, à política de controle do tempo, além de resistir à insensibilidade, às imposições de gênero e outras formas de domesticação do desejo. Os artistas desejam estar perto de um coração livre, selvagem.

DANÇANDO ÀS AVESSAS

Orlandi em “Corporeidades em minidesfile” (2004, p. 10), sublinha que os CsO ocorrem como imantações de linhas de fuga que acontecem nos instantes em que explodem sentidos, nos encontros em que se experimenta no corpo, as intensidades e a eternidade, nesse entretempo aiônico, o tempo da criança, da duração da vida. O CsO é o campo de imanência do desejo.

O teatro da crueldade de Artaud inaugura um teatro da não-representação, falando aos sentidos, ao sistema nervoso, à própria carne, à pele. Esse corpo pleno elaborado por Artaud, nem humano, nem metafísico, era um corpo de resistência e intensidades, um corpo sem órgãos. Este corpo refeito, reorganizado e liberto dos seus automatismos, se abre para dançar ao inverso. A dança é entendida como a libertação do corpo de seus movimentos utilitários, no direito e no avesso: “quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar” (Lins, 1999, p. 47).

Esta *lógica da sensação* (Deleuze, 2007), pensada por Deleuze, permite a unificação dos princípios opostos, o vivo e o morto, o desperto e o dormindo, o jovem e o velho, o amor e o ódio, a carícia e a agressão, o homem e a mulher. As fronteiras entre as artes são borradas. Nas artes plásticas ou na música, não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar as forças. É por este viés que nenhuma arte é figurativa. A obra de Manata e Laudares, ao acionar a música e a dança, busca tornar visíveis e sonoras as coisas que não são. A obra é imaterial e material ao mesmo tempo.

Em *Lógica do sentido* (Deleuze, 1974, p. 73), quando Deleuze relaciona a obra literária *Alice no país das maravilhas* com a teoria do sentido, menciona o corpo glorioso e sem órgãos, relacionando-o a Dionísio que mostra seus dois semblantes, seu corpo aberto e lacerado, sua cabeça impassível e sem órgãos, o Dionísio desmembrado, mas também impenetrável. O *corpo sem órgãos* é esse paradoxo da obra de Carroll, é essa intensidade, é esse limite. Saulo Laudares, ao falar da obra do duo, a relaciona ao “cair num buraco de Alice”, referindo-se a estas sensações “incoerentes” do inconsciente, presentes em suas experimentações artísticas.

Podemos determinar qual o nosso poder de afetar e de ser afetado para que não vivamos ao acaso dos encontros. Se não sei do que meu corpo é capaz, de que o outro

corpo com o qual me encontro é capaz, e como nossas relações podem se compor, vivo de maneira a recolher os efeitos destes encontros. Podemos ter o “modo de existência” que nos convenha, tal como demonstrou Spinoza (citado em Deleuze, 2002).

Em *Mil platôs*, no platô datado de 28 de novembro de 1947, intitulado “Como criar para si um corpo sem órgãos” (1996), Deleuze e Guatarri referem-se à data em que Artaud criou o conceito, que pode ser encontrado no poema *Para acabar com o juízo de Deus*. Nesta data, Artaud declara guerra aos órgãos (Deleuze & Guatarri, 1996, p. 10). A questão apresentada é que não se trata de encontrar este corpo pronto em algum lugar; é preciso criá-lo. O *corpo sem órgãos* é um “exercício”, não é uma noção, mas antes um conjunto de práticas, uma experimentação. “O corpo sem órgãos jamais se conclui” (Gadelha, 2010, p. 3).

Deleuze, em *O ato de criação* (1999) fala que as obras só se tornarão obras de arte se se tornarem atos de resistência. Elas resistem à aniquilação da vida e endereçam-se ao outro, a um outro que não existe (Deleuze, 1999, p. 91). A arte conserva, preservando um bloco de sensações, isto é, um composto de perçetos e afetos. Os perçetos são as percepções que ultrapassam o estado daqueles que os experimentaram e os afetos transbordam os sentimentos daqueles que os atravessaram (Deleuze & Guatarri, 2005, p. 213). Afeto é experimentação, e não objeto de interpretação, o afeto é não-pessoal (Furtado & Lins, 2008, p. 45). Em *Diálogos* (Deleuze & Parnet, 1998), Deleuze aponta que o desejo não é privilégio de uma elite, é ele próprio um coletivo, um processo que exige um encontro, uma experiência, uma partilha.

A noção de *corpo sem órgãos*, nomeada por Artaud e utilizada por Deleuze e Guatarri, é também denominada corpo vibrátil (Rolnik, 2016), corpo pleno, corpo superior, corpo impossível, corpo novo, corpo não oprimido, corpo puro, corpo intensivo, corpo desejante, corpo intenso, corpo potente, corpo pulsante, corpo dionisíaco, corpo dançante, corpo que dança pelo avesso. Importando aqui a sua prática.

O que Deleuze e Guatarri propõem em *O anti-édipo* (2011) é uma desanálise, possibilitando captar a potência da droga sem se drogar ou a potência da loucura sem ser louco. A esquizoanálise é esse processo esquizo de descodificação e desterritorialização (Deleuze, 2013, p. 35). O intensivo é percebido como ato de resistência (Furtado & Lins 2008, p. 69) e a alegria como força revolucionária (Furtado & Lins, 2008). A alegria nesse sentido é encantação, feitiço, estado de graça, errância. Trata-se de uma alegria vibrátil, um desejo de vida, a alegria-criança heraclitiana ou uma alegria bailarina (Furtado & Lins, 2008, p. 49).

O som, em *Heartbeat* (2006), potencializa a criação desse CsO, ao impelir o corpo a viver a experiência da dança. Conforme, escreveu o curador e crítico Guilherme Bueno:

Heartbeat investe no que se chamaria “plástica do som”, isto é, da potência das ondas ser capaz de moldar, agir sobre o corpo do participante, conferindo uma corporeidade escultórica dada menos pelas características físicas particulares do espaço do que pelo quanto o som cria ali campos de força de atração ou repulsão, fazendo-nos tanto imergir hipnoticamente quanto em contrapartida sermos “obstruídos” naquele ambiente. (Bueno, 2012)

CIRCUITOS DE AFETOS

Como afirmou Safatle (2016), as sociedades são, em sua dimensão fundamental, circuitos de afetos. Elas constroem vínculos através da maneira com que os corpos são afetados, objetos sentidos e desejos impulsionados. Esses momentos raros nos quais acontecimentos nos fazem ser afetados de outra forma, quebram os circuitos de afetos que imperavam até então, nos despossuindo de nossos trajetos, nos desamparando de nossos ritmos e decompondo nossos corpos.

Quando Manata e Laudares convidam as pessoas a participarem de performances de DJ's, ver uma instalação com a palavra *dancing* em *neon* sem música, ouvir a instalação Heartbeat ou viver a experiência de contemplar a natureza e ouvir o canto dos pássaros durante a intervenção urbana AFTER:Nature, estão realizando uma arte do acontecimento. Aqui não importa produzir objetos que serão interpretados, mas experienciar o instante, o aiônico devir. Criar, portanto, não é apenas dar forma a uma matéria ou refletir sobre ela, mas erigir ritornelos, cristais de tempo, em materiais visuais, sonoros ou linguageiros (Zourabichvili, 2016, p. 148).

Na obra *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*, Zourabichvili (2016) se remete à *Lógica do sentido* (Deleuze, 1974), onde Deleuze observou que não devemos nos perguntar qual é o sentido de um acontecimento, porque o acontecimento é o próprio sentido! E o acontecimento está nas coisas não visíveis ou não tangíveis, nas coisas abstratas como o espaço e o tempo.

A consistência do mundo está no afeto ou sensação; em outras palavras, ela está no acontecimento. Mas esse acontecimento não é do corpo, ainda que ele ocorra aos corpos; ele está no limite dos corpos, na passagem de um estado de coisas a outro (por exemplo, crescer). Assim, por ser o efeito incorpóreo de misturas de corpos, o acontecimento é expressável por natureza, o que torna a linguagem possível (Zourabichvili, 2016, p. 145).

Para que ocorram “disparações afetivas”, novas maneiras de perceber, de sentir, de agir através da arte é preciso que algo “force” o pensamento, abale-o e o arraste numa busca, deve haver uma incitação casual que depende de um encontro (Zourabichvili, 2016, p. 51). E um encontro efetivo não é certamente fusional; é preciso uma arte das distâncias, nem muito perto, nem muito longe (Zourabichvili, 2016, p. 133).

TEMPOS AIÔNICOS

No ensaio “O que é o contemporâneo?” Agamben (2010) investiga o problema do tempo e aponta a necessidade da invenção de um outro tempo, diferente do tempo cronológico. É dessa experiência de invenção de uma outra temporalidade, de um ritmo próprio, de um encontro alegre consigo mesmo e com o outro que gostaríamos de tratar. A obra dos artistas Manata e Laudares flerta com essa questão ao propor uma dilatação e intensificação da experiência do tempo vivido.

Emília Araújo, em *Quando o tempo desaparece* (2007), reflete sobre essas questões dos ritmos do tempo capitalista e do tempo subjetivo. As ferramentas que marcam o

tempo, como o relógio e o calendário, obrigam-nos a ter um certo ritmo, o qual regula a nossa vida. Os indivíduos não poderiam organizar seu dia-a-dia sem estarem seguros das formas de medição do tempo. Entretanto, em outros séculos, estes ritmos estavam desconhecidos, pois cada sociedade possuía o seu próprio ritmo temporal. Mas, hoje, nenhuma sociedade sobrevive sem a orientação de um mesmo sistema temporal. Esta uniformização de ritmos faz com que as sociedades fiquem mais dependentes entre si, apesar das distâncias geográficas que as separam (Araújo, 2007, p. 21). Apesar da utilidade do calendário, a capacidade para avaliar a passagem do tempo está muito para além da aptidão para manusear todos estes instrumentos de medida. Possuímos a habilidade de sentir a passagem do tempo, que nos transforma o corpo e afeta nosso estado de espírito.

O tempo tal qual o espaço, é uma dimensão física, mas o tempo, diferentemente do espaço, é constituído do invisível. Verifica-se hoje uma acentuada impressão de aceleração do tempo. Os estudos realizados sobre os usos e a ocupação do tempo demonstram haver uma crescente “fome de tempo”, resultado da celeridade dos ritmos de vida dos indivíduos. A pressa é uma constante, tudo deve ser rápido e com poucos intervalos de espera (Araújo, 2007, p. 24).

A concepção do tempo como algo exterior ao indivíduo, que este deve controlar e administrar, é um princípio da constituição da sociedade moderna. A ideia de uma cronologia abstrata e universal também. Isto faz parte do processo de colonização global do capital que precisa controlar o tempo dos indivíduos. Entretanto, é imperativo pressupor que ritmos distintos se desenrolam ao mesmo tempo (Araújo, 2007, p. 32).

Apesar de sua imaterialidade, o tempo tem uma profunda capacidade de afetar o comportamento das pessoas, e este tempo objetivo e comercializável tem consequências sobre a experiência subjetiva dos indivíduos, já que a falta de tempo leva ao stress, a sentimentos de impaciência e à ansiedade (Araújo, 2007, p. 37).

Os indivíduos, mesmo não estando sós, deixam de se sentir parte integrante de um todo. Além disso, há um adiamento de compromissos no plano biográfico e a redução da quantidade de tempo livre disponível. Não há dúvidas de que a administração do tempo se tornou uma questão política (Araújo, 2007, p. 43).

A necessidade de resistir à vigente cronopolítica ou à política de otimização do tempo justifica-se tendo em vista o mal-estar presente na contemporaneidade. O princípio do desempenho rege a performance do trabalhador que deve estar disponível em tempo integral, o que é viabilizado pelas novas tecnologias de comunicação. Há, dessa forma, uma recusa da temporalidade da experiência. De acordo com a filósofa Olgária Matos (2007), há este processo de alteração da temporalidade que se constitui através de uma aceleração do presente. A organização institucional do tempo faz com que cada um perca o sentido e o comando do tempo de sua vida. A impossibilidade de ter tempo para buscar um sentido para sua existência provoca no homem um sentimento de não pertencimento, de “sentir-se supérfluo”, “um estranho no mundo”. Dessa maneira, há um afrouxamento dos laços, que se tornam pouco duradouros. A pressa acentua a superficialidade dos vínculos, produzindo um empobrecimento interior; tendo em vista

que os sentimentos exigem a duração para desenvolverem-se: “sem laços estáveis, produz-se um déficit simbólico no indivíduo e na sociedade, uma vez que valores dependem de um espaço comum de experiências compartilhadas” (Matos, 2007, p. 102).

Na obra *A nau do tempo-rei* (1993), na qual o filósofo Peter Pál Pelbart versa sobre o tempo da loucura, o autor busca repensar algumas de nossas clausuras temporais, estéticas e existenciais, brincando de desfazer certas ordens cristalizadas no espelho do tempo. O autor busca uma “leveza lúdica” capaz de reinventar o cotidiano. Pelbart cita Paul Virilio para falar de uma cronopolítica que está em curso e cujos desdobramentos ainda são desconhecidos, embora promova um achatamento temporal que proporciona um regime de temporalidade que tende a abolir a própria duração (Pelbart, 1993, p. 33). O autor pontua que enquanto a cronopolítica hegemônica visa à aceleração máxima, a loucura não só encarna uma desaceleração, mas a reivindicação de um outro tempo. E, sem dúvida, resgatar o “jorrar do tempo” é uma necessidade não só para a loucura, mas para a nossa vida e pensamento e pode se dar através da arte. A proposta dos artistas Manata e Laudares é inventar “ateliês de tempo”, buscando um tempo dilatado, mais próximo da duração bergsoniana.

Este espaço reservado ao contra-tempo, ao intempestivo encontra-se em *The Place*, lugar de imersão imaginária, uma “máquina do tempo”. Os artistas Manata e Laudares propõem momentos de resistência à violência intrínseca do frenético regime temporal vigente e buscam resgatar essa dimensão estética de experimentar a intensidade, promovendo uma espécie de “ritmanálise” (Pelbart, 1993), considerando a multiplicidade rítmica de cada sujeito. A música eletrônica permite mixar variadas vozes, evocar diversos tempos e temporalidades, onde todos são embalados pelo ritmo das batidas de um coração acelerado. Há aqui a proposta do “entre”, de um “entrelugar” (Santiago, 2000) em que não se está na clausura da loucura, que possui um excesso do fora e de lentidão do tempo, nem totalmente dentro de um sistema acelerado que não abre espaço para a criação.

Os artistas buscam não o tempo pulsado do Chronos, mas o tempo flutuante da *poiesis* encontrado em Aion (Pelbart, 1993, p. 80). A essa tentativa de “partilha do sensível” (Rancière, 2005) ou do “como viver junto”, Barthes (2003) denominou “idiorritmia”, palavra composta do vocábulo ídios (próprio) e *rhythmós* (ritmo), que foi apropriada do universo religioso, mas que pode se estender ao mundo profano. Dessa forma, apesar de viver em comunidade, o ritmo de cada um pode ter vez. Quando se refere à duração da vida, da vitalidade, do aion, o filósofo pré-socrático Heráclito diz: “duração da vida é uma criança brincando, movendo peças em um jogo. A realeza é da criança” (Kahn, 2009, p. 95). E Nietzsche acrescenta: “é que a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo” (Nietzsche, 1973, p. 31).

Em *Lógica do sentido* (Deleuze, 1974, pp. 90-93), no capítulo “Do aion”, Deleuze discorre a respeito destas duas dimensões do tempo, a de Cronos e a de Aion. De acordo com Cronos, só o presente existe no tempo e este presente é de alguma maneira corporal. Segundo Aion, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Enquanto Cronos exprime a ação dos corpos e a criação das qualidades corporais, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais. Enquanto Cronos era inseparável dos corpos

que o preenchiam, Aion é povoado de efeitos que o habitam sem nunca preenchê-lo. Este presente do Aion, que representa o instante é o presente do ator, do dançarino. O aion é “subtrair-se da cronologia sem saltar para um além” (Pelbart, 2008, p. 22).

Que é, pois, o tempo? É o conectar imediato dos heterogêneos, é simultaneamente o anônimo e o individuante, o impessoal e fonte de toda a identidade (Zourabichvili, 2016, pp. 108-109). O tempo, para Deleuze, não é aquele que valoriza a conexão de sucessão, é um tempo heterogêneo, é o tempo do Acontecimento (Zourabichvili, 2016, p. 99). Num mesmo organismo, cada órgão possui seu presente e sua duração própria, de modo que nele coexistem vários presentes, durações ou velocidades relativas. Assim sendo, cada um de nós vive simultaneamente em várias linhas do tempo, sendo que algumas linhas se esfumam e se interrompem brutalmente, ao passo que outras se afirmam. O presente não dá conta de sua própria passagem (Zourabichvili, 2016, p. 101). O terceiro modo do tempo pensado por Deleuze é uma temporalidade que não privilegia nem o presente, nem o passado, mas o futuro; tudo o que existe está em devir (Zourabichvili, 2016, p. 106).

AFTER:NATURE

Um encontro, como o acontecimento em AFTER:Nature (2008), possibilita se arrebatar para uma nova dimensão temporal. Esta instalação sonora acusmática, em que não se via a fonte do som, reproduzindo uma trilha composta por sons de cantos de pássaros, aconteceu em pleno Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. O projeto consistiu na instalação de 42 *tweeters* na copa de cinco árvores. Nesta obra, os artistas desejaram atrair as pessoas para esse lugar transmutador, propuseram uma desaceleração no caos urbano, instigaram o passante a desfrutar dos sons dos cantos dos pássaros e até permitiram aos mais desatentos descobrir, através de “falhas” na trilha e outros ruídos, de que se tratava de um artifício ou dispositivo. Nas palavras do curador Eduardo Campos sobre a intervenção urbana: “na polifonia das cidades, o canto dos pássaros funciona como som atávico, fazendo-nos lembrar nostalgicamente da natureza, da anticivilização, da perda do paraíso” (Campos, 2008, p. 15). A obra pontua um entrelugar, um entretempo, situando-se como uma obra de passagem.

Podemos pensar nesta obra como um arquivo, um *locus* da memória, dos registros do passado (Derrida, 2001), um “bloco mágico”, um brinquedo de criança, que aciona sensações adormecidas na nossa memória e revela que a emergência do correio eletrônico e de outras formas de comunicação, transformaram nossa maneira de viver e de nos relacionar com os espaços públicos e privados. Há também a intenção de reinventar o cotidiano e transfigurar o lugar comum. Trata-se de uma desnaturalização do ordinário, o que os franceses chamam de *dépaysement*, expressão que descreve o deslocamento de um lugar para outro e seus efeitos advindos das mudanças de hábitos e de ambiente (Bueno, 2012). Quando os artistas mimetizam o som do canto dos pássaros, enfatizam o seu poder de nos permitir sentir e ativar percepções anestesiadas pelo cotidiano apressado da cidade.

Esse tempo eterno, com vagar, tempo prazeroso, sem horários apressados, sem obrigações, refere-se a um gozo de tempo sem imediatez, numa outra curtição do tempo, uma maneira de fruir o tempo diferente do tempo do capitalismo, como afirma Waly Salomão, “é o time is pleasure”, é o reinado do prazer e a suspensão do princípio de realidade, nem que seja por alguns instantes (Salomão, 2015, p. 90).

A esfera de duração vivida pela música não se refere a um período de tempo – 10 minutos, meia hora ou uma fração do dia – mas a um tempo experienciado, ao “agora”, a uma passagem da vida que sentimos. Tal passagem é mensurável apenas em termos de sensibilidades, tensões e emoções. Nossa vida é medida pelo ritmo, pela respiração e pela pulsação. Ouvir música pode promover um estado “fora do tempo” (Langer, 2011, p. 28). De acordo com Langer, sempre que sentimos, estamos na presença da arte, da experiência estética (Langer, 2011, pp. 116-117).

Nossa apropriação do espaço é sonora. Reconhecemos ruídos e os sons mais diversos e construímos nossa memória afetiva a partir dos sons domésticos, por exemplo. Barthes anuncia que o “ford-da” freudiano, marca o nascimento da linguagem, quando a criança experimenta a ausência e a presença da mãe com um jogo que consiste em lançar e retomar um carretel amarrado num barbante, criando não só o primeiro jogo simbólico, mas também o ritmo (Barthes, 1990, p. 220). Barthes também diferencia ouvir, que é um fenômeno fisiológico, de escutar, que é um ato psicológico (Barthes, 1990, p. 217). E cada um possui a sua sinfonia pessoal, construída através das experiências.

FRAGMENTOS FINAIS

Manata e Laudares lançam na contemporaneidade pequenas luzes, como vaga-lumes, que possuem luz própria, mas precisam do outro para conseguir iluminar uma porção maior do seu tempo. Sua arte, através do dispositivo da música, desperta esses seres dançantes e cheios de vitalidade, proporcionando lampejos, “ao mesmo tempo eróticos, alegres e inventivos” (Didi-Huberman, 2011, p. 20), uma espécie de “exceção da alegria inocente” (Didi-Huberman, 2011, p. 21) num mundo em que o tempo é tão acelerado e sem muito tempo para a poesia. Esse lugar crucial “onde a política se encarnaria nos corpos, nos gestos e nos desejos de cada um (Didi-Huberman, 2011, pp. 24-25) é sem dúvida um movimento de resistência, talvez muito frágil e sutil, mas necessário para iluminar a nossa noite. Quando Pasolini escreveu sobre os vaga-lumes referiu-se ao desaparecimento do humano no coração da sociedade atual, ele se referia a um mal-estar na cultura. Didi-Huberman nesta obra intitulada *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011) faz uma interferência neste tempo apocalíptico e propõe uma “política de sobrevivências”, de percepção da “nova beleza de uma coreografia”, de uma invenção de formas, de “redescobrir a infância do olhar sobre todas as coisas” que possam emitir “parcelas de humanidade” (Didi-Huberman, 2011). ✍

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2010). O que é o contemporâneo? In G. Agamben, *Nudez* (pp. 19-29). Lisboa: Relógio D' Água.
- Araújo, E. (2007). O desaparecimento do tempo nas sociedades modernas. In E. Araújo & A. Duarte (Eds.), *Tempo e simultaneidade: o desaparecimento do tempo* (pp.21-47). Porto: eCopy.
- Barthes, R. (2003). *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (2004). *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bataille, G. (1943). *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard.
- Bueno, G. (2012, agosto). Franz Manata e Saulo Laudares. *Dasartes*, 23. Retirado de <http://dasartes.com.br/materias/franz-manata-e-saulo-laudares/>
- Campos, M. (2008). AFTER: Nature. In *Catálogo Interferências Urbanas*, prêmio 2008.
- Deleuze, G. (1974). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo.
- Deleuze, G. (1999). *O ato de criação. Palestra de 1987*. Edição brasileira: Folha de São Paulo.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa uma filosofia prática*. São Paulo: Editora Escuta.
- Deleuze, G. (2007). *Francis Bacon - lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2005). *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2011). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Furtado, B. & Lins, D. (Eds.). (2008). *Fazendo rizoma*. São Paulo: Hedra.
- Gadelha, C. (2010). A respeito de modernos e contemporâneos. *Anais VI Congresso da ABRACE*, 11(1), 1-5. Retirado de <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3358/3516>
- Kahn, C. (2009). *A arte e o pensamento de Heráclito*. São Paulo: Paulus.
- Kiffer, A., Bident, C. & Rezende, R. (ORG). (2012). *Experiência e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Circuito.
- Langer, S. K. (2011). *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia e nova chave*. São Paulo: Perspectiva.

- Lispector, C. (1980). *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Lins, D. (1999). *Antonin Artaud, o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Matos, O. (2007). O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. In M. Medeiros, M. Monteiro, & T. Matsumoto (Eds.), *Tempo e performance* (pp. 11-20). Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília.
- Nietzsche, F. (1973). *Assim falou Zaratustra*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Orlandi, L. (2004). Corporeidades em minidesfile. Retirado de http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/corporeidade_minidesfiles.pdf
- Pelbart, P. P. (1993). *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pelbart, P. P. (2008). *O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora da UFRGS.
- Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Salomão, W. (2015). *Hélio Oiticica: qual é o parangolé?* São Paulo: Companhia das Letras.
- Santiago, S. (2000). *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Sodré, M. (2016, agosto). *Educação e diversidade* [Palestra]. UFBA, dia 29 de agosto de 2016, Salvador, BA.
- Zourabichvili, F. (2016). *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34.

NOTA BIOGRÁFICA

Priscilla Porto Nascimento Fasani é doutorada em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (2019), mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (2006) e graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Publicou o livro *A relação ética da arte na sociedade do espetáculo* pela Editora da UFF (2007). É integrante do grupo de pesquisa Ecus da UFBA desde 2015.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1521-1818>

Email: priscillafasani@hotmail.com

Morada: Rua do Mangalo 277 - apto 102 – Patamares - Cep. 41.680-048 - Salvador - Bahia - Brasil

* Submetido: 01/09/2018

* Aceite: 10/2/2019

TEMPORALITIES EMBEDDED ON THE INTENSIVE BODY DURING THE EXPERIENCE OF THE ARTISTIC PROJECT SOUND SYSTEM

Priscilla Porto Nascimento Fasani

ABSTRACT

This article addresses the artistic project SoundSystem, developed by Franz Manata and Saulo Laudaes since 1996. The process, in action up to the present day, consists of sharing experiences through sound installations, DJ's performances and urban interventions. Universal signs such as heart beats and bird corners are used. The duo assumes an ethical concern to affect the participant. The main issues involved are the "good encounters", the time-dilation and the intensity provoked by the dionysian impulses of music and dance. This text will discuss the possibility of experience the time of the event, resisting to chronopolitics.

KEYWORDS

Affective encounters; body without organs; contemporary art; perceptions of time

TEMPORALIDADES INSCRITAS NO CORPO INTENSIVO DURANTE A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ARTÍSTICO SOUNDSYSTEM

RESUMO

Este artigo debruça-se sobre o projeto artístico SoundSystem, desenvolvido por Franz Manata e Saulo Laudaes desde 1996. O processo, em ação até os dias de hoje, consiste em partilhar experiências através de instalações sonoras, performances de DJ's e intervenções urbanas. São utilizados signos universais como batidas de coração e cantos de pássaros. A dupla assume uma preocupação ética de afetar o participante. As principais questões envolvidas são os "bons encontros", a dilatação do tempo e a intensidade provocada pelos impulsos dionisíacos da música e da dança. Neste artigo, a proposta é viver o tempo do acontecimento, resistindo à cronopolítica.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea; corpo sem órgãos; encontros afetivos; percepções do tempo

Experimenting and interrogating is my way forward.
I feel ravied, my soul dances (Nietzsche)

INTRODUCTION

In this article, we will consider the practice of constructing a body without organs through the experiences shared by the artists Franz Manata and Saulo Laudaes in the works *Heartbeat* (2006), *The Place* (2010) and *AFTER: Nature* (2008). These sound installations were exhibited in Rio de Janeiro: in Parque Lage, in the house of curator Bernardo Mosqueira and outdoors, at Aterro do Flamengo, respectively. The intensive sensations that can be felt during these exhibitions, provoke changes in the circuits of affections, which allow the creation of a dancer body, which also dances inside out. The artists resist chronopolitics and propose a time of the event. Dance and music allow the body to be freed from its utilitarian and organic movements. This logic of sensation happens in these encounters that link the artistic processes to the vital processes, provoking the invention of other times, different from the chronological time.



Figure 1: *AFTER: Nature* (2008): Sound installation with tweeters, 150 m cables, power, generator, track

Credits: Saulo Laudaes

THE HEARTBEAT EXHIBITION

The sensation experienced during the exhibition of the work *Heartbeat* (2006), held in the stables of Parque Lage, in Rio de Janeiro, was of freedom and anguish at the same time. The vital sound of the heartbeats, which came out of the two huge speakers, made my body vibrate and I could not be exempt from those waves of severe. You could see the stars and the night. This experience that began in the body, reached other lines, other strata, flows, other areas of continuous intensity, other plateaus. It seemed that the audience was there to feel and nothing more. To try to explain this almost indescribable sensation I will use the words of Nietzsche in Zarathustra, in the aphorism *Of those who despise the body*: “I am body and soul – so speaks the child” (Nietzsche, 1973, p. 38).

This aionic temporality emanates from sharing¹ the Heartbeat sound facility, one of the fragments of the SoundSystem project, in which a conversation was heard between the hearts of artists Franz Manata and Saulo Laudares, on a dance floor, produced an effect that lasts for years. After I felt it, it was necessary to think about this experience². The heart “is the organ of desire”, of life, of the encounter, is a wishful heartbeat (Barthes, 2003, p. 91).

INTENSIVE ENCOUNTERS

The moment the notion of sharing appears in the SoundSystem project was in The Place in 1998. The Place is an open immersion space, in process since 1996, where manifestations occur that have in the other their sense of existence. The space can become a dance floor, an exhibition venue or lectures. The initial idea of The Place was to share the experience of the dance floor and was inspired by the work *Incidents* (Barthes, 2004), in the text *At the Palace, tonight...*, in which Barthes describes his experience at the French nightclub Le Palace which, at the time, was considered the Temple of Dance. Barthes, through his writing, refers to the power of this encounter. From then on, producing the intensity of the experience lived by Barthes became the focus of the duo.

The project itself arose from an encounter of the artists. Franz Manata and Saulo Laudares have been an artistic and affective partnership for more than twenty years. Both were born in Belo Horizonte but live in Rio de Janeiro since the year 2000. Franz Manata is a professor at the School of Visual Arts at Parque Lage and independent curator. He worked for seven years (2001-2008) as co-curator of the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro. Saulo Laudares is a DJ of electronic music, in addition to developing soundtracks for dance performances and films. The works of the artists were part of the Artur Fidalgo gallery, located in Copacabana and, more recently, the Sé Gallery, which is in the center of São Paulo.

Inspired by Lygia Clark and Hélio Oiticica, they propose public participation. Oiticica and Clark put the spectator's physical presence in the center, overcoming the dissociation between feeling and knowing, mind and body, of the me and the other, of the producer and the consumer (Salomão, 2015, p. 73). The perspective of life as a laboratory experiment, by Oiticica, is a way of life that the duo has as a reference for the conception of their works. Consequently, in addition to the children of Oiticica, they are also sons of Nietzsche and Artaud (Salomão, 2015, p. 87). As for the influence of Lygia Clark, the notion of the artist's relational object foundation of the work of the duo, but the artists almost never make use of a material object, but of this dematerialized art, which is music. It is a relational art, which only exists in the event that is the encounter with the other.

¹ For Jacques Rancière, in *The sharing of the sensible* (2005), sharing means both participation in a common set and, conversely, separation, distribution in installments. The sharing of the sensitive is a political act and refers to a discordant encounter of individual perceptions. There is a shared rhythm and, at the same time, a rhythm of each participant.

² According to Muniz Sodré (2016), etymologically, the word experience comes from the Latin, *experiri*, and is formed by *ex* (outside), *peri* (perimeter, limit) and *entia* (learning). It refers to the act of learning beyond the limits, of the borders, there is a spatial displacement, an adventure, a journey, a crossing, where the most important is the process, the duration, the becoming.

In *Experience and contemporary art* (Kiffer, Bident & Rezende, 2012), the notion of experience is presented through different perspectives. The experience is something that can cross us from side to side, to revolve, to transform us without being able to name it; is something that surpasses, that exceeds the language, that can not be contained and has nowhere to fit. The word experience has a double meaning, it names both a proof by which it passed as the purpose of producing or fostering. Experience is this point of indetermination between the singular and the universal, between the sensible and the intelligible, between the practical and the theoretical. According to Georges Bataille, experience is a threshold, it is not an accumulation of the lived, approaching more of the inexhaustible and non-formulable, referring to an inner experience, but a twisted interior, an exteriorized interior or an internalized exterior.

According to Claudio Oliveira, in the article *How fire burns or of experience as a knowledge that is not known*, “contemporary art may be an occasion for us to re-encounter with the constitutive non-knowledge of our humanity”, to re-encounter with the intensive sensations (Kiffer, Bident & Rezende, 2012, p. 42). After all, experience – including that of love – is born as a crack in the mirror, a breach in self-identity and in the ipseity or hecce³ of things, what Deleuze calls the unnameable, the untimely, that which is not a form, is a rhizome (Deleuze quoted in Kiffer, Bident & Rezende, 2012, p. 85).

In the chapter “Essay on destruction of experience”, in *Childhood and history* (Agamben, 2005), Agamben retakes Benjamin’s *Experiment and poverty* (1933) and stresses that in order to impoverish the experience of man, a stressful daily life, which runs counter to singular temporality each one, will suffice. The experience, according to Agamben, would be a ladder that leads to other rooms in the house, a tool that intersperses present, past and future (Agamben, 2005, p. 24).

THE CREATION OF A BODY WITHOUT ORGANS

The experience of feeling the sound of heartbeats in *Heartbeat*, dissociated from a corporeal image, referred me to the Deleuzian concept of “body without organs” (BwO). These hearts were not there “exposed” in order to elucidate their physiological function in the body, fulfilling its utilitarian character in the organism. The intention was to share a desire to affect and be affected. The duo, Manata and Laudaes, as well as Guatarri and Deleuze, share a mode of existence, a way of life, an ethics. The authors / artists do not write or create together, in the same rhythm, but each one in its time and thus work between the two, it is a double capture.

Deleuze and Guatarri work on the concept of BwO, in the third volume of *A thousand plateaus* (1996). The BwO is a practice, an experiment, inspired by Antonin Artaud, an artist who sought to generate, during the theatrical experience, a body of resistance and intensity, free of automatisms and capable of dancing. The *Theater of cruelty* emphasized

³ Daniel Lins, in the article “Joy as a revolutionary force”, explains that a hecceidade is a specific individuation way that constitutes new individualities and resists to the identity prison governed by the ontological thought, through the connection of a set of heterogenous material elements, which Deleuze names of longitude and latitude, movement and rest, speed and slowness, rhizome, is not a form, is an unpublished and quick moving entity (Furtado & Lins, 2008, p. 52).

the sensitive and the sensations, problematizing the excess of rationality of the western world. The cruelty to Artaud was the lack of freedom (Lins, 1999, pp. 12-13). By emptying itself of its functionality, the body can open itself to the sensitive, to the event.

Deleuze and Guatarri appropriated Artaud's concept of BwO to name the need to create a body freed from its function, considering the logic of late capitalism, which prioritizes productivity and controls the time of individuals. The BwO is a body in happening, in becoming, a body capable of experiencing sensations, of dancing, of feeling joy and ecstasy.

A BwO is made in such a way that it can only be occupied, populated by intensities. Only the intensities pass and circulate, but the BwO is not a scene, a place, not even a support where something would happen. Nothing to do with a ghost, nothing to interpret. (...) It is not space and is not in space, it is matter that will occupy space in such or such degree. (Deleuze, 2007, p. 13)

The running routine due to the demands of productivity at work tends to anesthetize and desensitize our bodies and we must recreate them. Deleuze points to the importance of experimentation, as opposed to the interpretation of psychoanalysis (Deleuze, 2007, p. 11).

In the exhibition *Freedom is little. What I want hasn't a name yet* (2010), the curator Bernardo Mosqueira invited artists to think about contemporary freedom and exhibit their work at his home in the Botanical Garden. The phrase entitled the exhibition was taken from Clarice Lispector's book *Near the wild heart* (1980, p. 50). Franz Manata and Saulo Laudares presented *The Place*, which is the dance floor itself as a work of art. In a sound environment with the fluorescent wall, several DJs took turns in the sound. According to Mosqueira, "the dance floor is a place of political activity: resistance, affection, articulation, relationship and creation. Boil is Struggle".

The work *Near the wild heart* (Lispector, 1980), as well as the work of Manata and Laudares, deals with the invisible, the unspeakable, the sensations that the character experiences in her body, in her soul. The concepts of Spinoza, cross the work, as his indistinction between soul and body. Joana transgresses the repetitive quotidian of chronological time, playing with the time of the clock. She lives the instant through the invention of a subjective time. Joan creates for herself a body without organs, a body in becoming that does not have an identity, nor a defined gender, it is built.

Spinoza's sense of ethics, present both in the work of Lispector and in the duo, is to compose relationships that increase the power to act and to organize cheerful encounters that potentiate the force of existing. Spinoza is not surprised to have a body, but with what the body can: "bodies are not defined by their gender or species, by their organs and their functions, but by what they can, by the affections of which they are capable (Spinoza cit in Deleuze & Parnet, 1998, p. 49).

The question that arises in the work of Manata and Laudares is how to extract something joyful and enthralling from what happens, a glimpse, an encounter, an event, a speed, a becoming (Deleuze & Parnet, 1998, p. 54). So the important thing is to make

an event, however small, the most delicate thing in the world, emphasizing alliances, nuptials, contagion, wind, almost imperceptible.

The body of the artists resists the chronopolitics, the politics of time control, besides resisting the insensibility, the impositions of genre and other forms of domestication of the desire. Artists want to be close to a free, wild heart.

DANCING INSIDE OUT

Orlandi, in *Corporations in miniparade* (2004, p. 10), emphasizes that BwO occur as magnetisations of escape lines that occur at the moments when they explode senses, in encounters with one experiment in the body, intensities and eternity, in this aionic intertempor, the child's time, the duration of life. BwO is the field of immanence of desire.

Artaud's *Theater of cruelty* inaugurates a theater of non-representation, speaking to the senses, to the nervous system, to the flesh itself, to the skin. Artaud's whole body, neither human nor metaphysical, was a body of resistance and intensity, a body without organs. This body redone, reorganized and freed of its automatisms, opens to dance inside out. Dance is understood as the liberation of the body from its utilitarian movements, on the right way and inside out.

When they have obtained a body without organs, they will have freed it from their automatisms and returned their true freedom. Then they will be able to teach him to dance inside out as in the delirium of popular dances, and this reverse will be his true place. (Lins, 1999, p. 47)

This logic of feeling (Deleuze, 2007), thought by Deleuze, allows the unification of the opposing principles, the living and the dead, the awakened and the sleeping, the young and old, love and hate, caress and aggression, the man and the woman. The boundaries between the arts are blurred. In the plastic arts or music, it is not a question of reproducing or inventing forms, but of grasping the forces. It is by this bias that no art is figurative. The work of Manata and Laudaes, by activating music and dance, seeks to make visible and sonorous things that are not. The work is immaterial and material at the same time.

In *Logic of sense* (Deleuze, 1974, p. 73), when Deleuze relates the literary work *Alice in Wonderland* to his theory of sense, he mentions the glorious body without organs, relating it to Dionysius, who shows his two countenances, his body open and lacerated, his head impassive and without organs, Dionysius dismembered but also impenetrable. The Body without Organs is this paradox of Carroll's work, it is this intensity, it is this limit. Saulo Laudaes, referring to the work of the duo, relates it to "falling into a hole in Alice", referring to these "incoherent" sensations of the unconscious present in his artistic experiments.

We can determine our power to affect and be affected so that we do not live random encounters. If I do not know what my body is capable of, what the other body I am with is capable, and how our relationships can be composed, I live to capture the effects of

these encounters. We can have the “mode of existence” that suits us, as Spinoza has shown (quoted in Deleuze, 2002).

In *A thousand plateaus*, on the plateau dated November 28, 1947, entitled *How to create a body without organs* (1996), Deleuze and Guatarri refer to the date Artaud created the concept, which can be found in the poem *To end with the judgment of God*. On this date, Artaud declares war on the organs (Deleuze & Guatarri, 1996, p. 10). The point being made is that it is not about finding this ready body somewhere; you have to create it. The body without organs is an “exercise”, is not a notion, but a set of practices, an experimentation. “The body without organs never concludes” (Gadelha, 2010, p. 3).

Deleuze, in *The act of creation* (1999) says that works will become works of art only if they become acts of resistance. They resist the annihilation of life and address the other, to another that does not exist (Deleuze 1999, p. 91). Art preserves, preserving a block of sensations, that is, a compound of percepts and affections. Percepts are perceptions that go beyond the state of those who have experienced them and affects overflow the feelings of those who have passed through them (Deleuze & Guatarri, 2005, p. 213). Affection is experimentation, and not subject to interpretation, affection is non-personal (Furtado & Lins, 2008, p. 45). In *Dialogues* (Deleuze & Parnet, 1998), Deleuze points out that desire is not the privilege of an elite, it is itself a collective, a process that demands a meeting, an experience, a sharing.

The notion of Body without Organs, named by Artaud and used by Deleuze and Guatarri, is also called vibratile body (Rolnik, 2016), full body, upper body, impossible body, new body, body not oppressed, pure body, desiring body, intense body, powerful body, pulsating body, Dionysian body, dancing body, body that dances inside out. Importing your practice here.

What Deleuze and Guatarri propose in *The anti-Oedipus* (2011) is a desanalysis, making it possible to capture the power of the drug without drugging or the power of madness without being crazy. Schizoanalysis is this schizo process of decoding and de-territorialization (Deleuze, 2013, p. 35). Intensive is perceived as an act of resistance (Furtado & Lins 2008, p. 69) and joy as a revolutionary force (Furtado & Lins, 2008). Joy in this sense is enchantment, spell, state of grace, wandering. It is a vibrating joy, a desire for life, heraclitian joy-child or a dancer’s joy (Furtado & Lins, 2008, p. 49).

The sound, in *Heartbeat* (2006), potentiates the creation of this BwO, by impelling the body to live the experience of dance. According to the curator and critic Guilherme Bueno (2012) wrote:

Heartbeat invests in what would be called “plastic sound”, that is, the power of the waves to be able to shape, act on the participant’s body, conferring a sculptural corporeity given less by the particular physical characteristics of space than by how much sound creates there fields of force of attraction or repulsion, causing us both to immerse hypnotically and in counterpart to be “obstructed” in that environment. (Bueno, 2012)

CIRCUITS OF AFFECTIONS

As Safatle (2016) argued, societies are, in their fundamental dimension, circuits of affection. They build bonds through the way bodies are affected, sensed objects, and driven desires. These rare moments in which events cause us to be affected otherwise, break the circuits of affections that prevailed until then, dispossessing us of our paths, forsaking our rhythms and decomposing our bodies.

When Manata and Laudares invite people to participate in DJ performances, see an installation with the word *Dancing* in neon without music, listen to the Heartbeat installation or live the experience of contemplating nature and listening to birdsong during urban intervention AFTER: Nature, are performing an art of the Event. Here it is not important to produce objects that will be interpreted, but to experience the instant, the aionic become. To create, therefore, is not only to give shape to a matter or to reflect on it, but to construct ritornelos, crystals of time, in visual, sound, or linguistic materials (Zourabichvili, 2016, p. 148).

In the work, *Deleuze: a philosophy of the event*, Zourabichvili (2016) refers to the *Logic of sense* (1974), where Deleuze observed that we should not ask ourselves what the meaning of an event is, because the event is meaning itself! And the event is in not visible or non-tangible things, in abstract things like space and time.

The consistency of the world is in affection or sensation; in other words, it is in the event. But this event is not of the body, although it occurs to the bodies; it is at the limit of bodies, in the passage from one state of things to another (for example, to grow). Thus, because it is the incorporeal effect of mixtures of bodies, the event is expressible in nature, which makes language possible (Zourabichvili, 2016, p. 145).

In order for “affective triggers” to occur, new ways of perceiving, feeling, acting through art require something to “push” the thought, shake it and drag it in a search, there must be a chance incitement that depends on an encounter (Zourabichvili, 2016, p. 51). And an effective meeting is certainly not a fusion; it takes an art of distances, neither too close nor too far (Zourabichvili, 2016, p. 133).

AIONIC TIMES

In the essay “What is the contemporary?” (2010) Agamben investigates the problem of time and points out the need for the invention of another time, different from chronological time. It is from this experience of the invention of another temporality, of its own rhythm, of a joyful encounter with itself and with the other that we would like to deal with. The work of the artists Manata and Laudares flirts with this question in proposing a dilation and intensification of the experience of the lived time.

Emília Araújo, in *When time disappears* (2007), reflects on these issues of the rhythms of capitalist time and subjective time. The tools that mark the time, like the clock and the calendar, compel us to have a certain rhythm, which regulates our life. Individuals could not organize their day-to-day lives without being sure of the ways of measuring time. However, in other centuries, these rhythms were mismatched, for each society had its

own temporal rhythm. But today, no society survives without the guidance of the same temporal system. This standardization of rhythms makes societies more dependent on each other, despite the geographical distances that separate them (Araújo, 2007, p. 21). Despite the usefulness of the calendar, the ability to assess the passage of time goes well beyond the ability to handle all these measuring instruments. We have the ability to feel the passage of time, which transforms the body and affects our state of mind.

Time, like space, is a physical dimension, but time, unlike space, is made up of the invisible. There is a marked impression of acceleration of time today. Studies of the use and occupation of time have shown that there is a growing “hunger for time”, a result of the speed of the rhythms of life of individuals. The rush is a constant, everything must be fast and with few waiting times (Araújo, 2007, p. 24).

The conception of time as something external to the individual, which he must control and administer, is a principle of the constitution of modern society. The idea of an abstract and universal chronology as well. This is part of the process of global colonization of capital that needs to control individuals' time. However, it is imperative to assume that distinct rhythms develop at the same time (Araujo, 2007, 32).

Despite its immateriality, time has a profound capacity to affect people's behavior, and this objective and marketable time has consequences on the subjective experience of individuals, since the lack of time leads to stress, feelings of impatience and anxiety (Araújo, 2007, p. 37).

Individuals, even when they are not alone, cease to feel an integral part of a whole. In addition, there is a postponement of commitments in the biographical plan and the reduction of the amount of free time available. There is no doubt that time management has become a political issue (Araújo, 2007, p. 43).

The need to resist the current chronopolitics or the policy of optimization of time is justified in view of the current malaise present. The principle of performance governs the performance of the worker who must be available full time, which is made possible by the new communication technologies. There is, therefore, a refusal of the temporality of experience. According to the philosopher Matos (2007), there is this process of changing the temporality that is constituted through an acceleration of the present. The institutional organization of time causes each to lose the sense and command of the time of his life. The impossibility of having time to seek a meaning for its existence causes in man a feeling of non-belonging, of “feeling superfluous”, “a stranger in the world”. In this way, there is a loosening of the bonds, which become less durable. The haste accentuates the superficiality of the bonds, producing an interior impoverishment; given that feelings require duration to develop: “without stable ties, a symbolic deficit occurs in the individual and in society, since values depend on a shared space of shared experiences” (Matos, 2007, p. 102).

In the play *The King-Time's Ship* (1993), in which the philosopher Peter Pál Pelbart talks about the time of madness, the author seeks to rethink some of our temporal, aesthetic and existential closures, joking to undo certain crystallized orders in the mirror of time. The author seeks a “playful lightness” capable of reinventing everyday life. Pelbart

quotes Paul Virilio to speak of a chronopolitics that is under way and whose unfoldings are still unknown, although it promotes a temporal flattening that provides a regime of temporality that tends to abolish the duration itself (Pelbart, 1993, p. 33). The author points out that while hegemonic chronopolitics aims at maximum acceleration, madness not only embodies a deceleration, but the claim of another time. And undoubtedly rescuing the “gushing of time” is a necessity not only for madness, but for our life and thought and it can be given through art. The proposal of the artists Manata and Laudares is to invent “workshops of time”, seeking a long time, closer to the Bergsonian duration.

This space reserved for counter-time, the untimely is in *The Place*, place of imaginary immersion, a “time machine”. The artists Manata and Laudares propose moments of resistance to the intrinsic violence of the current frenzied temporal regime and seek to rescue this aesthetic dimension of experiencing intensity, promoting a kind of “rhythmanalysis” (Pelbart, 1993), considering the rhythmic multiplicity of each subject. Electronic music mixes different voices, evokes diverse times and temporalities, where all are packed by the rhythm of the beats of a fast heart. There is here the proposal of the “between”, of an “interlacing” (Santiago, 2000) in which one is not in the closure of the madness, that has an excess of the outside and of slowness of the time, nor totally within a system accelerated that does not makes room for creation.

Artists seek not the pulsed time of Chronos, but the floating time of poiesis found in Aion (Pelbart 1993, p. 80). To this attempt to “share the sensitive” (Rancière, 2005) or “how to live together”, Barthes called “idiorrhymia”, a compound word for the word *idios* (proper) and *rhythmos* (rhythm), which was appropriated from the religious universe, but which can extend to the profane world. That way, despite living in community, the pace of each can take time. When referring to the duration of life, of vitality, of the aion, the pre-Socratic philosopher Heraclitus says: “duration of life is a child playing, moving parts in a game. The kingship is of the child” (Kahn, 2009, p. 95). And Nietzsche adds: “it is that the child is innocence and forgetfulness, a new beginning, a toy” (Nietzsche, 1973, p. 31).

In the “Aion” chapter, Deleuze discusses the two dimensions of time, that of Cronus and that of Aion, in Deleuze’s work *Logic of sense* (Deleuze, 1974, pp. 90-93). According to Cronus, only the present exists in time and this present is somehow bodily. According to Aion, only the past and the future insist or subsist in time. While Cronus expressed the action of bodies and the creation of bodily qualities, Aion is the place of incorporeal events. While Cronus was inseparable from the bodies that filled it, Aion is populated with effects that inhabit it without ever filling it. This Aion’ present, which represents the instant is the present of the actor, the dancer. The aion is “to withdraw from chronology without jumping into a beyond” (Pelbart, 2008, p. 22).

What, then, is time? It is the immediate connection of the heterogeneous, it is both the anonymous and the individuating, the impersonal and source of the whole identity (Zourabichvili, 2016, pp. 108-109). Deleuze’s time is not one that values the connection of succession, it is a heterogeneous time, it is the time of the Event (Zourabichvili, 2016, p. 99). In a single organism, each organ has its present and its own duration, so that there coexist several presents, durations or relative speeds. Thus, each of us lives

simultaneously in several lines of time, with some lines vanishing and brutally interrupting, while others affirm themselves. The present does not account for its own passage (Zourabichvili, 2016, 101). The third mode of time thought by Deleuze is a temporality that privileges neither the present, nor the past, but the future; all that exists is in becoming (Zourabichvili, 2016, p. 106).

AFTER:NATURE

An encounter, such as the event in *AFTER: Nature* (2008), allows one to escape into a new time dimension. This acousmatic sound system, in which the source of the sound was not seen, reproducing a track made up of sounds of bird songs, happened in full Aterro do Flamengo, in Rio de Janeiro. The project consisted of the installation of 42 tweeters in the canopy of five trees. In this work, the artists wished to attract people to this transmuter place, proposed a slowdown in urban chaos, instigated the through enjoying the sounds of birdsong and even allowed the most inattentive discover, through “failures” on track and other noises, that it was an artifice or device. In the words of curator Eduardo Campos on urban intervention “in the polyphony of cities, birdsong works as atavistic sound, reminding us nostalgically of nature, anti-civilization, the loss of Paradise” (Campos, 2008, p. 15). The work marks an interlude, situating itself as a work of passage.

We can think of this work as a file, a memory locus, the records of the past (Derrida, 2001), a “magic block”, a child’s toy, that triggers dormant sensations in our memory and reveals that the emergence of e-mail and of other forms of communication, have transformed our way of living and relating to public and private spaces. There is also the intention to reinvent everyday life and transfigure the commonplace. It is a denaturalization of the ordinary, what the French call *dépaysement*, an expression that describes the shift from one place to another and their effects from changes in habits and environment (Bueno, 2012). When artists mimic the sound of birdsong, they emphasize their power to allow us to feel and activate perceptions anesthetized by the hustle and bustle of the city.

This eternal time, with leisurely time, without hasty schedules, without obligations, refers to a joy of time without immediacy, another tantrum of time, a way of enjoying time different from the time of capitalism, as Waly Salomão affirms, “Is the time is pleasure”, is the reign of pleasure and the suspension of the principle of reality, if only for a moment (Salomão, 2015, p. 90).

The sphere of duration experienced by music does not refer to a period of time – 10 minutes, half an hour or a fraction of a day – but a time experienced, the “now”, a passage of the life we feel. Such a passage is measurable only in terms of sensitivities, tensions, and emotions. Our life is measured by rhythm, breath, and pulse. Listening to music can promote an “out of time” state (Langer, 2011, p. 28). According to Langer, whenever we feel, we are in the presence of Art, of aesthetic experience (Langer, 2011, pp. 116-117).

Our appropriation of space is sonorous. We recognize noises and the most diverse sounds and construct our affective memory from the domestic sounds, for example.

Barthes announces that the freudian “ford-da” marks the birth of language when the child experiences the absence and presence of the mother with a game of throwing and retaking a reel tied in a string, creating not only the first symbolic game, but also the rhythm (Barthes, 1990, p. 220). Barthes also distinguishes between listening, which is a physiological phenomenon, of listening, which is a psychological act (Barthes, 1990, p. 217). And each one has his own personal symphony, constructed through experience.

FINAL FRAGMENTS

Manata and Laudares launch in the present-day small lights, like fireflies, which have their own light, but need the other to illuminate a larger portion of their time. Their art, through the device of music, awakens these dancing beings full of vitality, providing glimpses, “at once erotic, joyful and inventive” (Didi-Huberman, 2011, p. 20), a kind of “exception of innocent joy” (Didi-Huberman, 2011, p. 21) in a world in which time is so fast and without much time for poetry. This crucial place “where politics would incarnate in the bodies, gestures and desires of each” (Didi-Huberman, 2011, pp. 24-25) is undoubtedly a movement of resistance, perhaps very fragile and subtle, but necessary to illuminate our night. When Pasolini wrote about the fireflies he referred to the disappearance of the human at the heart of present-day society, he referred to a “malaise in culture”. Didi-Huberman in this work entitled *Survival of the fireflies* makes an interference in this apocalyptic time and proposes a “politics of survival”, of perception of the “new beauty of a choreography”, of an invention of forms, of “rediscovering the childhood of the gaze on all the things” that can emit “parcels of humanity” (Didi-Huberman, 2011). ✍

Translation: Priscilla Porto Nascimento Fasani

REFERENCES

- Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2010). O que é o contemporâneo? In G. Agamben, *Nudez* (pp. 19-29). Lisboa: Relógio D' Água.
- Araújo, E. (2007). O desaparecimento do tempo nas sociedades modernas. In E. Araújo & A. Duarte (Eds.), *Tempo e simultaneidade: o desaparecimento do tempo* (pp.21-47). Porto: eCopy.
- Barthes, R. (2003). *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (2004). *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bataille, G. (1943). *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard.
- Bueno, G. (2012, agosto). Franz Manata e Saulo Laudares. *Dasartes*, 23. Retrieved from <http://dasartes.com.br/materias/franz-manata-e-saulo-laudares/>

- Campos, M. (2008). AFTER: Nature. In *Catálogo Interferências Urbanas*, prêmio 2008.
- Deleuze, G. (1974). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo.
- Deleuze, G. (1999). *O ato de criação. Palestra de 1987*. Edição brasileira: Folha de São Paulo.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa uma filosofia prática*. São Paulo: Editora Escuta.
- Deleuze, G. (2007). *Francis Bacon - lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2005). *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2011). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Furtado, B. & Lins, D. (Eds.). (2008). *Fazendo rizoma*. São Paulo: Hedra.
- Gadelha, C. (2010). A respeito de modernos e contemporâneos. *Anais VI Congresso da ABRACE, 11(1)*, 1-5. Retrieved from <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3358/3516>
- Kahn, C. (2009). *A arte e o pensamento de Heráclito*. São Paulo: Paulus.
- Kiffer, A., Bident, C. & Rezende, R. (ORG). (2012). *Experiência e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Circuito.
- Langer, S. K. (2011). *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia e nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Lispector, C. (1980). *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Lins, D. (1999). *Antonin Artaud, o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Matos, O. (2007). O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. In M. Medeiros, M. Monteiro, & T. Matsumoto (Eds.), *Tempo e performance* (pp. 11-20). Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília.
- Nietzsche, F. (1973). *Assim falou Zaratustra*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Orlandi, L. (2004). Corporeidades em minidesfile. Retrieved from http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/corporeidade_minidesfiles.pdf
- Pelbart, P. P. (1993). *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pelbart, P. P. (2008). *O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.

Rolnik, S. (2016). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora da UFRGS.

Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica.

Salomão, W. (2015). *Hélio Oiticica: qual é o parangolé?* São Paulo: Companhia das Letras.

Santiago, S. (2000). *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Sodré, M. (2016, August). *Educação e diversidade* [Lecture]. UFBA, 29 August 2016, Salvador, BA.

Zourabichvili, F. (2016). *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34.

BIOGRAPHICAL NOTE

Priscilla Porto Nascimento Fasani holds a PhD in culture and society by the Federal University of Bahia (2019), M. D.in art science from University Federal Fluminense (2006) and graduated in Social Communication from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (2000). She published the book *the Ethical relationship of art in the society of the spectacle* by Uff publisher (2007). She is now member of the ECUS research Group of UFBA, since 2015.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1521-1818>

Email: priscillafasani@hotmail.com

Address: Rua do Mangalo 277 - apto 102 – Patamares - Cep. 41.680-048 - Salvador - Bahia - Brasil

* Submitted: 01/09/2018

* Accepted: 10/2/2019

COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO E HIPERLOCALIZAÇÃO: OS NOVOS *FLÂNEURS*

Ivone Neiva Santos & José Azevedo

RESUMO

A experiência de sensações tais como a de aceleração do tempo ou de eliminação do espaço vulgarizou-se na vida moderna cada vez mais organizada segundo o ritmo do “tempo real”, instituído pelos média digitais. Neste artigo, partindo do conceito de compressão espaço-tempo de Harvey (1999), confrontamos perspectivas situadas nas correntes do determinismo tecnológico com outras que defendem a relação dialógica entre tecnologia e sociedade. Abordam-se noções como as de desterritorialização e destemporalização que permitem compreender o surgimento de um espaço de dados fragmentado e intemporal, correspondendo a uma “nova geografia”, na qual já não é possível estabelecer uma fronteira clara entre o mundo físico e o digital. O texto estrutura-se tendo como suporte teórico o conceito de *flâneur* ciberespacial, explorando as semelhanças com o *flâneur* novecentista, tal como descrito por Baudelaire. A análise de um conjunto de intervenções artísticas e experimentais centradas sobre questões como a hiperlocalização ou a ubiquidade e a pervasividade permite-nos recorrer a esta figura do *flâneur* ciberespacial num duplo sentido, como sinal da tendência para a aceleração técnica, mas também como símbolo da força de resistência a essa mesma aceleração. Conclui-se que a evolução exponencial e a crescente “naturalização” da tecnologia nos obrigam a considerar o seu papel determinante nas dinâmicas sociais, designadamente, a partir da transformação da nossa relação com as dimensões do espaço e do tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade senciente; compressão espaço-tempo; cronografia do poder; espaço aumentado; *flâneur* ciberespacial

SPACE-TIME COMPRESSION AND HYPERLOCALISATION: THE NEW *FLÂNEURS*

ABSTRACT

The experience of sensations such as time acceleration and space elimination has become common in modern life, which is increasingly organised in tune with the “real time” imposed by digital media. Throughout this article and starting with the concept of “time compression” presented by David Harvey (1999), the authors contrast technological determinism with other perspectives that suggest there is a dialogue-based relationship between technology and society. The text discusses notions such as deterritorialisation and detemporalisation that make it possible to understand the emergence of a fragmented and timeless data space, which corresponds to a “new geography”, in which it is no longer possible to establish a clear boundary between the physical and the digital world. The text is theoretically underpinned by the concept of the *cyberflâneur*, exploring the similarities with the 19th century *flâneur* described by Baudelaire (1996). Analysis of a set of artistic and experimental interventions addressing issues such as hyperlocalisation or ubiquity and pervasiveness enables us to use the character of the *cyberflâneur* in a twofold sense – as a sign of technical acceleration and also as a symbol of resistance to such acceleration. The authors conclude that the exponential evolution and increasing “naturalisation” of technology obligates us to consider its determining role in social dynamics, namely by transforming our relationship with the dimensions of space and time.

KEYWORDSSentient city; space-time compression; power-chronography; augmented space, *cyberflâneur***INTRODUÇÃO**

Este artigo procura observar o papel crítico dos média digitais em desafiar conceitos historicamente significativos de tempo e espaço, mudando a forma como as pessoas moldam suas identidades e ampliando o âmbito da mobilidade física e psicológica no mundo globalizado de hoje. Embrenhando-se crescentemente na nossa existência, através das redes sem fios ou dos sistemas de vigilância, a ubiquidade dos média digitais vem aumentando massivamente, tornando cada vez mais difícil analisarmos separadamente o que é social, tecnológico ou espaço-temporal. Partindo deste cenário, questiona-se se os conceitos de desterritorialização e destemporalização permitem compreender os usos do espaço e tempo no novo contexto caracterizado pela aceleração e fragmentação, mas também pelo surgimento de um novo espaço de dados intemporal, contínuo e pervasivo.

A invocação da figura do *flâneur*, explorada por Baudelaire (1996) e Benjamin (2000), no contexto da modernização e do desenvolvimento das cidades associados à industrialização, e retomada por autores como André Lemos (2009) ou Kathryn Kramer e John R. Short (2011), a propósito da evolução tecnológica e da globalização, enquadrou-se nessa estratégia de problematização, na qual identificámos aspetos deste novo contexto que associamos a uma certa *flânerie* ciberespacial. Isto na medida em que é um contexto que favorece a definição de itinerários pessoais e a manutenção de relações fluidas com os diferentes contextos espaçotemporais percorridos pelo cidadão/cibernauta. Igualmente, porque dá origem a movimentos de resistência à “modernidade”, agora encarnada na monitorização e controlo permitidos pelo próprio desenvolvimento tecnológico associado à globalização.

Este artigo está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar é apresentada a corrente de pensamento que estabelece uma relação determinante entre a evolução tecnológica e a forma como vivenciamos e percebemos o espaço e o tempo, relacionando esta corrente com o conceito de compressão espaço-tempo; de seguida, são enunciadas as abordagens que atribuem à tecnologia um papel instrumental, encontrando sobretudo nas dinâmicas sociais a razão de ser do que seria a crescente aceleração do tempo e eliminação do espaço características da modernidade; é ainda abordado o papel específico dos média digitais nesta transformação e, por último, é analisada a adequação da figura do *flâneur* à problematização da nova realidade espaçotemporal resultante da evolução da tecnologia digital e as configurações possíveis desse exercício de *flânerie*. Em conclusão, é apresentada uma síntese das principais ideias discutidas ao longo do artigo.

COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO E EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A relação entre a evolução tecnológica e a nossa perceção e vivência do espaço-tempo tem sido objeto de leituras bastante contrastantes. Harold Innis (1950) é um

nome particularmente relevante na corrente que identifica uma tendência unívoca para a aceleração associada ao desenvolvimento tecnológico. A partir dos seus estudos de economia política, o autor identificou o papel determinante dos meios de transporte na evolução histórica, com implicações profundas na forma com as sociedades se estruturam e organizam (Subtil, 2014). Para Innis, as tecnologias são meios através dos quais as civilizações se expandem e estabelecem relações. O autor defende que cada período histórico é caracterizado por um tipo de média dominante e, conseqüentemente, essa dominância produz um “viés” ou orientação para o tempo ou para o espaço (Subtil, 2014). Nas sociedades orientadas para o tempo predominariam média pesados, difíceis de transportar, mas também de destruir e, por isso mesmo, temporalmente duráveis. As tradições orais e as pinturas rupestres são exemplos dessa orientação. São meios adaptados à limitada capacidade humana de memorização, permitindo preservar o conhecimento ao longo do tempo. Por seu turno, as sociedades que Innis identifica como tendo “viés para o espaço” são orientadas fundamentalmente para o futuro, preferem média leves e percíveis e com grande capacidade de armazenamento de informação (como os jornais ou a televisão). As sociedades modernas ocidentais, seriam, assim, moldadas principalmente por desvios espaciais e estariam orientadas para a comunicação à distância. Paul Virilio (2000), Anthony Giddens (2002) e Manuel Castells (2010) também destacam o papel das tecnologias de transporte e de comunicação, como indutoras de velocidade, física e informacional, na alteração da nossa percepção do tempo e do espaço. Marshall McLuhan (1969), de quem Innis foi professor e que o influenciou profundamente, revê-se nesta perspectiva, defendendo que cada novo média introduz uma mudança de escala, ritmo ou padrão na atividade humana.

Para Virilio (2000), as grandes revoluções históricas são, sobretudo, revoluções da velocidade. Ao permitir maior velocidade, cada novo veículo cria igualmente novas formas de comunicação e de circulação, correspondendo cada uma delas a uma revolução “dromocrática”¹. Virilio defende que a faceta mais importante da revolução industrial, proporcionada pelo surgimento da máquina a vapor, consistiu na revolução dos transportes a que chama revolução do espaço-tempo. Virilio nomeia ainda outra revolução transformadora no século XIX: o surgimento da “estética do desaparecimento” (fotografia e cinema) que sucede à “estética do aparecimento” (a pintura e a escultura). Na sua perspectiva, a velocidade de captação da imagem na fotografia instantânea e a velocidade de projeção de imagens no filme (24 por segundo), fundados na persistência retiniana, permitiram passar “da persistência de um substrato material – o mármore ou a tela do pintor – à persistência cognitiva da visão” (Virilio, 2000, p. 24). Por isso, o cinema mostra-se “capaz de fornecer aos espectadores, em cada fração de segundo, essa sensação desconhecida de ubiquidade, numa quarta dimensão, suprimindo o espaço e o tempo” (Virilio, 1989, p. 61). De acordo com Virilio, o cinema seria posteriormente “substituído” pelo automóvel, pela viagem, correspondendo à ideia do autor de que toda a nossa vida passa por “próteses de viagens aceleradas das quais nem somos conscientes” (Virilio, 1989, p. 68), como o comboio, o automóvel, a televisão ou o computador. Para Virilio, a

¹ Do grego *dromos*, significando “pista de corridas”.

velocidade ganhou raízes nas vidas dos indivíduos e das sociedades, modificando continuamente valores e percepções. O autor defende ser a partir de Albert Einstein e da sua conceção relativista do mundo que se institui uma nova conceção da realidade, na qual a velocidade se sobrepõe ao tempo e ao espaço, da mesma forma que a luz supera a matéria (Virilio, 1989). Ao atingirmos a velocidade-limite, teríamos substituído o tempo histórico, domínio da História, e o espaço físico, domínio da Geografia, pelo presente único, sem dimensão humana, o que, de acordo com Virilio, nos remete paradoxalmente para o “grande encarceramento” identificado por Michel Foucault (1978). Nesta perspetiva, estaríamos encerrados, não numa prisão, mas “na rapidez e na inanidade de qualquer deslocação” (Virilio, 2000, p. 61). Virilio preocupa-se, devido a esse motivo, com a ubiquidade e a instantaneidade proporcionadas pelos média digitais. Isto porque, embora toda a História aconteça num tempo local, a aplicação do tempo real, que é o ritmo da imediatez de resposta possibilitada pela tecnologia digital, não tem relação com o tempo histórico. A experiência quotidiana ficaria, assim, reduzida ao imediatismo do presente contínuo (Virilio, 2000). Esta leitura pode ser relacionada com o conceito de compressão do espaço-tempo, formulado por David Harvey (1999). Na perspetiva de Harvey, o espaço e o tempo foram “comodificados”. Homogeneizados, por um lado e fragmentados, por outro, convertem-se em mercadorias transacionáveis, constituindo um sustentáculo do capitalismo e da globalização, ao contribuir para a cada vez maior irrelevância do Estado nacional em prol da economia financeira mundial (Löw, 2008). O conceito de Harvey pretende dar conta de um processo que altera a relação entre o espaço e o tempo, nomeadamente através da inovação tecnológica e da globalização. Segundo Harvey, a compressão está ligada ao aumento da velocidade associado ao desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, porque a experiência do espaço depende, em grande parte, do tempo que é necessário para o percorrer (Rosa, 2013). Refletindo sobre a própria natureza do espaço, Harvey (2015) propõe três dimensões de análise: o espaço absoluto, o espaço relativo e o espaço relacional.

O espaço absoluto (cartesiano-newtoniano) é uma entidade fixa e independente, sem ambiguidades, e, por isso, passível de observação e classificação pelo homem. Socialmente, corresponde a entidades territoriais claramente delimitadas, como os Estados ou a propriedade privada. Para o autor, a produção de “espaços”, sua organização e distribuição, é uma faceta central do capitalismo. O espaço relativo (einsteiniano) é já o da relação entre objetos, dependendo, por isso, da existência destes e, também, do ponto de vista do observador. Esta conceção de espaço é indissociável do tempo – o espaço-tempo relativo da velocidade da luz – e de fatores que interferem nessa relação (como a evolução social e tecnológica). Harvey nota, no entanto, não ser possível compreender diferentes realidades a partir da mesma moldura espaçotemporal². Por isso, inspirando-se em Leibniz³, propõe ainda o conceito de espaço relacional, aquele que só existe na medida em que faz parte do processo que o define. Para Harvey, os “processos

² O autor refere os fluxos financeiros e os fluxos de energia nos processos ecológicos como exemplos de “espaço temporalidades incompatíveis” (Harvey, 2015).

³ Por razões teológicas, Leibniz contestou a formulação de tempo absoluto de Newton, implicando que Deus estaria “dentro” do espaço, o que era incompatível com a visão de Deus como criador do espaço e do tempo (Harvey, 2015).

não ocorrem no espaço, mas [antes] definem [o] seu próprio quadro espacial” (Harvey, 2015, p. 130). Por esse motivo, também aqui o espaço é indissociável do tempo, estando o foco colocado na relação entre ambos. Embora o espaço-tempo relacional sugira dificuldades de medição, para o autor, as três concepções são válidas, dependendo a sua aplicabilidade dos objetivos: o espaço absoluto pode adequar-se quando se trata de definir fronteiras ou propriedades, mas já não, por exemplo, para considerar as posições relativas dos sujeitos nem as experiências vividas por cada um de nós. Não menos relevante neste contexto, Harvey assinala a espacialização do pensamento, expresso no uso de metáforas espaciais na literatura e nas artes, como a distinção entre espaço real e virtual. O segundo seria habitado pelas “imagens e [as] ilusões intangíveis que constituem o coração de todas as práticas estéticas” (Langer citado em Harvey, 2015, p. 135).

Segundo Harvey, a distinção de Ernst Cassirer (citado em Harvey, 2015, p. 136) entre espaços orgânicos, perceptivos e simbólicos (este último, abstrato, associado à geometria e às interpretações artísticas), terá estado na origem de uma outra classificação, proposta por Henri Lefebvre (citado em Harvey, 2015, p. 136) que conjuga os espaços experimentado (material), conceptualizado (a forma como ele é representado) e vivido (das emoções e significados). Harvey articula a sua classificação e a de Lefebvre com três conceitos-chave de Karl Marx (1887) valor de uso, valor de troca e valor. O valor de uso inscreve-se no domínio do espaço e do tempo absolutos. Já a troca implica uma relação, movimento de mercadorias, capital, pessoas, inscrevendo-se por isso no espaço tempo-relativo. De acordo com Marx (citado em Harvey, 2015), a troca alteraria constantemente as coordenadas espaço-tempo ao inscrever-se num movimento contínuo. Com o surgimento do dinheiro, o valor, o movimento de circulação torna-se ainda mais fluido, inscrevendo-se já no espaço-tempo relacional.

O controlo do tempo e do espaço possibilitado pelo dinheiro constituiria o sustentáculo do capitalismo. Harvey cria uma matriz reveladora de que o que acontece em cada uma das dimensões consideradas apenas adquire sentido em termos dialéticos, justificando, assim, a sua abordagem relacional⁴. Giddens também propõe uma abordagem que se inscreve nesta lógica “relacional”, quando define o espaço pela sua função social e não tanto pela sua materialidade (Löw, 2008). Para Giddens, o processo a que chama “regionalização” consiste precisamente na divisão do espaço e do tempo por regiões associadas a determinadas práticas sociais. A propósito do desenvolvimento tecnológico, Giddens (2002) propõe o conceito de distanciação do espaço-tempo para se referir ao facto de os eventos sociais aparecerem desconectados da matriz espaço-temporal. Castells (2010) também descreve a perturbação sistemática na ordem sequencial das práticas sociais como a forma de tempo dominante das sociedades em rede, diluindo a experiência temporal no “ciberespaço intemporal” (Castells citado em Sora, Jordà & Codina, 2017, p. 197). Castells (2010) refere-se à capacidade de reconfiguração constante da internet, caracterizada pela ausência de limites de tempo e espaço. Para o autor, esta reconfiguração pode assumir a forma de compressão ou introduzir descontinuidade na sequência. De acordo com Hartmut Rosa (2013), perante a velocidade e

⁴ Harvey apresenta o “Ground Zero” em Manhattan como exemplo dessa “tensão dialética” (2015, p. 141).

capacidade de registo quase ilimitada da tecnologia digital, o tempo estaria a perder o seu carácter linear à medida que a sequência cronológica dos eventos parece dissolver-se progressivamente. Ao comprimir o tempo faz com que, no limite, o próprio tempo desapareça, tornando-se num equivalente à eternidade (Rosa, 2013).

Na mesma linha de pensamento, Robert Hassan e Ronald E. Purser, citados em Sora et al. (2017, p. 197) consideram a assincronia como a verdadeira temporalidade, argumentando que a Internet permite aos atores sociais envolverem-se em comunicações em diferentes espaços e tempos, independentemente do tempo real local. Assim sendo, o tempo seria, simultaneamente, homogéneo e quase infinitamente fragmentado nas múltiplas temporalidades síncronas e assíncronas que coexistem na rede. A experiência da modernidade seria, assim, para estes autores, não tanto a da aceleração, mas a da simultaneidade de tempos diversos, sendo certo que sem a velocidade, ou a imediatez, proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico, tal simultaneidade não seria possível.

Em suma, as perspetivas apresentadas confluem para a atribuição de um papel fundamental ao desenvolvimento tecnológico na alteração da forma como o espaço e o tempo e sua relação são vivenciados e percecionados. O aumento sistemático da velocidade obtida com os meios de transporte e de comunicação, até ao limite de a tecnologia digital nos facultar atualmente acesso a qualquer lugar do mundo ao ritmo do tempo real, teria como resultado o fenómeno de alteração das coordenadas de espaço e tempo e a necessidade da adoção de novas abordagens conceptuais e novas classificações que nos permitam compreender esta nova realidade espaçotemporal.

COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO E MUDANÇA SOCIAL

Outros autores conferem à tecnologia menor “protagonismo”, enquadrando-a num conjunto mais vasto de dinâmicas sociais. Rosa (2013) defende que o princípio da aceleração faz parte da própria cultura da modernidade, sendo anterior à sua concretização tecnológica. Embora se aproxime da perspetiva de Virilio, ao identificar duas *ondas de aceleração* na história da civilização ocidental (a primeira associada às inovações tecnológicas trazidas pela Revolução Industrial e a segunda à revolução digital e à globalização), considera que os processos de transformação permanente não podem ser compreendidos deterministicamente a partir da aceleração tecnológica. Esta é antes um sintoma da aceleração da mudança social. No mesmo sentido, Sarah Sharma (2014) qualifica como simplista a abordagem daqueles a que chama “teóricos da velocidade”. Para a autora, embora o discurso sobre a velocidade se tenha tornado hegemónico, não reflete a complexidade e os diferentes ritmos que compõem a vivência social. Sharma contesta que a velocidade deva ser entendida como uma tendência homogénea associada a uma determinada época ou tecnologia dominante. Vê-a antes como um mecanismo de diferenciação social, típico do capitalismo contemporâneo global. Para exprimir a sua visão, propõe o conceito de “cronografia do poder”⁵, de acordo com o qual alguns

⁵ A partir do conceito de “geometria do poder” de Massey (1991).

grupos seriam mais responsáveis do que outros pela compressão do espaço-tempo, uma vez que fazem uso dessa compressão, transformando-a em vantagem.

A este propósito, Sharma explora os paradoxos da figura do *corporate warrior*, simultaneamente privilegiado, porque está na vanguarda das redes da comunicação e do capital, e vulnerável porque é vítima, por exemplo, do *jet lag* ou do *stress* ou está dependente da disponibilidade de outros cujas temporalidades são menos valorizadas (como os taxistas ou os funcionários dos hotéis, por exemplo). Em resumo, para Sharma, não é a velocidade que produz a desigualdade, mas o seu poder explicativo, normalizador, como se fosse uma experiência uniforme no momento contemporâneo que valoriza o tempo de alguns, em detrimento de outros e exclui aqueles que o experienciam de forma diferente.

Nesta linha de pensamento, a autora critica as estratégias de desaceleração “ideológica” como os movimentos *slow*, chamando a atenção para o facto de a capacidade de abrandar constituir, ela própria, uma forma de privilégio que, por outro lado, pressupõe um posicionamento individualista e despolitizado. Como alternativa, a autora propõe a criação de “tempos públicos”, conceito pensado para complementar a noção de “espaço público” e chamando assim atenção para o carácter desigual destas esferas “públicas”. No mesmo sentido, Lemos (2009) considera que se a mobilidade nas sociedades atuais é “ampliada”, não é neutra. A mobilidade física, com os mais avançados meios de transporte, e a mobilidade informacional, com a internet sem fios e os dispositivos portáteis, variam correlativamente em função da posição ocupada pelos indivíduos e grupos nas estruturas de poder. Assim sendo, os que mais facilmente se podem movimentar pelo ciberespaço são também aqueles que têm mais autonomia para a mobilidade física.

Doreen Massey (1991) questionara até que ponto a relativa mobilidade de uns e o seu poder sobre a mobilidade e a comunicação de outros aumenta o aprisionamento espacial destes últimos. Propôs o conceito de “geometria do poder”, dando conta de que diferentes grupos sociais se posicionam em locais muito diferentes na corrente dos fluxos e interações associados à globalização, tendo uns a liberdade de se mover e outros permanecendo “aprisionados” no mesmo sítio e sendo, por isso, tendencialmente mais defensivos em relação a este⁶. Este novo contexto torna também menos claro o que queremos dizer quando falamos de “lugares” e mais complexa a forma como nos relacionamos com eles. Massey defende que a especificidade de um “lugar” é construída a partir de uma constelação de relações sociais e é portadora de múltiplas identidades. Rejeita, por isso, a identificação do lugar com uma determinada comunidade. Esta pode existir em diferentes localizações em simultâneo e é, ela própria, heterogénea, já que as pessoas ocupam posições diferentes no seu interior.

A ideia de espaços habitados por comunidades homogéneas que persiste no imaginário social é contrariada pela tendência atual para a fragmentação e rutura espacial. Não obstante, Massey também critica a ideia de que a busca de um sentido do lugar seja necessariamente reacionária. O sentido de enraizamento pode ser uma fonte de identidade positiva se se definir não por oposição ao exterior, mas na sua relação com ele,

⁶ Esse seria, de acordo com Harvey (citado em Antonsich, 2011), o paradoxo da globalização que, fazendo os lugares parecerem menos estáveis e seguros, tornaria as pessoas mais ligadas a eles.

afastando a percepção de vulnerabilidade do local face ao global. Massey procura, assim, “pacificar” a relação entre o local e o global, defendendo o que chama “sentido progressivo do lugar”, concebendo-o como uma construção heterogénea, dinâmica, sem fronteiras e atravessada por redes que extravasam a escala geográfica.

A “desterritorialização” da organização social é uma tese partilhada por um crescente número de autores. Ash Amin (2002) questiona mesmo até que ponto continua a fazer sentido a separação entre lugar (entendido como próximo e íntimo) e espaço (percebido como longínquo e intrusivo) quando a conceção escalar do território é alterada pela globalização. A mobilidade e a interatividade proporcionadas pelo novo contexto comunicacional interferem com as formas de organização social territoriais, criando novas relações entre espaço e lugar. Segundo Amin, as novas espacialidades propostas pela globalização devem ser lidas como redes que estão além de qualquer escala geográfica (2002).

Não se trata de uma alteração nas relações de poder entre escalas espaciais, mas antes de uma “desterritorialização” ou “reterritorialização” da organização social. Trata-se de reconhecer a influência de práticas e configurações não territoriais nas próprias políticas espaciais. Como referem Paul Dourish e Genevieve Bell (2007), as infraestruturas e a computação pervasiva têm a capacidade de reconfigurar a relação entre o local e o global. Nesta perspetiva, a cidade já não seria o sítio das políticas de lugar, mas, antes, de políticas plurais e de múltiplas espacialidades.

(DES)COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO E TECNOLOGIA DIGITAL

A proposta de Amin parece corresponder ao cenário resultante da evolução dos média digitais que impregnam crescentemente todas as dimensões da vida quotidiana. Gere (2008) assinala de facto que a distribuição de conteúdos de banda larga e as redes sem fios têm aumentando massivamente a forma como a tecnologia digital se embrenha na existência. Esta omnipresença, a que Mark Weiser chamou “ubiquitous computing” (citado em Dourish & Bell, 2007), traduz-se na existência de interação com o computador em qualquer lugar. O crescimento dos sistemas de vigilância e a “internet das coisas”, com dispositivos que podem comunicar entre si e coordenar-se, são expressões dessa expansão (2007, p. 1).

Se, por um lado, os média são descritos como fontes de suspensão e instantaneidade devido à aceleração que potenciam, por outro, são também produtores de tempo e espaço, material e simbólico (Parmett, 2017). A este propósito, e invocando o “fim da geografia”, Stephen Graham (1998) tal como Harvey, chamara a atenção para o uso de metáforas geográficas como ciberespaço ou sítio, apontando os efeitos do seu uso (por referência a algo que não é mais do que uma rede de sinais eletrónicos) na concretização de novos sistemas que se tornam visualizáveis e “territoriais”. Estas metáforas seriam, então, constructos ideológicos, contendo também ideias normativas sobre como a tecnologia se deve relacionar com a sociedade⁷. Estudando esta relação, Graham

⁷ O uso de conceitos como “sociedade da informação” ou “era da informação” para representar a própria natureza da sociedade atual são outros exemplos (Graham, 1998).

identificou três tendências principais: a “substituição e transcendência”, a “coevolução” e a “recombinação”.

A primeira tendência (“substituição e transcendência”) enquadra-se no determinismo tecnológico, que comporta, segundo o autor, duas visões do futuro. Uma em que as relações baseadas na proximidade serão substituídas pelas redes digitais, libertando a sociedade capitalista dos seus constrangimentos espaciais e temporais. E outra na qual o desenvolvimento de ambientes virtuais imersivos que “permitem que as qualidades imersivas do lugar geográfico sejam transmitidas remotamente” (Graham, 1998, p. 168), torna possível viver à distância e instantaneamente interações até aqui só acessíveis no local físico.

A este propósito, Amin recorre a uma expressão de Jan Aart Scholte “mundo sem fronteiras” (Amin, 2002, p. 386), como Castells falara em “ciberespaço intemporal”. Esta perspetiva pode ser entendida como utópica ou distópica. Se Paul Virilio (2000), como vimos, tem uma visão crítica, afirmando que ao atingir-se a velocidade da luz, o espaço e o tempo são substituído pelo presente único, que “aprisiona”, ao tornar inútil qualquer deslocação, *cyber-gurus* como Bill Gates e Nicholas Negroponte acolhem com agrado a ideia de que ambientes 3D proporcionados pela conjugação da realidade virtual e da banda larga possam, pela sua verosimilhança, substituir e tornar desnecessária a deslocação aos lugares reais. Estaríamos a falar de um território alternativo sem as limitações dos espaços físicos, utopia tecnológica intimamente relacionada com a ideologia do progresso, típica das sociedades capitalistas modernas (Graham, 1998).

A segunda tendência (“coevolução”) defende que o espaço virtual não substitui o real, antes o integra e evolui em articulação com este. A tecnologia é perspetivada no quadro mais vasto da luta, sempre assimétrica, pelo poder, nomeadamente no que se refere ao controlo do espaço e da distância. Nesta ótica, a tecnologia penetra a organização espacial “real”, tornando-a mais rápida e eficaz, mas as metrópoles permanecem e mantêm o seu domínio, integrando-a, e as novas possibilidades que oferece, nas suas práticas. Por um lado, os lugares são progressivamente incorporados numa rede poderosa de transações. Por outro, esse poder depende de infraestruturas de comunicação e transporte interligadas territorialmente (Harvey citado em Parmett, 2017).

Staple (citado em Graham, 1998, p. 175) assinala ainda o surgimento de um “novo tribalismo” possibilitado pelas redes digitais, as quais, se permitem comprimir o espaço e o tempo, também suportam uma lógica fragmentada de diferenciação. Assim, provocariam uma “explosão geográfica do espaço” (Graham, 1998, p. 174), já que, ao invés de reunir todos num único ciberespaço, pelo contrário, aprofundariam o relacionamento e o compromisso de diferentes indivíduos e grupos com lugares específicos (materiais ou virtuais). Estudos relacionados com comunidades diaspóricas ou minorias étnicas conduzidos por Kim (2016) e Heyd e Honkanen (2015) corroboram essa perspetiva.

A terceira tendência identificada por Graham, a “recombinação”, está alicerçada na Teoria Actor-Rede, que identificava nos anos 90 do século passado a dificuldade cada vez maior de separar o “social”, o “espacial” e o “tecnológico”, defendendo que a noção de rede nos liberta da “tirania dos geógrafos” (Latour, 1996, p. 371) na definição do espaço. Esta teoria propõe uma conceptualização segundo a qual a tecnologia é simultaneamente

constituída por elementos técnicos e por elementos e processos sociais difíceis de discernir de forma isolada (Latour, 1996). Através da tecnologia, a vida espacial seria continuamente recombinaada em novas disposições de espaço e tempo, provisórias e “localizadas”, não passíveis de generalização. Nesta perspetiva, as fronteiras que separam o ser humano da máquina são porosas, permeáveis e “ciborguianas” (Graham, 1998, p. 178).

O *ciberespaço* produz uma rede múltipla e fragmentada de infraestruturas e relações, através da qual novas configurações espaçotemporais são continuamente criadas. Por exemplo, aproxima certos lugares geograficamente distantes e afasta outros fisicamente próximos ou estabelece ligações fluidas, interativas e individualizadas com os lugares (Georgalou, 2015). Deste modo, a tecnologia, se transforma a cultura de espaços concretos, assume-se também como um lugar de produção cultural (Dourish & Bell, 2007).

Lev Manovich (2006) analisou a forma como as pessoas vivem o espaço quando este está inundado de informação multimédia, como nos centros comerciais ou nos aeroportos. O autor propõe o conceito de “espaço aumentado”⁸ para descrever o espaço sobrecarregado de informação, habitualmente em formato multimédia. Assinala que a omnipresença do *ciberespaço* se tornou a norma no século XXI, tendo o espaço físico sido invadido por informação digital, desde a ubiquidade da vigilância eletrónica e do *mobile* aos ecrãs em espaços públicos ou à possibilidade de acedermos remotamente a informação variada através dos nossos telemóveis. A interligação entre estas dimensões, de acordo com Manovich, cria um “espaço de dados” contínuo que se estende e preenche todo o espaço físico⁹. Por isso, o espaço da era digital já não é geométrico e estável, mas aberto, mutável e de contornos variáveis. Esta tendência enquadra-se no novo paradigma descrito por Nadav Hochman e Lev Manovich (2013), no qual se assume que os média digitais deixam de atuar como plataformas para passar a agir como agregadores de dados, abertos à manipulação e reconfiguração. Trata-se de um ambiente que cada um pode explorar, já não em função de hierarquias, mas de relações e sequências, “enquanto nos movemos do singular para o plural, do próximo para o distante” (Hochman & Manovich, 2013, p. 37), rompendo, assim, fronteiras físicas e virtuais. Esta evolução pode incorporar mudanças positivas, tais como o acesso a serviços e informação nem sempre acessíveis e no local onde elas são mais necessárias – no lugar próprio (Schroeter & Foth, 2009), mas sugere, também, interrogações por causa do carácter organizador e disciplinador destes meios e dos seus efeitos ao nível da proteção da privacidade/liberdade dos cidadãos (Parmett, 2017).

Esta análise, na ótica dos dispositivos móveis, percebendo o utilizador como *prosumer* de informação, identifica características “recombinatórias”, sugerindo mesmo um novo paradigma, segundo o qual as capacidades do computador são “transferidas” para o utilizador¹⁰. No entanto, ao considerar a ubiquidade da sua presença, particularmente

⁸ Criado a partir do conceito de “realidade aumentada”, por oposição a “realidade virtual” que pressupõe um espaço alternativo, simulado, ao passo que a primeira existe no espaço real.

⁹ Manovich salvaguarda que, na prática, ocorre descontinuidade, já que, por exemplo, as câmaras de vigilância não vigiam todos os espaços e os sinais de rede são mais fracos ou até inexistentes em determinadas áreas.

¹⁰ Amin refere mesmo que, nesta perspetiva, o “espaço aumentado” se relacionaria com o sonho de Douglas Engelbart do computador aumentando o intelecto humano (Amin, 2002, p. 225).

dos sistemas de vigilância eletrónica, questiona o equilíbrio de forças dessa relação. Esta visão de um espaço digital contínuo que tudo cobre e impregna de informação, em diferentes sentidos, torna possível a relação com a perspectiva de Amin de uma “des-territorialização” ou, mais propriamente, de “reterritorialização” da organização social. Uma nova geografia que transforma a rede de interações e significados. Um tecido invisível em constante recombinação, que congrega as realidades física e digital numa só, tornando-se cada vez mais difícil perceber as costuras entre ambas.

HIPERLOCALIZAÇÃO: NOVOS FLÂNEURS OU VELHOS PRISIONEIRO?

Independentemente do grau de sofisticação da tecnologia, a nossa experiência está sempre dependente do lugar. Na parte inicial do artigo, argumentou-se que os dispositivos móveis permitem redefinir os sentidos de lugar e as próprias relações sociais. A mobilidade informacional ocorre no interface entre o espaço eletrónico e o espaço físico, sendo na tensão entre as fronteiras dos diferentes territórios que um determinado lugar conquista os seus traços distintivos (culturais, sociais, etc.) e adquire assim identidade (Lemos, 2009). A mobilidade física e informacional produz lugares e os média, ao permitirem criar formas de conhecimento e de experiência localizada, ajudam-nos a expandir a nossa percepção espaçotemporal, produzindo novos “sentidos de lugar”.

Segundo Lemos (2009), os média digitais criam novos territórios informacionais, diferenciados socialmente e, assim, novos sentidos de lugar, estimulando uma cultura de nomadismo. De acordo com Lemos, um pouco paradoxalmente, o desenvolvimento das sociedades industriais e capitalistas procurou “dominar” a tendência humana para o nomadismo, através de leis ou instituições promotoras do sedentarismo. Mas a globalização, também ela resultante dessa mesma evolução, viria questionar essas fronteiras, ampliando as possibilidades de deslocação, quer física, quer informacional. A cibercultura propõe assim um novo nomadismo “virtual”. O email e o número de telemóvel teriam sido os primeiros “endereço não territoriais” (Attali citado em Lemos, 2009, p.30). O novo nómada é aquele que “passa pelos pontos, procurando o que está entre eles e criando percursos, procurando territórios informacionais, lugares de conexão” (Lemos, 2009, p. 31).

Esta leitura remete-nos para a figura do *flâneur*, personagem emblemática da Paris do século XIX, que, em 1863, Baudelaire descreve não simplesmente como um vagabundo mas como um “artista”, um observador de todos os meandros da vida urbana e que nela se inspira como fonte de criação (conforme Kramer & Short, 2011). Para Baudelaire, o *flâneur* é “o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno” (1996, p. 11), procurando pequenos detalhes efémeros da vida moderna. No século XX, Walter Benjamin recorrerá à mesma figura para criticar a modernidade (Benjamin, 2000).

O *flâneur* em Benjamin, como em Baudelaire, passeia-se pela cidade sem propósito definido, observando a arquitetura urbana e a multidão sem se envolver com elas, concentrado apenas no prazer do olhar. Uma figura na época de Benjamin já em vias de extinção, o *flâneur* é um constructo que lhe permite descrever e criticar o progresso

associado ao desenvolvimento do capitalismo. O seu desaparecimento estaria ligado ao triunfo do capitalismo, sendo por isso apresentado como um símbolo da resistência à modernidade, ao materialismo e à aceleração artificial. O *flâneur* é um ser errante, que se dissocia do tempo e do espaço para definir o seu próprio itinerário e relação com os lugares que percorre, desprezando os bens materiais e privilegiando o olhar e a reflexão (Birkerts, 1982). Está destinado a ser o “estrangeiro perpétuo” que reflete o mundo sem por ele ser absorvido (Simon, 2006, p. 63), observando o espetáculo do consumismo mas não se deixando imergir acriticamente (Kramer & Short, 2011).

De acordo com Kramer e Short (2011), nos nossos dias, reencontramos esta figura associada a respostas artísticas e sociais à urbanização massiva, nas quais a *flânerie* surge como um ideal de exploração crítica dos ambientes urbanos. Através do passeio, da “caminhada” como forma de tomar o pulso à vitalidade da vida nas cidades, estas abordagens exploratórias conjugam pesquisa, lazer e criação artística e fundem artistas, observadores e público numa mesma comunidade de participantes. De acordo com os autores, a globalização favorece ainda uma outra forma de *flânerie*. Trata-se do nómada global, o “*flâneur* nómada” (Kramer & Short, 2011, p. 337) que se move de cidade para cidade ao longo da rede global de comunicações e transportes. Identificam como um exemplo desse nomadismo global precisamente o circuito das bienais e feiras de arte pelas cidades globais. O *flâneur* contemporâneo seria, assim, mais cosmopolita. No entanto, os autores apontam que a comodificação das cidades tende a transformar o deambular aleatório do *flâneur* em “percursos determinados do consumidor de história, produtos, ideias e experiências” (Kramer & Short, p. 338). Por este motivo, defendem que a experiência do *flâneur* baudelairiano é ainda possível, hoje, sobretudo nas cidades dos países em desenvolvimento.

Se os média digitais desempenham um papel na construção personalizada de experiências espaçotemporais em relação às quais nos podemos posicionar como observadores-participantes (Fazel, 2018), é possível, de facto, argumentar que as novas práticas favorecidas pela tecnologia digital no século XXI podem ser analisadas a partir do conceito de *flânerie* transposto para o contexto ciberespacial (Fazel, 2018; Lemos, 2009; Simon, 2006). O *flâneur* ciberespacial, como o *flâneur* de Baudelaire, mantém relações “soltas” com os contextos espaçotemporais para assim se manter “móvel” (Simon, 2006).

Parece ser este o caso se considerarmos uma experiência conduzida por Bansky, numa residência artística em Nova Iorque¹¹. Nadav Hochman, Lev Manovich e Mehrdad Yazdani (2014) analisaram esta experiência, focando-se na forma como a hiperlocalização – aqui entendida como a associação entre uma dada informação e um tempo e lugar específicos, embora os autores assinalem a falta de consenso nesta definição – através dos média sociais, influencia a perceção de eventos localizados. A partir da observação de 28.419 fotografias etiquetadas e partilhadas no Instagram, foram identificadas três

¹¹ Residência “better out than in”, com a duração de um mês, realizada em outubro de 2013, e na qual o *grafter* realizava quase diariamente um trabalho num local diferente da cidade, colocando uma foto do mesmo no Instagram e pedindo aos seus seguidores que a localizassem e fotografassem. O resultado, segundo os autores, foi uma série de eventos reais e virtuais dispersos, observando-se entre si (Hochman & Manovich, 2013, p. 4).

características dos média sociais hiperlocais: a *fragmentação*, a *temporalidade* e o *nomadismo*. Fragmentação na medida em que a hiperlocalização converte um local num interminável número de olhares que não dão origem a um sentido único do lugar, mas a vários sentidos pessoais. Os autores consideram que a experiência hiperlocal através dos média sociais não é espacial (pois percorrendo as suas representações, não visitamos os lugares propriamente ditos). Mas é, em certa medida, temporal, quando focada na “distância” entre diferentes representações de um mesmo lugar. É temporal também porque as vivências hiperlocais são experimentadas temporalmente, não constituindo um mapa, mas um itinerário que se configura no tempo. Esta perspectiva está em sintonia com a de Harvey (1999), Giddens (2002) ou Castells (2010), que, como vimos, identificam alterações na relação espaço-tempo neste mesmo sentido, fruto da evolução tecnológica. Permitindo contruir, mais do que mapas, itinerários, as representações hiperlocais podem considerar-se nómadas, na medida em que a narrativa do lugar é realizada ao longo de diferentes percursos. Hochman, Manovich and Yazdani (2014) partiram do pressuposto de que as imagens etiquetadas, geográfica e temporalmente, e partilhadas através dos média sociais, correspondem ao espírito da vanguarda artística do final dos anos 60, que proclamou a obra de arte *site-specific*, na qual cada objeto artístico apenas existe num determinado contexto espaçotemporal. Este movimento artístico surgiu em oposição ao Modernismo, que percebia as obras de arte como sendo independentes do contexto, mantendo as suas características independentemente da sua localização.

Hochman, Manovich e Yazdani (2014) classificam a primeira tendência artística como “nativa” e a segunda como “nómada”. Mas a forma como a informação é partilhada na Internet assume as duas tendências opostas: tanto é anotada e classificada temporal e geograficamente, como é organizada sem qualquer relação com a sua origem (como no Google Image Search). Os resultados levaram os autores a concluir que, na experiência específica analisada, se a opção pela imagem etiquetada e o foco no local físico corresponde às aspirações da referida vanguarda artística, o uso dos média sociais incorporaram também algum “nomadismo modernista” (Hochman, Manovich & Yazdani, p. 9), uma vez que foram partilhados por utilizadores em diferentes contextos e não apenas na sua localização original, correspondendo assim à relação solta que, de acordo com Simon (2006), o *flâneur* ciberespacial manteria com os diferentes contextos espaçotemporais.

No entanto, os média digitais colocam-nos também perante questões relacionadas com poder e controlo. Com efeito, se por um lado, a maleabilidade descrita permite uma certa liberdade e “vagabundagem” característica da *flânerie*, por outro, a desmaterialização da cultura e o upload de toda a informação para o ciberespaço – e, nesta era da geolocalização e da “internet das coisas”, também o processo contrário, o download do ciberespaço (Lemos, 2009) – parecem corresponder a mecanismos de controlo mais próximos do dispositivo panótico de Foucault (1978) do que do arquétipo romântico de Baudelaire. Mas a investigação sugere que a dimensão de crítica social inerente à figura do *flâneur* pode ser identificada nos movimentos de resistência ao referido controlo, através da própria tecnologia.

É o caso do estudo desenvolvido por Mark Shepard (2009) que analisou as possíveis implicações políticas e socioculturais da ubiquidade computacional, nomeadamente em contexto urbano. A “cidade senciente”, de acordo com Shepard, é aquela que é capaz de ouvir e sentir. Que é capaz de reagir ativamente ao que acontece à sua volta. Mas a informação contextual a que acede é relevante. Saber onde uma pessoa está, quando e com quem, o seu histórico de compras, padrão de mobilidade, etc., permite aos sistemas sencientes fazerem previsões precisas sobre o seu comportamento. Shepard refere-se com preocupação a projetos como, por exemplo, o MIT Serendipity que usa a tecnologia Bluetooth para identificar possíveis correspondências de interesses entre pessoas. O objetivo do projeto é aumentar a produtividade empresarial, facilitando o “encontro” de colegas com interesses comuns ou necessidades complementares, que seriam alertados mutuamente dessa correspondência, o que está necessariamente associado a alguma falta de controlo por parte dos envolvidos do acesso aos seus dados pessoais¹². Outro projeto do MIT, o Gaydar, analisou dados do Facebook para verificar se as pessoas tinham consciência de toda a informação sobre si próprias que revelavam, por exemplo, simplesmente através da sua rede de amigos. De acordo com Shepard, este estudo é ilustrativo de como a informação revelada num determinado contexto pode facilmente ser utilizada para interpretar informação num contexto diferente e não previsto. Bases de dados de consumidores e sistemas de localização são mecanismos de monitorização dos cidadãos. Trata-se de sistemas pervasivos que as organizações procuram tornar invisíveis e “mundanos” (Mann, Nolan & Wellman, 2003, p. 2).

Por um lado, sistemas de monitorização de trânsito, de controlo “inteligente” (Shepard, 2009, p. 1), semáforos, por exemplo, são aplicações aparentemente benignas dessa monitorização. Sistemas capazes de correlacionar e antecipar o comportamento humano podem facilitar a organização do quotidiano. Mas o aperfeiçoamento destes sistemas traz para o debate a questão da ubiquidade da vigilância crescentemente digital, nomeadamente porque usos menos inofensivos podem incluir dispositivos de segurança como os implementados em Londres ou Nova Iorque, na sequência de ataques terroristas, incluindo câmaras de vigilância e sistemas de reconhecimento automático de matrículas. Shepard questiona as implicações destes sistemas pervasivos de segurança, nomeadamente no caso de erros do sistema. Que garantias de privacidade e autonomia tem o cidadão neste contexto¹³?

Perante este quadro, Shepard questiona que outras práticas artísticas poderão ser concebidas, para além do uso dos média locativos para explorar espaços urbanos de forma mais ou menos original. Que papel, pergunta o autor, poderão “artistas, arquitetos e designers desempenhar na moldagem da forma como habitaremos a cidade senciente do futuro próximo?” (2009, p. 5).

Uma resposta possível poderá ser a oferecida por Steve Mann, Jason Nolan e Barry Wellman (2003), que sugerem estratégias de *sousveillance* (vigilância invertida) como

¹² Além de, como refere o autor, o termo *serendipity* se referir ao processo de encontrar uma coisa quando se procura algo diferente, precisamente o oposto do que acontece no projeto descrito.

¹³ As revelações de Edward Snowden vieram precisamente evidenciar essa falta de garantias.

forma de problematizar a vigilância (*surveillance*) e a nossa aquiescência a ela. Isto é conseguido através de tecnologias panóticas que permitam aos indivíduos observar eles próprios aqueles que os vigiam¹⁴. Com esse objetivo, os autores propõem uma série de performances “refletoras” (nas quais os papéis de vigilante/vigiado são trocados) com o objetivo de questionar a pervasividade das câmaras de vigilância e fomentar assim uma consciencialização da “natureza *desempoderadora* da vigilância, a sua presença esmagadora nas sociedades ocidentais e a complacência de todos os participantes perante a sua presença” (2003, p. 347). Nesta mesma lógica de consciencialização, Shepard (2009) apresenta o *Sentient city survival kit*, uma experiência de design de investigação sugerindo um conjunto de artefactos de sobrevivência nessa futura cidade senciente. Inspirando-se nas práticas da arqueologia, pretende-se “reconstruir” um mundo a partir de artefactos não do passado, mas do futuro próximo e assim estimular o processo de imaginar a cidade futura e promover a discussão acerca do futuro que efetivamente desejamos.

Enquadrando-se na mesma lógica de resistência proposta por Mann et al. (2003) e posicionando-se como um convite a um certo diletantismo, GPS Serendipitor é um dos artefactos propostos no âmbito do projeto de Shepard (2009). Trata-se de um software de navegação que sugere percursos alternativos para percorrer a distância entre dois pontos, percursos esses que o utilizador não tenha realizado anteriormente. O pressuposto é o de que na cidade futura encontrarmos o caminho entre dois pontos não será o problema principal. O que poderá ser mais difícil será mantermo-nos conscientes daquilo que acontece ao longo do percurso. Parece-nos inegável que promover o escapismo nómada na futura cidade senciente e controladora, é também resistir-lhe, cultivando uma certa *flânerie*, nos velhos moldes da figura novecentista. Mas, pergunta Shepard, “quais as implicações de uma sociedade que precisa de descarregar uma aplicação para procurar o acaso?” (Shepard, 2009, p. 6).

Em síntese, poderíamos concluir que o *flâneur* digital, tal como o *flâneur* urbano contemporâneo, pode assumir duas configurações: uma mais individualista e experiencial, se nos cingirmos às possibilidades oferecidas pela hiperlocalização na definição de itinerários individualizados, outra mais consciente e crítica, se considerarmos as abordagens orientadas para a tomada de consciência e resistência à pervasividade dos sistemas controlo e da vigilância.

CONCLUSÃO

Neste texto, partimos do pressuposto de que a evolução dos média digitais interfere na relação que os humanos tecem com o espaço e o tempo, nomeadamente favorecendo a perceção de eliminação de um e de aceleração do outro. Partindo do conceito de compressão do espaço-tempo (Harvey, 1999), ao longo deste artigo, apresentamos

¹⁴ Os autores apresentam como exemplo a filmagem realizada por um cidadão americano do momento em que agentes policiais espancaram Rodney King, o que permitiu o julgamento dos responsáveis e uma discussão pública em torno da brutalidade das forças policiais.

sumariamente perspectivas que identificam um papel determinante da tecnologia nessa alteração, confrontando-as com outras que privilegiam o papel da mudança social.

Parece-nos relevante analisar a relação entre as quatro dimensões aqui consideradas – tempo, espaço, tecnologia e sociedade, nomeadamente face à inevitabilidade da permanente evolução social e tecnológica. De todo o modo, independentemente de o entendermos como causa primeira ou simples ferramenta, o papel da tecnologia digital e das possibilidades por ela oferecidas nesta transformação é incontornável. A tecnologia digital impregna crescentemente todas as dimensões da vida social, tornando, como refere Manovich (2006), o “ciberespaço” já não um mundo alternativo (utópico ou distópico) dos primórdios da informática, mas antes a própria norma, com interferência relevante ao nível da percepção e vivência do espaço-tempo. Castells utiliza mesmo o conceito de “ciberespaço intemporal” (2010), para descrever a experiência espaçotemporal nas sociedades em rede. O conceito de “reterritorialização” da organização social parece-nos refletir aquela que será uma nova geografia em constante recombinação, que congrega as realidades física e digital numa só.

Invocamos a figura do *flâneur* porque identificamos aspetos deste novo contexto que associamos a uma certa *flânerie* ciberespacial. Isto porque é um contexto que, a um primeiro nível, favorece a definição de itinerários pessoais e a manutenção de relações fluidas com os diferentes contextos espaçotemporais percorridos pelo cidadão/cibernauta. A análise de uma experiência artística de Bansky relacionada com a hiperlocalização corrobora de certo modo esta perspectiva ao identificar mecanismos de fragmentação, temporalidade e nomadismo/nativismo no uso dos espaços.

Noutra perspectiva, a própria pervasividade dos média digitais parece contrariar esta possibilidade de “errância”, como a análise de Manovich (2006) dos “espaços aumentados” permite perceber. Se, por um lado, a existência de um “espaço de dados” que preenche todo o espaço físico o torna também aberto à manipulação e reconfiguração individual (Manovich, 2013), por outro, a ubiquidade dos sistemas de vigilância eletrónica parece contraditória com essa autonomia. É também essa a preocupação de Shepard (2009) e de Mann et al. (2003) quando propõem reflexões suportadas em artefactos e performances artísticas que fomentam o questionamento e a consciencialização da ubiquidade dos média digitais e do seu papel enquanto instrumentos de controlo e interferência na privacidade e autonomia individual. Desta forma, são também perspectivas e estratégias que cultivam o espírito do *flâneur* que resiste, afastando-se da multidão, identificando e procurando salvaguardar aquilo que se vai perdendo com o “progresso”. ✍

REFERÊNCIAS

- Amin, A. (2002). Spatialities of globalisation. *Environment and Planning A*, 34(3), 385-399. <https://doi.org/10.1068/a3439>
- Antonsich, M. (2011). Grounding theories of place and globalisation. *Tijdschrift Voor Economische En Sociale Geografie*, 102(3), 331-345.
- Baudelaire, C. (1996). *Sobre a modernidade*. São Paulo: Editora Paz e terra.

- Benjamin, W. (2000). *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.
- Birkerts, S. (2018). Walter Benjamin, Flâneur: a flanerie. *The Iowa Review*, 13(3-4), 164-179. <https://doi.org/10.17077/0021-065X.2961>
- Castells, M. (2010). *The rise of the network society*. Massachusetts: Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.2307/125209>
- Dourish, P. & Bell, G. (2007). The infrastructure of experience and the experience of infrastructure: meaning and structure in everyday encounters with space. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 34(3), 414-430. <https://doi.org/10.1068/b32035t>
- Fazel, M. (2018). Live montage in mediated urban-experience: Between media and architecture. In Q. M. Troiani & I. Zamanm (Eds.), *Transdisciplinary urbanism and culture - From pedagogy to praxis* (pp. 89-97). *Urban Book Series*. Reino Unido: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-55855-4_8
- Foucault, M. (1978). *Discipline and punish. The birth of the prison*. Nova Iorque: Pantheon Books.
- Georgalou, M. (2015). Placemaking and place identity in social media. In I. Theona & D. Charitos (Eds.), *Hybrid city 2015- Data to the people - Proceedings of the 3rd International Biennial Conference* (pp. 361-370). Atenas: University Research Institute of Applied Communication. <https://doi.org/10.1145/2505494.2505505>
- Gere, C. (2008). *Digital culture*. Londres: Reaktion Books.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Graham, S. (1998). The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. *Progress in Human Geography*, 22(2), 165-185. <https://doi.org/10.1191/030913298671334137>
- Harvey, D. (1989). *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of social change*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Harvey, D. (2015). O espaço como palavra-chave. *Em Pauta*, 35(13), 126-152.
- Heyd, T. & Honkanen, M. (2015). From Naija to Chitown: the new african diaspora and digital representations of place. *Discourse, Context and Media*, 9, 14-23. <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2015.06.001>
- Hochman, N. & Manovich, L. (2013). Zooming into an Instagram City: reading the local through social media. *First Monday*, 18(7). Retirado de <http://revuecaptures.org/référence-bibliographique/zooming-instagram-city-reading-local-through-social-media>
- Hochman, N., Manovich, L. & Yazdani, M. (2014). On hyper-locality: performances of place in social media. In *Proceedings of 2014 International AAAI Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM)*. Retirado de <http://manovich.net/index.php/projects/on-hyper-locality-performances-of-place-in-social-media>
- Innis, H. A. (1950). *Empire and communications*. Toronto: Toronto University Press.
- Kim, Y. (2016). Diasporic daughters and digital media: 'willing to go anywhere for a while'. *Cultural Studies*, 30(3), 532-547. <https://doi.org/10.1080/09502386.2015.1113638>
- Kramer, K. & Short, J. R. (2011). Flânerie and the globalizing city. *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, 15(3-4), 322-342. <https://doi.org/10.1080/13604813.2011.595100>
- Latour, B. (1996). Article on actor-network theory. A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*, 25(3), 1-16, 369-381. <https://doi.org/10.2307/40878163>

- Lemos, A. (2016). Cultura da mobilidade. *Revista Famecos*, 16(40), 28-35. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6314>
- Löw, M. (2008). O spatial turn: para uma sociologia do espaço. *Revista Tempo Social*, 25(2), 17-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200002>
- Mann, S., Nolan, J. & Wellman, B. (2003). Sousveillance: inventing and using wearable computing devices for data collection in surveillance environments. *Surveillance and Society*, 1(3), 331-355. <https://doi.org/10.24908/ss.v1i3.3344>
- Manovich, L. (2006). The poetics of augmented space. *Visual Communication*, 5(2), 219-240. <https://doi.org/10.1177/1470357206065527>
- Marx, K. (1887). *Capital: a critique of political economy. Volume I*. Retirado de <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf>
- Massey, D. (1991, junho). A global sense of space. *Marxism Today*, 24-29. Retirado de <http://www.unz.org/Pub/MarxismToday-1991jun-00024>
- Mcluhan, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company. Retirado de <https://books.google.pt/books?id=wFvBeU1jVwIC&pg=PA9&ots=K2vQDYffn7&dq=marshall%20mcluhan&lr&hl=pt-PT&pg=PA6#v=onepage&q=marshall%20mcluhan&f=false>
- Parmett, H. M. (2017). Space. In L. Ouellette & J. Gray (Eds.), *Key words for Media Studies* (pp. 181-183). Nova Iorque: NYU Press.
- Rosa, H. (2013). *Social acceleration. A new theory of modernity (new directions in critical theory)* - Hartmut Rosa. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Schroeter, R. & Foth, M. (2009). Discussions in space. In *OZCHI 2009: 21st Annual Conference of the Australian Computer-Human Interaction Special Interest Group (CHISIG) of the Human Factors and Ergonomics Society of Australia (HFESA), Nov 23-27, Melbourne*. <https://doi.org/10.1145/1738826.1738903>
- Sharma, S. (2014). *In the meantime: temporality and cultural politics*. Durham, NC: Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822378334>
- Shepard, M. (2009). Sentient city survival kit: archaeology of the near future. *UC Irvine: Digital Arts and Culture 2009*. Retirado de <https://escholarship.org/uc/item/4zpoc4x2>
- Simon, B. (2006). Beyond cyberspatial flâneurie: On the analytic potential of living with digital games. *Games and Culture*, 1(1), 62-67. <https://doi.org/10.1177/1555412005281789>
- Sora, C., Jordà, S. & Codina, L. (2017). Chasing real-time interaction in new media: towards a new theoretical approach and definition. *Digital Creativity*, 28(3), 196-205. <https://doi.org/10.1080/14626268.2017.1355323>
- Subtil, F. (2014). Harold A. Innis. O viés da comunicação. *Comunicação Pública [Online]*, 8(13). Retirado de <http://journals.openedition.org/cp/525>
- Virilio, P. (1989). *Esthétique de la disparition*. Paris: Éditions Galilée.
- Virilio, P. (2000). *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Editorial Teorema.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ivone Neiva Santos é bolsista de investigação no projeto “CHIC Science - Cooperative Holistic view on Internet and Content”. Tem experiência anterior em projetos de investigação nas áreas de comunicação de ciência e jornalismo digital. Tem também experiência relevante no sector educativo e empresarial. Frequenta o programa doutoral em Media Digitais na Universidade do Porto. É mestre e licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da mesma Universidade. Entre as suas áreas de interesse, está a relação entre o desenvolvimento tecnológico, as práticas culturais e as dinâmicas sociais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5466-5572>

Email: ivoneneivasantos@gmail.com

Morada: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n , 4150-564 Porto

José Azevedo, é Professor Associado da Faculdade Letras da Universidade do Porto. Foi Fulbright Scholar na Universidade do Texas, Austin (2001) e professor visitante na Universidade da Carolina do Norte - Chapel Hill (2004) apoiado pela Fundação Gulbenkian e Fundação Luso-Americana. Coordenou vários projetos internacionais, entre os quais sobre a utilização dos media digitais para o ensino das alterações climáticas. Participa na direção de várias revistas científicas e é regularmente membro de painéis de avaliação de bolsas e projetos (FCT, UT Austin Portugal entre outras).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6738-1827>

Email: azevedo@letras.up.pt

Morada: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n , 4150-564 Porto

* **Submetido: 24/11/2018**

* **Aceite: 24/12/2019**

SPACE-TIME COMPRESSION AND HYPERLOCALISATION: THE NEW *FLÂNEURS*

Ivone Neiva Santos & José Azevedo

ABSTRACT

The experience of sensations such as time acceleration and space elimination has become common in modern life, which is increasingly organised in tune with the “real time” imposed by digital media. Throughout this article and starting with the concept of “time compression” presented by David Harvey (1999), the authors contrast technological determinism with other perspectives that suggest there is a dialogue-based relationship between technology and society. The text discusses notions such as deterritorialisation and detemporalisation that make it possible to understand the emergence of a fragmented and timeless data space, which corresponds to a “new geography”, in which it is no longer possible to establish a clear boundary between the physical and the digital world. The text is theoretically underpinned by the concept of the *cyberflâneur*, exploring the similarities with the 19th century flâneur described by Baudelaire (1996). Analysis of a set of artistic and experimental interventions addressing issues such as hyperlocalisation or ubiquity and pervasiveness enables us to use the character of the *cyberflâneur* in a twofold sense – as a sign of technical acceleration and also as a symbol of resistance to such acceleration. The authors conclude that the exponential evolution and increasing “naturalisation” of technology obligates us to consider its determining role in social dynamics, namely by transforming our relationship with the dimensions of space and time.

KEYWORDS

Sentient city; space-time compression; power-chronography; augmented space, *cyberflâneur*

COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO E HIPERLOCALIZAÇÃO: OS NOVOS *FLÂNEURS*

RESUMO

A experiência de sensações tais como a de aceleração do tempo ou de eliminação do espaço vulgarizou-se na vida moderna cada vez mais organizada segundo o ritmo do “tempo real”, instituído pelos média digitais. Neste artigo, partindo do conceito de compressão espaço-tempo de Harvey (1999), confrontamos perspectivas situadas nas correntes do determinismo tecnológico com outras que defendem a relação dialógica entre tecnologia e sociedade. Abordam-se noções como as de desterritorialização e destemporalização que permitem compreender o surgimento de um espaço de dados fragmentado e intemporal, correspondendo a uma “nova geografia”, na qual já não é possível estabelecer uma fronteira clara entre o mundo físico e o digital. O texto estrutura-se tendo como suporte teórico o conceito de *flâneur* ciberespacial, explorando as semelhanças com o *flâneur* novecentista, tal como descrito por Baudelaire. A análise de um conjunto de intervenções artísticas e experimentais centradas sobre questões como a hiperlocalização ou a ubiquidade e a pervasividade permite-nos recorrer a esta figura do *flâneur* ciberespacial num duplo sentido, como sinal da tendência para a aceleração técnica, mas também como símbolo da força de resistência a essa mesma aceleração. Conclui-se que a evolução exponencial e a crescente “naturalização” da tecnologia nos obrigam a considerar o seu papel determinante nas dinâmicas sociais, designadamente, a partir da transformação da nossa relação com as dimensões do espaço e do tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade senciente; compressão espaço-tempo; cronografia do poder; espaço aumentado; *flâneur* ciberespacial

INTRODUCTION

This article seeks to observe the critical role played by digital media in challenging historically significant concepts of time and space, and thereby changing the way that people shape their identities and broadening the scope of physical and psychological mobility in today's globalised world. Increasingly enmeshed within modern life, through wireless networks or surveillance systems, the ubiquity of digital media has mushroomed, making it increasingly difficult to distinguish between the social, technological, spatial or temporal.

From this standpoint, the text questions whether the concepts of deterritorialisation and detemporalisation enable us to understand the uses of space and time in this new context, characterised by acceleration and fragmentation, and also by the emergence of a new timeless, continuous and pervasive data-space.

The *flâneur* character proposed by Baudelaire (1996) and Benjamin (2000), in the context of the modernisation and development of cities associated with industrialisation, was further developed by authors such as André Lemos (2009), Kathryn Kramer and John R. Short (2011), with regard to technological evolution and globalisation. The invocation of that character is framed within this strategy of summarising the key issues of the debate, in which we identify features of this new context which we can relate to with a certain *flânerie*. This is required because we are dealing with a context that favours the definition of personal itineraries and the maintenance of fluid relations with the different spatio-temporal contexts experienced by the citizen/cybernaut. Likewise, it fuels the resistance movement against "modernity" – which now incorporates the monitoring and control systems fostered by the technological development encouraged by globalisation.

This article is organised as follows: first, the authors present the theoretical approach which states that technological development increasingly determines the way we experience and understand space and time, relating this approach with the concept of space-time compression. Then they address: a) the perspective that gives technology a purely instrumental role, finding in social dynamics the *raison d'être* for the acceleration of time and elimination of space that characterise modernity; b) the specific role of digital media in this transformation; c) the suitability of the character of the *flâneur* for analysis of this new spatio-temporal reality. Finally, they summarise the main ideas discussed throughout the article.

SPACE-TIME COMPRESSION AND TECHNOLOGICAL DEVELOPMENT

The relationship between technological evolution and the perception and experience of space-time has been object of significantly different readings. Harold Innis (1950) is a particularly relevant name among authors who have identified a univocal trend towards

the acceleration associated with technological development. Based on his studies about political economy, the author considers that the means of transportation play a decisive role in historical development, with profound implications on the way that societies are structured and organised (Subtil, 2014). For Innis (quoted in Subtil, 2014), technology is the means through which civilisations have expanded and established relationships with each other. As Subtil (2014) refers, Innis argues that each historical period is characterised by a dominant media and, consequently, this domination produces a “bias” or orientation towards either time or space. Time-oriented societies are dominated by media that are heavy, difficult-to-transport, and also difficult to destroy and, for that reason endure over time – such as oral traditions and cave paintings. They are media adapted to a limited human capacity for memorising, and make it possible to preserve knowledge over time. In turn, the societies that Innis identifies as having “space bias” are principally oriented towards the future, and prefer light and perishable media with a large capacity for storing information (such as newspapers or television). Western modern societies would thus be mainly shaped by a space-bias and would be oriented towards communicating at a distance.

Paul Virilio (2000), Anthony Giddens (2002) and Manuel Castells (2010) also highlight the role of transport and communication technologies, as inductors of physical and informational speed, through alteration of our perception of time and space. Marshall McLuhan (1969), who taught Innis and had a profound influence on him, concurs with this perspective, and argues that each new media propitiates a change of scale, rhythm or pattern in human activity.

According to Virilio (2000), the great historical revolutions are, above all, revolutions of speed. By allowing greater speed, each new vehicle produces new forms of transport and communication, each corresponding to a “dromocratic” revolution¹. Virilio argues that the most important characteristic of the industrial revolution, made possible by the emergence of the steam engine, was the transport revolution, which he calls a space-time revolution.

Virilio also names another transforming revolution in the 19th century – the emergence of the “aesthetic of disappearance” (photography and cinema) that follows the “aesthetics of appearance” (painting and sculpture). In his view, the speed of recording images in instant photography and the speed of projecting images in film (24 frames per second), underpinned by retinal persistence, made it possible to evolve “from the persistence of a material substrate – the marble or the painter’s canvas – to the cognitive persistence of vision” (Virilio, 2000, p. 24). Hence, cinema is “capable of providing spectators, in every fraction of a second, that unknown sensation of ubiquity, in a fourth dimension, suppressing space and time” (Virilio 1989, p. 61).

According to Virilio, cinema would later be “replaced” by the automobile, corresponding to his idea that our entire life passes through “accelerated travel prostheses of which we are not aware” (Virilio, 1989, p. 68), including the train, the automobile, the television and the computer. Virilio believes that speed has taken root in the lives of

¹ From the Greek *dromos*, meaning “racetrack”.

individuals and societies, continually changing our values and perceptions. He argues that it is with Albert Einstein and his relativistic conception of the world that a new reality was instituted, in which speed is superimposed over time and space, just as light overcomes matter (Virilio, 1989). If we attain the speed of light, we will replace historical time, the domain of History, and physical space, the domain of Geography, by a unique present, without a human dimension, which, according to Virilio, paradoxically reminds us of the “great imprisonment” identified by Michel Foucault (1978). From this perspective, instead of being confined within a prison, we would be locked within “the speed and inanity of any displacement” (Virilio, 2000, p. 61). Virilio is concerned, therefore, with the ubiquity and instantaneousness provided by digital media. This is because, as he states, although all History happens in a local time, the application of real time, which is the rhythm of the immediacy of response made possible by digital technology, has no relation to historical time. Daily experience would thus be reduced to the immediacy of a continuous present (Virilio, 2000).

This reading may be related to the concept of space-time compression, formulated by David Harvey (1999). In Harvey’s perspective, space and time have been “commodified”. Homogenised, on the one hand, and fragmented, on the other, they have become tradable goods, constituting a mainstay of capitalism and globalisation, contributing to the increasing irrelevance of the nation state in favour of the world financial economy (Löw, 2008). Harvey’s concept implies a process that changes the relationship between time and space, in particular through technological innovation and globalisation. According to Harvey, compression is linked to the increase in speed associated with the development of means of transportation and communication, because our experience of space depends on a large extent on the time it takes to travel through it (Rosa, 2013). Reflecting on the very nature of space, Harvey (2015) proposes three dimensions of analysis: absolute space, relative space, and relational space.

Absolute (Cartesian-Newtonian) space is a fixed and independent entity, unambiguous, and therefore capable of being observed and classified. Socially, it corresponds to clearly demarcated territorial entities, such as States or private property. For the author, the production of “spaces”, and their respective organisation and distribution, is a central feature of capitalism. Relative space (as postulated by Einstein) already corresponds to the relationship between objects, and therefore depends on the existence of objects and also the point of view of the observer. This conception of space is inseparable from time – the relative space-time of the speed of light – and from factors that interfere in this relationship (such as social and technological evolution). Harvey (2015) notes, however, that it is not possible to understand different realities from the same space-time framework². Therefore, drawing on Leibniz³, he also proposes the concept of relational space, which exists only insofar as it is part of the process that defines it. For Harvey,

² The author refers to financial and energy flows in ecological processes as examples of incompatible spatiotemporalities (Harvey, 2015).

³ For theological reasons, Leibniz challenged Newton’s absolute time formulation, which implied that God himself would be “inside” space, which was incompatible with the vision of God as the creator of space and time (Harvey, 2015)

“processes do not occur in space, but [rather] define [their] own spatial picture” (Harvey, 2015, p. 130). For this reason, space is also inseparable from time, and the focus is placed on the relationship between the two. Although relational space-time suggests difficulties of measurement, the author considers that the three concepts are valid, depending on the applicability of the respective objectives. Absolute space may apply when defining boundaries or properties, but not, for example, when considering the relative positions of subjects, or each person’s experiences. Equally relevant in this context, Harvey highlights the spatialisation of thought, expressed through the use of spatial metaphors in literature and the arts, such as the distinction between real space and virtual space, wherein the latter is inhabited by the “intangible images and illusions that form the heart of all aesthetic practices” (Langer quoted in Harvey, 2015, p. 135).

According to Harvey, the distinction made by Ernst Cassirer (quoted in Harvey, 2015, p. 136) between organic, perceptual and symbolic spaces (wherein the latter is abstract, associated with geometry and artistic interpretations), would have underpinned another classification, proposed by Henri Lefebvre (quoted in Harvey, 2015, p. 136). This classification combines experienced (material) space, conceptualised space (how it is represented) and lived space (of emotions and meanings). Harvey (2015) articulates his classification and that of Lefebvre with three key concepts proposed by Karl Marx (1887): use value, exchange value and value. Use value is inscribed within the domain of absolute space and time. Exchange value implies a relationship, the movement of goods, capital, people, which is inscribed within relative space-time. According to Marx (quoted in Harvey, 2015), exchange would constantly change the space-time coordinates, since it is inscribed within a continuous movement. With the emergence of money, *value*, the movement of circulation becomes even more fluid, already inscribed within relational space-time.

The control of time and space made possible by money would be the mainstay of capitalism. Harvey creates a revealing matrix, demonstrating that which occurs in each of the considered dimensions only makes sense in dialectical terms, thereby justifying his relational approach⁴. Giddens also proposes an approach that is inscribed within this “relational” logic, when he defines space by its social function and not so much by its materiality (Löw, 2008). For Giddens, the process he calls “regionalisation” consists of the division of space and time into regions associated with specific social practices. Regarding technological development, Giddens (2002) proposes the concept of space-time distanciation to refer to the fact that social events appear to be disconnected from the space-time matrix. Castells (2010) also describes the systematic disturbance in the sequential order of social practices as the dominant time expression in network-based societies, where the temporal experience is diluted in “timeless cyberspace” (Castells quoted in Sora, Jordà & Codina, 2017, p. 197). This concept refers to the Internet’s capacity for constant reconfiguration, since it characterised by the absence of time and space limits. For the author this reconfiguration can take the form of compression or introduce discontinuity in the sequence. According to Hartmut Rosa (2013), given the almost unlimited speed and capacity of digital technology, time would be losing its linear

⁴ Harvey presents “Ground Zero” in Manhattan as an example of this “dialectical tension” (2015, p. 141)

character as the chronological sequence of events seems to dissolve progressively. While compressing time, it would cause time itself to disappear, which would be equivalent to eternity (Rosa, 2013). Following the same line of thought, Robert Hassan and Ronald E. Purser (quoted in Sora et al., 2017, p. 197) consider asynchrony as the real temporality, arguing that the Internet enables social actors to become involved in communications in different spaces and times, regardless of the actual local time. Thus, time would be simultaneously homogeneous and almost infinitely fragmented in the multiple synchronous and asynchronous temporalities that coexist in the network. The experience of modernity, for these authors, would thus be not so much a question of acceleration, as the simultaneity of different times, wherein it is certain that without the speed or immediacy provided by technological development such simultaneity would be impossible.

In short, these perspectives converge in the assignment of a fundamental role to technological development in the transformation of how we perceive and experience space and time and the relationship between them. The systematic increase of speed obtained through the development of means of transport and of communication, up to the limit that digital technology currently provides us of real-time access to any place in the world, would result in the changing of space and time coordinates and the need to adopt new conceptual approaches and new classifications that may enable us to understand this new spatiotemporal reality. Other authors, as we shall see below, attribute a less determinant role to technological evolution.

SPACE-TIME COMPRESSION AND SOCIAL CHANGE

Other authors ascribe less “prominence” to technology, placing it in a wider set of social dynamics. Rosa (2013) argues that the principle of acceleration forms an integral part of the culture of modernity, prior to its technological implementation. Although he draws close to Virilio’s perspective, in identifying two main *waves of acceleration* in the history of Western civilisation (the first associated with the technological innovations engendered by the Industrial Revolution and the second to the digital revolution and globalisation), he believes that a process of permanent transformation cannot be understood deterministically, on the basis of technological acceleration. Instead it is a symptom of the acceleration of social change. Following the same line of reasoning, Sarah Sharma (2014) classifies the approach of those she calls “speed theorists” as being simplistic. In her opinion, although the discourse about speed has become hegemonic, it does not reflect the complexity and the different rhythms that underpin social experience. Sharma contests that speed should be understood as a homogeneous trend associated to a certain epoch or dominant technology. She sees it rather as a mechanism of social differentiation, framed by global contemporary capitalism. To express her vision, she proposes the concept of “power-chronography”⁵, according to which certain groups are more responsible than others for time-space compression, since they make use of this compression, turning it into an advantage.

⁵ From Massey’s concept of “power geometry” (1991).

In this regard, Sharma (2014) explores the paradoxes of the figure of the *corporate warrior* who is simultaneously privileged because he stands at the forefront of communication and capital networks, and yet is vulnerable as a victim, for example, of jet lag or stress or dependent on the availability of others whose time is less valued (such as taxi drivers or hotel staff, for example). In short, for Sharma, it is not speed that produces inequality, but its explanatory, normalising power, as if it were a uniform experience in the contemporary moment that values the time of some people to the detriment of others and excludes those who experience time in a different way.

Following this rationale, the author criticises the strategies of “ideological” deceleration, such as the *slow* movements, noting that the capacity to slow down is itself a form of privilege that, on the other hand, presupposes an individualistic and depoliticised positioning. As an alternative, the author proposes the creation of “public times”, a concept thought to complement the notion of “public space” and thus drawing attention to the unequal nature of these “public” spheres. In the same sense, Lemos (2009) considers that although mobility may be “enlarged” in today’s societies, it is not neutral. Physical mobility, due to the most advanced means of transportation, and informational mobility, due to the wireless internet and portable devices, vary correlatively according to the position that individuals and groups occupy in power structures. Thus, those who can more easily move through cyberspace are also those who have greater autonomy in terms of physical mobility.

Doreen Massey (1991) questioned to what extent the relative mobility of some and their power over the mobility and communication of others increases the spatial imprisonment of the latter. She proposed the concept of *power geometry*, noting that different social groups are positioned in very different places in the flows and interactions associated to globalisation, wherein some are free to move, while others remain “imprisoned” in the same place and, therefore, tend to be more defensive about it⁶. This new context implies that what we mean when we talk about “places” is less clear, and the way that we relate to them is more complex. Massey argues that the specificity of a place is built from a constellation of social relations and carries multiple identities. She therefore rejects the identification of a place with a specific community. A community can exist in different locations simultaneously and is itself heterogeneous, since people occupy different positions therein.

The idea of spaces inhabited by homogeneous communities that persist in social imagery is contradicted by the current tendency towards fragmentation and spatial rupture. Nevertheless, Massey also criticises the idea that the quest for a sense of place is necessarily reactionary. The sense of rooting can be a source of positive identity if it is defined not through opposition to the exterior, but in its relation to it, moving away the idea of vulnerability of the local in relation to the global. Massey seeks to “pacify” the relationship between the local and the global, defending what she calls “a progressive sense of place” and conceiving it as a heterogeneous, dynamic, borderless construction, crossed by networks that extend beyond the geographical scale.

⁶ According to Harvey (quoted in Antonsich, 2011), this would be the paradox of globalisation which, by making places seem less stable and secure, would make people more attached to them.

Deterritorialisation of the social organisation is a thesis shared by a growing number of authors. Ash Amin (2002) even questions the extent to which the separation between place (viewed as close and intimate) and space (perceived as distant and intrusive) continues to make sense when the scalar design of the territory is altered as a result of globalisation. The mobility and interactivity engendered by this new communicational context interfere with territorial forms of social organisation, creating new relations between space and place. For Amin the new spatialities proposed by globalisation should be read as networks beyond any geographical scale (2002).

This is not a question of an alteration in power relations between spatial scales, but rather of deterritorialisation or reterritorialisation of social organisation. It is a question of recognising the growing influence of non-territorial practices and configurations in spatial policies themselves. As Paul Dourish and Genevieve Bell (2007) point out, infrastructures and widespread computing can reconfigure the relationship between the local and the global. From this perspective, the city would no longer be the site of politics of place, but rather of plural politics and multiple spatialities.

SPACE-TIME (DE)COMPRESSION AND DIGITAL TECHNOLOGY

Amin's proposal (2002) seems to correspond to the scenario resulting from the evolution of digital media that increasingly permeates all dimensions of daily life. Gere (2008) points out in fact that the distribution of broadband content and wireless networks have massively increased the way that digital technology penetrates our daily lives. This omnipresence, which Mark Weiser called "ubiquitous computing" (quoted in Dourish & Bell, 2007) derives from the existence of computer interactions in every location. The growth of surveillance systems and the "internet of things", with devices that can communicate between each other and mutually coordinate their actions are expressions of this expansion (p.1).

Whereas on the one hand, media are described as sources of suspension and instantaneity, due to the acceleration they enhance, on the other hand they are also producers of material and symbolic time and space (Parmett, 2017). In this regard, and invoking the "end of geography", Stephen Graham (1998), like Harvey (2015), has drawn attention to the use of geographic metaphors, such as *cyberspace* or *site*, pointing out the effects of their use (with reference to something that is nothing else than a network of electronic signals) in the construction of new systems that become viewable and territorial. These metaphors would then be ideological constructs, also containing normative ideas about how technology should relate to society⁷. Studying this relationship, Graham (1998) identified three main trends: "substitution and transcendence", "co-evolution" and "recombination".

The first tendency ("substitution and transcendence") is framed by technological determinism, which, according to the author, includes two visions of the future. In one,

⁷ The use of expressions such as "shock" and "wave" (by Alvin Toffler) or concepts such as "information society" or "information age" to represent the very nature of present-day society are other examples (Graham 1998).

relations based on proximity will be replaced by digital networks, liberating capitalist society from its spatial and temporal constraints; in the other, immersive virtual environments will emerge that “allow the immersive qualities of the geographical place to be transmitted remotely” (Graham, 1998, p. 168) enabling people to live remotely and instantly interact with entities previously only accessible in a physical location.

In this regard, Amin (2002) uses Jan Aart Scholte’s expression “borderless world” (p. 386), in the same sense that Castells spoke about “timeless cyberspace”. This perspective can be understood as utopian or dystopic. Paul Virilio (2000) holds a critical view, affirming that when the speed of light is reached, space and time are replaced by a unique present, which “imprisons” us, rendering useless any displacement. Yet, *cyber-gurus* such as Bill Gates and Nicholas Negroponte welcome the idea that the 3D environments provided by the combination of virtual reality and broadband can, by their verisimilitude, replace and make it unnecessary to travel to real places. 3D environments would be an alternative territory without the limitations of physical spaces – a technological utopia closely related to the ideology of progress typical of modern capitalist societies (Graham, 1998).

The second tendency (“co-evolution”) defends that virtual space does not replace but incorporates reality within it, and evolves in articulation with it. Technology is seen in the broader picture of the struggle, always asymmetrical, for power, namely regarding the control of space and distance. From this perspective, technology penetrates the “real” spatial organisation, rendering it faster and more efficient, but cities still exist and maintain their dominion, incorporating technology, and the new possibilities that it offers, within their practices. On the one hand, physical places are progressively incorporated into a powerful network of transactions. On the other hand, this power depends on territorially interconnected communication and transport infrastructures (Harvey quoted in Parmentt, 2017).

Staple (quoted in Graham, 1998, p. 175) identifies the emergence of a new tribalism made possible by digital networks, which, while they enable space and time to be compressed, also support a fragmented logic of differentiation. In this way, they provoke a “geographical explosion of space” (Graham, 1998, p. 174), since, instead of bringing everyone together in a single cyberspace, they deepen the relationship and commitment of different individuals and groups with specific places (material or virtual). The studies related to diasporic communities or ethnic minorities conducted by Kim (2016) and Heyd and Honkanen (2015) corroborate this perspective.

The third tendency identified by Graham – “recombination” – is based on the Actor-Network Theory, which in the 1990s already identified an increasing difficulty in separating the “social” from the “spatial” and “technological”, arguing that the notion of the network frees us from the “tyranny of geographers” (Latour, 1996, p. 371) in the definition of space. According to this theory, technology is simultaneously constituted by technical elements and by social elements and processes that are difficult to analyse autonomously (Latour, 1996). Through technology, space life would be continually recombined into new arrangements of space and time, provisional and “localised”, that cannot be

generalised. From this perspective, the boundaries that separate the human being from the machine are porous, permeable and “cyborgian” (Graham, 1998, p. 178).

Cyberspace produces a multiple, fragmented network of infrastructures and relationships, through which new spatiotemporal configurations are continuously created. For example, it brings certain geographically distant places closer together, while distancing others that are physically closer, or establishes fluid, interactive and individualised connections with places (Georgalou, 2015). In this manner, technology, while transforming the culture of specific spaces, also assumes itself as a place of cultural production (Dourish & Bell, 2007).

Lev Manovich (2006) looked at the way that people live in space when it is flooded with multimedia information, for example in shopping malls or airports. The author proposes the concept of “augmented space”⁸ to describe the overloaded information space, usually in a multimedia format. He highlights the fact that the omnipresence of cyberspace has become the norm in the 21st century, wherein physical space has been invaded by digital information, ranging from the ubiquity of electronic and mobile surveillance to publicly located computer/video displays, or the possibility of remotely accessing varied information via our mobile phones. The interconnection between these dimensions, according to Manovich, creates a continuous “dataspace” that extends and fills the entire physical space⁹. Therefore, the space of the digital age is no longer geometric and stable, but open, changeable and complete with variable contours. This trend fits in with the new paradigm described by Nadav Hochman and Lev Manovich (2013), in which it is assumed that digital media cease to act as platforms, and instead become data aggregators, open to manipulation and reconfiguration. This is an environment which each person can explore, no longer in function of hierarchies, but rather in terms of relationships and sequences, “while moving from the singular to the plural, from the close to the distant” (Hochman & Manovich, 2013, p. 37), thus breaking physical and virtual boundaries. This evolution can incorporate positive changes, such as access to services and information that are not always accessible and where they are most needed – in the right place (Schroeter & Foth, 2009), but also suggests questions due to the organising and disciplining nature of these media and their effects on the protection of citizens’ privacy and freedom (Parmett, 2017).

This analysis, from the perspective of mobile devices, in which the user is perceived as a prosumer of information, identifies “recombinatory” characteristics, and even suggests a new paradigm – in which the capabilities of the computer are “transferred” to the user¹⁰, by considering the ubiquity of its presence, in particular of electronic surveillance systems, which places into question the balance of forces in that relationship. It is

⁸ Created from the concept of “augmented reality” as opposed to “virtual reality” which presupposes an alternative, simulated space, while the former exists in real space.

⁹ Manovich maintains that, in practice, there is a discontinuity, since, for example, surveillance cameras do not monitor all spaces and the network signals are weaker or even non-existent in certain areas.

¹⁰ Amin points out that, in this perspective, “increased space” would relate to Douglas Engelbart’s dream of computer increase of human intellect (Amin, 2002, p. 225).

possible to relate the vision of a continuous digital space that covers everything and impregnates information in different senses to Amin's perspective of "deterritorialisation" or, more properly, of "reterritorialisation" of social organisations. A new geography that transforms the network of interactions and meanings. An invisible fabric in constant recombination, which combines physical and digital realities, making it increasingly difficult to perceive the seams between them.

HYPERLOCALISATION: NEW FLÂNEURS OR OLD PRISONERS?

Regardless of technological degree of sophistication, experience is always dependent upon place. It was initially argued in this article that mobile devices enable individuals to redefine the sense of place and social relations themselves. The informational mobility occurs at the interface between the electronic space and the physical space. It is in the tension between the borders of different territories that a certain place conquers its distinctive traits (cultural, social, etc.) and thus acquires identity (Lemos, 2009). Physical and informational mobility produce places and the media – by making it possible to create forms of knowledge and localised experience – help us to expand our spatio-temporal perception, producing new "senses of place".

According to Lemos (2009), digital media create new informational, socially differentiated territories and, thus, new senses of place, stimulating a culture of nomadism. In the opinion of Lemos, somewhat paradoxically, the development of industrial and capitalist societies sought to "dominate" the human tendency towards nomadism, through laws or institutions that promote sedentarism. But globalisation, that also results from this same evolution, questions these frontiers and expands the possibilities of physical and informational displacement. Cyberculture thus proposes a new "virtual" nomadism. Email addresses and mobile phone numbers are the first "non-territorial addresses" (Attali quoted in Lemos, 2009, p.30). The new nomad is the person who "goes through the points, looking for what is between them and creating paths, looking for informational territories, places of connection" (Lemos, 2009, p. 31).

This interpretation refers to the figure of the *flâneur*, an emblematic character of the 19th century Paris. In 1863, Baudelaire described him not simply as a hobo, but as an "artist", an observer of all the intricacies of urban life who draws inspiration from it as a source of creation (Kramer & Short, 2011). For Baudelaire, the *flâneur* is "the painter of the circumstantial and all that it suggests of eternal" (1996, p. 11), searching small ephemeral details of modern life. In the 20th century, Walter Benjamin used the same figure to criticise modernity (Benjamin, 2000).

For Benjamin, as in Baudelaire, the *flâneur* strolls through the city with no clear purpose, observing the urban architecture and the crowd without engaging them, concentrating only on the pleasure of looking. In Benjamin's epoch, the *flâneur* was already in extinction. Benjamin views the *flâneur* as a construct which enables him to describe and criticise the progress associated with the development of capitalism and argues that his disappearance is linked to the triumph of capitalism. He is therefore presented as a

symbol of the resistance to modernity, materialism and artificial acceleration. The *flâneur* is a wanderer who dissociates himself from time and space, defining his own itinerary and relation with the places he visits, despising material goods and focusing on gaze and reflection (Birkerts, 1982). He is meant to be a “perpetual outsider” who reflects the world without being absorbed (Simon, 2006, p. 63), observing the spectacle of consumerism but not allowing himself to be immersed uncritically (Kramer & Short, 2011).

According to Kramer and Short (2011), today we may find this figure associated with artistic and social responses to massive urbanisation, in which *flânerie* emerges as an ideal of critical exploration of urban environments. Through the walk (“strolling” as a way to observe the vitality of city life), these exploratory approaches combine research, leisure and artistic creation and combine artists, observers and public in the same community of participants. According to the authors, globalisation favours yet another form of *flânerie*. It is the global nomad, the “nomad *flâneur*” (Kramer & Short, 2011, p. 337) who moves from city to city along the global communications and transport network. As an example of this global nomadism, they identify precisely the circuit of biennials and art fairs in global cities. The contemporary *flâneur* would thus be more cosmopolitan. However, the authors point out that the commodification of cities tends to transform his random strolling into “prescribed routes of the consumer of history, goods, ideas and experiences” (Kramer & Short, p. 338). For this reason, they argue that the experience of the Baudelairean *flâneur* is still possible today, mainly in the cities of developing countries.

If digital media play a role in the construction of personalised space-time experiences in relation to which we can position ourselves as participant observers (Fazel, 2018), it is indeed possible to argue that the new practices favoured by digital technology in the 21st century can be analysed from the concept of *flânerie* transposed to the context of cyberspace (Fazel, 2018; Lemos, 2009; Simon, 2006). The *cyberflâneur*, like Baudelaire’s *flâneur*, maintains “loose” relationships with spatio-temporal contexts, in order to remain “mobile” (Simon, 2006).

This seems to be the case if we consider an experiment conducted by Bansky in an art residence in New York¹¹. Nadav Hochman, Lev Manovich and Mehrdad Yazdani (2014) analysed this experience, focusing on how hyperlocalisation – understood here as the association between a given information and a specific time and place, although the authors note the lack of consensus in this definition – through social media, influences the perception of localised events. From the observation of 28.419 photographs tagged and shared on Instagram, three characteristics of hyperlocal social media were identified: *fragmentation*, *temporalisation* and *nomadicity*. Fragmentation considering that hyperlocalisation converts a place into an endless number of perspectives that do not give rise to a single sense of place but to several personal senses. The authors consider that the hyperlocal experience through social media is not spatial (since by going through their representations, we do not visit the actual places). But it is to some extent temporal,

¹¹ “Better out than in” residency, held in October 2013, in which the graffiti artist performed almost daily a work in a different place of the city, placing a photo of it in Instagram and asking his followers to locate and photograph it. The result, according to the authors, was a series of real and virtual events dispersed, observing each other (Hochman & Manovich, 2013, p. 4).

when focused on the “distance” between different representations of the same place. It is also temporal because hyperlocal experiences are experienced temporarily, not constituting a map, but an itinerary, that is configured in time. This perspective stands in line with that of Harvey (1999), Giddens (2002) or Castells (2010), who, as we have seen, identify changes in the space-time relationship in the same direction, as a result of technological evolution. Allowing the construction of itineraries, more than maps, the hyperlocal representations can be considered to be nomadic, in the sense that the narrative of the place is held through different routes. Hochman, Manovich and Yazdani (2014) assumed that the images, that were geographically and temporally tagged and shared through social media, correspond to the spirit of the artistic avant-garde of the late 1960s. This movement proclaimed the *site-specific* artwork, in which each artistic object only exists in a given space-time context. It arose in opposition to Modernism, which perceived works of art as being independent of the context, maintaining their characteristics irrespective of their location.

Hochman, Manovich and Yazdani (2014) classify the former artistic tendency as “native” and the latter as “nomadic”. But the way that information is shared via the Internet assumes both opposite tendencies: it is as much annotated and temporal and geographically classified, as it is organised without any relationship to its origin (as in Google Image Search). The results led the authors to conclude that, in the specific experience analysed, if the option for labelled image and focus on the physical location corresponds to the aspirations of the artistic avant-garde, the use of social media also incorporated some “nomadic modernist understanding” (Hochman, Manovich & Yazdani, p. 9). This occurred because they were shared by users in different contexts and not only in their original location, corresponding to the loose relationship that, according to Simon (2006), the *cyberflâneur* maintains with the different spatio-temporal contexts.

Digital media also confront us with power and control issues. While, on the one hand, the aforementioned malleability permits a certain freedom and “vagrancy” that is characteristic of *flânerie*, on the other hand, the dematerialisation of culture and the uploading of all information to cyberspace – and in this era of geolocalisation and the “internet of things”, also the opposite process, downloading from cyberspace (Lemos, 2009) – seem to correspond to mechanisms of control that are closer to Foucault’s panoptic device (1978) than to Baudelaire’s romantic archetype. Research suggests that the dimension of social criticism inherent to the figure of the *flâneur* can be identified in movements of resistance to the aforementioned control, through technology itself.

This is the case in the study developed by Mark Shepard (2009) in which he analysed the possible political and sociocultural implications of computational ubiquity, especially in an urban context. The “sentient city”, according to Shepard, is one that is able to hear and feel and that is capable of actively reacting to what happens around it. But the contextual information to which it has access is relevant. Knowing where a person is, when and with whom, his/her purchase history, mobility pattern, etc., enables sentient systems to accurately predict behaviour. Shepard refers with concern to projects such as MIT Serendipity that uses Bluetooth technology to identify possible matches of interests

between people. The project's goal is to increase business productivity by facilitating the "encounter" of colleagues with common interests or complementary needs, who would be alerted about each other's matched interests or needs, which is necessarily associated with a certain degree of lack of control by the people involved in access to their personal data¹². Another MIT project, Gaydar, analysed Facebook data to see whether people were aware of all the personal information about themselves that they revealed, for example, simply in terms of their network of friends. According to Shepard, this study illustrates how information revealed in a certain context can easily be used to interpret information in another unforeseen context. Consumer databases and localisation systems constitute citizen monitoring mechanisms. These are pervasive systems that organisations seek to make invisible and "mundane" (Mann, Nolan & Wellman, 2003, p. 2).

On the one hand, traffic monitoring systems, based on "intelligent" control (Shepard, 2009, p. 1) such as traffic lights, for example, are apparently benign applications of such monitoring. Systems capable of correlating and anticipating human behaviour can facilitate the organisation of everyday life. But refinement of these systems fuels debate about the ubiquity of surveillance systems which are increasingly digital, in particular because less harmless uses may include security devices, such as those implemented in London or New York in the wake of the terrorist attacks, including surveillance cameras and automatic number plate recognition systems. Shepard questions the implications of these pervasive safety systems, in particular in the case of system errors. What guarantees of privacy and autonomy does the citizen have in this case?¹³

In this scenario, Shepard questions which other artistic practices may be conceived, besides the use of location-tracking media to explore urban spaces with more or less originality. Shepard asks what role "might artists, architects and designers play in shaping how we inhabit the near-future Sentient City?" (2009, p. 5).

A possible answer may be the one offered by Steve Mann, Jason Nolan and Barry Wellman (2003), who suggest strategies of "sousveillance" as a way of problematising surveillance and our acquiescence to it. This is achieved through panoptic technologies that enable individuals to observe those who watch over them¹⁴. With this objective, the authors propose a series of "reflective" performances (in which the roles of watcher/watched are changed) in order to question the pervasiveness of surveillance cameras and thus to raise awareness of the "disempowering nature of surveillance, its overwhelming presence in western societies, and the complacency of all participants towards this presence" (2003, p. 347). In this same logic of awareness, Shepard (2009) presents the Sentient City Survival Kit, a research design experiment suggesting a set of surviving artefacts for the future sentient city. Inspired by the practices of archaeology, it is intended to "rebuild" a world from artefacts not from the past but from the near future

¹² In addition, as the author refers, the term serendipity refers to the process of finding something when looking for something different, precisely the opposite of what happens in the project described

¹³ Edward Snowden's revelations have shown precisely this lack of guarantees.

¹⁴ The authors cite the example of an American citizen who filmed the moment when policemen beat Rodney King, which facilitated the trial of those responsible and a public discussion about the brutality of the police forces.

and thereby stimulate the process of imagining and promoting the discussion about the future city we really want.

From the same resistance logic proposed by Mann et al. (2003) and positioning itself as an invitation to a certain dilettantism, GPS Serendipitor is one of the artefacts proposed by Shepard (2009). It is a navigation software that suggests alternative routes to travel the distance between two points, itineraries that the user did not previously cover. The assumption is that in the future city finding the path between two points will not be the main problem. What may be more difficult is to be aware of what happens along the way. It seems to us undeniable that promoting nomadic escapism in the future sentient and controlling city also involves resisting it, cultivating a certain *flânerie*, in the old moulds of the 19th century figure. But, Shepard asks, “what are the implications of a society that needs to download an application for serendipity?” (Shepard, 2009, p. 6).

In short, we could conclude that the digital *flâneur*, like the contemporary urban *flâneur*, may assume two configurations: a more individualistic and experiential one, if we confine ourselves to the possibilities offered by hyperlocalisation in the definition of personal itineraries, and another more conscious and critical, if we consider the approaches oriented towards awareness and resistance to the pervasiveness of control and surveillance systems.

CONCLUSION

In this text, the authors assume that the evolution of digital media alters the relationship that humans weave with space and time, in particular favouring the perception of elimination of space and acceleration of time. Based on the concept of space-time compression (Harvey, 1999), the authors briefly presented the perspectives that identify a determinant role of technology, juxtaposing them with others that emphasise the role of social change to explain that transformation.

It seems to us that it is relevant to analyse the relationship between the four dimensions considered herein – time, space, technology and society, especially in view of the inevitability of permanent social and technological evolution. In any case, regardless of whether we understand it as the main cause or a simple tool, the role of digital technology and the possibilities offered by it are unavoidable. Digital technology increasingly permeates all dimensions of social life, making, as Manovich (2006) says, “cyberspace” no longer an alternative (utopian or dystopian) world of the beginnings of computing technology but rather the very norm, with a relevant impact on the perception and experience of space-time. Castells even uses the concept of “timeless cyberspace” (2010) to describe the spatio-temporal experience in networked societies. The concept of “reterritorialisation” of social organisation seems to us to reflect what will be a new geography in constant recombination, which unites physical and digital realities.

The invocation of the *flâneur* relates to aspects of this new context that we associate with a certain cyber *flânerie*. This is because it is a context that essentially favours the definition of personal itineraries and the maintenance of fluid relations with the different

space-time contexts covered by the citizen/cybernaut. The analysis of Bansky's artistic experience related to hyperlocalisation corroborates this perspective, in a way, by identifying mechanisms of fragmentation, temporalisation and nomadism/nativism in the use of spaces.

In another perspective, the pervasiveness of digital media seems to contradict this possibility of "wandering", as demonstrated by Manovich's (2006) analysis of "augmented spaces". If, on the one hand, the existence of a "dataspace" that fills the entire physical space makes it open to manipulation and individual reconfiguration (Manovich, 2013), on the other hand, the ubiquity of electronic surveillance systems seems to counter this autonomy. This is also the concern of Shepard (2009) and Mann et al. (2003) when they propose reflections based on artifacts and artistic performances that may encourage the questioning and awareness of the ubiquity of digital media and their role as instruments of control and interference in privacy and individual autonomy. In this sense, these are also perspectives and strategies that cultivate the spirit of the *flâneur* who resists, moving away from the crowd, identifying and seeking to safeguard that which is progressively lost as a result of "progress". ✍

Translations/revision: Sombra Chinesa Unipessoal Lda.

REFERENCES

- Amin, A. (2002). Spatialities of globalisation. *Environment and Planning A*, 34(3), 385-399. <https://doi.org/10.1068/a3439>
- Antonsich, M. (2011). Grounding theories of place and globalisation. *Tijdschrift Voor Economische En Sociale Geografie*, 102(3), 331-345.
- Baudelaire, C. (1996). *Sobre a modernidade*. São Paulo: Editora Paz e terra.
- Benjamin, W. (2000). *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.
- Birkerts, S. (2018). Walter Benjamin, Flâneur: a flânerie. *The Iowa Review*, 13(3-4), 164-179. <https://doi.org/10.17077/0021-065X.2961>
- Castells, M. (2010). *The rise of the network society*. Massachusetts: Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.2307/125209>
- Dourish, P. & Bell, G. (2007). The infrastructure of experience and the experience of infrastructure: meaning and structure in everyday encounters with space. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 34(3), 414-430. <https://doi.org/10.1068/b32035t>
- Fazel, M. (2018). Live montage in mediated urban-experience: Between media and architecture. In Q. M. Troiani & I. Zamanm (Eds.), *Transdisciplinary urbanism and culture - From pedagogy to praxis* (pp. 89-97). *Urban Book Series*. United Kingdom: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-55855-4_8
- Foucault, M. (1978). *Discipline and punish. The birth of the prison*. New York: Pantheon Books.

- Georgalou, M. (2015). Placemaking and place identity in social media. In I. Theona & D. Charitos (Eds.), *Hybrid city 2015- Data to the people - Proceedings of the 3rd International Biennial Conference* (pp. 361-370). Athens: University Research Institute of Applied Communication. <https://doi.org/10.1145/2505494.2505505>
- Gere, C. (2008). *Digital culture*. London: Reaktion Books.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Graham, S. (1998). The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. *Progress in Human Geography*, 22(2), 165-185. <https://doi.org/10.1191/030913298671334137>
- Harvey, D. (1989). *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of social change*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Harvey, D. (2015). O espaço como palavra-chave. *Em Pauta*, 35(13), 126-152.
- Heyd, T. & Honkanen, M. (2015). From Naija to Chitown: the new african diaspora and digital representations of place. *Discourse, Context and Media*, 9, 14-23. <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2015.06.001>
- Hochman, N., & Manovich, L. (2013). Zooming into an Instagram City: reading the local through social media. *First Monday*, 18(7). Retrieved from <http://revuecaptures.org/référence-bibliographique/zooming-instagram-city-reading-local-through-social-media>
- Hochman, N., Manovich, L. & Yazdani, M. (2014). On hyper-locality: performances of place in social media. In *Proceedings of 2014 International AAAI Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM)*. Retrieved from <http://manovich.net/index.php/projects/on-hyper-locality-performances-of-place-in-social-media>
- Innis, H. A. (1950). *Empire and communications*. Toronto: Toronto University Press.
- Kim, Y. (2016). Diasporic daughters and digital media: 'willing to go anywhere for a while'. *Cultural Studies*, 30(3), 532-547. <https://doi.org/10.1080/09502386.2015.1113638>
- Kramer, K. & Short, J. R. (2011). Flânerie and the globalizing city. *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, 15(3-4), 322-342. <https://doi.org/10.1080/13604813.2011.595100>
- Latour, B. (1996). Article on actor-network theory. A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*, 25(3), 1-16, 369-381. <https://doi.org/10.2307/40878163>
- Lemos, A. (2016). Cultura da mobilidade. *Revista Famecos*, 16(40), 28-35. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6314>
- Löw, M. (2008). O spatial turn: para uma sociologia do espaço. *Revista Tempo Social*, 25(2), 17-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200002>
- Mann, S., Nolan, J. & Wellman, B. (2003). Sousveillance: inventing and using wearable computing devices for data collection in surveillance environments. *Surveillance and Society*, 1(3), 331-355. <https://doi.org/10.24908/ss.v1i3.3344>
- Manovich, L. (2006). The poetics of augmented space. *Visual Communication*, 5(2), 219-240. <https://doi.org/10.1177/1470357206065527>
- Marx, K. (1887). *Capital: a critique of political economy. Volume I*. Retrieved from <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf>

- Massey, D. (1991, junho). A global sense of space. *Marxism Today*, 24-29. Retrieved from <http://www.unz.org/Public/MarxismToday-1991jun-00024>
- Mcluhan, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company. Retrieved from <https://books.google.pt/books?id=wFvBeU1jVwIC&lpq=PA9&ots=K2vQDYffn7&dq=marshall%20mcluhan&lr&hl=pt-PT&pg=PA6#v=onepage&q=marshall%20mcluhan&f=false>
- Parnett, H. M. (2017). Space. In L. Ouellette & J. Gray (Eds.), *Key words for Media Studies* (pp. 181-183). New York: NYU Press.
- Rosa, H. (2013). *Social acceleration. A new theory of modernity (new directions in critical theory) - Hartmut Rosa*. New York: Columbia University Press.
- Schroeter, R. & Foth, M. (2009). Discussions in space. In *OZCHI 2009: 21st Annual Conference of the Australian Computer-Human Interaction Special Interest Group (CHISIG) of the Human Factors and Ergonomics Society of Australia (HFESA), Nov 23-27, Melbourne*. <https://doi.org/10.1145/1738826.1738903>
- Sharma, S. (2014). *In the meantime: temporality and cultural politics*. Durham, NC: Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822378334>
- Shepard, M. (2009). Sentient city survival kit: archaeology of the near future. *UC Irvine: Digital Arts and Culture 2009*. Retrieved from <https://escholarship.org/uc/item/4zpoc4x2>
- Simon, B. (2006). Beyond cyberspatial flâneurie: On the analytic potential of living with digital games. *Games and Culture*, 1(1), 62-67. <https://doi.org/10.1177/1555412005281789>
- Sora, C., Jordà, S. & Codina, L. (2017). Chasing real-time interaction in new media: towards a new theoretical approach and definition. *Digital Creativity*, 28(3), 196-205. <https://doi.org/10.1080/14626268.2017.1355323>
- Subtil, F. (2014). Harold A. Innis. O viés da comunicação. *Comunicação Pública [Online]*, 8(13). Retrieved from <http://journals.openedition.org/cp/525>
- Virilio, P. (1989). *Esthétique de la disparition*. Paris: Éditions Galilée.
- Virilio, P. (2000). *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Editorial Teorema.

BIOGRAPHICAL NOTES

Ivone Neiva Santos holds a master in sociology by the University of Oporto, Faculdade de Letras. She is also researcher working in the project “CHIC Science-Cooperative Holistic view on Internet and Content”. She has previous experience in research projects in the areas of communication of science and digital journalism, with relevant experience concerning educational and business sectors. Presently she is doctoral student in digital media PhD program at the University of Oporto. Among other areas of interest, she works on the relationship between technological development, cultural practices and social dynamics.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5466-5572>

Email: ivoneneivasantos@gmail.com

Adress: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n , 4150-564 Porto

José Azevedo is associate Professor at the University of Oporto. He was Fulbright Scholar at the University of Texas, Austin (2001) and Visitor professor at the University of North Carolina - Chapel Hill (2004) supported by the Gulbenkian Foundation and the Luso-American Foundation. He coordinated several international projects, including about digital media for the teaching of climate change. He participates in the coordination of several scientific journals and is member of scholarships and projects evaluation panels (FCT, UT Austin Portugal, among others).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6738-1827>

Email: azevedo@letras.up.pt

Address: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n , 4150-564 Porto

* Submitted: 24/11/2018

* Accepted: 24/12/2019

LEITURAS | BOOK REVIEWS 

**HAN, B.-C. (2016). O AROMA DO TEMPO.
UM ENSAIO FILOSÓFICO SOBRE A ARTE DA
DEMORA. LISBOA: RELÓGIO D'ÁGUA.**

Vítor de Sousa

No ensaio *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (2016), publicado originalmente na Alemanha, em 2007, Byung-Chul Han sustenta que a nossa atualidade é dominada não por uma incessante aceleração do tempo mas, ao contrário, por uma crise temporal assente numa dissincronia (uma descontinuidade), que não é mais do que a atomização do próprio tempo sem rumo nem ordem ou conclusão que o impede de durar (demorar) de forma substancial nas nossas vidas. E é composto por momentos indistinguíveis e sequenciais, que faz com que qualquer instante pareça igual a outro, e não exista nem um ritmo, nem um rumo, que confira significado às nossas vidas.

Byung-Chul Han propõe a revalorização do ócio como contemplação da verdade, o que não tem que ver, paradoxalmente, com qualquer afastamento da realidade. É que, segundo o autor, a crise temporal decorre exatamente da eliminação da contemplação, já que a realidade, por ser rápida e instantânea, não consegue que alguém atinja qualquer plenitude, por falta de profundidade e excesso de uma dinâmica efémera. Numa constatação que tem que ver com as conceções de Zygmunt Bauman sobre a “sociedade líquida”, diz que tudo é vivido como efémero, surgindo assim a morte como um instante mais, prematuro e quase sempre sem sentido. Zapa-se o mundo, mostrando que cada um de nós se torna em qualquer coisa de radicalmente passageira. Sofrendo daquilo que tipificou Heidegger: de “desassossego distraído” e de “carência de morada”.

Esta alucinação, que é produto de uma deambulação apenas assente na infinitude, fez com que o filósofo se inquietasse e refletisse sobre a desnarrativação do tempo e da perda da sua direção. Não que o apregoador fim das grandes narrativas (Lyotard, 1986) seja válido, com o conseqüente e costumeiro apocalipse a reboque. Será, antes, pela via da devolução ao tempo a sua condição de instante, em que o tempo narrativo não conduza a um tempo vegetativo.

E, não obstante Byung-Chul Han afiançar que a crise temporal não tenha já que ver com o processo de aceleração generalizada, que estilhou as verdades consideradas estáveis que foram esculpidas na modernidade, o facto é que essa constatação está subjacente nas explicações do filósofo. Para emendar isso, propõe um regresso revitalizante ao modelo da *vita contemplativa* (conceito associado a autores como Nietzsche, Heidegger, Aristóteles, Santo Agostinho ou Tomás de Aquino, que cita no ensaio de forma sistemática, para além de outros autores de referência) em detrimento de uma relativização da *vita ativa*, associada à perda do mundo e do tempo. Contra a pressa, a via proposta

assenta no olhar contemplativo, menos veloz e, necessariamente, mais reflexivo, já que a *vita activa* tirou o tempo do ócio ao *homo laborians*. O autor dedicou um capítulo inteiro à temática da vida contemplativa, discorrendo sobre a transfiguração do trabalho, que se torna na época moderna na sua absolutização e conduz à sua glorificação, sendo um fenómeno de grande complexidade, referindo, por exemplo, que “a relação causal e a reciprocidade entre trabalho, capital, poder, dominação e redenção é extremamente intrincada. A economia da salvação e o poder económico estão entrelaçados” (p. 113).

Já Jonathan Crary, no livro *24/7: Late capitalism and the ends of sleep* [24/7: Capitalismo tardio e o fim do sono] (2013), explora algumas das consequências que reputa de ruinosas dos processos de expansão *non-stop* do capitalismo do século XXI. Mas tem uma visão que colide com a de Han, ao sustentar que a apatia humana é intrinsecamente incompatível com o capitalismo *non-stop*, apontando para outras recusas mais formidáveis e coletivas dos padrões mundiais de destruição do crescimento e da acumulação.

O aroma do tempo rastreia, histórica e sistematicamente, as causas e os sintomas da dissincronia, mas reflete igualmente sobre a possibilidade de uma recuperação. Embora tendo em conta as heterocronias ou as ucronias, o presente estudo, segundo o autor, não se limita à descoberta e à restituição desses lugares, excepcionais e insólitos, da duração: “não se trata de chorar a perda da época da narrativa. Não há razão para que o fim da narrativa, o fim da história, traga consigo um vazio temporal”. Ao invés, abrirá a possibilidade de uma vida que não tenha necessidade da teologia nem da teleologia, e que, apesar disso, tenha o seu próprio aroma, “mas requer uma revitalização da *vita contemplativa*” (p. 10). Byung-Chul Han olha para o paradoxo que assenta na lógica de que tudo é simultâneo, no presente, tudo tem possibilidade, em que o presente se abrevia e perde a duração. Declara, por isso, que “é a fazer zapping [que] nos movemos no mundo”, e diz logo o que pretende, de uma forma objetiva e clara, na “Introdução” da obra: “a presente crise temporal não passa pela aceleração. A época da aceleração ficou já para trás. Aquilo que na atualidade experimentamos como aceleração é somente um dos sintomas da dispersão temporal”. A presente crise remete, assim, para a dissincronia, que conduz a diversas alterações temporais ou à parestesia. Falta ao tempo um ritmo ordenador: “a dissincronia faz com que, por assim dizer, o tempo tropece. O sentimento de que a vida se acelera tem, na realidade, origem na percepção de que o tempo anda aos tropeções sem qualquer rumo” (p. 9). O que quer dizer que a dissincronia não é o resultado de uma aceleração forçada, mas a atomização do tempo a principal responsável pela dissincronia. É também a ela que se deve a sensação de que o tempo passa muito mais rapidamente do que antes. A dispersão temporal não permite a experiência de tipo algum de duração: “não há nada que reja o tempo. A vida não se enquadra numa estrutura ordenada nem se guia por quaisquer coordenadas que engendrem uma duração”. E, assim, cada um de nós próprios se torna qualquer coisa de radicalmente passageira: “a atomização da vida supõe uma atomização da identidade. Cada um passa a ter-se somente a si mesmo, o seu pequeno eu” (pp. 9-10).

Observa o autor que a pobreza do mundo é uma condição discrónica, fazendo com que cada um se encerre no seu pequeno corpo, tentando mantê-lo saudável por todos

os meios, pois que, a não ser assim, nada mais lhe resta: “em certo sentido, sofreremos uma perda radical de tempo, do ser-com (*Mitsein*). A saúde do frágil corpo de cada um substitui no mundo e substitui Deus. Nada perdura além da morte. (...) As pessoas envelhecem sem se tornarem maiores” (p. 10). Mas nem por isso a vida atual está menos ligada à absolutização da vida ativa, sendo que esta última conduz a um imperativo do trabalho, que degrada a pessoa em *animal laborans*. “A hipercinesia quotidiana despoja a vida humana de qualquer elemento contemplativo, qualquer capacidade de demora. Pressupõe a perda do mundo e do tempo”. As chamadas estratégias de desaceleração não são capazes de pôr fim à crise temporal contemporânea. É, assim, necessária uma revitalização da vida contemplativa: “A crise temporal só será superada no momento em que a vida ativa, em plena crise, acolha de novo no seu interior a vida contemplativa” (pp. 10-11).

Byung-Chul Han é claro na sua escrita que assume, por vezes, contornos de um verdadeiro *soundbyte* (por exemplo, “é assim que a fazer *zapping* nos movemos no mundo”, p. 56). As ideias são percecionadas logo à primeira leitura, mesmo que a complexidade do pensamento pudesse indiciar o contrário. *O aroma do tempo* está dividido em 12 capítulos. Em “Des-tempo” (p. 13), escolhe Nietzsche para abrir as hostilidades, e discorre sobre a aceleração atual que, afirma, tem a sua causa na incapacidade geral de acabar e de concluir “o tempo aperta porque nunca se acaba – nada conclui porque não se rege por gravitação alguma”. A aceleração exprime, portanto, que se romperam os diques temporais e já não há diques que regulem, articulem ou deem ritmo ao fluxo do tempo, que possam detê-lo e guiá-lo (p. 14); em “Tempo sem aroma” (p. 25), aborda a problemática do tempo histórico, que não conhece um presente duradouro, em que as coisas não persistem numa ordem inamovível. O tempo já não remete para trás, mas impele para diante; já não repete, mas alcança, ficando o passado e o futuro ficam descompensados. O tempo histórico é linear, mas manifesta-se de diferentes maneiras nas suas formas de transcorrer ou aparecer: “o homem não é livre. Está submetido a Deus. Não se projeta no futuro. Não projeta o seu tempo. Está antes lançado no fim definitivo do mundo e do tempo. Não é o sujeito da história” (p. 27).

Outro dos capítulos intitula-se “A velocidade da história”, em que o autor refere que a técnica moderna afasta o homem da Terra, já que “os aviões e as naves espaciais arrancam-no da força da gravidade terrestre” e, quanto mais se distancia da Terra, mais pequeno se torna, e quanto mais depressa nela se move, mais se retrai. A Internet e o correio eletrónico fazem com que a geografia e a própria Terra desapareçam” (p. 33); seguindo-se “Da época do marchar à época do zumbido” (p. 43) em que, através de Zygmunt Bauman, se refere ao homem moderno como um peregrino que percorre o mundo como se se tratasse de um deserto, dando forma ao informe, conferindo continuidade ao episódico e fazendo do fragmentário um todo. Para Han, o peregrino moderno, no entanto, pratica uma vida “a caminho”, sendo o seu mundo “determinado”, pelo que a ideia do “peregrino” de Bauman, não corresponde ao homem moderno, uma vez que o *peregrinus* se sente estrangeiro nesta terra. Dessa forma, escreve que o retraimento do presente não esvazia nem dilui o tempo, assentando o paradoxo no facto de “que tudo é

um presente simultâneo, tudo tem a possibilidade, ou deve tê-la, de ser agora”. É assim que “a fazer *zapping* nos movemos no mundo” (p. 56). Seguem-se os capítulos “Cristal de tempo aromático” (p. 57) e “O tempo dos anjos” (p. 65), em que pega de novo na ideia do fim das grandes narrativas, reputando-o como “fim da época épica, da história como *intrigue* – que denota os acontecimentos de uma trajetória narrativa e, por meio de uma relação, cria uma significatividade”. O fim da narrativa é, por isso e antes de mais, “uma crise temporal”, que destrói qualquer gravitação temporal que possa reunir o passado e o futuro no presente: “os representantes do pós-modernismo tendem antes a desenhar diferentes estratégias do tempo e do Ser para contrariar a desintegração do tempo, a destemporalização” (pp. 65-66).

Outros capítulos que integram a obra são “Relógio aromático: um breve excuroso sobre a China antiga” (p. 71) e “A dança do Mundo” (p. 77), para além de “O cheiro a madeira de carvalho” (p. 87), em que se refere à aceleração generalizada do processo de vida que priva o homem da capacidade contemplativa. Escreve que “a aceleração não é um acontecimento primário, que só *a posteriori* condiz à perda da vida contemplativa”, pelo que a relação entre a aceleração e a perda da vida contemplativa é muito mais complexa. O livro termina com os capítulos “O tédio profundo” (p. 97) e “Vida contemplativa” (p. 103), já destacado anteriormente e que termina tal como começou, com uma citação de Nietzsche: “à falta de sossego, a nossa civilização desemboca numa nova barbárie. Em nenhuma época foram mais cotados os ativos - quer dizer, os desassossegados”. Pelo que entre as correções necessárias que devem introduzir-se no caráter da humanidade, se deve contar “uma ampla medida de fortalecimento do elemento contemplativo” (p. 135).

O que quer dizer que, “se se expulsar dela todo o elemento tranquilo, a vida acaba numa hiperatividade letal”, e a pessoa “afoga-se no seu assunto particular”. Uma revitalização da vida contemplativa é, assim, necessária, “porque abre um espaço de respiração (*Atemraume*). Talvez o espírito deva a sua origem a um excedente de tempo, a um *otium*, a uma respiração pausada” (pp. 135-136).

Desde os anos 60 do século XX que se vive numa era assente no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, decorrente do incremento da velocidade e da alteração do conceito de tempo. A fragmentação subsequente e a integração de novas realidades desembocou na *crise de paradigmas* (Lyotard, 1986) que trouxe ao de cima, por exemplo, a *crise de identidade* (Hall, 1992). Toda a lógica da modernidade foi desconstruída, provocando o descentramento daquilo que se julgava estável, colocando em causa a legitimidade e a “bondade” explicativa anterior, caindo, assim, por terra a organização hegeliana de tese, antítese e síntese, uma vez que todos estão, agora, convocados para o presente, sabendo-se da existência de um princípio, mas não de um fim (Martins, 2011). Byung-Chul Han está de acordo com isso, muito embora sublinhe que o final do tempo enquanto duração narrativa não teria de implicar um vazio temporal. Existe, agora, pelo contrário, a possibilidade de uma vida que prescindia da teologia e da teleologia e que apesar disso tenha um aroma próprio. Seria necessário recuperar conceitos de Hannah Arendt plasmados em *A condição humana*, em que o pensamento

foi sempre privilégio reservado a muito poucos: “mas, precisamente por isso, o número desses poucos não se reduziu ainda mais na atualidade” (p. 129), pois a crise temporal só poderá ser ultrapassada quando a vida ativa acolher de novo a vida contemplativa.

O filósofo sul-coreano nascido em Seul, em 1959, e radicado na Alemanha desde os anos 80 do século XX, onde estudou filosofia, literatura e teologia nas Universidades de Munique e Friburgo, tendo-se doutorado em 1994 com uma tese sobre a obra de Heidegger, tem dedicado o seu pensamento aos principais temas e problemas que ocupam as sociedades contemporâneas; às causas dessa evolução, refletindo sobre a possibilidade de a inverter. Em *A agonia de Eros* (2014b), debruça-se sobre a banalidade do amor e da fantasia relativamente à emergência do impulso narcísico, consumista e pornográfico. As ideias de pressão, desgaste e perturbação no universo do trabalho e da família preenchem *A sociedade do cansaço* (2014a); a crítica estrutural à democracia, ao sistema capitalista e ao poder totalizador da técnica e das realidades digitais são a temática de *Psicopolítica* (2014c) e de *A sociedade da transparência* (2014d). Numa outra obra mais recente, *A expulsão do Outro* (2016), Han que sublinha a ideia de que o que hoje leva a sociedade a adoecer não é a alienação, a proibição ou a repressão, mas o excesso de informação e o hiperconsumo, sublinhando que a globalização provoca a uniformização e o esbatimento do “outro”, seja ele qual for. Diz ser necessária uma revolução temporal que faça com que um tempo totalmente outro comece: “ao contrário do tempo do eu, que nos isola e nos individualiza, o tempo do outro cria uma comunidade. Por isso, é um tempo bom” (p. 95). Já em *Psicopolítica* (2014c), o autor se referia à figura do “idiota”, tipificando-o não como aquele com comportamentos duvidosos, mas como o que se afasta para contemplar (o “herege moderno”) o que acontece, de resto, em *O aroma do tempo*, dando coesão ao tempo e permitindo o resgate da narrativa como força criadora. O idiotismo opõe-se, assim, “ao poder de dominação neoliberal, à comunicação, e à vigilância totais” (p. 89).

São ideias que o próprio Byung-Chul Han aborda a cada passo, como na entrevista que deu a Carles Geli (*El País, Brasil*), em que afirma ser preciso revolucionar o uso do tempo, uma vez que “a aceleração atual diminui a capacidade de permanecer”. Precisamos, por isso, de um tempo próprio, livre, que o sistema produtivo não nos deixa ter, que signifique ficar parado, sem nada produtivo a fazer, “mas que não deve ser confundido com um tempo de recuperação para continuar trabalhando; o tempo trabalhado é tempo perdido, não é um tempo para nós” (2018, s.p.).

Através do pensamento de Han, que diaboliza o trabalho e, em alternativa, envereda pela via do pensamento contemplativo, através do culto do ócio, resta saber se essa será a via para reformular a dispersão temporal que, ainda que o próprio afiance que a crise temporal não tenha já que ver com o processo de aceleração generalizada, terá tudo a ver com isso. ✍

REFERÊNCIAS

Crary, J. (2013). *24/7: Late capitalism and the ends of sleep*. Londres/Nova Iorque: Verso.

Geli, C. (2018, 7 de fevereiro). Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”. *El País, Brasil*. Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html?%3Fid_externo_rsoc=FB_BR_CM

Hall, S. (1992). *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Han, B.-C. (2014a). *A sociedade do cansaço*. Lisboa: Relógio d'Água.

Han, B.-C. (2014b). *A agonia de Eros*. Lisboa: Relógio d'Água.

Han, B.-C. (2014c). *Psicopolítica*. Lisboa: Relógio d'Água.

Han, B.-C. (2014d). *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio d'Água.

Han, B.-C. (2016). *A expulsão do Outro*. Lisboa: Relógio d'Água.

Lyotard, J.-F. (1986). *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura – das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.

NOTA BIOGRÁFICA

Vítor de Sousa é doutorado em Ciências da Comunicação (Comunicação Intercultural), pela Universidade do Minho, com a tese *Da ‘portugalidade’ à lusofonia, é mestre (especialização em Educação para os Média) e licenciado (especialização em Informação e Jornalismo) na mesma área*. Entre as suas áreas de investigação constam as questões em torno da identidade, Estudos Culturais, Educação para os Média e teorias de Jornalismo. É investigador do CECS, onde integra o Grupo de Estudos Culturais, membro do projeto “CulturesPast&Present – Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?” (FCT/ Aga Khan) e do Museu Virtual da Lusofonia. É sócio da Sopcom, ECREA e da Associação dos Amigos da Biblioteca Municipal de Penafiel. Venceu o Prémio Científico Mário Quartim Graça 2016, que distinguiu a melhor tese concluída nos últimos três anos na área das Ciências Sociais e Humanas, em Portugal e na América Latina. Foi jornalista (1986-1997) e assessor de imprensa (1997-2005).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6051-0980>

Email: vitorde Sousa@gmail.com

Morada: CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, ICS-Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga

Submetido: 18/01/2019

Aceite: 18/02/2019

**HAN, B.-C. (2016). O AROMA DO TEMPO.
UM ENSAIO FILOSÓFICO SOBRE A ARTE DA
DEMORA. LISBOA: RELÓGIO D'ÁGUA.**

Vítor de Sousa

In his essay, *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* [The scent of time. A philosophical essay on the art of delay] (2016), originally published in Germany, in 2007, Byung-Chul Han argues that contemporary life is overpowered not by the continuous acceleration of time, but rather a temporal crisis caused by a dyschronicity (a discontinuity), which is simply the atomization of time with no direction, order or end that prevents it from lasting (lingering). It consists of indistinguishable, sequential moments, which means that every instant is just like any other, lacking rhythm or direction that can add meaning to our lives.

Byung-Chul Han proposes the revitalization of the art of lingering as contemplation of the truth, which, paradoxically, is not related to any kind of alienation from reality. According to the author, this temporal crisis is the result of our inability to contemplate, since reality, because it is fleeting and instantaneous, does not allow for human beings to feel fulfilled, due to the lack of depth and the excess of an ephemeral dynamic. In reference to Zygmunt Bauman's conceptualisations of something he called "liquid modernity", he argues that everything is lived like it is ephemeral, and death is seen simply as a premature, and almost always, senseless instant. We "zap" through the world and every one of us becomes something radically fleeting, and prone to suffer from what Heidegger typified as "harassed unrest" and "non-dwelling".

This hallucination, which results from whizzing through infinitude, made the philosopher restless and think of the denarration of time and the loss of direction. It does not mean that the proclaimed end of the grand narratives (Lyotard, 1986) is valid, along with the consequent and usual ensuing apocalypse. It will only be so once we give back time its instantaneity, in which narrative time does not lead to a vegetative time.

And even though Byung-Chul Han guarantees that this temporal crisis has nothing to do with a general process of acceleration, which has shattered the so-called stable truths sculpted in modernity, the fact is that this statement underlies the philosopher's explanations. In order to make it right, he proposes the revitalization of the *vita contemplativa* (concept associated with authors like Nietzsche, Heidegger, Aristotle, Saint Augustine or Thomas Aquinas, who he quotes systematically in his essay, apart from other renowned authors) in detriment of a relativization of the *vita activa* associated with the loss of world and time. The proposal to overcome this rush is based on contemplation, certainly slower and necessarily more meditative, since the *vita activa* deprived the *homo*

laborans from leisure time. The author dedicated a whole chapter to contemplation, addressing the revaluation of work which, in the course of modern times, leads to work's absolute status, even to its glorification, and is a very complex phenomenon. About that he argues that “the causal interrelation and reciprocity between labour, capital, power, domination and salvation are deeply entangled. The economy of salvation and the economy of power permeate each other” (p. 113). Jonathan Crary, in *24/7: Late capitalism and the ends of sleep* (2013), explores some of the ruinous consequences of the expanding non-stop processes of twenty-first-century capitalism. His vision, though, clashes with Han's because it argues that human sleep is intrinsically incompatible with non-stop capitalism. He points to other more formidable and collective refusals of world-destroying patterns of growth and accumulation.

O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora [The scent of time. A philosophical essay on the art of delay] investigates the causes and symptoms of dyschronicity in historical as well as systematic terms, but it also offers reflections on possibilities for recovery. While these touch upon heterochronic or uchronic moments, the present study, according to the author, is not limited to finding and rehabilitating these exceptional, extraordinary places of duration: “it will not mourn the passing of time of storytelling. The end of narration, the end of history, does not need to bring about a temporal emptiness. Rather, it opens up the possibility of a life-time that can do without theology and teleology, but which possesses a scent of its own, “but this presupposes a revitalization of the *vita contemplativa*” (p. 10). Byung-Chul Han analyses the paradox based on the idea that everything happens simultaneously and everything is possible, the present shortens and loses all duration. That is why he states that “we zap across the world” and he lets us know exactly what his intentions are in the “Preface” to his work: “today's temporal crisis is not a crisis of acceleration. The age of acceleration is already over. What we experience today as acceleration is only one of the symptoms of temporal dispersal”. Today's crisis is, then, caused by a dyschronicity, which leads to various temporal disturbances or paresthesia. Time is lacking a rhythm that provides order. “Dyschronicity lets time whizz, so to speak. The feeling that life is accelerating is really the experience of a time that is whizzing without a direction” (p. 9). This means that dyschronicity is not the result of a push further acceleration, rather that the atomization of time is responsible for dyschronicity. It is also the reason for the feeling that time passes much more quickly than it used to. Due to the temporal dispersal no experience of duration is possible: “nothing comports time. Life is no longer embedded in any ordering structures or coordinates that would found duration”. Thus, we become radically transient ourselves: “the atomization of life goes hand in hand with an atomization of identity. All we have is our self, our little ego” (pp. 9-10).

The author points out that poverty of world is a phenomenon of dyschronicity and reduces the human being to a tiny body that is kept healthy at all costs. Otherwise, what would we have? – he asks. “In a sense, we are subject to a radical loss of time, of being-with (*Mitsein*). The health of one's fragile body is a substitute for world and God. Nothing outlasts death. (...) We age, without becoming old” (p. 10). This does not mean

contemporary life is less connected to the absolute nature of the *vita activa*, as it leads to an imperative work which degrades the human being into an animal laborans. “The hyperkinesia of everyday life deprives human existence of all contemplative elements and of any capacity for lingering. It leads to a loss of world and time”. The so-called strategies of deceleration do not overcome this contemporary temporal crisis. What is necessary is a revitalization of the *vita contemplativa*: “the temporal crisis will only be overcome once the *vita activa*, in the midst of its crisis, again incorporates the *vita contemplativa*” (pp. 10-11).

Byung-Chul Han’s writing is crystal clear, and sometimes assumes real “sound-bite” proportion (eg. “We zap across the world”, p. 56). Ideas are perceived at first reading, even if their complex nature might tell us otherwise. *The scent of time* is divided into 12 chapters. In “Non-time” (p. 13), the author chooses Nietzsche to open hostilities and argues that today’s acceleration results from the general inability to end and to conclude: “time is running off because it cannot find an end or conclusion because it is not ruled by any gravitational structure”. Acceleration means that there are no temporal sections that regulate, articulate or give rhythm to the flow of time, or that can stop it or guide it (p. 14); in “Time without a scent” (p. 25) he addresses the issue of historical time, in which there is no long-lasting present, and nothing persists in a still order. Time does not go back, rather pushes forward; does not repeat, rather catches up, leaving the past and the future unbalanced. Historical time is linear, but it manifests itself in different ways. “Human beings are no longer free. They belong to God. They do not project towards the future. They do not project their time. They are involved in the end of the world and time. They are not History’s subject” (p. 27).

In the chapter entitled “The speed of history”, the author mentions that new technologies push human beings away from the Earth, because “airplanes and spaceships pull them away from the Earth’s gravitational field”, and the further one moves from the Earth, the smaller it gets. And the faster one moves on the Earth, the more it shrinks. The internet and electronic mail let geography, even the Earth itself, disappear” (p. 33). In the next chapter, “From the age of marching to the age of whizzing” (p. 43), Han uses Zygmunt Bauman to refer to the modern human as a pilgrim who wanders the world as if it were a desert, giving form to the formless, continuity to the episodic and making what was once fragmented whole again. However, according to Han the modern pilgrim lives an “on-the-way” life, whose world is “determined”; therefore, Bauman’s “pilgrim” does not match the modern human since the peregrinus feels a stranger in this world. Shrinking the present does not empty nor dilutes time, and the paradox is based on the fact that “everything happens simultaneously, everything is possible or should be now”. That is how “we zap around the world” (p. 56). In the following chapters entitled “Fragrant crystal of time” (p. 57) and “The time of the angel” (p. 65) he recovers the idea of the end of the grand narratives, regarding it as “the end of an epic age characterized by narration and history – which links events into a story and, by establishing a relation, creates meaning”. The end of narration is, therefore and first and foremost, “a temporal crisis”, which tears apart any temporal gravitation that can link past and future into the present:

“post-modernists tend to delineate different strategies for time and of the human being as to avert the decay of time, detemporalization” (pp. 65-66).

Other chapters included in the book are “Fragrant clock: a short excursus on ancient China” (p. 71), “The round dance of the world” (p. 77) and “The scent of oak wood” (p. 87), in which he refers to the general acceleration of life which deprives the human being from the ability to contemplate. He writes that “acceleration is not a primary process, which subsequently leads to the loss of the *vita contemplativa*”, so the relation between acceleration and loss of *vita activa* is much more complex. The book ends with the chapters “Profound boredom” (p. 97) and “*Vita contemplativa*” (p. 103), previously mentioned, which ends like it started, with a quote by Nietzsche: “from lack of rest our civilization is ending in a new barbarism. Never have the active, that is to say the restless people, been prized more”. That is why needed improvements in human beings should include “the strengthening of the *vita contemplativa*” (p. 135).

This means that “if one is to deprive life from rest, it will become lethally hyperactive” and one will ultimately “drown in one’s own subject”. The revitalization of the *vita contemplativa* is, therefore, necessary “because it opens up spaces for breathing (Atemraum). Perhaps the mind owes its emergence to an excess of time, an otium, even to a slowness of breath” (pp. 135-136).

Since the 1960’s, we have been living in the age of Information and Communication Technologies resulting from the acceleration and change in the concept of time. The subsequent fragmentation and the integration of new realities resulted in a crisis of paradigm (Lyotard, 1986) which led to a crisis of identity (Hall, 1992). All the logic of modernity was deconstructed, causing a deviation from what was thought to be stable, questioning the legitimacy and the “kindness” of the previous explanation. Having all been summoned to the present, and knowing there is a beginning but not an end, the Hegelian dialectic of thesis, antithesis and synthesis falls apart (Martins, 2011). Byung-Chul Han agrees, even though he points out that the end of time with a narrative duration would not have to bring about a temporal emptiness. Instead, there is now the possibility of a life-time that does without theology and teleology but which possesses a scent of its own. One would have to bring back Hannah Arendt’s concepts set out in *The human condition*, in which thinking was always a privilege of just a few: “but precisely because of that, the amount of those few remained the same” (p. 129), since the temporal crisis will only be overcome once the *vita activa* again incorporates the *vita contemplativa*.

The South Korean philosopher born in Seoul, in 1959, and living in Germany since the 1980’s, where he studied Philosophy, Literature and Theology in the universities of Munich and Freiburg, having received his doctoral degree in 1994 with a dissertation on Heidegger, has devoted his work to the main subjects and problems of modern-day societies; to the causes for those changes, reflecting on a chance to reverse them. In *The agony of Eros* (2014b), he argues on the trivialization of love and fantasy concerning the emergence of narcissistic, consumerist and pornographic impulses. *The burnout society* (2014a) is about stress, burnout and disturbance at work and in the family home; *Psychopolitics* (2014c) and *The transparency society* (2014d) are both a critique of democracy,

capitalism and the totalitarian power of new technologies and digital reality. In a more recent book, *The expulsion of the Other* (2016), Han stresses the idea that what is sick to society is not alienation, prohibition or repression, but excessive information and hyper-consumption, making it clear that globalization leads to the expulsion of the different and the disappearance of the “other”, whomever it is. A temporal revolution is necessary to start a totally different time: “unlike the time of the self, which isolates and separates us, the time of the Other creates a community. It is therefore a good time” (p. 95). In *Psychopolitics* (2014c), the author had already referred to the “idiot”, describing him not as the one with questionable behaviours, but the one who gets away to contemplate (the “modern heretic”), which, incidentally, also happens in *The scent of time*, making time whole and allowing the rescue of narration as a creative force. Idiotism opposes, then, “the totalitarian power of neoliberalism over communication and surveillance” (p. 89).

These are thoughts Byung-Chul Han himself often addresses, like in the interview with Carles Geli (*El Pais, Brasil*), when he argues that one should revitalize the use of time, since “today’s acceleration diminishes one’s ability for lingering”. We need our own, free time, which labour prevents us from having, that means to keep quiet, with nothing to do, “but it should not be mistaken for recovering time to keep working; time worked is time lost, it is not time for ourselves” (2018, s.p.).

According to Han, who demonises work and, as an alternative, chooses contemplation, through leisure, what we need to know is if this is the way to reformulate temporal dispersal which, even if he argues it has nothing to do with the general acceleration process, has everything to do with it. ✍

Translation: Helena Antunes

REFERENCES

- Crary, J. (2013). *24/7: Late capitalism and the ends of sleep*. London/New York: Verso.
- Geli, C. (2018, 7 de fevereiro). Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”. *El Pais, Brasil*. Retrieved from https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html?%3Fid_externo_rsoc=FB_BR_CM
- Hall, S. (1992). *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Han, B.-C. (2014a). *A sociedade do cansaço*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Han, B.-C. (2014b). *A agonia de Eros*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Han, B.-C. (2014c). *Psicopolítica*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Han, B.-C. (2014d). *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Han, B.-C. (2016). *A expulsão do Outro*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lyotard, J.-F. (1986). *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura – das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.

BIOGRAPHICAL NOTE

Vítor de Sousa received his PhD degree in Communication Sciences (Intercultural Communication), from the University of Minho, with the thesis *Da 'portugalidade' à lusofonia*. He received his Master's degree (with specialization in Media Literacy) and graduated in the same field of expertise (specialization in Communications/Information and Journalism). His areas of research include issues around identity, cultural studies, media literacy and theories of journalism. He is a researcher at CECS (Communication and Society Research Centre), where he integrates a Cultural Studies Group. He is member of the project "Cultures Past & Present – Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?" (FCT/Aga Khan) and of the Virtual Museum of Lusophony. He is member of Sopcom (Portuguese Association of Communication Sciences), ECREA (European Communication Research and Education Association) and of the Associação dos Amigos da Biblioteca Municipal de Penafiel (Friends of the Penafiel Public Library Association). He has won the Mário Quartin Graça Scientific Award in 2016, which distinguished the best thesis concluded in the previous three years in the area of Social Sciences and Humanities in Portugal and Latin America. He was a journalist (1986-1997) and a press officer (1997-2005).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6051-0980>

Email: vitorde Sousa@gmail.com

Address: CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, ICS-Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga

Submitted: 18/01/2019

Accepted: 18/02/2019

AGRADECIMENTO AOS REVISORES

Os artigos publicados na revista *Comunicação e Sociedade* estão sujeitos a um processo de *blind peer review*.

Agradecemos aos investigadores que colaboraram connosco como revisores dos artigos que foram submetidos para publicação nesta edição da revista. A todos eles endereçamos o nosso reconhecimento pelo seu valioso contributo.

ACKNOWLEDGMENTS

The articles published in this issue of *Comunicação e Sociedade* have been blind peer-reviewed.

We hereby thank researchers who have accepted our request to review articles and acknowledge their invaluable contributions.